

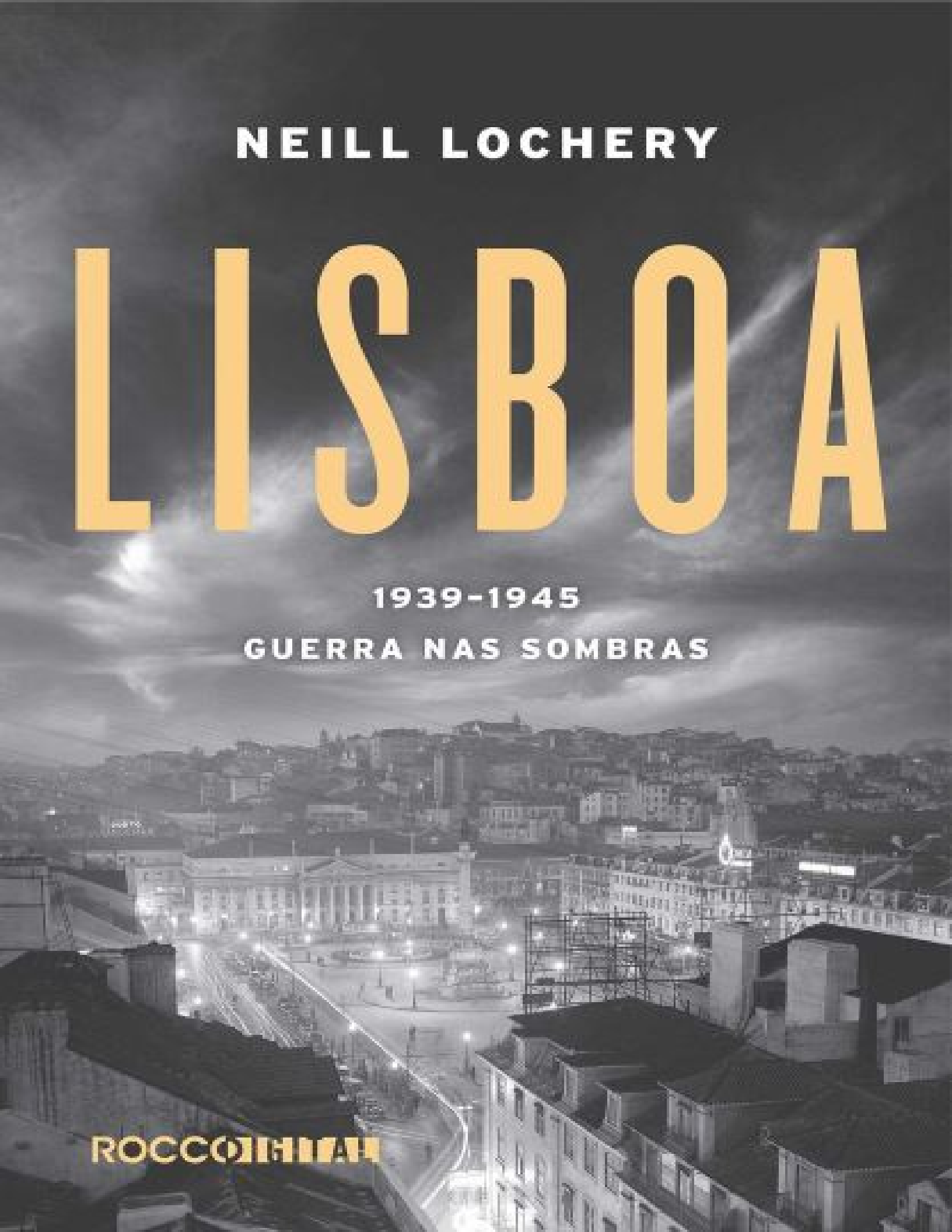
NEILL LOCHERY

# LISBOA

1939-1945

GUERRA NAS SOMBRAS

ROCCOIMMIA



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

Neill Lochery

LISBOA

1939–1945

Guerra nas sombras

Tradução de  
TALITA M. RODRIGUES

**ROCCO** 

*Para Emma, Benjamin e Hélène*

# Sumário

## Mapas

## Introdução

1. Neutros na guerra
2. O ditador mais bonito
3. Preparando-se para o pior
4. Mensagens confusas
5. Esqueça seus problemas
6. Refugiados de guerra
7. Aposentados, exilados
8. A questão judaica
9. Em debandada
10. Operação Willi
11. O banqueiro português
12. Conexões espanholas

## Fotografias

13. Listas secretas de resgate de judeus
14. Jogo duplo
15. Sob pressão
16. Chocado ao descobrir que a espionagem continuava
17. O dossiê
18. Agentes e agentes duplos
19. Morte de um astro de Hollywood
20. Adeus aos amigos
21. Antiga aliança
22. Participante relutante
23. Um conjunto penoso de negociações
24. O custo de fazer negócios

25. Ouro nazista
26. Triângulo dourado
27. Safehaven e criminosos de guerra
28. Pode haver problemas no futuro
29. Devo ficar ou devo ir?
30. Vinho velho em garrafas novas

Epílogo

Agradecimentos

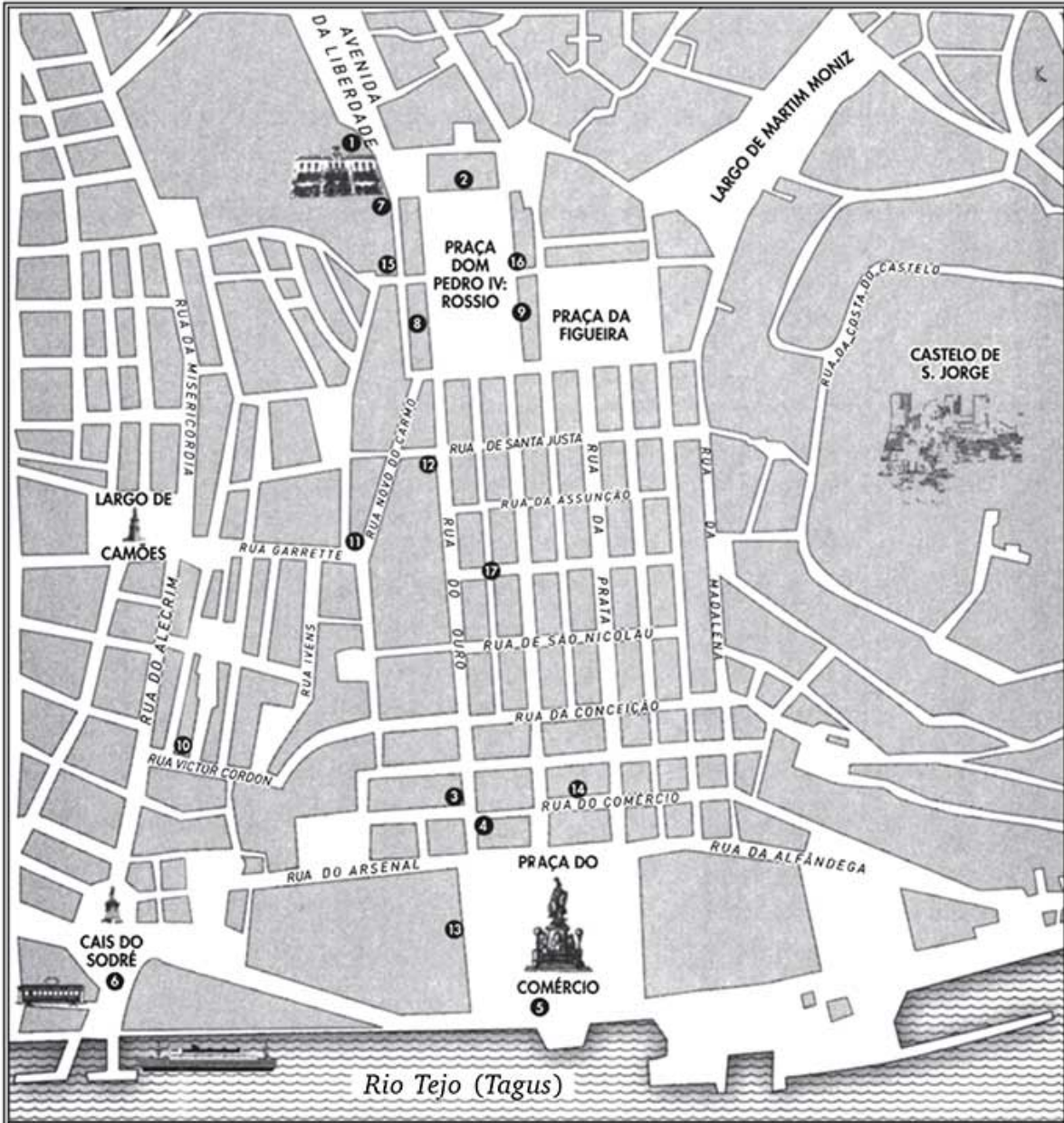
Créditos das fotografias

Uma nota sobre as fontes

Bibliografia

Créditos

O Autor



## Centro de Lisboa

- |  |   |
|--|---|
| 1. Estação ferroviária do Rossio   | 11. Oficina de propaganda alemã   |
| 2. Teatro Nacional   | 12. Elevador de Santa Justa   |
| 3. Banco de Portugal   | 13. Balcão do Ministério do Governo, de onde Salazar fez seu discurso em 1941   |
| 4. Sede do banco Espírito Santo  | 14. Agência de bilhetes da PanAm  |
| 5. Ministérios do governo na praça do Comércio   | 15. Café Leão d'Ouro (frequentado por Peggy Guggenheim e outros refugiados)   |
| 6. Trem para Belém, Estoril e Cascais partindo da Estação Ferroviária do cais do Sodré | 16. Café Sueca  |
| 7. Café Chave d'Ouro   | 17. Escritórios do American Jewish Joint Distribution Committee (Comitê Americano de Distribuição Conjunta de Judeus) |
| 8. Hotel-pensão Rocio  |   |
| 9. Hotel Francfort (para Peggy Guggenheim, Arthur Koestler)                            |   |
| 10. Sede da PVDE (polícia secreta)   |   |

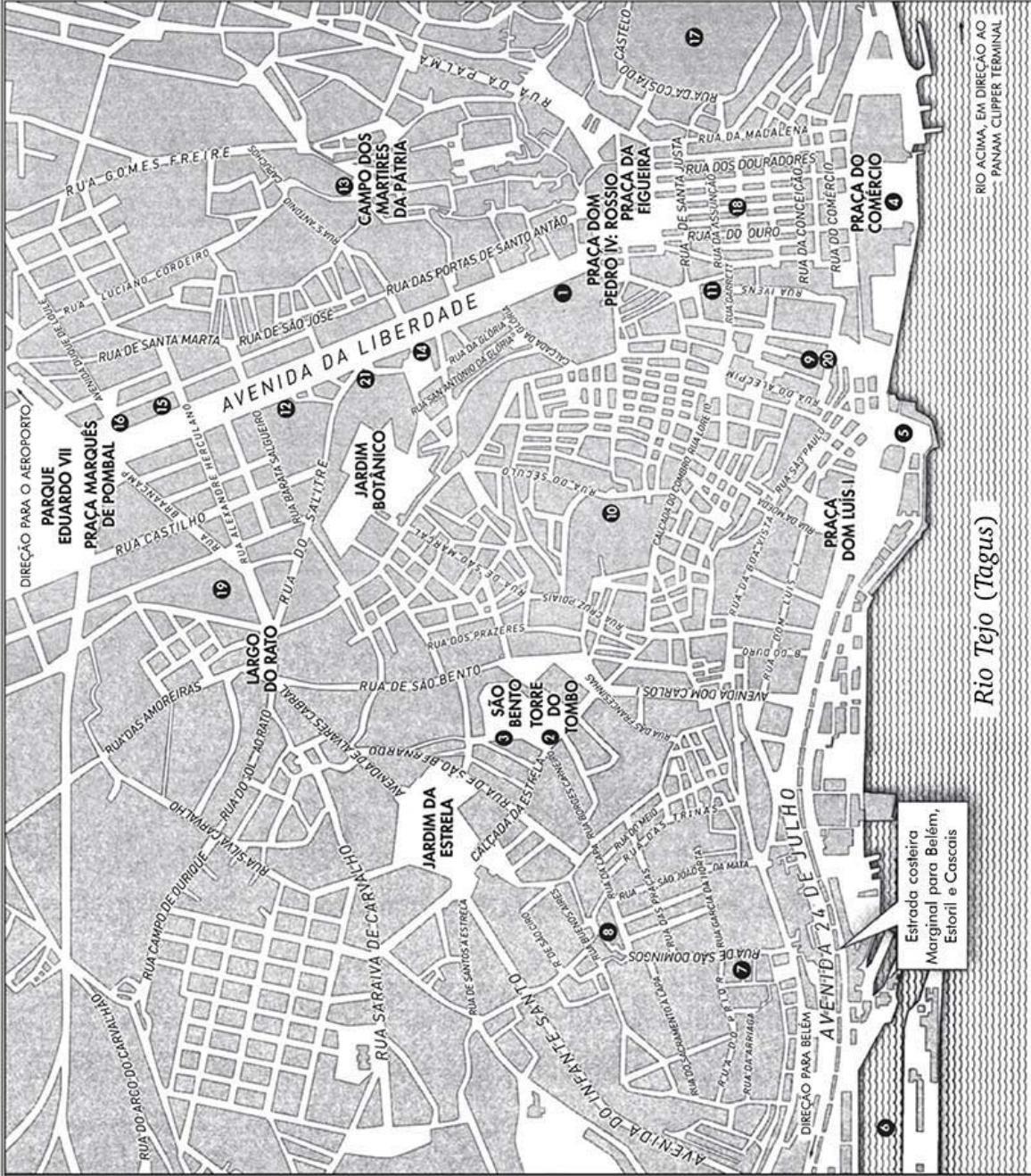
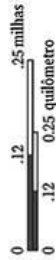


0 .05 .10 milhas  
0 .05 0.10 quilômetro



# LISBOA

1. Estação ferroviária do Rossio
2. Assembleia Nacional (Parlamento)
3. Residência oficial dos primeiros-ministros (São Bento)
4. Ministérios do governo na praça do Comércio
5. Trens para Belém, Estoril e Cascais partindo da Estação Ferroviária do cais do Sodré
6. Porto e docas em Alcântara, de onde partiam os refugiados
7. Embaixada britânica
8. Embaixada americana (legação)
9. Sede da PVDE (polícia secreta)
10. Jornal O Século
11. Oficina de propaganda alemã
12. Escritórios do Congresso Mundial Judeu
13. Embaixada alemã
14. Revendedora de carros Buick
15. Consulado-geral Americano
16. Jornal Diário de Notícias
17. Castelo de São Jorge
18. Comitê de Distribuição Conjunta de Judeus
19. HICEM – escritórios dos Serviços de Ajuda à Imigração Hebraica
20. Embaixada do Brasil
21. Hotel Tivoli



Rio Tejo (Tagus)

RIO ACIMA, EM DIREÇÃO AO PANAM CLIPPER TERMINAL

Estrada costeira Marginal para Belém, Estoril e Cascais

DIREÇÃO PARA O AEROPORTO

DIREÇÃO PARA BELÉM

## Introdução

No final do filme *Casablanca*, quando Rick Blaine e o capitão Louis Renault partem para iniciar sua “bela amizade”, ingressando na Guarnição da França Livre, em Brazzaville, o avião com Victor Laszlo e Ilsa Lund a bordo levanta voo na neblina. É para a Lisboa “neutra” que eles vão com seus vistos de trânsito. Na vida real, durante a Segunda Guerra Mundial, a cidade de Lisboa era muito parecida com o cenário do filme; para muita gente que trabalhava na capital durante os últimos estágios da guerra, ela ficou conhecida afetuosamente como “Casablanca II”. A versão real tinha todos os ingredientes da fictícia: romances interrompidos; refugiados em desespero tentando obter a documentação correta e vendendo as joias da família para financiar as passagens para seguir em frente; um mercado negro que prosperava à medida que a oferta ditava uma queda recorde dos preços de diamantes e outras pedras raras; cafés e bares de hotéis cheios de refugiados e espiões espalhados pelo centro da cidade e ao longo dos balneários na costa lisboeta.

Havia também um capitão Renault de verdade em Lisboa: o tão temido chefe da polícia secreta portuguesa, o capitão Agostinho Lourenço. Figuras da alta hierarquia do Reichsbank<sup>1</sup> alemão apareciam na cidade de tempos em tempos, ocupados combinando condições de pagamento por mercadorias portuguesas. A cidade possuía o último grande cassino da Europa em guerra, localizado no litoral, no Estoril.<sup>2</sup> Ali, a roleta girava a noite toda, com a realeza

exilada de grande parte da Europa nas mesas, jogando vinte e um, ou participando de sessões privadas de pôquer nas discretas salas laterais. Era ali que ricos refugiados judeus disputavam com bronzeados agentes da Gestapo, vestidos com roupas civis mal cortadas, com a casa ficando com 5% do que todos ganhavam.<sup>3</sup>

Durante os anos em que durou a Segunda Guerra Mundial, Lisboa esteve no centro das atenções mundiais. Era a única cidade europeia onde tanto os aliados quanto as potências do Eixo operavam abertamente. A história de Lisboa situava-se no contexto de um país tentando freneticamente manter sua autoproclamada neutralidade, mas que, na verdade, estava cada vez mais preso no meio de guerras econômicas e navais, entre aliados e nazistas. Não foi, entretanto, uma história convencional da Segunda Guerra Mundial: mal foi disparado um tiro ou lançada uma bomba. Em vez disso, houve intrigas, traições, oportunismo e jogo duplo, tudo acontecendo na Cidade da Luz e ao longo de sua idílica costa atlântica.

No final, um país europeu relativamente pobre não apenas sobreviveu à guerra fisicamente intacto, como emergiu, ao término, em 1945, muito mais rico do que era quando o conflito teve início, em 1939. Embora boa parte dessa riqueza fosse considerada pelos aliados como "ganhos mal obtidos", os portugueses tiveram permissão para conservar quase tudo, na medida em que as realidades políticas da Guerra Fria, pós-1945, reenfatizaram a importância do país e de suas ilhas atlânticas (os Açores) para a causa das potências ocidentais.

Lisboa foi a cidade onde um aparente complô alemão para raptar o duque e a duquesa de Windsor se viu frustrado. Eles estavam entre os refugiados mais exóticos, muitos deles judeus, que afluíam para lá em busca de passagem para os Estados Unidos ou a Palestina em

um dos navios que zarpavam do porto neutro, ou, para os muito ricos, no serviço do “barco voador” da Pan-American Boeing Clipper, rumo a Nova York, via Açores. A maioria dos refugiados, entretanto, teve que esperar meses, ou até anos, na cidade antes de conseguir passagem. Fugindo dos alemães depois da queda da França, no verão de 1940, muitos refugiados sobreviveram graças a uma rede clandestina de apoio financeiro e organizacional, que se originava dos escritórios de judeus americanos ricos na cidade de Nova York. Os não tão afortunados tiveram que contar com a limitada ajuda dos britânicos, das autoridades portuguesas e das organizações de resgate dirigidas localmente.

Agentes aliados e alemães operavam abertamente na cidade, monitorando cada movimento do “inimigo”. Seu papel era registrar movimentos de embarque no agitado porto de águas profundas de Lisboa, espalhar propaganda e interromper o fornecimento de mercadorias vitais ao inimigo. Entre os agentes em Lisboa, estava um jovem, Ian Fleming, ocupado em arquitetar a Operação Golden Eye e jogar vinte e um no cassino do Estoril – cenário que mais tarde serviria de inspiração para um filme de James Bond. O Iberian Desk, da Special Operations Executive (SOE),<sup>4</sup> a comissão executiva de operações britânica, era dirigida pelo brilhante espião chefe, e traidor, Kim Philby, que, de Londres, controlava os agentes britânicos que operavam na cidade. Os escritores Graham Greene e Malcolm Muggeridge trabalhavam na mesma secretaria de Philby, antes de Muggeridge ser sucintamente transferido de posto para Lisboa e, no final, para as colônias portuguesas.

Enquanto os agentes britânicos e alemães se vigiavam uns aos outros, seus movimentos eram, por sua vez, seguidos de perto e registrados pela polícia secreta portuguesa do capitão Agostinho Lourenço, a Polícia de Vigilância e Defesa do Estado (PVDE). Os

relatórios e decisões de Lourenço determinavam que atividades de espionagem na cidade eram, ou não, toleradas pelas autoridades. Como muitos agentes secretos britânicos, alemães e italianos, e jornalistas (entre eles o correspondente local do *Times*, de Londres) descobriram à própria custa, tentar contrariar o capitão Lourenço era abreviar severamente sua estada em Portugal.

Lisboa era também o fim da linha para prisioneiros de guerra aliados (os POWs) que conseguiam escapar e chegavam à cidade para ser embarcados de volta para a Inglaterra nos voos operados pela BOAC, três vezes por semana, de Lisboa para Whitchurch, perto de Bristol. As listas de passageiros desses voos eram um *Quem É Quem* da rede de espões mais importantes na cidade, assim como industriais aliados de caráter duvidoso, envolvidos na guerra do comércio com os alemães. A competição por lugares nos aviões era intensa, com várias agências britânicas lutando pelo limitado número de assentos. Houve casos também em que ricos membros da grande comunidade inglesa de Lisboa foram flagrados tentando usar o serviço para transportar suas criadas. O tão amado ator britânico de Hollywood, e astro de... *E o vento levou*, Leslie Howard, embarcaria fatalmente em um desses voos. Agentes aliados e do Eixo operavam no aeroporto 24 horas por dia, subornando funcionários da Alfândega para obter acesso às cargas e às listas de passageiros do inimigo. Tanto a BOAC quanto a Lufthansa operavam voos de saída do aeroporto, com suas aeronaves estacionadas quase lado a lado na pista. Escrevendo em 1944, o oficial chefe de operações da BOAC na cidade descreveu o cenário de todos os dias no aeroporto de Lisboa como igual ao do filme *Casablanca*, porém 20 vezes pior. Na escuridão da noite, o aeroporto de Lisboa era altamente suscetível à névoa que vinha do rio, o que contribuía para sua atmosfera de mistério.

Figura central na história de Lisboa é o líder português António de Oliveira Salazar, que assumira o poder com o estabelecimento do Estado Novo, em 1932. Para Salazar, a Segunda Guerra Mundial era um desafio potencialmente letal a seu regime, e para Portugal como um todo. Tamanha foi sua concentração em conduzir Portugal durante a guerra que, além de atuar como primeiro-ministro enquanto durou o conflito, ele também foi ministro das Relações Exteriores, ministro da Guerra, ministro de Assuntos Internos e, durante a primeira parte da guerra, ministro das Finanças. Salazar considerava como missão pessoal, e desafio, impedir que Portugal fosse arrastado para a guerra e repetisse os erros da Primeira Guerra Mundial.

Salazar acreditava que a Segunda Guerra Mundial representava duas grandes ameaças ao país: uma potencial invasão alemã, ou espanhola, e a possibilidade de perder seu império. Portugal havia apoiado o general Franco na Guerra Civil Espanhola: Lisboa fora usada como um porto de abastecimento para as forças de Franco, e Salazar enviara brigadas portuguesas para lutar a seu lado. Apesar disso, ainda havia em Lisboa um sentimento de que Franco e alguns de seus principais defensores alimentavam ambições territoriais com relação a Portugal. Documentos inéditos recentes indicam a existência de planos militares espanhóis bastante detalhados para a invasão de Portugal durante a Segunda Guerra Mundial.

A mudança na ordem de prioridades de Salazar durante a Segunda Guerra Mundial encaixou-se em dois períodos bem distintos. A primeira parte da guerra, 1939-1942, foi dedicada a impedir a ameaça de invasão pelo Eixo (ou substituto). A segunda, 1943-1945, a lidar com as crescentes exigências dos aliados com relação a Portugal, em particular às ilhas portuguesas no Atlântico (os Açores) – onde tanto britânicos quanto americanos planejavam invasões

secretas, caso Portugal não cedesse às suas exigências. Embora, no início, Salazar temesse uma vitória dos alemães, com o desenvolvimento da guerra ele foi ficando cada vez mais apreensivo com as perspectivas de uma vitória total dos aliados. Duas questões o preocupavam: o que esse resultado significaria para Portugal e suas colônias; e, igualmente preocupante, o que significaria em termos do poder da União Soviética.

O líder português viu que o maior inimigo de seu regime, e na verdade uma iminente ameaça à Europa como um todo, não era o nazismo, mas o comunismo e especificamente a União Soviética. Salazar demonstrou mentalidade de Guerra Fria bem antes de a Cortina de Ferro cair sobre a Europa oriental. Ele acreditava que a oposição comunista portuguesa interna usaria a guerra (como realmente fez em 1944/1945 com greves e protestos de massa) como um meio para desafiá-lo. Em diferentes momentos durante a guerra, Salazar também suspeitou que o mais antigo aliado de Portugal, a Grã-Bretanha, preferiria ver seu regime autoritário pelas costas e substituí-lo por um governo mais democrático, associado à volta da monarquia portuguesa.

Um elemento econômico crucial no papel de Lisboa durante a Segunda Guerra Mundial dominou o pensamento de Salazar durante o conflito e acabou levando o país a ganhar uma pequena fortuna. Em Portugal, extraía-se tungstênio, um ingrediente vital à máquina de guerra alemã. Em 1943, os alemães e seus aliados europeus dependiam quase totalmente do tungstênio português e espanhol para manter funcionando sua indústria de armamentos. Eles ameaçavam com ações militares se Portugal cedesse à pressão dos aliados para cortar a venda aos nazistas. Tendo em vista que o exército e a força aérea alemães estavam localizados a apenas 435

quilômetros da fronteira oriental de Portugal, a ameaça foi levada a sério em Lisboa.

A exportação de tungstênio estava condicionada a pagamentos em ouro, e, assim, outra camada de intrigas introduziu-se em Lisboa. Durante a guerra, o ouro era uma forma de pagamento bem mais segura do que o papel-moeda. Mas os aliados contestavam a origem de um grande percentual de ouro, argumentando que o metal havia sido saqueado pelos alemães dos países que haviam ocupado, e mais tarde subtraído às vítimas do Holocausto. No final da guerra, os nazistas contrabandearam ouro para Lisboa a caminho do Brasil para dali ser disperso pela América do Sul para ajudar a financiar comunidades nazistas pós-guerra na região. Até hoje, dizem que nos cofres do Banco de Portugal ainda existem barras de ouro estampadas com a insígnia nazista. Numa constrangedora revelação, a Igreja Católica em Portugal foi forçada a admitir que as obras de reconstrução do santuário católico de Fátima (ao norte de Lisboa) foram pagas com barras de ouro nazistas que a igreja havia misteriosamente adquirido do Banco de Portugal.

Depois da guerra, os aliados, embora insistindo que os atos do governo português ao vender tungstênio tinham, com efeito, prolongado a guerra, não fizeram Portugal devolver o ouro nazista que o país recebera em pagamento. Pelo contrário, chegou-se a um acordo tácito segundo o qual Portugal podia ficar com quase todo o ouro em troca de permitir aos Estados Unidos o acesso contínuo a uma base aérea nos Açores. A decisão dos aliados estava em nítido contraste com a política de linha dura adotada com relação a outros países neutros, que haviam recebido ouro nazista e foram obrigados a devolver praticamente tudo.

Para Portugal, e para o regime, a guerra representou um desafio existencial tão grande quanto seria uma batalha literal por sua vida,



mesmo que na prática não tenha havido nenhum campo de batalha no país. O drama era manobrar Portugal para longe das atenções das duas potências em guerra. Foi uma política de neutralidade no fio da navalha, um jogo de pôquer para o futuro. E, em Salazar, Portugal tinha um jogador tão astuto quanto qualquer uma das nações beligerantes. Em 1945, Lisboa, e o país em geral, não apenas emergiu fisicamente incólume, mas também muito mais rica. Salazar pôde continuar governando Portugal, até que um acidente vascular cerebral o incapacitou em 1968, levando-o finalmente à morte em 1970. O ouro nazista permaneceu em grande parte intocado em contas bancárias portuguesas espalhadas pelo mundo. Esta é a história de como Salazar e Lisboa se safaram, transitando pelas vielas sombrias dos refúgios de guerra para superar adversários maiores e mais ferozes.

---

**1** O Reichsbank foi o Banco Central Alemão de 1876 até 1945. (N. do R.T.)

**2** "Lisbon: Europe's Bottleneck", *Life Magazine*, 28 de abril de 1941, p. 80.

**3** Ibid.

**4** Organização britânica que durante a Segunda Guerra Mundial articulou o serviço de espionagem atrás das linhas inimigas. (N. do R.T.)

## CAPÍTULO 1

# Neutros na guerra

Sentados nas calçadas dos cafés lotados, tomando cafezinho, os lisboetas souberam da eclosão da Segunda Guerra Mundial pelos jornais da manhã, pregados convenientemente em molduras de bambu em todos os cafés.<sup>5</sup> Fumando cigarros enquanto seus sapatos eram vigorosamente polidos por algum dos meninos encardidos que faziam ponto na praça central conhecida como Rossio, a frequência quase exclusivamente masculina dos cafés digeriu a recente proclamação do governo português, publicada na primeira página de todos os jornais. A proclamação alertava que, embora o centro da guerra estivesse distante, Portugal não podia se manter indiferente à questão.<sup>6</sup> E continuava avisando que o país não podia esperar fugir às consequências de um longo e terrível conflito, e que o governo convocava a população a suportar com firmeza os inevitáveis sacrifícios e dificuldades que viriam pela frente.<sup>7</sup>

Importantíssima, entretanto, era a confirmação de que apesar dos compromissos de defesa de uma antiga aliança com a Inglaterra – o tratado anglo-português de 1373, a aliança mais antiga ainda vigente no mundo, que o governo afirmava não ter desejo de se abster de confirmar num momento tão grave –, Portugal não estava obrigado a abandonar sua posição de neutralidade na presente emergência.<sup>8</sup> O pronunciamento não era uma declaração formal de neutralidade, mas sua intenção era óbvia para todos.<sup>9</sup> A ditadura em Lisboa esperava tranquilamente não entrar em guerra.<sup>10</sup> Entre os frequentadores dos cafés no Rossio, e no país em geral, era comum

o apoio a essa política de não declarada neutralidade.<sup>11</sup> O ministro alemão em Lisboa deixou claro que, por enquanto, essa política também era aceitável para Berlim desde que Portugal não tentasse cumprir suas “obrigações especiais” para com a Grã-Bretanha.<sup>12</sup>

Decadente, miserável e precisando desesperadamente ser reinventada, Lisboa, em setembro de 1939, era uma bela adormecida negligenciada. A poucos minutos a pé do glamour do café-soçaito do Rossio, nem o espetacular azul profundo do céu de outono conseguia ocultar as consequências de décadas de má conservação que vários prédios da cidade, outrora bonitos, revelavam.

O reboco despregava-se das casas em pedaços cada vez maiores, expondo o cimento cinza sujo por debaixo. Azulejos azuis decorativos rachados precisavam urgentemente ser substituídos. Janelas permaneciam quebradas, a pintura descascando de suas esquadrias podres. As venezianas, cobertas por uma camada de sujeira cor de areia, estavam manchadas da chuva, que, na ausência de calhas, caía direto das abas do telhado. Toalhas e lençóis postos para secar pendiam das balaustradas de ferro dos balcões que a ferrugem ia comendo.<sup>13</sup> Um forte cheiro de umidade emanava das entradas dos prédios de apartamentos mal conservados, e muitas das íngremes escadarias de madeira, que subiam em caracol por cinco ou seis andares, estavam cobertas por uma grossa camada de poeira e seus corrimãos raquíticos já tinham visto melhores dias.

De dia, Lisboa ficava repleta de cores fortes. Apesar do longo e quente verão de 1939, a grama mantinha tons de verde surpreendentemente intensos e luxuriantes. Flores cor de laranja, roxas e vermelhas cresciam por toda a parte e exalavam um doce perfume em contraste com a névoa fumacenta, produzida pela gasolina que pairava sobre a cidade em algumas manhãs de

outono.<sup>14</sup> No centro, bondes de aparência estranha chacoalhavam nos trilhos, soando sinetas estridentes. Táxis em alta velocidade cantavam pneus ao cruzarem de um lado para o outro os trilhos muito polidos dos bondes que haviam vergado com o calor.<sup>15</sup> Na Lapa, área diplomática e subúrbio elegante a oeste do centro da cidade, com uma vista soberba para o rio lá embaixo, ouvia-se o constante som das sirenes de guindastes e buzinas dos navios vindo das docas movimentadas ao sopé da colina.<sup>16</sup> Diplomatas estrangeiros sentavam-se nos jardins sombreados das embaixadas, aguardando instruções de seus respectivos governos, enquanto continuavam a se misturar e festejar com a pequena elite lisboeta.<sup>17</sup>

Na escuridão da noite, Lisboa era uma cidade barulhenta, com cães latindo e galos cantando quase a noite toda.<sup>18</sup> Enquanto no resto da Europa as luzes se apagavam, Lisboa permanecia fortemente iluminada, com os cartazes de néon que brilhavam no alto dos prédios somando-se à intensa luz branca dos lampiões de rua.<sup>19</sup> A névoa do rio avolumava-se à noite, conferindo distintamente uma atmosfera de filme *noir*. Com suas ruas estreitas e jardins de muros altos, a cidade parecia-se mais com Nápoles ou com a Sicília do que com qualquer cidade da vizinha Espanha.<sup>20</sup>



A avenida da Liberdade, que saía do alto do Rossio, subindo suave e diretamente para o parque da cidade, era a Champs-Élysées de Lisboa. Fora aberta em 1882 e era a melhor rua da capital. Com um quilómetro e meio de extensão e 90 metros de largura, era o endereço de dois teatros, quatro cinemas e vários cafés de beira de rua. Muitos dos hotéis de luxo glamourosos da cidade, como o Tivoli e o Aviz, estavam localizados ao longo, ou nas proximidades, de seus bulevares arborizados.<sup>21</sup>

O hotel Aviz tornou-se o lar permanente do financista refugiado Calouste Gulbenkian, conhecido como “Mr. Five Percent” (Senhor Cinco por Cento) por sua participação na riqueza proveniente do petróleo que lhe cabia nos acordos no Oriente Médio. Gulbenkian tinha fama de ser o homem mais rico do mundo. Ele chegou a Lisboa durante a guerra, depois que os portugueses lhe ofereceram garantias em relação a seu império financeiro. Com frequência, Gulbenkian jantava sozinho no hotel, com o secretário e seu criado pessoal sentados a uma mesa próxima, caso seus serviços fossem solicitados.<sup>22</sup> Mais tarde, durante a guerra, Gulbenkian se meteria em confusão com os aliados por causa da tentativa de venda de um investimento com 2% de participação que possuía no Reichsbank.<sup>23</sup> Sem provas, ele alegou que precisava vender essas ações, avaliadas em 3 milhões de marcos, para satisfazer necessidades pessoais e de negócios em Portugal.<sup>24</sup>

Usando sua considerável riqueza, à qual tinha pronto acesso, Gulbenkian comprava peças de arte de judeus em dificuldades financeiras em Lisboa. A embaixada americana local relatou que ele comprou várias obras-primas de Henry Rothschild, que estava refugiado na cidade.<sup>25</sup> As obras vinham da National Gallery, em Londres, e, segundo fontes aliadas, Gulbenkian fez três pagamentos a Rothschild, totalizando 1.355 mil escudos (aproximadamente 54.200 dólares).<sup>26</sup> Trabalhando em sua suíte no hotel, Gulbenkian não foi interrompido em suas transações durante a guerra, embora fosse monitorado de perto pela embaixada britânica em Lisboa e pelo Ministério da Fazenda em Londres.<sup>27</sup>

O verão de 1939 não tinha sido um ano excepcional para os hotéis da cidade. Os níveis de ocupação estavam baixos, em parte devido ao reduzido número de visitantes estrangeiros e também pelos efeitos posteriores de uma década difícil que viu Portugal lutar para

sair da depressão econômica.<sup>28</sup> Em 1939, Lisboa estava bem longe do trajeto preferido pela maioria dos turistas estrangeiros. Quem se aventurava a ir até lá afluía em bando para a costa, em particular para o balneário do Estoril, com seu cassino e clima ameno o ano inteiro. Tudo, entretanto, estava para mudar. Em um ano, os hotéis de Lisboa transbordavam de refugiados, diplomatas e espiões de ambos os lados da guerra. Os hotéis tiveram que abrir alas adicionais, ou anexos, para tentar satisfazer a crescente demanda. Mesmo assim, não era fácil encontrar quarto num hotel de Lisboa entre 1940 e 1942.

Quase da noite para o dia, depois que a guerra estourou, a cidade tornou-se um dos principais centros de interesse mundial: sua posição geográfica; suas excelentes facilidades de navegação para o Mediterrâneo, para as Américas do Norte e do Sul; a estratégica importância dos Açores e das colônias portuguesas na África e no Extremo Oriente, e a existência em Portugal de matérias-primas vitais, como tungstênio, deram a Lisboa uma súbita importância para os planos de ambos os lados da guerra.<sup>29</sup> Naturalmente, toda essa recente importância tinha um lado negativo em potencial: se Lisboa não tranquilizasse ambos os lados de sua neutralidade, enfrentaria, no mínimo, sanções econômicas das potências aliadas e invasão imediata pelos alemães, possivelmente com ajuda dos espanhóis. Por conseguinte, um homem enfrentou o desafio máximo de tentar orientar com sucesso Portugal e suas colônias pela geopolítica da Segunda Guerra Mundial.<sup>30</sup>

---

<sup>5</sup> Malcolm Muggeridge, *Chronicles of Wasted Times: An Autobiography* (Vancouver: Regent College Publishing, 2006), p. 413.

<sup>6</sup> Public Records Office, National Archive, Kew, Londres, Foreign Office/371/24064/From Walford Selby to Foreign Office, 2 de setembro de 1939.

<sup>7</sup> Ibid.

- 8** PRO/FO/371/24064/Selby, 2 de setembro de 1939.
- 9** PRO/FO/371/24064/From Selby to Foreign Office, 1º de setembro de 1939.
- 10** PRO/FO/371/24064/Selby, 2 de setembro de 1939.
- 11** PRO/FO/371/24064/From Foreign Office to Selby, 4 de setembro de 1939.
- 12** PRO/FO/371/24064/Selby, 2 de setembro de 1939.
- 13** Arthur Koestler, *Arrival and Departure* (Londres: Penguin, 1943), p. 14.
- 14** David Eccles, *By Safe Hand: The Letters of Sybil and David Eccles, 1939-1942* (Londres: Bodley Head, 1983), p. 105.
- 15** Koestler, *Arrival and Departure*, p. 15.
- 16** Eccles, *By Safe Hand*, p. 105.
- 17** *Ibid.*, p. 100.
- 18** *Ibid.*, p. 105.
- 19** Malcolm Muggeridge, *Like It Was: a Selection from the Diaries of Malcolm Muggeridge* (Londres: Collins, 1981), p. 183.
- 20** Eccles, *By Safe Hand*, p. 105.
- 21** "Lisbon: Europe's Bottleneck", *Life Magazine*, 28 de abril de 1941, p. 77.
- 22** Muggeridge, *Chronicles of Wasted Time*, p. 412.
- 23** National Archives and Records Administration (NARA), College Park, Maryland, Estados Unidos/RG131/346/General Records of the Embassy in Lisbon, From Crocker to Wood, Lisboa, 31 de dezembro de 1943.
- 24** *Ibid.*, p. 3.
- 25** NARA/RG131/346/Classified Records of the Embassy in Lisbon, From James Wood to Edward Crocker, 31 de dezembro de 1943, p. 3.
- 26** *Ibid.*
- 27** *Ibid.*, p. 4.
- 28** Carlos Alberto Damas, *Hotel Tivoli Lisbon: Tradition and Modernity in the Lisbon Hotel Industry, 1933-2008* (Lisboa: Banco Espírito Santo, 2008), pp. 192-96.
- 29** NARA/RG84/15/Classified General Records of U.S. Embassy in Lisbon, 1924-1961, War History Report of the U.S. Embassy Lisbon, 1º de agosto de 1946, p. 2.
- 30** PRO/FO/371/34714/ Records of Leading Personalities in Portugal, 10 de junho de 1943, pp. 21-2.

## CAPÍTULO 2

### O ditador mais bonito

O líder de Portugal, dr. António de Oliveira Salazar, que um dos funcionários sêniores britânicos descreveu como o mais bonito de todos os ditadores europeus, sentava-se todos os dias sozinho em seu gabinete parcamente mobiliado na residência do primeiro-ministro, atrás do magnífico Palácio de São Bento, avaliando a situação internacional.<sup>31</sup> Como de costume, sua mesa estava abarrotada de pilhas bem ordenadas de documentos oficiais e correspondência. A fotografia de um Benito Mussolini de aparência sombria ficava a sua direita. Quando mais tarde Salazar se decepcionou com Mussolini, a fotografia foi substituída por outra, do papa.

Salazar era frugal, não usava aquecimento.<sup>32</sup> Em vez disso, trabalhava com um tapete a seu redor e, para se isolar ainda mais do frio inverno de Lisboa, vestia também o sobretudo.<sup>33</sup> Seu método de trabalho sóbrio e simples era muito ressaltado nos jornais portugueses da época, como *O Século*.<sup>34</sup> A ideia era tentar implantar os valores de Salazar nos portugueses comuns.

Homem imensamente dedicado à sua função e a seu país, Salazar havia determinado que sua muito bem traçada política de neutralidade salvaria a nação, e o império português, dos horrores da guerra. No início da Segunda Guerra Mundial, ele servia como presidente do Conselho (primeiro-ministro), posição que ocupava desde 1932. Salazar, entretanto, não acreditava em *primus inter pares* e ocupava simultaneamente os ministérios da Guerra, das



Relações Exteriores e das Finanças. Nesse aspecto, seu estilo de governar parecia-se mais com o do italiano Benito Mussolini, que também ocupou múltiplos ministérios durante épocas de crise, ao contrário do ditador espanhol general Francisco Franco, que jamais chefiou um ministério.<sup>35</sup>

O poder político, por conseguinte, estava quase todo centralizado nas mãos de Salazar, cujo gosto por detalhes, capacidade de trabalhar até tarde da noite e aparente falta de interesse por uma vida social ou familiar lhe permitiam lidar pessoal e diretamente com questões que outros líderes teriam delegado a seus representantes.<sup>36</sup> A enorme quantidade de correspondência pessoal e política de que Salazar dava conta é testemunho do seu interesse em resolver quase todos os assuntos de Estado.

Um dia de trabalho típico de Salazar começava com o café da manhã às oito e meia, durante o qual ele lia os jornais; depois trabalhava, em geral em seu gabinete, até as duas da tarde.<sup>37</sup> Entre duas e quatro horas, ele almoçava em 15 minutos, dava uma caminhada e se encontrava com visitantes.<sup>38</sup> Das quatro até as seis, ele descansava e passeava pelos jardins de sua residência em São Bento, e das seis até as nove, voltava para sua mesa de trabalho. Em seguida, jantava sozinho uma refeição leve, antes de voltar a trabalhar até meia-noite.<sup>39</sup> Raramente mudava a rotina. Não era abstêmio – com as refeições, ele apreciava uma taça de vinho da região do Dão, onde nasceu –, não fumava e gostava de ler as últimas edições de revistas de economia para relaxar e se manter atualizado sobre os avanços acadêmicos na área.<sup>40</sup>

Salazar era nitidamente o homem mais bem-dotado do ponto de vista intelectual de sua geração. Professor universitário em Coimbra, ele estava bem acima de outras personalidades políticas e econômicas da época em Lisboa.<sup>41</sup> Entretanto, continua sendo umas

das figuras mais controvertidas da história portuguesa. Em vista do constante status polêmico de Salazar, em Portugal e internacionalmente, não é de surpreender que suas políticas de guerra permaneçam mal representadas, mal interpretadas ou simplesmente incompreendidas em muitos relatos sobre Portugal e sobre a Segunda Guerra Mundial.<sup>42</sup>

Salazar era filho de um pequeno proprietário de terras na aldeia de Vimiero, perto da melancólica cidade de Santa Comba Dão, na província de Beira Alta, no centro de Portugal. Destinado originalmente a ser padre, submeteu-se a boa parte do treinamento e aprendizado exigido para cumprir esse objetivo.<sup>43</sup> Mesmo desistindo de sua tentativa de ingressar na Igreja Católica, Salazar realmente nunca a abandonou. Essa influência podia ser vista tanto em sua conduta pessoal quanto na filosofia e políticas dos governos que liderou. O poderoso papel da Igreja entre a população, principalmente a rural e camponesa, era uma característica central da sociedade portuguesa.

Depois de estudar leis na Universidade de Coimbra, Salazar aceitou um posto de professor. Nunca se casou, embora evidentemente gostasse da companhia de mulheres. Existe uma história de que seu primeiro, e talvez maior, amor terminou mal quando os pais da moça acharam que Salazar, filho de um camponês, tinha poucas perspectivas para o futuro e a proibiram de vê-lo.<sup>44</sup> Dizem que ao voltar a Santa Comba Dão para o enterro de sua mãe – já primeiro-ministro – ele falou com a moça, mas não com os pais dela.

O contratempo foi um choque para o academicamente brilhante e socialmente confiante Salazar. Foi uma dura advertência sobre a ordem social existente à época.<sup>45</sup> Durante boa parte de sua vida, uma camponesa, dona Maria, que foi com Salazar para Lisboa e

serviu como uma espécie de governanta, cuidou dele. Dizem que ela estava familiarizada com alguns dos assuntos de Estado, mas tinha pouca influência sobre as ideias de Salazar. Ela ficou a seu lado durante todos os seus 36 anos como primeiro-ministro, até sua morte, em 1970.



Foi durante o tempo que passou em Coimbra que Salazar conheceu Manuel Cerejeira, um padre do distrito do Minho, no noroeste de Portugal. Os dois dividiram casa num arranjo que era comum na Universidade de Coimbra, numa república. Salazar e Cerejeira moraram juntos de 1915 a 1928, período que cobriu seus anos de estudante e a primeira parte de suas respectivas carreiras.

Anos mais tarde, falando sobre Salazar com a escritora francesa Christine Garnier, Cerejeira o descreveu como um homem de muitos contrastes.<sup>46</sup> Ele argumentou que Salazar apreciava a beleza física das mulheres, mas vivia como um monge.<sup>47</sup> Observou também que a cabeça de Salazar parecia estar sempre num conflito entre ceticismo e paixão, bondade e aspereza.<sup>48</sup> Na verdade, a amizade de Salazar com Cerejeira foi um estágio importante, ajudando-o a desenvolver sua base de poder acadêmico na Universidade de Coimbra.<sup>49</sup> Nos últimos anos, entretanto, a amizade dos dois velhos colegas de residência sofreria grande tensão.

Os dois estavam destinados a deixar o conforto e a vida ordenada da universidade e seguir para Lisboa. Uma vez na capital, galgaram rapidamente os respectivos níveis de hierarquia política e eclesiástica para assumir duas posições centrais em Portugal: a de chefe do governo e a de chefe da Igreja Católica. Cerejeira ascendeu na Igreja, tornando-se, inicialmente, em 1929, o patriarca de Lisboa.

Um mês depois de se tornar patriarca, foi nomeado cardeal e serviu por quase 48 anos.

Em 1928, Salazar chegou a Lisboa – alguém bastante estranho ao sistema vigente – para ser nomeado ministro das Finanças. Conforme os britânicos perceberam, assim que entrou para o governo, armado de poderes ditatoriais, Salazar incumbiu-se da tarefa de regenerar o país.<sup>50</sup> Trabalhando com incrível zelo e mostrando uma grande energia, Salazar tentou, quase sem ajuda, virar a economia pelo avesso. Escrevia seus próprios relatórios, estudava com cuidado as condições econômicas e examinava pessoalmente os livros de cada departamento do governo para ver se era possível fazer economia e melhoramentos.<sup>51</sup>

No final, com uma série de reformas bem planejadas e sem recorrer a empréstimos estrangeiros, conseguiu colocar as finanças públicas numa base sólida.<sup>52</sup> Também beneficiou o país com um longo período de estabilidade política interna, desconhecida durante a época republicana anterior.<sup>53</sup> Mesmo enquanto governos caíam, Salazar continuava no lugar, como ministro das Finanças, até finalmente ser indicado para liderar o país, em 1932.

Existem algumas discussões quanto à real originalidade de suas reformas econômicas, e também controvérsias quanto à autenticidade dos dados econômicos da época, mas está claro que suas políticas ajudaram a salvar Portugal de um virtual colapso. Na verdade, a resultante legitimidade da ditadura que ele acabou criando e liderando baseava-se em sucessos econômicos e não em carisma pessoal ou em vitórias militares. Era o tipo de legitimidade que o distinguia de outros ditadores europeus da época.

Apesar dos sucessos econômicos, os que trabalhavam na agricultura e na indústria e continuavam obrigados a se sustentar com míseros salários não viam seu regime com entusiasmo. Seus

discursos de fraseado imponente, explicando a ideologia e os motivos para sua política, os irritavam. Como resultado do fracasso em se conectar com as massas ou intencionalmente melhorar sua condição econômica, havia um amplo e disseminado grau de oposição ao regime, e a Salazar em particular, vindo de forças divergentes, muitas delas relacionadas aos comunistas.<sup>54</sup>

Para Salazar, o início da Segunda Guerra Mundial não foi apenas uma ameaça à soberania da nação, mas também, em vista de sua crença de que forças de oposição usariam o conflito como um catalisador para tentar derrubá-lo, à sobrevivência futura do regime. Essa dimensão interna da guerra nunca esteve afastada de sua mente e até certo ponto motivou suas políticas com relação à guerra.

O Ministério das Relações Exteriores britânico caracterizou “Salazar, o homem” como tendo a astúcia e os hábitos parcimoniosos do camponês; a cautela nativa do morador da aldeia, que desconfia da conversa fiada no mercado e dos motivos alheios, e a perspectiva fria e desapegada do padre acadêmico, que aprendeu a elogiar o espetáculo de marionetes do esforço humano, *sub specie aeternitatis*. Além disso, somado aos princípios da lei canônica e da teoria econômica e política ortodoxa, implantados em seus tempos de estudante em Coimbra, havia o treinamento pedagógico adquirido depois de formado, durante os anos em que Salazar fez parte do corpo docente, na atmosfera intelectual inata dessa velha e antiquada sede de cultura.<sup>55</sup>

Em tom de elogio, o líder espanhol, general Francisco Franco, afirmou em uma entrevista ao jornal *Le Figaro* que Salazar era o mais completo estadista, e o mais digno de respeito, que ele conhecia.<sup>56</sup> Franco adiantou-se dizendo que o considerava uma personalidade extraordinária por sua inteligência, sensibilidade

política e humanidade. O único defeito de Salazar, acrescentou, era sua modéstia.<sup>57</sup>

No final da década de 1930, Salazar havia nitidamente evoluído para um estadista internacional respeitado, e a maioria da população portuguesa ou apoiava seu regime ou o via simplesmente como inevitável. O país continuava paupérrimo, mas havia um grau de estabilidade política e econômica. Salazar compreendia, entretanto, que todas as suas conquistas corriam perigo se o país tivesse de participar de uma guerra dispendiosa.

---

**31** David Eccles, *By Safe Hand: the Letters of Sybil and David Eccles, 1939-1942* (Londres: Bodley Head, 1983), p. 107.

**32** António Ferro, *Salazar: Portugal and Her Leader* (Londres: Faber and Faber, 1939), pp. 200-01.

**33** Ibid.

**34** Ver, por exemplo, *O Século*, 21 de maio de 1938, de Helena Matos, e *Salazar: a propaganda, 1934-1938* (Lisboa: Círculo de Leitores, 2010), pp. 270-71. Essa obra e o seu volume posterior estão repletos de exemplos do desenvolvimento e utilização da imagem de Salazar.

**35** Paul H. Lewis, "Salazar's Ministerial Elite, 1932-1968", *The Journal of Politics* 40, nº 3 (agosto de 1978), p. 632.

**36** NARA/RG84/94/General Records of U.S. Embassy in Lisbon/Background on Portugal's Position in May 1940/Political Situation, 15 de maio de 1944, pp. 4-5.

**37** Hugh Kay, *Salazar and Modern Portugal: A Biography* (Nova York: Hawthorn, 1970), p. 79.

**38** Ibid., p. 196.

**39** Ibid., p. 197.

**40** Kay, *Salazar and Modern Portugal*, p. 79.

**41** PRO/FO/371/34714/Records of Leading Personalities in Portugal, 10 de junho de 1943, pp. 21-2.

**42** Filipe Ribeiro de Meneses, *Salazar: A Political Biography* (Nova York: Enigma Books, 2009), p. 223.

**43** Sobre a infância de Salazar, ver Kay, *Salazar and Modern Portugal*, pp. 9-13.

**44** Ibid., p. 26.

**45** Meneses, *Salazar*, p. 18.

**46** Christine Garnier, *Férias com Salazar* (Lisboa: A. M. Pereira e Grasset e Fasquelle, 1952), p. 176.

**47** Ibid.

**48** Ibid., p. 177.

**49** Meneses, *Salazar*, p. 13.

**50** PRO/FO/371/34714/Records of Leading Personalities in Portugal, 10 de junho de 1943, pp. 21-2.

**51** NARA/RG84/94/General Records of U.S. Embassy in Lisbon/Background on Portugal's Position in May 1940/Political Situation, 15 de maio de 1944, p. 5.

**52** Ibid., pp. 4-5.

**53** PRO/FO/371/34714/Records of Leading Personalities in Portugal, 10 de junho de 1943, pp. 21-2.

**54** Ibid.

**55** Ibid.

**56** Paul Preston, *Franco: A Biography* (Londres: Basic Books, 1994), p. 454.

**57** Ibid.

## CAPÍTULO 3

### Preparando-se para o pior

Como uma guerra de grandes proporções parecia cada vez mais provável, Salazar passou boa parte de 1939 planejando cuidadosamente como Portugal reagiria a tal acontecimento. Em reuniões com oficiais e em longas caminhadas solitárias pelo amplo jardim murado que cercava seu gabinete, ele havia cogitado numa política que, em caso de guerra, veria Portugal tentando se manter neutro. Sua famosa capacidade intelectual e analítica não era assim tão necessária para chegar a tal conclusão. Com uma força militar pequena e mal equipada, e com sua velha aliada, a Grã-Bretanha, incapaz ou sem disposição para lhe garantir formalmente a soberania, Lisboa não tinha meios reais de defesa e, portanto, sua melhor opção parecia ser tentar permanecer fora da briga.<sup>58</sup> A neutralidade era a política lógica a ser escolhida, porém o maior desafio de Salazar seria manter essa posição à medida que Portugal e suas colônias se tornavam cada vez mais importantes para ambos os lados em guerra.

Num discurso, no dia 9 de outubro de 1939, Salazar proclamou orgulhosamente à Assembleia Nacional que de modo algum Portugal se aproveitaria de sua posição de neutralidade para lucrar com a guerra.<sup>59</sup> No entanto, é óbvio que, por várias razões, inclusive seus próprios fortes instintos econômicos, ele não poderia resistir à tentação de quebrar sua promessa em quase todos os estágios.<sup>60</sup>

Seu discurso, e especialmente a promessa de não tirar proveito da guerra, foi amplamente noticiado na imprensa britânica. Entre os



muitos leitores de jornais ingleses permanecia a sensação de mistério sobre como o mais antigo aliado da Grã-Bretanha escolheria, na hora da necessidade, continuar neutro. Durante o discurso, Salazar reafirmara, com ênfase, a aliança anglo-portuguesa, explicando como a Inglaterra aprovava a neutralidade de Portugal.<sup>61</sup>

O discurso revelou outro elemento vital das prioridades de Salazar: a importância de manter a integridade do império português.<sup>62</sup> Na verdade, apesar de sua frieza ao lidar com questões diplomáticas, ele estava extremamente irritado com o governo britânico e com as consequências da política de conciliação de Neville Chamberlain com a Alemanha – uma política que levou o governo em Londres a oferecer partes do império português à Alemanha, sem o consentimento de Lisboa.

O jogo duplo dos britânicos significava uma oferta que se dizia ter sido feita a Adolf Hitler no ano anterior por um Chamberlain cada vez mais desesperado em tentar resolver a questão colonial alemã de uma vez por todas. Entre outras concessões à Alemanha, Chamberlain ofereceu Angola, controlada pelos portugueses. Dizem que Hitler a princípio ficou interessado na oferta e perguntou o que aconteceria se Portugal fizesse objeções. Chamberlain respondeu que, no final, Portugal e as outras potências coloniais envolvidas cooperariam. E seguiu argumentando, entretanto, que era vital guardar segredo sobre o plano sem informar a Lisboa ou às outras potências, naquele momento. Foi muito difícil instruir a imprensa britânica para que mantivesse as propostas em sigilo, mas havia forte suspeita em Lisboa de que os britânicos estariam armando com Hitler. No final, a oferta de Chamberlain não deu em nada. O Fuhrer recusou, argumentando que a questão colonial podia esperar mais uns dez anos para ser resolvida.<sup>63</sup>

A origem da irritação de Lisboa com os britânicos sobre a questão colonial podia ser encontrada mais longe, na Conferência de Paz que se seguiu ao final da Primeira Guerra Mundial. Portugal havia iniciado a guerra como um país neutro, mas depois suas forças entraram na briga. Os soldados portugueses, destreinados e mal equipados, sofreram muito na França, com cerca de 700 mortos e um total de 33 mil baixas.<sup>64</sup> Em termos percentuais, o total de mortos chegou a 7% do total da força de combate portuguesa mobilizada.<sup>65</sup> Embora esses números não fossem tão dramáticos quanto os dos principais participantes da guerra, a instabilidade política em Lisboa resultante do conflito foi grande. Para piorar a situação, durante a Conferência de Paz, os portugueses desconfiaram corretamente de que os aliados estavam propondo transferir uma parte de Angola para a Bélgica, a fim de dar ao Congo Belga uma costa no Atlântico.<sup>66</sup> Na conferência, os portugueses também falharam em garantir terras adicionais da África oriental alemã para anexar a Moçambique.<sup>67</sup> Em Lisboa, os britânicos eram velhos – mas não totalmente confiáveis – aliados.

O embaixador britânico em Lisboa, Sir Walford Selby, era visitante regular do gabinete de Salazar e gozava de um relacionamento de trabalho um tanto distante com o líder português. Como ele mesmo admitiu, Selby estava no ocaso de sua carreira diplomática e representava a antiga escola do Ministério das Relações Exteriores.<sup>68</sup> Ele havia servido anteriormente como secretário particular de cinco ministros do Exterior e Lisboa seria seu último posto antes de se aposentar, aos 60 anos de idade.<sup>69</sup>

Selby era visto como burocraticamente sólido, mas, segundo um colega, faltava-lhe autoconfiança e ele também não tinha boas habilidades orais nem poderes de persuasão. Em épocas de paz, Selby, o antiquado *gentleman* inglês que se dava bem com oficiais

portugueses, era mais do que competente, mas, em meio às intrigas de guerra, ele não tinha a energia e o dinamismo necessários para ser chefe de missão numa cidade que se tornava palco central dos acontecimentos mundiais.<sup>70</sup> Como David Eccles, que trabalhou para o Ministério de Economia de Guerra fora de Lisboa e Madri, sugeriu, o governo de Sua Majestade (HMG) não tinha interesse em ser representado por alguém que não pudesse efetivamente lidar com o dr. Salazar.<sup>71</sup>

O homólogo de Selby, o embaixador português em Londres, Armindo Monteiro, era quase tão britânico quanto Selby. Falava inglês melhor do que a maioria dos ingleses e tinha todos os maneirismos de um *gentleman* inglês de classe alta, educado à moda antiga em escola pública. Não é de surpreender que Monteiro fosse uma personalidade muito popular entre os principais políticos conservadores e no Ministério das Relações Exteriores britânico. Ex-ministro das Relações Exteriores português, Monteiro era um forte anglófilo que passara o período anterior à guerra fazendo amizade com a elite política e diplomática em Londres. Ele não levava fé no general Francisco Franco e acreditava que os falangistas eram uma grande ameaça à independência de Lisboa.

Na opinião de Monteiro, a melhor atitude de Portugal era manter-se firme à velha aliança com a Inglaterra. Com o desenvolvimento da Segunda Guerra Mundial, o papel de Monteiro tornou-se crucial para o relacionamento de Lisboa com Londres, e ele discordaria cada vez mais da política de guerra de Salazar. A minuciosa e, às vezes, apaixonada correspondência entre Salazar e Monteiro continua sendo uma das crônicas mais interessantes sobre o papel de Lisboa na guerra.

No início do conflito, tanto Monteiro quanto Selby notaram o crescente número de mal-entendidos entre Lisboa e Londres quanto

à questão da neutralidade portuguesa.<sup>72</sup> Para Salazar, os objetivos da neutralidade eram claros. Ele não a via como uma política rígida, mas sim como uma política que poderia ser adaptada a acontecimentos e circunstâncias mutáveis durante a guerra. Salazar compreendia que, até certo ponto, teria que jogar dos dois lados e que, por sua vez, também seria manipulado por ambos. O mais importante para ele era alcançar seus próprios objetivos: impedir uma invasão de Portugal pela Alemanha, pela Espanha, ou por ambos, o que resultaria em sua Lisboa ocupada e ele tendo que fugir e liderar um governo no exílio. Também queria evitar que Portugal fosse usado como campo de batalha para exércitos estrangeiros. As Guerras Peninsulares, entre Grã-Bretanha e França, no século XIX, obrigaram grande parte da família real portuguesa e da elite econômica e política a fugir para o Brasil, onde estabeleceram uma corte e ajudaram a criar seu novo lar.<sup>73</sup> Muitos jamais retornaram; o impacto nocivo sobre o ritmo de desenvolvimento de Portugal e o aumento da instabilidade política foram sentidos durante décadas.<sup>74</sup>

Outros dois aspectos das Guerras Peninsulares não foram esquecidos em Lisboa. Os britânicos destruíram grande parte do centro do país com sua política de “terra arrasada” contra os exércitos de Napoleão, o que destruiu algumas de suas melhores terras agrícolas.<sup>75</sup> Enquanto a guerra quase levava Portugal à falência, a família Rothschild, e em particular Nathan Rothschild, ganhava fortunas com ela, financiando efetivamente a campanha do duque de Wellington.<sup>76</sup> Parte do que Nathan Rothschild fazia a fim de conseguir dinheiro para Wellington era contrabandear barras de ouro.

Até um estudante menos talentoso do que Salazar teria sido capaz de citar o mais recente exemplo do envolvimento de Portugal na

Primeira Guerra Mundial como motivo para permanecer neutro na Segunda. Portugal logo declarou sua neutralidade no início do conflito, mas acabou juntando-se aos aliados em 1916, com desastrosas consequências para a estabilidade interna – política, econômica e social – de Lisboa. Na verdade, o vínculo entre acontecimentos externos e ameaças ao contínuo controle do seu regime autoritário nunca se afastou da mente de Salazar. No outono de 1939, enquanto dedicava considerável tempo ao presente, Salazar mantinha também os olhos no futuro, e no que seria da Europa e do mundo depois de terminada a guerra.

Sua visão de mundo não havia se formado em visitas a terras estrangeiras – ele raramente saía de Portugal –, mas em leituras eruditas e no bom e velho pensamento racional.<sup>77</sup> O maior desafio durante a primeira parte da guerra foi lidar com a ameaça percebida de uma invasão a Portugal pela Alemanha, ou em seu nome pela Espanha. Os chefes de Estado-Maior britânicos calculavam que, se a Espanha iniciasse uma invasão militar a Portugal, levaria menos de três semanas para chegar a Lisboa e conquistar o país.

Salazar estava ciente de que havia elementos internos na Espanha que viam a conquista de Portugal como uma parte essencial das ambições territoriais imperialistas espanholas. Essas pretensões eram amplamente disseminadas na propaganda falangista contra Lisboa.<sup>78</sup> No dia 16 de junho de 1939, por exemplo, o *Evening Standard*, de Londres, publicara um artigo dizendo que os “fascistas” espanhóis insistiam na captura de Portugal. Os fascistas afirmavam corretamente que Portugal não tinha nenhum poder militar efetivo para defender sua casa ou seu território colonial.

A história, por sua vez, foi recolhida pela polícia secreta portuguesa, a PVDE (Polícia de Vigilância e de Defesa do Estado), e catalogada em seus relatórios de propaganda externa, e

subsequentemente transmitida para a liderança portuguesa.<sup>79</sup> Isso, entretanto, não aconteceria antes de maio de 1941, quando a Espanha traçou planos formais, preliminares, mas detalhados, para uma invasão a Portugal. Na época, um dos assessores do general Franco sugeriu a um diplomata alemão que uma guerra contra Portugal seria um desvio muito útil dos problemas políticos internos da Espanha.<sup>80</sup>

---

**58** PRO/FO/371/24064/The Role of Portugal in the Event of War, Committee of Imperial Defence, Chiefs of Staff Subcommittee, 1º de setembro de 1939, p. 2.

**59** PRO/FO/371/23161/Address by Dr. Salazar to the National Assembly, 9 de outubro de 1939, p. 8.

**60** António de Figueiredo, *Portugal: Fifty Years of Dictatorship* (Londres: Penguin, 1975), p. 91.

**61** "Portugal and the War", *Times* (Londres), 10 de outubro de 1939.

**62** PRO/FO/371/23161/Discurso do dr. Salazar, p. 3.

**63** William Manchester, *William Spencer Churchill: Alone, 1932-1940* (Boston: Little Brown, 1988), pp. 247-48.

**64** Niall Ferguson, *The Pity of War* (Londres: Penguin, 1998), p. 295.

**65** *Ibid.*, p. 299.

**66** Margaret Macmillan, *Peacemakers: Six Months That Changed the World* (Londres: John Murray, 2003), p. 115.

**67** *Ibid.*

**68** Walford Selby, *Diplomatic Twilight, 1930-1940* (Londres: John Murray, 1953).

**69** *Ibid.*, p. 123.

**70** David Eccles, *By Safe Hand: The Letters of Sybil and David Eccles, 1939-1942* (Londres: Bodley Head, 1983), p. 97.

**71** *Ibid.*, p. 173.

**72** Selby, *Diplomatic Twilight*, p. 110.

**73** Ver Patrick Wilcken, *Empire Adrift: The Portuguese Court in Rio de Janeiro, 1808-1821* (Londres: Bloomsbury, 2004).

**74** *Ibid.*, pp. 248-50.

**75** Sobre a política de terra arrasada, ver Charles Esdaile, *Napoleon's Wars: An International History, 1803-1815* (Londres: Penguin, 2007), pp. 355-56.

**76** Ver Niall Ferguson, *The House of Rothschild: Money's Prophets, 1798-1848* (Nova York: Penguin, 1998), pp. 84-8.

**77** Samuel Hoare, *Ambassador on a Special Mission* (Londres: Collins, 1946), p. 125.

**78** Paul Preston, *Franco: A Biography* (Londres: Basic Books, 1994), p. 427.

**79** Portugal/Torre do Tombo/Arquivo Oliveira Salazar/CO/IN-8B/5/Press Cuttings and PVDE Reports, agosto de 1939.

**80** Preston, *Franco*, p. 428.

## CAPÍTULO 4

### Mensagens confusas

**N**o início da Segunda Guerra Mundial, sentado no seu gabinete em Lisboa, não era sem razão que Salazar temia a agenda imperialista do general Franco com relação a Portugal, pelo menos comparando-se à preocupação de que a Espanha pudesse declarar apoio aos alemães e juntar-se às potências do Eixo. Nesse aspecto, Salazar identificava-se com os britânicos, desesperadamente preocupados que a Espanha aderisse à Alemanha – que, como Salazar, havia apoiado Franco durante a Guerra Civil Espanhola. Na Alemanha, crescia a frustração porque a Espanha não se unira imediatamente às potências do Eixo, e Hitler fazia forte pressão para que Franco entrasse na linha. Involuntariamente, Salazar havia encontrado um papel vital para si mesmo e Lisboa: convencer Franco a permanecer fora da guerra.

Durante os estágios iniciais do conflito, os britânicos usaram o relacionamento de Salazar com Franco para transmitir mensagens ao líder espanhol e ajudar a convencê-lo a aceitar planos de ação políticos e econômicos britânicos, específicos para a península Ibérica. O embaixador Selby passava adiante requisições do Ministério das Relações Exteriores e do Ministério de Economia de Guerra. Depois da guerra, historiadores e participantes debateram calorosamente o papel de Salazar em garantir a neutralidade espanhola. Muitos fatores contribuíram para a decisão da Espanha, não tanto a mudança do curso da guerra, a partir de 1942, contra as potências do Eixo, mas o papel de Salazar garantindo, e às vezes

convencendo Franco, de que a neutralidade continuava sendo a melhor política e que não deveria ser subestimada. O papel de Salazar parece ainda mais notável tendo em vista que seu país estava sob ameaça direta de invasão pelo vizinho maior.

Na primavera de 1940, Lisboa começava a sentir o impacto das campanhas de propaganda, tanto aliadas quanto alemãs, procurando agradar os portugueses. Salazar irritava-se com os esforços de ambos os lados.<sup>81</sup> Ele tentou – quase sempre em vão – impedir algumas dessas atividades na mídia pela censura de Estado, proibindo a publicação de artigos ofensivos ou determinados filmes. Esforços iniciais alemães foram em grande parte conduzidos pelo correio numa tentativa de escapar à censura.<sup>82</sup> Panfletos retratando os sucessos dos alemães na guerra eram produzidos localmente e enviados de Madri.<sup>83</sup>

A propaganda britânica em Lisboa a princípio era limitada: Londres não produzia muita coisa e os repórteres de jornais britânicos sediados em Lisboa tinham dificuldades com seus respectivos editores naquela capital. Quando a máquina de propaganda britânica finalmente começou a funcionar, boa parte do material produzido parecia com o de seus colegas alemães em estilo e layout. Mais tarde, durante a guerra, Malcolm Muggeridge, que estava baseado em Lisboa, embora trabalhasse para a inteligência britânica, percebeu em seus passeios a pé duas lojas adjacentes exibindo fotos e publicações de propaganda, britânicas e alemãs, que achou incrivelmente parecidas.<sup>84</sup> Marcas da mesma mercadoria, ele sugeriu, como Coca-Cola e Pepsi.<sup>85</sup>

Durante esse “falso” estágio da guerra, no final de 1939, a máquina de propaganda alemã em Lisboa tentou convencer Salazar de que os britânicos planejavam derrubá-lo e a seu governo autoritário.<sup>86</sup> Na verdade, a propaganda alemã foi mais longe,



sugerindo que os britânicos estavam ameaçando a vida de Salazar.<sup>87</sup> Algum tempo antes, Salazar havia desconfiado, erroneamente, de que os britânicos estavam ficando cada vez mais frustrados com seu regime e queriam substituí-lo pela volta da monarquia portuguesa e alguma forma de governo democrático.<sup>88</sup> Estava certo quanto à frustração britânica, mas errado sobre qualquer trama concertada ou coordenada pelos britânicos para se livrarem dele.

Os esforços alemães para lançar sementes de paranoia na mente de Salazar eram parte de um esquema mais amplo empregado tanto pelos aliados quanto pelas potências do Eixo, operando em Lisboa, para tentar convencer os portugueses da verdadeira identidade de seus reais inimigos. Tanto os aliados quanto as potências do Eixo acreditavam que Salazar podia se sentir mais atraído para seus respectivos lados depois de compreender onde estavam os interesses de Lisboa. Na realidade, Salazar mostrou-se esperto demais para que qualquer uma dessas tramas tivesse alguma chance de sucesso.

Nos primeiros estágios da guerra, crescia a preocupação entre a grande e veemente comunidade inglesa em Lisboa de que os alemães estivessem ganhando a batalha da propaganda. Como um expatriado britânico notou, a propaganda alemã era sempre feroz. Ele seguiu percebendo que os alemães espalhavam boatos absurdos sobre britânicos e franceses, e que os portugueses não tinham certeza de qual era o lado vencedor. Outro residente britânico sugeriu que, enquanto os alemães ganhavam terreno e conquistavam simpatias, os britânicos perdiam.<sup>89</sup>

Sob pressão de Londres, Selby levantou, no dia 8 de maio de 1940, a questão da propaganda alemã, e outras atividades, com os portugueses e recebeu a pouco convincente garantia de que qualquer estrangeiro que abusasse da hospitalidade a ele conferida

seria punido de acordo.<sup>90</sup> Subsequentemente, em vez de diminuir, a atividade alemã em Lisboa intensificou-se e, em junho de 1940, houve apelos de algumas personalidades importantes da comunidade inglesa no sentido de uma mudança política na embaixada britânica na cidade.<sup>91</sup>

O embaixador alemão em Portugal, barão Oswald von Hoyningen-Huene, fazia o jogo com muita esperteza.<sup>92</sup> Homem da velha escola aristocrática do serviço diplomático alemão, Hoyningen-Huene estivera ocupado criando vínculos mais íntimos entre Berlim e Lisboa durante o período que antecedeu a guerra. Ele estudou, e compreendeu, a história e a cultura portuguesas, e apelou para os sentimentos nacionalistas de Salazar e outras personalidades mais antigas.<sup>93</sup> Ele dava palestras em universidades em Lisboa e Coimbra sobre as glórias passadas do império português e se posicionava como forte defensor da cultura e dos símbolos do Estado Novo português. Naturalmente, tudo isso era destinado a agradar Salazar, que, até certo ponto, mordeu a isca sem jamais criar laços pessoais íntimos com o embaixador. Depois da guerra, entretanto, Salazar permitiu que Hoyningen-Huene se instalasse permanentemente na área de Lisboa, onde viveu sua aposentadoria. Perspicaz, inteligente e diplomaticamente astuto, Hoyningen-Huene era bom na socialização e um obsessivo fazedor de contatos. Em Lisboa, durante a guerra, era sempre convidado para as mesas de personalidades importantes nos jantares das elites portuguesa e internacional e via sua missão como uma tentativa de afrouxar os vínculos anglo-portugueses. Com a evolução da guerra, Hoyningen-Huene representaria um papel central em Lisboa, em particular nas negociações sobre importantes suprimentos do tungstênio português para a Alemanha. Os britânicos logo perceberam que ele era um homem bastante capaz, e seu impressionante desempenho levou,

em parte, à decisão de substituir Selby por um embaixador mais adequado para lidar com a investida da propaganda alemã.<sup>94</sup>

Nos estágios iniciais da guerra, o esforço da propaganda alemã em Lisboa foi melhor servido pelos contínuos sucessos militares de Hitler.<sup>95</sup> Quanto maior o sucesso, mais relutantes os portugueses ficavam em mencionar a antiga aliança com os britânicos, com medo de hostilizar os alemães. O governo em Lisboa simplesmente dava sinais de querer apoiar o lado que mais provavelmente parecia vencer a guerra. Na verdade, Muggeridge percebeu que, quando a guerra ia mal para os aliados, os portugueses faziam de tudo para agradar os alemães.<sup>96</sup> Ele também observou que o número e a hierarquia dos oficiais portugueses que apareciam numa recepção ao ar livre nos consulados gerais britânicos aumentavam e caíam conforme os últimos comunicados do front.<sup>97</sup>

Com o desenrolar da guerra, a quantidade e a qualidade da propaganda de ambos os lados também aumentavam. Nos jornais, nas bancas de revistas e nas lojas especializadas, aliados e alemães competiam pela atenção do público. Há poucas evidências, entretanto, sugerindo que todo o esforço, tempo e dinheiro que ambos os lados dedicaram às suas campanhas tenham levado a alguma grande mudança no sentimento público português com relação às partes em guerra.

Para Salazar, mais urgente do que a propaganda era a organização da defesa de Lisboa e de Portugal. A questão havia se tornado mais um pomo da discórdia entre Lisboa e Londres. Havia dois problemas importantes e relacionados. O primeiro girava em torno da potencial renegociação dos termos da histórica aliança entre os dois países, modificando as obrigações da Grã-Bretanha de defender Portugal e encorajando o país a se tornar mais autoconfiante. O segundo tratava da venda de armas pelos britânicos a Portugal. Os britânicos

havam esperado vender armas a Lisboa a fim de ajudar a desenvolver as Forças Armadas portuguesas e aumentar a capacidade de o Exército português defender o país. Em vários estágios das negociações, Salazar procrastinou, argumentando que muitas das armas que os britânicos tentavam vender eram caras demais e já obsoletas. O processo foi tortuoso e criou um certo mal-estar entre os dois países. No final, e para grande contrariedade dos britânicos, Salazar foi procurar em outros países o fornecimento de boa parte das armas de Portugal – inclusive na Alemanha.

Durante a primavera de 1940, a incessante questão de como melhor defender Lisboa foi colocada contra o pano de fundo dos relatórios franceses sobre os movimentos das tropas espanholas em direção à fronteira portuguesa.<sup>98</sup> No clima de nervosismo em Lisboa, esses rumores e relatórios contribuíram ainda mais para o nível já alto de ansiedade. Os britânicos aumentaram a paranoia, acusando as potências do Eixo de tentarem criar condições para um golpe, que seria usado como gatilho para a intervenção espanhola em Portugal.<sup>99</sup>

De fato, o Ministério da Guerra em Londres via a original fonte francesa da relatada concentração de tropas espanholas com um certo ceticismo.<sup>100</sup> Em Lisboa, Walford Selby achava os rumores indevidamente alarmistas, a não ser que a Itália entrasse na guerra.<sup>101</sup> O Ministério da Guerra britânico aceitou seu julgamento, mas exigiu um documento por escrito sobre as perspectivas da potencial intervenção do Eixo em Portugal.<sup>102</sup> Os relatórios, entretanto, ajudaram a focar as mentes no melhor meio de defender Lisboa e nas possíveis opções tanto para a liderança em Lisboa quanto para os aliados caso o país fosse invadido por uma potência hostil. Para Salazar, pessoalmente, era uma severa advertência de

que uma das potências em guerra poderia usar a oposição interna a seu regime como pretexto para dominar o país.

Quando os frequentadores de cafés lisboetas no Rossio ficaram cada vez mais apreensivos em relação à guerra – que de início parecera tão distante, mas agora começava a envolver Portugal, como Salazar havia alertado –, Salazar ofereceu à população da capital algo para distrair a cabeça: uma imensa exposição e feira para celebrar as glórias passadas de Portugal e também para saudar as conquistas de seu regime. Era puro teatro político, mas a escolha do momento, para ajudar a tranquilizar a população local, foi perfeita. A mensagem era clara: embora na França as coisas pudessem estar pegando fogo, em Lisboa estava tudo bem durante o longo e quente verão de 1940.

---

**81** Filipe Ribeiro de Meneses, *Salazar: A Political Biography* (Nova York: Enigma Books, 2009), p. 232.

**82** PRO/FO/371/23162/Selby to Foreign Office, German Propaganda in Portugal, 16 de novembro de 1939.

**83** Ibid., p. 2.

**84** Malcolm Muggeridge, *Chronicles of Wasted Times: An Autobiography* (Vancouver: Regent College Publishing, 2006), p. 410.

**85** Ibid., p. 413.

**86** Christian Leitz, *Nazi Germany and Neutral Europe during the Second World War* (Manchester: Manchester University Press, 2000), p. 150.

**87** PRO/FO/24488/Postal Censorship, Report on Portugal N° 7, 17 de abril de 1940, p. 2.

**88** PRO/War Office/208/2051/Espanha e Portugal (Anexo), 9 de maio de 1940.

**89** PRO/FO/371/24488/Postal Censorship, Report on Portugal N° 7, 17 de abril de 1940, p. 2.

**90** PRO/FO/371/24488/From Selby to Foreign Office, 16 de maio de 1940.

**91** PRO/FO/371/24488/Portugal: Request for Change of Policy in H. M. Embassy, 12 de junho de 1940.

**92** PRO/FO/371/39596/From Campbell to FO, 23 de novembro de 1944.

**93** Ibid.

**94** Ibid.

**95** Leitz, *Nazi Germany and Neutral*, p. 150.

**96** Muggeridge, *Chronicles of Wasted Times*, p. 411.

**97** Ibid.

**98** PRO/WO/208/2051/From Selby to War Cabinet, 3 de maio de 1940.

**99** PRO/WO/208/2051/Espanha e Portugal (Anexo), 9 de maio de 1940.

**100** Ibid.

**101** PRO/Cabinet Office/67/7/5/Minutes of War Cabinet Meeting, 6 de maio de 1940.

**102** Ibid.

## CAPÍTULO 5

# Esqueça seus problemas

**A** Exposição do Mundo Português marcou o aniversário da fundação da nação portuguesa, em 1140, e sua independência da Espanha em 1640. Era um projeto ambicioso que refletia a tentativa de Salazar de lembrar ao povo português o papel histórico de seu país no mundo. Também servia ao propósito de ser um grande incentivo de propaganda para a ideologia, os valores e os símbolos do Estado Novo.<sup>103</sup>

Existe uma fotografia famosa de Salazar, em preto e branco, tirada durante a cerimônia de abertura da exposição. Ele dá instruções a um grupo, enquanto outro homem, corpulento, com um enorme sorriso no rosto, observa a cena.<sup>104</sup> Um daqueles a quem Salazar passava instruções era Duarte Pacheco, a figura mais importante por trás do programa de obras públicas e o responsável pelo lado físico da exposição. O cavalheiro que observava era António Ferro, ex-jornalista e biógrafo de Salazar, encarregado de traçar a filosofia do Estado Novo e sua implementação. Pacheco era o visionário, o tradutor de projetos grandiosos para a realidade, e Ferro era o porta-voz incumbido de elaborar a propaganda e espalhar a mensagem. Ambos os homens eram íntimos de Salazar, tiveram seu papel em conduzi-lo à liderança e eram vitais à exposição, assim como para todos os projetos e propaganda do Estado Novo.

Duarte Pacheco se tornara presidente da municipalidade de Lisboa no final de 1938. Também atuara por diversas vezes como ministro de Obras Públicas e Comunicações.<sup>105</sup> Um dos personagens mais

pitorescos do regime, ele era conhecido pelo enorme charme e pela reputação de ser um homem que sabia mandar.<sup>106</sup> Mas seu charme de nada valia com certas pessoas, em particular com os donos de terras apropriadas pelo Estado Novo a preços bem abaixo do mercado.<sup>107</sup> Seus projetos de obras públicas mudaram a paisagem física de Lisboa e áreas circunjacentes.

A Exposição do Mundo Português era um projeto em grande escala e muito sintonizado com o programa intensivo de obras públicas que o Estado Novo empreendia na área de Lisboa. A estrada Marginal, importante ligação entre a cidade e a costa até a aldeia de pescadores de Cascais, foi aberta. Construiu-se a primeira via expressa, o aeroporto internacional da cidade foi inaugurado em outubro de 1942 e novos terminais de barcas ligavam a cidade a suas satélites, do outro lado do rio.<sup>108</sup> Novos projetos residenciais foram iniciados nos subúrbios, visando transformar as condições de habitação, em geral pobres, de Lisboa. O fornecimento de água foi levado pela primeira vez a algumas partes da cidade, solucionando um antigo problema. Críticos do programa de obras públicas argumentaram, com alguma razão, que esses projetos grandiosos nunca chegaram a ter algo parecido com um orçamento, e que o processo de concessão de contratos era usado para premiar os amigos do regime.<sup>109</sup> A polícia secreta portuguesa, a PVDE, relatou que havia, entre os portugueses comuns, um certo ressentimento com relação ao custo dos projetos e à falta de melhorias das condições econômicas e de habitação para a maioria dos habitantes da cidade.<sup>110</sup> Salazar rapidamente desconsiderou esses e outros rumores, como propaganda comunista.<sup>111</sup>

Duarte Pacheco morreu no dia 16 de novembro de 1943, vítima de um terrível acidente de carro na véspera. Seu enterro foi um grande evento de Estado, em que Salazar liderou os enlutados. Escrevendo



em seu diário naquele dia, Salazar lembrou com nostalgia que Pacheco é quem tinha ido a Coimbra, em 1928, oferecer-lhe o posto de ministro das Finanças, enquanto outros desejavam alguém diferente para assumir o cargo.<sup>112</sup> Ele também admitiu que sentiria sua falta. Pacheco tinha estado com Salazar desde o início, e sua morte o deixava ainda mais isolado internamente. Grande parte do legado de Pacheco ainda pode ser visto na Lisboa contemporânea. É possível que visitantes da cidade hoje usem o aeroporto e as estradas que foram parte da visão e dos projetos de Pacheco no final da década de 1930 e início dos anos 1940.

A exposição de Pacheco foi montada próximo à margem do rio Tejo em Lisboa, em Belém. A escolha do local foi intencionalmente simbólica.<sup>113</sup> Aos olhos dos portugueses, a área representava a “Era de Ouro”, quando seu poder marítimo estivera no auge. As obras de construção da exposição demoraram dois anos para ser concluídas e envolveram no pico cerca de 5 mil operários. Sem dúvida preocupado com os custos do projeto, Salazar interessou-se por todos os detalhes do planejamento e da construção, garantindo que tudo ficasse pronto a tempo.

As obras foram temporariamente suspensas por um mês quando estourou a Segunda Guerra Mundial, mas ficou decidido que, apesar da guerra, a exposição deveria seguir em frente. O espaço compreendia uma série de pavilhões dedicados à fundação da nação, às descobertas e à independência em relação à Espanha. Havia também um grande pavilhão dedicado às conquistas do Estado Novo, assim como aos planos para o futuro. Outras partes da exposição destacavam aldeias, costumes e cultura tradicionais portugueses.

Os prédios e monumentos recém-criados visavam refletir a memória das glórias passadas e associá-los às obras e à narrativa

ideológica da ditadura no presente. Simplificando, a intenção era refletir a tentativa de Salazar, e de Ferro, em criar uma versão única da história e associá-la ao moderno, a fim de reforçar uma cultura nacional coletiva baseada nos valores do Estado Novo.<sup>114</sup> A inauguração foi em junho de 1940 e, quando as portas se fecharam, no dia 2 de dezembro de 1940, quase 3 milhões de pessoas haviam visitado o local.<sup>115</sup> Superficialmente, o número parece satisfatório, mas ele mascara o fato de ter havido muito poucos visitantes estrangeiros. Visto que a abertura da exposição coincidiu com o avanço alemão sobre a França, quase nenhum visitante de fora conseguiu vê-la.

Apesar do momento, a cerimônia de abertura da exposição foi um acontecimento suntuoso, com muita pompa e cerimônia. Líderes políticos e religiosos formalmente vestidos passearam pelo local, gozando o clima ameno. Depois do entardecer, houve exibição de fogos de artifício coloridos, que iluminaram os céus sobre grande parte da cidade e do rio. As imagens de Salazar e de várias personalidades importantes passeando pela exposição pareciam quase surreais, já que, naquele mesmo momento, os combates assolavam a França e soldados alemães marchavam em direção à fronteira com a Espanha.

O duque de Kent representou a família real britânica na exposição e fez uma prolongada visita a Lisboa no verão de 1940. Salazar cuidou ele mesmo dos arranjos para a visita do duque a Lisboa, e tanto os britânicos quanto os portugueses viram essa viagem como uma oportunidade para propaganda.<sup>116</sup> Na verdade, os britânicos notaram e noticiaram com entusiasmo elogios portugueses à visita do duque na imprensa local.<sup>117</sup> Embora a visita pouco fizesse para reduzir a crescente tensão nas relações anglo-portuguesas, foi um

lembrete tranquilizador do compromisso da Grã-Bretanha com Portugal, onde foi vista com imenso sucesso.

O guia turístico do duque de Kent pelas várias mostras e monumentos foi um amigo íntimo de Salazar, o banqueiro português, presidente do Banco Espírito Santo (BES), Ricardo Espírito Santo e Silva. Se Salazar era a principal personalidade política portuguesa da época em Lisboa, do mesmo modo Ricardo Espírito Santo era a figura financeira mais importante no mesmo período. Os dois eram amigos e o tom singularmente íntimo das cartas de Espírito Santo para Salazar refletia essa amizade.

Bonito, suave e sempre muito bem-vestido com ternos Savile Row, fluente em várias línguas europeias, Ricardo Espírito Santo representou um importante papel nas negociações entre Portugal e as potências do Eixo durante a guerra. Casado com a filha de uma importante família judia de Gibraltar, tinha construído um campo de golfe para campeonatos em Estoril e ele mesmo era um campeão nacional do esporte. O campo era um dos muitos espaços que ele usava para se misturar às elites portuguesa e internacional. Sabe-se que os britânicos o descreviam como um homem de indubitável habilidade e infinita ambição em esferas sociais e financeiras. Sugeriam ainda que ele era muito dado a todas as diversões da sociedade internacional, que era agradável, inteligente e culto, mas interesseiro acima de tudo. Sua paixão dominante na vida era descrita como ganhar dinheiro.<sup>118</sup>

Na verdade, Espírito Santo era mais do que simplesmente um banqueiro importante. Ele era, até certo ponto, os olhos e ouvidos de Salazar entre as famílias da elite portuguesa, assim como entre diplomatas e nobres estrangeiros, temporariamente (ou permanentemente) baseados na área de Lisboa. Também era conselheiro informal de Salazar em várias questões e isso lhe dava, e

ao seu império nos negócios, um grau de cobertura política que se mostrou útil quando os governos britânico e americano começaram a criticar cada vez mais seus acordos financeiros com os alemães.<sup>119</sup>

O relacionamento profissional e pessoal de Espírito Santo com Salazar foi também, é natural, origem de ciúmes entre muitos outros membros de ricas famílias de industriais e banqueiros em Lisboa. Durante a guerra, na arena econômica, em várias ocasiões Espírito Santo e seu império foram visados por rivais, ansiosos para vê-lo, e a seu banco, na lista negra das empresas que o Ministério de Economia de Guerra (MEW) britânico havia introduzido. A história de Ricardo Espírito Santo e do BES permanece bem no centro da história de Lisboa durante a guerra. Como Salazar, o papel de Espírito Santo na guerra continua muito mal representado e compreendido por muita gente.



O verão de 1940 trouxe a guerra a Lisboa. A tentativa de Salazar de tranquilamente não se meter nela parecia ter falhado. A invasão da França pelos alemães levou seu exército à fronteira da França com a Espanha. Para os lisboetas, aproveitando o clima quente de início de verão para um banho de sol nas praias do Estoril e de Cascais, a guerra havia se tornado um importante tema para conversas. Falava-se muito sobre a operação em Dunquerque e as estoicas virtudes dos britânicos em geral.<sup>120</sup>

Antes da queda da França, era muito difundida a indiferença das classes conversadeiras com relação à guerra. Mas depois houve um sentimento de profunda ansiedade e medo.<sup>121</sup> Entre partes da elite econômica local, havia também a sensação de que se poderia ganhar dinheiro com a guerra, e esse oportunismo era confidencialmente encorajado pelo regime. O jogo duplo se tornaria

bastante institucionalizado durante os anos de conflito na medida em que Lisboa procurava reverter seu lento declínio e estado de decadência. No verão de 1940, Lisboa era uma cidade em profunda transformação: de espectadora passava a centro de atividades e intrigas de guerra.

- 
- 103** David Corkill e José Carlos Pina Almeida, "Commemoration and Propaganda in Salazar's *Portugal: The Mundo Português Exposition of 1940*", *Journal of Contemporary History* 44, n° 3 (2009), p. 381.
- 104** Marina Tavares Dias, *Lisboa nos anos 40: longe de guerra* (Lisboa: Quimera, 2005), p. 47.
- 105** *Ibid.*, p. 28.
- 106** PRO/FO/371/34714/Portuguese Personalities Report, 10 de junho de 1943, p. 11.
- 107** *Ibid.*
- 108** Dias, *Lisboa nos anos 40*, pp. 34-5.
- 109** António de Figueiredo, *Portugal: Fifty Years of Dictatorship* (Londres: Penguin, 1975).
- 110** PT/TT/AOS/CO/IN-8B/1/PVDE Report, Lisboa, 27 de janeiro de 1940, p. 4.
- 111** Figueiredo, *Portugal*, 91.
- 112** PT/TT/AOS/O diário de Salazar/16 de novembro de 1943.
- 113** Corkill e Almeida, "Commemoration and Propaganda", p. 388.
- 114** *Ibid.*
- 115** *Ibid.*, p. 392.
- 116** PRO/FO/371/24488/Selby to Foreign Office, 12 de agosto de 1940.
- 117** *Ibid.*
- 118** PRO/FO/371/34714/Portuguese Personalities Report, 10 de junho de 1943, p. 11.
- 119** *Ibid.*
- 120** David Eccles, *By Safe Hand: The Letters of Sybil and David Eccles, 1939-1942* (Londres: Bodley Head, 1983), pp. 116-17.
- 121** *Ibid.*, p. 99.

## CAPÍTULO 6

# Refugiados de guerra

**D**urante as quentes noites do verão de 1940, as luzes de Lisboa continuavam a brilhar forte, com os cartazes de néon no alto dos prédios anunciando artigos, de vinho do Porto Sandeman a relógios Ômega. No Rossio, filas de carros pretos que permaneciam estacionados por toda a área, e os motoristas de táxi locais não seguiam fazendo bons negócios transportando pessoas dos cafés para suas casas ou hotéis. O Rossio continuava sendo o coração pulsante da cidade. Era a praça por onde passava a maioria das linhas de bondes. Era lá que estava o maior número de cafés, lojas e hotéis de preço razoável. A movimentada Estação Central da cidade ficava localizada na extremidade noroeste da praça e os passageiros saíam das plataformas bem acima do Rossio e desciam passando pelos guichês em direção à praça ao nível da rua. No meio do Rossio, ficava a estátua de d. Pedro IV, erguida em 1870. O monumento tinha 27 metros de altura e dominava a praça. Era o lugar ideal para combinar um encontro com amigos.

Aparentemente, pouco havia mudado no Rossio no verão de 1940 desde o ano anterior. O racionamento ainda não fora introduzido e os balcões de bolos nos vários cafés ainda estavam repletos de uma ampla variedade de deliciosos e doces prazeres. As lindamente imaculadas toalhas brancas continuavam as mesmas, assim como os garçons idosos, levemente rabugentos, alguns parecendo ter passado a vida inteira trabalhando no mesmo café. O grande salão de bilhar e o maior café do Rossio, o Chave D'Ouro, continuava

lotado de gente local jogando em suas nove mesas em tamanho natural. O verão de 1940, entretanto, era muito diferente do anterior.

A primeira mudança notável era o som que saía do café Chave d'Ouro. O tom anasalado da língua portuguesa ainda era presente, mas combinava-se agora com sons de idiomas de toda a Europa. Vozes em inglês, francês, alemão, polonês e até russo podiam ser detectadas. O café-soçaito português, dominado pelos homens, fora substituído por algo bem mais cosmopolita e mais familiar. Os refugiados estrangeiros em geral falavam baixinho, debruçando-se sobre as mesas para o caso de alguém estar escutando suas conversas.<sup>122</sup> Havia boas razões para se falar baixo. A tão temida polícia secreta portuguesa, a PVDE, era responsável pela vigilância aos estrangeiros durante sua estada em Lisboa, e muitos deles estavam sob forte observação pelos seus agentes.

Os refugiados às mesas pareciam e se vestiam completamente diferente dos lisboetas. A maioria dos homens ainda usava terno, mas o corte era invariavelmente diferente dos moradores locais, mais relaxado e um pouco mais frouxo – em geral, influenciado pelos franceses. As mulheres pareciam de uma outra era que não a das mulheres lisboetas, com seu estilo conservador, roupas abotoadas até o pescoço e fora de moda. De calças compridas, as refugiadas ficavam pelos bares antes só frequentados por homens. De noite, costumavam sair sozinhas e sem chapéu, o que na sociedade lisboeta era considerado a marca das prostitutas. Os lisboetas olhavam para os hóspedes indesejados com uma sensação de tristeza e passivo assombro. Embora reservados demais para protestar, estavam profundamente chocados com a intromissão dos refugiados em seus costumes sociais e valores.<sup>123</sup>

Apesar da incerteza do futuro, e das dificuldades que encontravam para chegar até Lisboa, os refugiados traziam um grau de elegância que até então faltara à cidade. Foi nos cafés que o escritor Arthur Koestler, ele mesmo um refugiado em Lisboa por sete semanas, encontraria inspiração para seu livro *Arrival and Departure*, no qual se refere à cidade não pelo nome, mas pelo termo “Neutrialia”. Como notou Koestler, os refugiados eram criaturas de hábitos, sempre frequentando os mesmos cafés e sempre fazendo os mesmos passeios.<sup>124</sup> Apesar de relativamente grande, o centro de Lisboa era muito compacto, apertado entre montanhas de um lado e do outro, com pouca oportunidade para expansão natural. Embora os estrangeiros com frequência se esbarrassem nos cafés ou nos consulados britânico ou americano, havia pouco contato direto entre os lisboetas e os novos residentes estrangeiros temporários da cidade.

Muitos dos milhares de refugiados que chegaram a Lisboa durante o longo e quente verão de 1940 haviam fugido de Paris e viajado para o Sul da França, atravessando depois a Espanha e entrando em Portugal. Segundo Arthur Koestler,

Lisboa era o gargalo da Europa, a última porteira aberta de um campo de concentração que se estendia sobre a maior parte da superfície do continente. Observando essa interminável procissão, percebia-se que o catálogo de possíveis razões para perseguição sob a Nova Ordem era muito mais extenso do que até um especialista podia imaginar; de fato, cobria todo o alfabeto, desde austríacos monarquistas até sionistas judeus. Cada nação, religião e partido europeu estavam representados nessa procissão, inclusive alemães nazistas de facção contrária e fascistas italianos em desgraça.<sup>125</sup>



Dos refugiados originais, a maioria era de judeus que procurava recolher a documentação necessária, complexa e relevante para chegar à América ou à Palestina. Muitos refugiados judeus eram ricos ex-moradores de Paris e arredores, que usavam seus fundos da melhor maneira possível para garantir passagem para fora da Europa. Outros refugiados não estavam tão bem financeiramente e precisavam de ajuda das autoridades portuguesas ou britânicas. O que quase todos os refugiados tinham em comum era a espera. Nada acontecia rapidamente em Lisboa.

Tanto o consulado americano quanto o britânico estavam inicialmente com grande escassez de funcionários para lidar com o influxo. A conclusão da papelada e o recolhimento dos selos corretos nos passaportes, tudo isso tomava tempo. Além do mais, era preciso organizar a continuação da viagem e garantir recursos para pagar as passagens – em geral em dinheiro, ou, para os que tinham sorte, com fundos enviados pela família ou patronos no exterior. Entre os refugiados, estavam os ricos, os famosos e os nobres. Por algumas difíceis semanas ou meses, todos tiveram de experimentar as incertezas da vida em Lisboa.



A crise de refugiados que tomou conta de Lisboa durante o verão de 1940 foi, em parte, causada pelos atos de um homem, Aristides de Souza Mendes, o cônsul português em Bordeaux. Como Salazar, Aristides de Souza Mendes formara-se em direito na Universidade de Coimbra. Souza Mendes, entretanto, vinha de um estrato social nitidamente superior ao de Salazar. Era filho de um juiz muito respeitado de Beira e considerado como de uma família moderadamente aristocrática.<sup>126</sup> Gozou de uma carreira diplomática de nível relativamente inferior, durante a qual teve vários atritos com

as autoridades. Na verdade, sua carreira até aquele momento havia sido bastante obscurecida pela de seu irmão gêmeo, César, um embaixador graduado que havia servido, por um breve período, como ministro das Relações Exteriores de Salazar. César também estudara direito na Universidade de Coimbra e os dois irmãos gêmeos formaram-se antes de ambos decidirem escolher o caminho do serviço diplomático.

Em junho de 1940, milhares de refugiados haviam se reunido em Bordeaux na esperança de fugir do avanço alemão pela França. Com a queda de Paris, Bordeaux tornara-se temporariamente a capital francesa. Foi de Bordeaux que, na manhã do dia 17 de junho de 1940, Charles de Gaulle embarcou num pequeno aeroplano e deixou o país, “carregando a honra da França”,<sup>127</sup> como disse Winston Churchill. Em seu gabinete apertado no primeiro andar de um prédio no Quai Louis XVIII, Aristides de Souza Mendes trabalhava dias a fio até altas horas da noite emitindo vistos de trânsito para refugiados que haviam precisado permanecer na França, aguardando a vez de pleitear sua causa.

Nos meados de junho, a situação era caótica, com soldados impondo disciplina e ordem a filas de pessoas cada vez mais desesperadas. Segundo seu sobrinho, Souza Mendes adoeceu, exausto, e teve que se deitar.<sup>128</sup> Àquela altura, ele considerou o que fazer, se deveria reforçar os rígidos critérios impostos por Salazar e pelo Ministério das Relações Exteriores no que dizia respeito a quem teria permissão para entrar em Portugal. No final, decidiu emitir vistos para todos, sem distinção de nacionalidade, raça ou religião. Isso ia contra a política que Lisboa vinha tentando cuidadosamente reforçar, com o objetivo específico de tentar impedir os judeus de fugirem dos alemães por Portugal.

No ano anterior, no dia 13 de novembro de 1939, Aristides de Souza Mendes, como todos os outros cónsules portugueses no mundo inteiro, recebera uma circular do Ministério das Relações Exteriores português. Conhecida como Circular 14, pela primeira vez ela introduzia um critério racial ou religioso para a questão da imigração temporária para Portugal. A Circular 14 instruía os cónsules no sentido de que qualquer indivíduo sem nacionalidade ou judeu teria que ter seu caso encaminhado diretamente ao Ministério das Relações Exteriores português.<sup>129</sup>

Souza Mendes percebeu que esse novo processo teria sido difícil de implementar mesmo em condições mais favoráveis e, tendo em vista a situação na Europa em 1940, favorecia atrasos impossíveis.<sup>130</sup> Ele também se deu conta de que o ministério estava recusando quase todos os pedidos de visto de entrada de judeus em Portugal. Souza Mendes não estava cego para o perigo que os judeus corriam em Bordeaux. O cónsul e sua equipe de ajudantes (inclusive um rabino) compreendiam que, se os judeus não conseguissem sair de Bordeaux a tempo, eram grandes as chances de serem deportados para um campo de concentração.

A Circular 14 não surgiu do nada. Durante toda a década de 1930, a ditadura fizera esforços para erguer barreiras a qualquer refugiado que estivesse em Portugal. A atitude, é claro, não era exclusiva de Portugal, mas com os meios econômicos bastante limitados do país foi vista como necessária. Refugiados que conseguiram entrar em Portugal naquela época não costumavam ser maltratados; faziam-se esforços para abrigá-los em áreas turísticas afastadas de Lisboa. Mas o país não podia, sem ajuda externa, fazer muita coisa. Simplificando, durante esse período foram basicamente restrições econômicas e não ideologias políticas que fizeram os portugueses relatarem em aceitar mais refugiados. Quem conseguia entrar em

geral não tinha permissão para ingressar no mercado de trabalho, nem podia reivindicar os míseros benefícios do Estado disponíveis aos cidadãos portugueses.

Estimativas iniciais calculam em torno de 30 mil o número de vistos assinados por Souza Mendes. Com base nesses cálculos, Souza Mendes ficou conhecido como a versão portuguesa de Raoul Wallenberg, que salvou cerca de 100 mil judeus na Hungria, entre 1944 e 1945, antes de ser capturado e preso pelos soviéticos. Por diversas razões, entretanto, a comparação não é lá muito válida.<sup>131</sup> O número de 30 mil refugiados que se considera terem sido salvos por Souza Mendes aparece citado amplamente, tanto em fontes jornalísticas quanto acadêmicas.<sup>132</sup>

O verdadeiro número, entretanto, foi bem menor. O relatório da polícia secreta portuguesa, a PVDE, responsável pelo controle das fronteiras de Portugal, calcula assim o total de refugiados de toda a Europa em 1940: entrada por terra, 30.854; por mar, 6.843, e por ar, 5.843, somando 43.540. A PVDE também registrou os números de partidas: por terra, 13.991; por mar, 17.452, e por ar, 5.136, totalizando 36.576. Permaneceram no país 6.961.<sup>133</sup> Segundo os registros do consulado em Bordeaux, o número de vistos concedidos por Souza Mendes entre 1º de janeiro e 22 de junho (quando foi chamado a Lisboa) foi de 2.862. A grande maioria desses vistos (1.575) foi concedida entre 11 de junho e 22 de junho.<sup>134</sup>

Em termos do número de judeus nesse grupo, está claro que, segundo estimativas oficiais de grupos de resgate judeus operando na cidade, na segunda metade de 1940, cerca de 1.500 judeus que haviam chegado a Portugal sem vistos de saída partiram de Lisboa.<sup>135</sup> Precisamos acrescentar a esse número aqueles judeus que não dependiam de grupos de resgate operando na cidade e, portanto, não foram registrados. Mesmo levando-se em conta esse

grupo, existe um grande abismo entre a realidade do verdadeiro número de pessoas salvas por Souza Mendes e o mito dos 30 mil. A maioria dos refugiados que escapou da França e atravessou a Espanha até Portugal, durante o verão de 1940, nitidamente o fez como resultado do trabalho de Souza Mendes, mas o número é bem menor.

Seria mais prudente, embora um pouco cínico, considerar Souza Mendes como um “Wallenberg Light” em vez de falar dele no mesmo contexto do diplomata sueco. Independentemente disso, existem hoje ruas, tanto em Lisboa (e na costa de Lisboa) quanto em Tel Aviv, Israel, com o nome do ex-cônsul português em Bordeaux. A confirmação da importância dada pelos portugueses a Souza Mendes chegou a 2007 na forma da rádio nacional portuguesa RTP, e seu programa *Os Grandes Portugueses*, que se baseou na série da BBC *The Great Briton*. Aristides de Souza Mendes foi votado o terceiro maior português de todos os tempos.

---

**122** Arthur Koestler, *Arrival and Departure* (Londres: Penguin, 1971), p. 15.

**123** “Lisbon: Europe’s Bottleneck”, *Life Magazine*, 28 de abril de 1941, p. 84.

**124** Koestler, *Arrival and Departure*, p. 19.

**125** Arthur Koestler, *Scum of the Earth* (Londres: Eland, 2006), p. 242.

**126** Douglas Wheeler, “And Who Is My Neighbour? A World War II Hero of Conscience for Portugal”, *Luso-Brazilian Review* 26, nº 1 (verão de 1989), p. 120.

**127** Winston Churchill, *The Second World War: vol. 2, Their Finest Hour* (Londres: Folio Society, 2000), p. 174.

**128** Avraham Milgram, “Portugal, the Consuls, and the Jewish Refugees, 1938-1941”, *Yad Vashem Studies XXVII* (Jerusalém, 1999), pp. 123-56.

**129** Jose Alain Fralon, *A Good Man in Evil Times: The Story of Aristides de Sousa Mendes – the Man Who Saved the Lives of Countless Refugees in World War II* (Nova York: Carroll and Graf, 2001), pp. 55-6.

**130** Ibid.

**131** Wheeler, “And Who Is My Neighbour”, p. 120.

**132** Para um resumo do desenvolvimento do número 30 mil, ver Milgram, “Portugal, the Consuls, and the Jewish Refugees, 1938-1941”. Milgram cita como a fonte original desse número um artigo de Harry Ezratty no qual afirmava que Sousa Mendes havia salvado a

vida de 30 mil refugiados, dos quais 10 mil eram judeus. "The Portuguese Consul and the 10,000 Jews", *Jewish Life* (setembro-outubro de 1964), pp. 17-9.

**133** PT/TT/AOS/CO/IN-8C/5/PVDE Report on Movements of Foreigners on Portugal's Borders for 1940.

**134** Milgram, "Portugal, the Consuls, and the Jewish Refugees", p. 144.

**135** Número citado de *ibid.*

## CAPÍTULO 7

### Aposentados, exilados

**S** seja qual fosse o número final de refugiados, Salazar estava furioso com Souza Mendes por sua insubordinação. Salazar ordenou a chamada imediata do cônsul de volta a Lisboa, onde procedimentos disciplinares logo foram movidos contra ele. A raiva de Salazar baseava-se em dois pontos: a insubordinação em si e o momento das ações de Souza Mendes. Do ponto de vista de Salazar, a primeira razão não era difícil de compreender. Souza Mendes havia trabalhado independentemente do Ministério das Relações Exteriores português, e não se poderia esquecer que Salazar era o ministro no cargo. Nitidamente, ele não havia seguido as regras para concessão de vistos conforme o esboçado na Circular 14 e seus atos tiveram enorme repercussão para Lisboa, que teria de abrigar os refugiados antes que saíssem do país no limitado número de embarcações que se poderia arranjar.

Quando muitos dos refugiados chegaram a Lisboa, suas finanças reduzidas já haviam sido esgotadas para pagar transporte, hotéis e encargos burocráticos. Em resumo, apesar de muitos deles se originarem de famílias de classe média, quando chegavam ao fim da linha restava pouco ou nada para sustentar a eles e a suas famílias em Lisboa, uma cidade já repleta de gente pobre com a qual mal podia lidar.

O momento da decisão unilateral de Souza Mendes em emitir vistos não poderia ter sido pior para Salazar e para sua cuidadosamente planejada tentativa de preservar a neutralidade

portuguesa. Salazar acreditava que, para atingir a sua principal meta política, precisava manter sozinho e pessoalmente o controle sobre todas as áreas e aspectos da política exterior.<sup>136</sup> Na verdade, as ações do cônsul levavam diretamente a um grande aumento das tensões diplomáticas entre Lisboa e Madri num momento crítico da guerra. Com o Exército alemão na fronteira da França com a Espanha, era grande a pressão sobre o general Franco para entrar na guerra ao lado do Eixo.

As ações de Souza Mendes fizeram os espanhóis fecharem a fronteira com a França. Um oficial espanhol sugeriu que os alemães poderiam ir atrás dos refugiados, entrando na Espanha e em Portugal. A cuidadosa estratégia de Salazar e dos britânicos tentando induzir Franco econômica e politicamente a ficar fora da guerra estava, aos olhos de Salazar, ameaçada pelas ações de um único diplomata agindo por conta própria. O embaixador português na Espanha, Pedro Teotónio Pereira, relatou a Salazar que a situação na fronteira era realmente angustiante, e não se sabia ao certo se os alemães forçariam a Espanha a entrar na guerra. O embaixador também falava do extremo nervosismo de Sir Samuel Hoare, o embaixador britânico na Espanha.<sup>137</sup> Na verdade, o cenário na fronteira era caótico.

Em sua descrição da queda da França, Arthur Koestler fez uma crônica dramática da confusão, do medo, dos rumores e contrarrumores que circulavam na época do colapso final do país.<sup>138</sup> Muitos refugiados judeus que conseguiram entrar na Espanha foram apanhados na fronteira com Portugal, em Vilar Formoso, pela PVDE. No final, com a intervenção de grupos de resgate e do chefe da pequena comunidade judaica permanente de Lisboa, Moses Amzalak, a maioria pôde entrar no país e seguir para Lisboa.



Amzalak era amigo e aliado político de Salazar e sua intervenção foi importantíssima.

No dia 2 de junho de 1940, Salazar ordenou que Souza Mendes voltasse imediatamente para Lisboa<sup>139</sup> e, no dia 4 de julho de 1940, ordenou formalmente que se iniciasse um processo disciplinar contra ele.<sup>140</sup> O inquérito foi liderado pelo Ministério das Relações Exteriores.

As evidências contra Souza Mendes eram complexas e baseadas em vários fatores. Em janeiro de 1940, enquanto servia em Bordeaux, ele fora alertado sobre sua conduta, concedendo vistos a estrangeiros contra os regulamentos emitidos por Lisboa. Mas a gota-d'água para Salazar possivelmente aconteceu na forma de um protesto por escrito da embaixada britânica em Lisboa, queixando-se de uma suposta taxa especial cobrada pelo cônsul português em Bordeaux em nome de obras de caridade. Mais especificamente, Walford Selby foi instruído pelo Ministério das Relações Exteriores em Londres a queixar-se formalmente com os portugueses sobre as horas de funcionamento ampliadas do consulado português em Bordeaux e que os pedidos de vistos sofriam a cobrança de uma taxa especial. Selby seguia sugerindo que, pelo menos em uma ocasião, foi pedido a um solicitante que contribuísse para um fundo de caridade português antes de assinar o pedido de visto.<sup>141</sup>

Além de todas essas alegações, mais exemplos históricos de Souza Mendes metendo-se em confusão foram relatados em outros lugares, notadamente sobre um caso envolvendo contribuição para uma obra de caridade quando ele servira em São Francisco, em 1923.<sup>142</sup> O fato de Souza Mendes ter família grande para sustentar era um fator levantado em algumas das suspeitas contra ele. Com 14 filhos, muitos ainda morando em casa em 1940, fazer o dinheiro

chegar até o final do mês não devia ser fácil com sua faixa de salário diplomático relativamente baixa.

A audiência disciplinar de Souza Mendes se deu no início de agosto de 1940 e durou até os meados de outubro. Havia 15 alegações contra ele. Dois outros diplomatas, o conde de Tovar e Paulo Brito, lideravam o conselho disciplinar formal. Durante a audiência, Souza Mendes defendeu-se, rejeitando as acusações. Ele argumentou que as acusações britânicas eram infundadas.

Quanto às acusações de cobrança de taxas extras, ele sugeriu que isso poderia ter se originado do testemunho de um informante na embaixada britânica. Souza Mendes lembrou que ele tinha permissão para receber uma “indenização pessoal” de cada serviço prestado fora das horas de expediente, mas jamais requisitara nada disso, exceto uma vez. Ele admitiu ter pedido a Robert Rothschild a indenização apenas porque era domingo e Rothschild se recusara a esperar até segunda-feira para conseguir o visto.<sup>143</sup> Com relação às taxas, ele especulou que a acusação talvez tivesse se originado de uma mulher que falava inglês e teve que aguardar por seu visto no consulado. Ela se cansara de esperar, discutira com os funcionários e declarara que apresentaria queixa.<sup>144</sup>

Souza Mendes explicou que agira por preocupação humanitária porque, caso os refugiados tivessem caído nas mãos dos alemães, correriam perigo mortal. Também citou o contexto histórico, argumentando que tentava reparar o dano à imagem de Portugal causado pela Inquisição. Com muita habilidade, ele observou que Portugal se beneficiava em termos políticos com suas ações.<sup>145</sup> Em outras palavras, a imagem dos refugiados em Lisboa e as novas histórias em torno das dificuldades pelas quais estavam passando colocavam Portugal, e Salazar, sob uma luz muito favorável.

No final, o presidente Paulo Brito decretou que, devido à situação extrema em Bordeaux à época, Souza Mendes devia ser suspenso do serviço diplomático por 30 a 180 dias, sem remuneração. O conde de Tovar queria que Souza Mendes fosse rebaixado um nível no serviço diplomático. O segredo da decisão, entretanto, era que o presidente Paulo Brito resolvera enviar o julgamento final sobre o caso para Salazar.<sup>146</sup> Após a devida consideração, Salazar decretou, no dia 30 de outubro: "Condeno o cônsul de primeira classe Aristides de Souza Mendes à pena de um ano de inatividade com direito a 50% do salário de seu nível; depois disso, ele será obrigado a se aposentar do serviço."<sup>147</sup> Com essas palavras, a carreira diplomática de Souza Mendes estava encerrada.

Apesar de uma série de apelos legais de Souza Mendes, a decisão não foi revogada. No final, Souza Mendes apelou pessoalmente a Salazar. Numa carta, datada de 2 de abril de 1941, ele alegou pobreza. Seu salário de cônsul de primeira classe era de 600 escudos e ele tinha mulher e 14 filhos para sustentar. Ele seguiu lembrando a Salazar que os refugiados em Portugal tinham sido tratados com carinho e afeto e que isso dera origem a muitos elogios tanto em nível nacional quanto no exterior. As pessoas, acrescentava ele, haviam visto a atitude do povo português como um grande exemplo de virtude cristã. Ele apelava ao espírito cristão em Salazar e em nome de seus 30 anos de serviço. Finalmente, implorou a Salazar para não arruinar sua família.<sup>148</sup> Salazar, entretanto, não se abalou.

Não houve mais nenhuma correspondência formal entre Salazar e a família Souza Mendes até dois dias após a morte do cônsul, em 3 de abril de 1954, quando Salazar mandou um cartão à família com apenas duas palavras: "Minhas condolências."<sup>149</sup> Os últimos anos de vida de Souza Mendes haviam sido muito difíceis. Vivendo doente e

na pobreza, seus parentes afirmam que ele jamais se arrependeu de haver emitido os vistos.<sup>150</sup> Boa parte de seu tempo foi usada tentando, sem sucesso, limpar seu nome. Sua esperança era de que, com o final da guerra, em 1945, seu caso fosse reconsiderado, mas Salazar resistiu a todos os pedidos de perdão ou de redução da sentença.

Em Portugal, existem duas teorias para a punição ter sido tão dura e não ter sido subsequentemente reduzida ou revogada. A primeira gira em torno das lutas internas pelo poder e intrigas no Ministério das Relações Exteriores, envolvendo o irmão gêmeo de Aristides e o secretário-geral do ministério, Luís Teixeira de Sampaio (a segunda pessoa mais influente nas Relações Exteriores depois do Salazar). Essa teoria argumenta que o tratamento de Aristides Souza Mendes foi, no mínimo, devido a fatores que fugiram a seu controle.<sup>151</sup> A segunda, e a mais aceita, é que ele foi tratado com rigidez em consequência de seus atos, concedendo vistos a refugiados judeus depois da queda da França.

Pela forma como tratou Souza Mendes, a atitude de Salazar com relação aos judeus parece encaixar-se com a de líderes de outros países europeus não democráticos. Superficialmente, a acusação parece se confirmar com o tratamento dado a outros cônsules portugueses que tentaram, em menor escala, desobedecê-lo nessa questão. O destino do embaixador português em Berlim, Alberto da Veiga Simões, chamado a Portugal e substituído pelo conde de Tovar, mais pró-germânico, depois da queda da França, acrescenta mais lenha à fogueira.

Veiga Simões tinha uma longa história de antinazismo. Mais especificamente, ele argumentava que as políticas nazistas podiam criar uma situação ruim para Portugal se o país tivesse repentinamente que acomodar uma onda de judeus tentando entrar

por falta de outros destinos. Além do mais, esses refugiados poderiam tentar permanecer em Portugal devido à falta de recursos para seguirem para outros lugares. Ele argumentou para Salazar que isso devia ser evitado e propôs uma série de medidas para tentar controlar o problema, no centro do qual havia cônsules detendo o poder exclusivo de emitir vistos (contrariando as instruções da Circular 14). O embaixador foi mais adiante, tentando ajudar grupos de judeus, a quem ele determinava como importantes, a entrarem em Portugal contra os desejos da PVDE. Apesar de alertado sobre suas ações, ele continuou intervindo quando surgiam “casos especiais”.<sup>152</sup>

As cartas e relatórios de Veiga Simões a partir de 1938 esclarecem dois pontos importantes.<sup>153</sup> O embaixador sabia, desde um estágio relativamente inicial, dos métodos nazistas para lidar com os judeus e o que isso significava em termos práticos. Mais importante de tudo, Salazar, que em todos os aspectos da política exterior dedicava um tempo a ler e estudar esses despachos, também sabia desde o início dos perigos e riscos a que estavam expostos os judeus dos países da Europa que viviam sob o governo nazista.

Na verdade, durante toda a guerra, Salazar manteve-se informado pela embaixada portuguesa em Berlim sobre os métodos nazistas para tratar judeus. Em 1941, a embaixada fez uma análise detalhada da questão no contexto de diferenças entre Portugal e Alemanha no tratamento das religiões.<sup>154</sup> Não obstante, Salazar foi implacável tanto em sua determinação de fazer cumprir a Circular 14, como em seus pronunciamentos sobre o destino dos judeus da Alemanha: para Salazar, o problema era um assunto interno dos alemães e só até aí ele iria em seus comentários em público.

---

- 136** Filipe Ribeiro de Meneses, *Salazar: A Political Biography* (Nova York: Enigma Books, 2009), p. 240.
- 137** De Pereira a Salazar, 20 de junho de 1940, *Correspondência de Pedro Teotónio Pereira para Salazar: vol. 2, 1940-1941* (Lisboa: Presidência do Conselho de Ministros, Comissão do Livro Negro sobre o Regime Fascista, 1989), pp. 48-9
- 138** Arthur Koestler, *Scum of the Earth* (Londres: Eland, 2006), pp. 184-94.
- 139** Rui Afonso, *Aristides de Sousa Mendes: um homem bom* (Lisboa: Texto, 2009), p. 179.
- 140** Para cópia do documento, ver Miriam Assor, *Aristides de Sousa Mendes: um justo contra a corrente* (Lisboa: Guerra e Paz, 2009), p. 99.
- 141** De Selby ao ministro das Relações Exteriores. Lisboa, 20 de junho de 1940, em Avraham Milgrim, *Portugal, Salazar e os Judeus* (Lisboa: Gradiva, 2010), p. 102.
- 142** Avraham Milgram, "Portugal, the Consuls, and the Jewish Refugees, 1938-1941", *Yad Vashem* 27 (Jerusalém, 1999), p. 147.
- 143** Jose Alain Fralon, *A Good Man in Evil Times: The Story of Aristides de Sousa Mendes – the Man Who Saved the Lives of Countless Refugees in World War II* (Nova York: Carroll and Graf, 2001), pp. 110-11.
- 144** *Ibid.*, p. 111.
- 145** Meneses, *Salazar*, p. 239.
- 146** Douglas Wheeler, "And Who Is My Neighbour? A World War II Hero of Conscience for Portugal", *Luso-Brazilian Review* 26, nº 1 (verão de 1989), p. 127.
- 147** Para documentos, ver Assor, *Aristides de Sousa Mendes*, p. 117.
- 148** PT/TT/AOS/CP/178/Carta de Aristides de Sousa Mendes para Salazar, 2 de abril de 1941.
- 149** Fralon, *A Good Man in Evil Times*, p. 144.
- 150** Wheeler, "And Who Is My Neighbour", p. 130.
- 151** Para uma elaboração dessa teoria, ver a obra anterior de Rui Afonso.
- 152** Irene Flunser Pimentel, *Judeus em Portugal durante a II Guerra Mundial: em fuga de Hitler e do Holocausto* (Lisboa: A Esfera dos Livros, 2006), p. 82.
- 153** PTATT/AOS/CO/NE-4/Da Embaixada de Portugal em Berlim para UFA. Lisboa.
- 154** PT/TT/AOS/CO/NE-4//Report on "The New Order", by Portuguese Delegation in Berlin, 15 de novembro de 1941.

## CAPÍTULO 8

### A questão judaica

Sentado em seu frio gabinete, com frequência trabalhando sozinho, o tratamento que Salazar dispensava aos cônsules e embaixadores portugueses estava muito de acordo com sua atitude de não aceitar qualquer forma de dissidência de dentro do regime. Até certo ponto, ele acreditava que o serviço diplomático não havia sido devidamente purgado de fidelidades republicanas sobreviventes. Certamente parte de sua equipe não devia sua original posição a Salazar. No âmago da questão, entretanto, estava a política macro de preservação da neutralidade de Portugal, de Salazar. A busca implacável dessa meta política central, à custa de tudo o mais, obscurecia vários pontos importantes sobre Salazar e sobre como ele tratava os judeus.

Sua aparente indiferença à difícil situação dos judeus que viviam sob o controle do Terceiro Reich, e sua política ativa de tentar impedir refugiados judeus de entrarem em Portugal pareceria colocá-lo ao lado do general Franco, da Espanha, em hostil antissemitismo.<sup>155</sup> Além disso, sua perseguição aos portugueses que agiam por causas humanitárias para ajudar judeus a fugirem dos horrores da Europa é difícil de compreender. Os britânicos, entretanto, notavam que não havia nenhum violento sentimento antissemita em Lisboa, embora reconhecessem que os judeus nunca haviam sido populares em Portugal;<sup>156</sup> em geral, o regime não tratava mal aqueles que conseguiam entrar em Lisboa.

Salazar permitia que agências de ajuda aos judeus montassem escritórios em Lisboa e em geral operassem com pouca interferência das autoridades portuguesas. Inicialmente, isso foi feito contra os desejos da embaixada britânica em Lisboa, que argumentava que os alemães explorariam esse movimento como uma oportunidade para ajudar a afastar da causa aliada as simpatias da população local.<sup>157</sup> Uma vez tendo Salazar decidido permitir que grupos judeus trabalhassem em Lisboa, seus oficiais passaram a cooperar com eles e com embaixadas locais, no sentido de melhor lidar com a crise humanitária.

Mesmo em épocas de grande pressão durante a guerra, quando os alemães ameaçavam Portugal, Salazar não introduziu novas medidas draconianas contra os judeus de Lisboa. Quando ficou claro que muitos deles não conseguiriam partir da cidade durante algum tempo por falta de dinheiro ou por não haver lugar suficiente nos navios, ele ordenou que fossem enviados para acampamentos em áreas turísticas. Tais cidades, como Ericeira, a noroeste de Lisboa, tinham espaço de sobra devido à queda no movimento de turistas. As condições estavam longe de ser perfeitas, o que se devia mais a razões econômicas do que por alguma hostilidade ideológica com relação a refugiados judeus.

Para muita gente, esses atos positivos não bastam para absolver Salazar das fortes críticas à sua política com relação aos judeus. Mas a realidade é que, mesmo que ele tivesse se declarado publicamente com ênfase durante a guerra contra o tratamento dado aos judeus pelos nazistas, há poucas evidências sugerindo que isso faria alguma diferença em seu sofrimento. O argumento de Salazar contra esse procedimento era simples: Portugal devia proteger sua independência antes de tudo, nada era mais importante. Esse distanciamento do sofrimento e do horror da guerra irritou muita



gente, inclusive o secretário das Relações Exteriores britânico, Anthony Eden, que opinou severamente que Salazar estava se tornando muito desligado da guerra e de suas realidades.

No entanto, para os judeus sentados nos cafés ao redor do Rossio, fazendo suas aparentemente diárias excursões a seus respectivos consulados, e para os escritórios de grupos de resgate baseados na cidade, Lisboa era um lugar mais ou menos seguro. Havia um número muito pequeno de casos de ativistas conhecidos desaparecendo das ruas. Em um caso notório, um importante jornalista antinazista e figura de oposição de origem judaica foi preso numa rua de Lisboa por agentes da PVDE e entregue à Gestapo.<sup>158</sup> Entretanto, foi um exemplo excepcional. O que causava igual medo aos refugiados eram os boatos que circulavam por Lisboa à época, em torno do suposto sentimento pró-germânico da polícia secreta portuguesa e sobre a possibilidade de uma operação militar alemã contra Portugal. Além de tudo isso, havia um nítido aumento da presença de agentes secretos alemães operando na cidade, recrutando, em geral por meios financeiros, pessoas da região para espionar as atividades dos refugiados.



A polícia secreta portuguesa, a PVDE, era responsável pelos refugiados (judeus e não judeus), desde sua chegada ao país até o momento de sua partida. Era muito temida tanto pela população local quanto pelos refugiados. Faziam-se comparações entre a PVDE e a Gestapo alemã, e em muitos relatórios oficiais e relatos da guerra era vista como sendo, do ponto de vista institucional, predominantemente mais a favor do Eixo do que dos aliados.<sup>159</sup> Ambas as afirmações permanecem longe da verdade. Realmente,

durante a Segunda Guerra Mundial, a PVDE tinha uma grande semelhança com a M15 britânica em termos de organização.<sup>160</sup>

Em outubro de 1940, a embaixada britânica em Lisboa queixou-se formalmente a respeito da PVDE, afirmando não haver dúvida alguma de que a organização estava nas mãos dos alemães e que havia muita discriminação contra os britânicos. E seguia sugerindo que os alemães tinham sido muito espertos e que muitos dos oficiais da PVDE haviam recebido treinamento em Berlim e Roma.<sup>161</sup> O Ministério das Relações Exteriores subsequente levantou a questão com o embaixador português em Londres, Armindo Monteiro, que argumentou que o comandante da PVDE não tinha tendências pró-germânicas, mas também admitiu que alguns oficiais menos graduados eram realmente a favor dos alemães.<sup>162</sup> O problema eram as dificuldades que súditos britânicos estavam relatando em obter vistos para viajar para Lisboa. O Ministério das Relações Exteriores português notou que a PVDE havia assumido parte da responsabilidade pelos vistos e estava um tanto atolada pelo grande número de refugiados entrando no país devido ao colapso da França.<sup>163</sup> Havia uma certa quantidade de posturas políticas sobre as reivindicações britânicas.

No final de 1940, a equipe de funcionários da embaixada britânica em Lisboa havia criado fama de serem "queixosos crônicos" quando se tratava de saber se organizações locais eram a favor dos britânicos ou dos alemães. O que as queixas revelavam era a falta de informações confiáveis, de boa qualidade, que os britânicos tinham sobre a PVDE. Isso foi retificado logo depois, conforme mais agentes britânicos chegaram a Lisboa e ajudaram a desenvolver uma compreensão mais clara e detalhada da organização e para onde realmente se voltavam as simpatias políticas de cada um de seus oficiais graduados. Para os refugiados vagando por Lisboa, muitas

vezes seguidos por agentes da PVDE ou vigiados por informantes locais, a polícia secreta era extremamente intimidante.

Os britânicos não desistiram da PVDE. Simplesmente mudaram de tática. Em vez de queixas, que no caso do Ministério das Relações Exteriores sempre caíam em ouvidos moucos, decidiram oferecer aos oficiais da PVDE contraincentivos que iguallassem ou fossem melhores dos que os dos alemães.<sup>164</sup> Em janeiro de 1941, os agentes britânicos tentaram subornar três importantes oficiais da PVDE com 10 mil libras.<sup>165</sup> A crença era a de que muitos desses oficiais estavam na folha de pagamentos alemã. A confirmação parecia vir do grande número de alemães recebendo vistos de entrada em Lisboa com o consentimento da PVDE. O Ministério das Relações Exteriores esperava limitar o número de vistos emitidos para os alemães e usar a PVDE para atrapalhar-lhes os movimentos enquanto estivessem na cidade. Achavam que esse seria um meio eficaz para bloquear a influência alemã. A tentativa falhou, mas os britânicos continuaram com o plano.<sup>166</sup> Ficou decidido que 10 mil libras não eram incentivo suficiente. No dia 26 de abril de 1941, foi feita a requisição para um adicional de 90 mil libras, que se pensou ser uma quantia mais realista para o “pote de incentivos”.<sup>167</sup>

O esquema acabou sendo arruinado pelo embaixador britânico em Lisboa, que achou que sua ofensiva de sedução unilateral estava tendo algum sucesso nas relações com a PVDE.<sup>168</sup> A embaixada argumentou que o chefe da PVDE não estava à venda, que qualquer tentativa de incriminá-lo com falsas evidências seria imprudência, e que seria um desastre que fossem descobertos. Como o embaixador resumiu, o resultado não justificaria o esforço.<sup>169</sup>

No final, apesar das diferenças entre a embaixada em Lisboa e o SOE (Executivo de Operações Especiais), ficou acordado que se devia fazer um convite ao capitão Lourenço para visitar Londres,

onde pessoas importantes o cumulariam de atenções.<sup>170</sup> Isso foi acertado em 29 de outubro de 1941.<sup>171</sup> A princípio, o português aceitou o convite, mas nenhuma data foi marcada para a visita devido a compromissos de Lourenço em Lisboa. O embaixador sentiu que o convite havia lisonjeado Salazar e que já alcançara seu objetivo.<sup>172</sup>



Os alemães tinham suas próprias iscas: decidiram que, se alguns dos oficiais mais graduados da PVDE não podiam ser tentados apenas com incentivos financeiros, seriam oferecidas medalhas como parte de uma ofensiva de sedução. O embaixador alemão em Lisboa recomendou que três oficiais graduados da PVDE recebessem a comenda "Adler", em reconhecimento por seus serviços ajudando na repatriação de 320 oficiais consulares alemães dos Estados Unidos de volta para a Alemanha. Os três oficiais chamavam-se Paulo Cumano, José Ernesto e Agostinho Lourenço.<sup>173</sup>

Mostrando seus verdadeiros motivos, o embaixador seguiu recomendando ao Ministério das Relações Exteriores em Berlim que essas condecorações fossem concedidas rapidamente, pois soubera que os britânicos também estavam pensando em premiá-los. Ele argumentou que o prêmio britânico não seria por serviços prestados, mas para preparar caminho a serviços a serem prestados no futuro. Seria possível provar que também era esse exatamente o motivo dos alemães. No dia 14 de fevereiro de 1942, depois de um atraso de seis meses, os portugueses responderam, por intermédio do Ministério das Relações Exteriores. O ministério consentia que os três oficiais aceitassem o prêmio, mas pedia que não se fizesse estardalhaço em torno disso e que, principalmente, o assunto não deveria ser noticiado na imprensa.<sup>174</sup>

Então, a PVDE foi conquistada pelos alemães ou pelos britânicos? Ou por nenhum dos dois? O capitão Agostinho Lourenço, chefe da PVDE, dá uma pista para a resposta. Lourenço havia lutado do lado dos britânicos durante a Primeira Guerra Mundial, na França, e era a mão direita de Salazar na área de segurança. A lealdade da PVDE era muito dedicada ao Estado Novo e a Salazar, a quem se esforçavam para manter no poder.<sup>175</sup> Seus subordinados sempre se dirigiam ao capitão Lourenço como o diretor.<sup>176</sup>

Como seu bom amigo Salazar, Lourenço era um rígido disciplinador e muito trabalhador. Concordara em assumir e remodelar a polícia secreta, sob a condição de ter liberdade, sem qualquer interferência de nenhuma outra autoridade portuguesa. Salazar aceitou e deixou que Lourenço tirasse a organização da posição de virtualmente sem recursos para a de uma força policial secreta eficiente e com finanças em bom estado.<sup>177</sup> A disputa entre a PVDE e o Ministério das Relações Exteriores na questão de quem teria a palavra final nas aprovações de visto, em 1940, foi parte da tentativa de Lourenço em garantir total controle sobre o movimento de estrangeiros entrando em Portugal.

Em termos de preferências políticas, o capitão Lourenço era considerado como refletindo a própria visão de Salazar. O que podia ser definido em termos básicos como sendo caracteristicamente mais a favor dos aliados e contra o Eixo. Na esfera do trabalho da polícia secreta, as estatísticas precisam ser vistas com uma pitada de sal, já que quase sempre revelam apenas em parte o que realmente acontecia. Isso dito, dois interessantes grupos de estatísticas oferecem algumas evidências de onde ficavam as preferências políticas de Lourenço. Entre 1931 e 1938, 73 alemães foram expulsos de Portugal pela PVDE, mas apenas 17 britânicos.<sup>178</sup> Durante a Segunda Guerra Mundial, estimativas sugerem que 14

agentes alemães foram expulsos ou deportados de Portugal contra apenas 4 britânicos.<sup>179</sup>

A lealdade de Lourenço, entretanto, era antes de tudo para com Salazar e naturalmente ele desprezava o comunismo e os comunistas, a quem via, com toda a razão, como a única grande ameaça de oposição a Salazar e ao Estado Novo. A futura aliança da Grã-Bretanha com a União Soviética não se harmonizava com suas próprias opiniões. No final da guerra, os britânicos já o viam mais como um oficial da polícia secreta britânica do que como um chefe da Gestapo.<sup>180</sup>

Apesar de dar a impressão de um detetive britânico bem treinado e afável, o capitão Lourenço podia ser cruel se recebesse ordens para isso, ou rabugento, como Walter Edward Lucas, o correspondente local do *Times*, de Londres, descobriu a seu próprio custo, em dezembro de 1940. O crime de Lucas foi ter publicado artigos em que falava do povo português como anglófilo, mas que o governo e a PVDE eram pró-germânicos.<sup>181</sup> Outros sarcasmos incluíam que o chefe da Gestapo havia entrado sorrateiramente no país pelo aeroporto do Estoril.<sup>182</sup> Na série de artigos publicados na revista *P. M.* sediada nos Estados Unidos, Lucas afirmava que o almirantado português estava baseado em Whitehall, e que Portugal não fazia nada para se opor às atividades de espionagem alemã no país.<sup>183</sup>

Lucas foi preso pela PVDE na véspera de Natal e passou por seis horas de interrogatório com o capitão Lourenço e outros oficiais da PVDE. Lourenço não ficou nada impressionado com as respostas que obteve de Lucas, que passou o dia de Natal escrevendo humilhantes cartas de desculpas tanto a Lourenço quanto a António Ferro (encarregado do departamento de propaganda e mensagens de Salazar). As cartas não funcionaram e o capitão Lourenço escreveu

de próprio punho na ficha de Lucas que ele era um perigo e devia deixar Portugal em 48 horas. A sentença de Lucas acabou sendo ligeiramente modificada – ele teria até 10 de janeiro para sair do país. A *Anglo-Portugal News*, de Lucas, foi suspensa pela PVDE.<sup>184</sup>

A expulsão foi amplamente noticiada tanto na imprensa britânica quanto na alemã. Naturalmente, jornais alemães como o *Königsberger Allgemeine Zeitung* receberam bem a notícia quando ele noticiou os acontecimentos na sua edição de 7 de janeiro.<sup>185</sup> Interessado em mostrar que a expulsão não era o início de uma nova ofensiva antibritânica, o capitão Lourenço expulsou também o dr. Cezare Rivelli, um jornalista italiano, por medida de precaução.<sup>186</sup>

Para os britânicos, a hora da ação contra Lucas não poderia ter sido pior por coincidir com a chegada do novo embaixador britânico em Portugal, Sir Ronald Campbell.<sup>187</sup> Antes de chegar a Lisboa, Campbell servira como embaixador na França. Em Bordeaux, testemunhara a crise de refugiados quando a França caiu. Agora se veria diante da obrigação de ajudar a lidar com os refugiados no outro extremo da fila, em Lisboa. Sua nomeação e chegada a Lisboa haviam sido ansiosamente comentadas pelos britânicos como representando uma acentuada importância concedida às relações anglo-portuguesas por Londres.<sup>188</sup> Os acontecimentos em torno de Lucas garantiam que Campbell não ia começar bem.

O tratamento dispensado a Lucas fora nitidamente determinado por Salazar, interessado em agir contra os mais leves exageros que julgasse perigosos a Portugal. A imprensa portuguesa em Lisboa sofria forte censura, com artigos constantemente cortados, modificados ou recusados por ordens do governo. A censura ainda não havia sido criada como resultado da Segunda Guerra Mundial; seu principal objetivo era impedir que grupos internos de oposição

ao Estado Novo disseminassem sua mensagem e usassem a mídia como um meio de incitar a população a se rebelar.

Entretanto, a guerra e a política de neutralidade de Portugal significavam que, sempre que era possível, Salazar tentava controlar a agenda dos noticiários a fim de não se indispor com os lados em conflito. Era bem parecido com a “abordagem da cenoura numa vareta”. A censura também era usada para punir um dos lados em guerra, caso se acreditasse que houvesse cometido pecados contra Salazar. Quanto a isso, o Estado Novo espelhava um Estado autoritário bem típico. O capitão Lourenço deixava claro que não toleraria insultos de jornalistas como Lucas. A mensagem não foi desperdiçada com a maioria dos correspondentes estrangeiros em Lisboa e, com exceção da Reuters, eles não tiveram o prazer um tanto duvidoso de uma extensa entrevista com o capitão durante sua estada em Lisboa.

Um acontecimento decisivo na vida do capitão Lourenço acabou tendo um significado maior até do que seu melhor detetive poderia ter previsto. Em 1921, ele fora agraciado com uma medalha por seus serviços garantindo a segurança do príncipe de Gales (mais tarde rei Eduardo VIII) durante sua visita a Lisboa.<sup>189</sup> No verão de 1940, Salazar soube que o ex-rei, que desde a abdicação era conhecido como duque de Windsor, e sua esposa, a duquesa de Windsor, estavam na Espanha e queriam ir a Lisboa antes de retornar à Grã-Bretanha. Salazar concordou com o pedido e assegurou que o capitão Lourenço mais uma vez se encarregaria pessoalmente da guarda do duque. Isso, como se revelou, não foi nada fácil.

---

**155** Sobre a atitude de Franco e a atitude complexa da direita espanhola com relação aos judeus, ver Isabelle Rohr, *The Spanish Right and the Jews, 1898-1945: Anti-Semitism and Opportunism* (Brighton and Portland: Sussex Academic Press, 2008).



- 156** PRO/FO/371/24495/From Embassy in Lisbon to Foreign Office, 23 de agosto de 1940.
- 157** PRO/FO/371/24495/From Foreign Office to World Jewish Congress, 24 de setembro de 1940.
- 158** Douglas Wheeler, "In the Service of Order: the Portuguese Secret Police and the British, German and Spanish Intelligence, 1932-1945", *Journal of Contemporary History* 18, nº 1 (janeiro de 1983), p. 12.
- 159** NARA/RG84/1941:123-885.91/Classified General Records of the U.S. Embassy in Lisbon, 1924-1961/The Role of the International Police Organization in Lisbon and its Attitude towards the Belligerents and the United States, 5 de dezembro de 1941.
- 160** Wheeler, "In the Service of Order", p. 4.
- 161** PRO/FO/371/24495/Minute from Embassy in Lisbon to Foreign Office, 24 de outubro de 1940.
- 162** PRO/FO/371/24495/Correspondence from Foreign Office to Embassy in Lisbon, 2 de novembro de 1940.
- 163** PRO/FO/371/24495/Draft Minute from Foreign Office to Embassy in Lisbon, 17 de dezembro de 1940.
- 164** PRO/AIR/40/1626/Secret Memo/Foreign Office, 1º de abril de 1941.
- 165** PRO/AIR/40/1626/Secret Memo/S.O.2/Mr. Britain, 17 de janeiro de 1941.
- 166** PRO/AIR/40/1626/Secret Memo/International Police at Lisbon/5 de abril de 1941.
- 167** PRO/AIR/40/1626/Secret Memo/Foreign Office, 26 de abril de 1941.
- 168** PRO/AIR/40/1626/From Embassy in Lisbon to Foreign Office, 13 de maio de 1941.
- 169** PRO/AIR/40/1626/Campbell to Foreign Office, 17 de julho de 1941.
- 170** PRO/AIR/40/1626/Foreign Office to Lisbon, 1º de setembro de 1941.
- 171** PRO/AIR/40/1626/From Campbell to Salazar, 29 de outubro de 1941.
- 172** PRO/AIR/40/1626/Campbell to Foreign Office, 27 de novembro de 1941.
- 173** NARA/RG226/106/29/From German Minister in Berlin to Foreign Office Berlin, 9 de agosto de 1941.
- 174** Ibid.
- 175** NARA/RG84/1941:123-885.91/Classified General Records of the U.S. Embassy in Lisbon, 1924-1961/The Role of the International Police Organization in Lisbon and its Attitude towards the Belligerents and the United States, dezembro de 1941.
- 176** PRO/AIR/40/1626/Campbell to Foreign Office, 17 de julho de 1941.
- 177** Ibid.
- 178** Wheeler, "In the Service of Order", p. 7.
- 179** Ibid.
- 180** PRO/FO/371/31182/Records of Leading Personalities in Portugal 1942, 25 de setembro de 1942, p. 14.
- 181** PT/TT/AOS/IN-8/30/PVDE Report on *Times* Journalist Walter Edward Lucas.
- 182** Ibid.
- 183** Filipe Ribeiro de Meneses, *Salazar: A Political Biography* (Nova York: Enigma Books, 2009), p. 252.
- 184** PT/TT/AOS/IN-8/30/PVDE Report on *Times* Journalist Walter Edward Lucas.
- 185** *Koenigsberger Allgemeine Zeitung*, 7 de janeiro de 1941.
- 186** PT/TT/AOS/IN-8/30/PVDE Report on *Times* Journalist Walter Edward Lucas.
- 187** Ibid.
- 188** David Eccles, *By Safe Hand: The Letters of Sybil and David Eccles, 1939-1942* (Londres: Bodley Head, 1983), pp. 208-09.

**189** PRO/FO/371/31182/Records of Leading Personalities in Portugal 1942, 25 de setembro de 1942, p. 14.

## CAPÍTULO 9

### Em debandada

**A**o fugir das forças alemãs que avançavam depois de entrar em Paris, o duque e a duquesa de Windsor tinham ficado primeiro na Riviera francesa, onde o cônsul britânico sugeriu que fossem para Lisboa e de lá voltassem para a Inglaterra.<sup>190</sup> Numa demonstração de incrível arrogância, não totalmente em desacordo com o personagem, logo cedo na manhã no dia 17 de junho, o duque telefonara para o general de divisão, Edward Spears, pedindo-lhe que providenciasse um navio de guerra da Armada para apanhá-lo em Nice.<sup>191</sup> Irritado, Spears respondera ao duque não haver nenhum navio de guerra disponível e que a estrada para a Espanha estava aberta para automóveis.<sup>192</sup> Um tanto aborrecido, o duque, então, deixara a França de carro no dia 19 de junho de 1940, chegando a Barcelona em 21 de junho.<sup>193</sup> O duque e a duquesa seguiram viagem para Madri, onde chegaram na noite de domingo, 23 de junho, e se hospedaram no Ritz.

A Espanha, à época, não era o lugar ideal para o duque.<sup>194</sup> Madri era um importante centro de atividades secretas alemãs. Além das usuais atividades de espionagem e contraespionagem, era também o principal posto de escuta e estação de decodificação para os alemães. Segundo Walter Schellenberg, depois chefe da Inteligência Militar Alemã (a *Abwehr*), ao todo entre 70 e 100 pessoas estavam empregadas nessas atividades, baseadas num anexo da embaixada alemã.<sup>195</sup>

Ao mesmo tempo que o duque atravessava Madri, as autoridades portuguesas tomavam conhecimento de uma trama do Eixo na capital espanhola para impedir “o rei playboy”, Carol II da Romênia, de fugir da Europa.<sup>196</sup> O rei alegava que sua própria segurança estava em risco em Madri, e Salazar permitira que ele fosse para Lisboa.<sup>197</sup> Carol II deixara Portugal para um período de exílio no México, antes de retornar ao Estoril depois da guerra. Ali o rei juntou-se a outros nobres exilados que viviam no Estoril, cidade que a *Life Magazine* chamava de “o necrotério real da Europa”.<sup>198</sup> Depois de sua morte, em 1953, o rei Carol II permaneceu enterrado no Estoril até que pudesse retornar à Romênia para um novo funeral, em 2003.

Enquanto as inteligências alemã e britânica competiam por influência em Lisboa, a situação em Madri era muito mais difícil para os aliados.<sup>199</sup> Não só havia um número bem maior de agentes secretos alemães operando na cidade, como a atitude das autoridades espanholas em geral favorecia os alemães mais do que os britânicos. No verão, Madri não era um lugar confortável para o duque e a duquesa de Windsor.<sup>200</sup>

O general Franco às vezes parecia na iminência de levar a Espanha à guerra ao lado das potências do Eixo: os portugueses percebiam uma grande apreensão na embaixada britânica em Madri com as intenções da Espanha em relação à guerra.<sup>201</sup> No verão de 1940, David Eccles, que servira nas embaixadas britânicas tanto em Lisboa quanto em Madri, escreveu simplesmente que fazia calor em Madri e que a tensão crescia. Os alemães, acrescentou, aumentavam seus esforços para fazer a Espanha entrar na guerra.<sup>202</sup>

Samuel Hoare chegara a Madri apenas três semanas antes do duque para assumir seu posto como embaixador britânico na Espanha, e somente na véspera tivera seu primeiro encontro com o

general Franco. Hoare também estava hospedado no hotel Ritz,<sup>203</sup> que descreveu como cheio de alemães agressivos.<sup>204</sup> Ele estava convencido de que agentes da Gestapo escutavam suas conversas telefônicas. O clima, concluiu, era de espionagem inimiga.<sup>205</sup> Ele mesmo mal podia esperar para deixar o hotel, e imediatamente começara a procurar novas acomodações. Escrevendo ao subsecretário parlamentar das Relações Exteriores, R. A. Butler, em 12 de junho de 1940, Hoare resumiu que as condições de trabalho em Madri estavam muito difíceis e que as de vida eram ainda piores.<sup>206</sup> Em carta para Lorde Beaverbrook, no dia 21 de junho, Hoare observou que as condições pioravam em Madri, sugerindo haver uma deprimente sensação de catástrofe iminente no ar.<sup>207</sup> Com respeito às acomodações, apesar de suas suspeitas com relação ao Ritz, Hoare não demorou a concluir que não havia em Madri aposentos para alugar adequados ao duque e à duquesa.<sup>208</sup>

Winston Churchill, por conseguinte, esperava levar o duque e a duquesa da Espanha para Portugal o mais rápido possível. Quando o duque chegou ao Ritz em Madri, e jantou com Hoare na primeira noite, um telegrama de Churchill aguardava por ele sobre isso. Uma vez em Lisboa, um hidroavião levaria o duque e o seu grupo de volta à Inglaterra, onde providências haviam sido tomadas para lhe destinar uma residência oficial.<sup>209</sup> Como se pensava que ele ficaria pouco tempo em Lisboa, a aeronave estaria aguardando sua chegada na capital portuguesa. Hoare apoiava o plano de ação de Churchill de tirar os Windsor de Madri o mais rápido possível, e empenhou-se em entreter o casal para ajudá-los a ficar longe do perigo.<sup>210</sup> O fato de Churchill e Hoare – tendo estado em campos tão opostos sobre a condução da guerra – estarem trabalhando juntos reforçou a mensagem do governo britânico ao duque.

O duque de Windsor, entretanto, não estava nada satisfeito com a perspectiva de voltar para casa em tais circunstâncias, e preferia servir à Inglaterra em outro lugar. Sentia claramente que seria constrangedor ter que voltar à Inglaterra e lidar com a família real, de quem ainda estava afastado depois da abdicação. Churchill argumentou que tudo isso podia ser discutido quando ele estivesse de volta à Inglaterra, mas o duque não se impressionou com a resposta e insistiu num posto em outro lugar.<sup>211</sup>

Os temores de Churchill com relação a Madri provaram ter fundamento. Envolvido numa complexa luta interna de poder para influenciar a política exterior do país, o ministro espanhol das Relações Exteriores, coronel Juan Beigbeber, propôs, no dia 23 de junho, deter o casal em Madri para que os alemães pudessem entrar em contato com o duque.<sup>212</sup> O ministro do Exterior, que tinha fama de mulherengo, competia por influência com Ramón Serrano Suñer. Num sinal de diminuição do poder de Beigbeber, os alemães preferiram lidar com Suñer na questão do duque e da duquesa de Windsor. Suñer, por conseguinte, passou a representar o principal papel diplomático espanhol na trama. Depois de consultar Franco, Suñer concordou, pelas críticas particulares do duque a respeito da guerra, haver evidências suficientes de que ele poderia atuar como um potencial pacificador. Eles acreditavam, em essência, que o duque poderia ser persuadido a bancar um Rudolf Hess (sem o salto de paraquedas) e possivelmente ser usado contra Churchill em potenciais conversações de paz com a Inglaterra.<sup>213</sup> Consequentemente, durante todo o verão de 1940, tanto Franco como Suñer cooperaram com os alemães em sua trama para impedir que o duque deixasse a Europa. Um diplomata espanhol, Javier “Tiger” Bermejillo, foi designado para acompanhar e vigiar o duque,

e relatar suas opiniões e futuras esperanças quanto à guerra. Bermejillo também acompanharia o duque até Lisboa.

Sob forte pressão britânica, tanto de Hoare quanto de Churchill, o duque finalmente concordou em se mudar para Lisboa. Edward, entretanto, via as negociações sobre seu destino final longe de terminar. Melancólico, ensimesmado e com uma exagerada noção do próprio valor, seu comportamento – numa época em que Churchill lidava com a iminente ameaça de uma invasão da Inglaterra pela Alemanha – era bastante repreensível. Em sua defesa, deve-se notar que ele sinceramente, embora de maneira equivocada, achava que a guerra era um desastre desnecessário para a Inglaterra, e desesperava-se para representar um papel importante para pôr fim às mortes e à destruição. Em Londres, crescia a hostilidade para com o duque e a duquesa. O rei sugeriu que ela (a duquesa de Windsor) não queria voltar para Londres e ser vítima de um bombardeio.<sup>214</sup> Consultando-se com o rei, Churchill decidiu endurecer seu tom com o duque. De sua parte, Churchill foi nitidamente leal a Edward até o fim, mas considerava-o responsável pela crise da abdicação. Mais adiante na guerra, Lorde Moran relatou que, quando Churchill estava em visita aos Estados Unidos, sempre que era informado de que o duque de Windsor solicitava uma entrevista, o primeiro-ministro suspirava antes de marcar o dia e a hora.<sup>215</sup>

Enquanto o duque e a duquesa estiveram em Barcelona, Salazar foi informado de que exigiam que os dois fossem para Lisboa. A possível chegada do duque trazia inúmeros problemas para o líder português: com os sucessos militares alemães nos Países Baixos e na França, Salazar preocupava-se em não contrariar a Alemanha naquele momento crítico. Sua implacável punição do cônsul português em Bordeaux, Aristides de Sousa Mendes, mostrou, em parte, como ele se preocupava em não desagradar a alemães e

também a espanhóis. Salazar estava ciente de que os britânicos esperariam que a visita do duque a Lisboa tivesse um bom resultado – ele teria que receber permissão de partir para a Inglaterra sem incidentes. Mas também compreendia que os alemães não veriam tal resultado do mesmo modo.<sup>216</sup>

O momento não podia ser mais delicado: milhares de refugiados chegavam à cidade e a visita oficial do irmão mais novo do duque de Windsor, o duque de Kent, a Lisboa estava para acontecer. Salazar sabia muito bem que a crise da abdicação causara um atrito irreconciliável na família Windsor: seria constrangedor ter ambos os duques na cidade ao mesmo tempo, especialmente porque os dois irmãos haviam informado não desejarem se encontrar.<sup>217</sup> O duque de Windsor, por conseguinte, permaneceu em Madri até o irmão mais novo partir de Lisboa, no dia 2 de julho. O duque e a duquesa de Windsor então viajaram para Lisboa, chegando no dia seguinte. Como no caso da visita do duque de Kent à cidade, Salazar supervisionou pessoalmente os arranjos para uma estada que se supunha breve.



Em julho de 1940, Lisboa havia se tornado uma cidade repleta de refugiados, muitos dos quais tiveram que estender sua estada na cidade e na costa ao redor até conseguir obter os documentos necessários para reservar um beliche num dos poucos navios que deixavam a cidade. Consequentemente, havia uma escassez desesperadora de quartos de hotel disponíveis. No centro da cidade, o hotel Aviz e o hotel Tivoli estavam lotados; na verdade, procuravam adquirir mais espaço, inaugurando novos anexos.

Interessados em maximizar seus lucros, os donos de hotéis portugueses cobravam 6 dólares por dia por suas melhores suítes



(mais do que a maioria dos portugueses ganhava em um mês).<sup>218</sup> Essa alta de preços era uma tensão a mais sobre os limitados recursos dos refugiados, muitos dos quais vendiam tudo que tinham (e em alguns casos até eles mesmos) para pagar um bilhete de ida num barco saindo de Lisboa. O preço dos diamantes nos mercados locais caía regularmente entre 1940 e 1943 à medida que os refugiados eram obrigados a vender o que pudessem para financiar sua estada prolongada.

Ao longo da costa de Lisboa, o hotel mais glamouroso, o Palácio no Estoril, viu um enorme aumento no número de reservas de quartos por estrangeiros. Em 1940, 889 estrangeiros hospedaram-se no hotel de luxo, dos quais 238 eram norte-americanos, 132 espanhóis, 139 britânicos e 74 franceses.<sup>219</sup> Em 1941, esse número subiu para 1.981 estrangeiros, dos quais 779 eram da América do Norte quando os Estados Unidos entraram na guerra e aumentaram sua presença em Lisboa.<sup>220</sup> O hotel era o refúgio preferido de espiões e homens de negócios exilados, assim como de aristocratas locais e internacionais. Uma de suas principais atrações era a proximidade com o cassino do Estoril, cujo prédio, redondo, ficava localizado na extremidade mais alta dos jardins. O cassino era o maior de Portugal e todas as noites suas mesas ficavam repletas de elegantes da Riviera, assim como de espiões, contrabandistas e comerciantes de diamantes. O interior do cassino era parecido com o salão de jogos do Rick's Café no filme *Casablanca*, em escala maior. Entre os jogadores que ocupavam suas mesas durante a guerra havia um jovem oficial da Inteligência britânica, Ian Fleming, que se inspirou tanto no cassino quanto no hotel para seus futuros livros sobre James Bond.

A escassez de quartos de hotel tornou-se mais aguda na medida em que ficou claro que as potências aliadas e do Eixo consideravam

certos hotéis como desejáveis e outros não. O hotel Palácio e o hotel Inglaterra, ambos no Estoril, por exemplo, eram considerados lugar para os aliados, enquanto o hotel Atlântico, também no Estoril, tornou-se o esconderijo preferido dos alemães.<sup>221</sup> Os registros dos hotéis confirmam a preferência, embora também mostrem que eles não eram usados exclusivamente por um lado ou por outro.<sup>222</sup> Sentar-se para o café da manhã com o inimigo na mesa ao lado era ocorrência comum.

No centro de Lisboa, a situação dos hotéis era menos clara. Corria o boato de que o hotel Tivoli era onde os alemães ficavam. Entretanto, seus registros não confirmam tais rumores: do total de alemães ocupando os quartos de hotel na cidade, menos de 10% estavam baseados ali.<sup>223</sup> O hotel Metrópole, no Rossio, acomodou cerca de 30% do número total de alemães hospedados na cidade. Grupos de não residentes estrangeiros excursionavam pelos vários bares de hotel, à noite. No Tivoli, o bar prolongava-se pelo corredor que ligava à sala de jantar. Era um lugar popular porque os fregueses podiam ficar sentados observando o que acontecia na avenida pelas janelas baixas, ao nível da rua. Outros sentavam-se no jardim de inverno, com claraboias de vitrais *art déco*.<sup>224</sup> Ali podiam-se encontrar espões alemães ao lado de agentes dos serviços de espionagem aliados, e todos os tipos de refugiados. A atmosfera era relaxada e típica dos bares de hotel em Lisboa, conforme as pessoas iam e vinham. Não havia muita confraternização, com cada mesa cuidando de si mesma. Era um clássico exemplo de “eu vigio você, vocês nos vigiam”.

Rumores, contrarrumores e histórias fantasiosas dominavam as conversas nesses bares. Espões britânicos e alemães contavam histórias para alistar ou assustar a clientela. Entre os funcionários do hotel e do bar, havia agentes de ambos os lados da guerra, assim

como informantes pagos da PVDE. As informações com frequência tinham pouca relação com a realidade, visto que lendas eram criadas e tramas, tecidas, a fim de conseguir alguma vantagem a curto prazo sobre o inimigo. Tanto os britânicos quanto os alemães queriam desenvolver laços mais íntimos com os lisboetas, mas quase sempre suas atitudes acabavam por afastá-los ainda mais. Com todas as intrigas e confusão entre os lados em guerra, os hotéis em Lisboa obviamente não eram lugar para o duque e a duquesa se demorarem na cidade.

---

**190** Philip Ziegler, *King Edward VIII: The Official Biography* (Londres: Collins, 1990), pp. 420-22.

**191** Antony Beevor e Artemis Cooper, *Paris: After the Liberation, 1944-1945* (Londres: Penguin, 2007), p. 9.

**192** Ibid.

**193** Ziegler, *King Edward VIII*, pp. 420-22.

**194** Ibid., p. 420.

**195** Walter Schellenberg, *The Memoirs of Hitler's Spymaster* (Londres: Andre Deutsch, 2006), p. 133.

**196** PT/TT/AOS/CO/NE-1A/18 King Carol II of Rumania arrives in Portugal, julho de 1940.

**197** Ibid.

**198** "Life Visits a Haven for Exiled Royalty", *Life Magazine*, 19 de fevereiro de 1951, p. 130.

**199** Para um relato detalhado das dificuldades, ver Samuel Hoare, *Ambassador on a Special Mission* (Londres: Collins, 1946).

**200** Michael Bloch, *The Duke of Windsor's War* (Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1982), p. 76.

**201** De Pereira a Salazar, 20 de junho de 1940, *Correspondência de Pedro Teotónio Pereira para Salazar: vol. 2, 1940-1941* (Lisboa: Presidência do Conselho de Ministros. Comissão do Livro Negro sobre o Regime Fascista, 1989), pp. 48-9.

**202** David Eccles, *By Safe Hand: The Letters of Sybil and David Eccles, 1939-1942* (Londres: Bodley Head, 1983), p. 144.

**203** Bloch, *The Duke of Windsor's War*, p. 76.

**204** Hoare, *Ambassador on a Special Mission*, p. 22.

**205** Ibid.

**206** Ibid., p. 34.

**207** Ibid., p. 36.

**208** Bloch, *The Duke of Windsor's War*, p. 79.

**209** Ibid.

**210** Richard Wigg, *Churchill and Spain: the Survival of the Franco Regime, 1940-1945* (Brighton e Portland: Sussex Academic Press, 2008), p. 14.

- 211** Ziegler, *King Edward VIII*, p. 422.
- 212** Paul Preston, *Franco: A Biography* (Londres: Basic Books, 1994), p. 366.
- 213** Ibid.
- 214** Ziegler, *King Edward VIII*, p. 426.
- 215** Lorde Moran, *Churchill at War, 1940-1945* (Londres: Robinson, 2002), p. 116.
- 216** Carlos Alberto Damas, "Conspiração e Fantasia em Lisboa: Ricardo Espírito Santo e o duque de Windsor", *História*, nº 62 (dezembro de 2003), p. 7.
- 217** Quando perguntaram ao duque de Kent se ele desejava encontrar-se com seu irmão antes de partir de Lisboa, um diplomata português designado para a sua comitiva disse que ele respondeu: "Bom Deus, não." Carlos Alberto Damas, "The Duke of Windsor and Ricardo Espírito Santo 1940", Centro de Investigação e Documentação da História, BES, Lisboa, s/d, p. 1.
- 218** "Lisbon: Europe's Bottleneck", *Life Magazine*, 28 de abril de 1941, p. 80.
- 219** *Hotel Palácio: Boletins de Alojamento de Estrangeiros* (Cascais: Câmara Municipal de Cascais), 2004, p. 89.
- 220** Ibid., p. 133.
- 221** *Grande Hotel e Hotel Atlântico: Boletins de Alojamento de Estrangeiros* (Cascais: Câmara Municipal de Cascais), 2005.
- 222** Ibid.
- 223** Carlos Alberto Damas, *Hotel Tivoli Lisbon: Tradition and Modernity in the Lisbon Hotel Industry, 1933-2008* (Lisboa: Banco Espírito Santo, 2008), p. 64.
- 224** Ibid, p. 65

## Operação Willi

**W**alford Selby, o embaixador britânico em Lisboa em junho de 1940, era um velho amigo dos Windsor desde os tempos de Viena. Ele tentou organizar acomodações para o grupo do duque para o que originalmente se pensava ser duas noites em Lisboa. Dois hidroaviões militares Sunderland foram preparados para apanhar o grupo real na cidade. A embaixada britânica havia tomado o que parecia ser uma atitude sensata, reservando lugar para o duque e o seu grupo no hotel Palácio, no Estoril.

Eles estavam para chegar em Portugal, entretanto, quando o gerente ligou para a embaixada informando que, devido a uma escassez de quartos e problemas de segurança, o hotel não poderia mais hospedar os Windsor.<sup>225</sup> Foi nesse estágio que se ofereceu à embaixada a possibilidade de hospedar o grupo na casa de Ricardo Espírito Santo, em Cascais (localizada na costa saindo do Estoril). Quem sugeriu foi o gerente do hotel, mas Salazar estava obviamente por trás, tomando as providências.

Como sempre, Salazar queria garantir que seria ele a controlar o máximo possível um acontecimento tão importante quanto a visita do duque. Embora a imprensa portuguesa mencionasse a visita, Salazar usou seus poderes para se certificar de que a cobertura fosse de uma natureza mais geral do que inquisitiva. A escolha da casa de Ricardo Espírito Santo para hospedar o duque foi muito inteligente. Ali seria relativamente mais fácil protegê-lo do que num hotel que hospedasse potências do Eixo. Na verdade, o chefe da

inteligência britânica, Stewart Menzies, pediu à polícia portuguesa que assumisse a responsabilidade de proteger o duque.

Mas depois de ficar decidido que o duque permaneceria em Cascais, vários oficiais britânicos da embaixada em Lisboa levantaram questões quanto a conveniência de Espírito Santo hospedar o duque. Eles sugeriram que Espírito Santo (ou “the Holy Ghost”, como era conhecido pelos britânicos) era amigo íntimo do embaixador alemão em Portugal, barão Von Hoyningen-Huene, com quem costumava jantar em Cascais, Estoril e Lisboa.<sup>226</sup>

A segunda acusação contra Espírito Santo era de que o banco que ele dirigia, o Espírito Santo, uma das maiores instituições privadas em Lisboa, negociava pesado com os alemães. Somando dois e dois, os oficiais concluíram que Espírito Santo devia ter feito amizades. Consequentemente, houve algumas críticas internas a Selby por ele ter permitido que isso acontecesse. Selby argumentou que, devido ao número de refugiados chegando em Lisboa e a resultante escassez de quartos, ele não teve outra escolha senão aceitar a sugestão de que o duque ficasse em Cascais, especialmente porque lhe haviam garantido que Espírito Santo não estaria em casa pelo período de um ou dois dias que duraria a visita.<sup>227</sup>

Na verdade, Salazar havia obviamente passado a perna no embaixador britânico.<sup>228</sup> A confirmação do fato se deu quando Ricardo Espírito Santo postou-se para receber o duque e a duquesa, à entrada de sua casa de fim de semana, na região de Cascais chamada adequadamente de Boca do Inferno. Dizem que Selby ficou bastante surpreso e aborrecido com essa aparente traição.<sup>229</sup>

O anfitrião dos Windsor era um homem de considerável charme, bem relacionado com diplomatas de vários países. Ele manteria Salazar diretamente informado sobre as conversas particulares que ocorressem. Esse ponto, junto com detalhados relatos por escrito da

PVDE, garantiriam que Salazar soubesse e compreendesse o desenrolar dos acontecimentos, assim como os planos do duque. O diário de Salazar contém várias referências a encontros com Espírito Santo, nas quais ele afirma que o banqueiro o informava sobre o ponto de vista do duque com relação à guerra e suas esperanças para o futuro. Na verdade, Espírito Santo discutia com Salazar sobre o duque mesmo depois de ele ter deixado o país.<sup>230</sup>

O duque e a duquesa de Windsor chegaram a Lisboa no dia 3 de julho de 1940. Foram direto para Cascais, onde chegaram às 18 horas e permaneceram dentro de casa, acomodando-se e recuperando-se da viagem de carro desde Madri. Superficialmente, não havia muita atividade, conforme o relatório do capitão da PVDE encarregado de proteger o duque.<sup>231</sup> Nos bastidores, entretanto, um complô alemão conhecido como Operação Willi já estava em andamento.

Boca do Inferno ficava à beira de Cascais, uma pequena e sonolenta aldeia de pescadores que marcava o final dos 40 quilômetros de costa de Lisboa e o início do oceano Atlântico. Uma única luz branca piscando no topo de um farol avisava aos navios do perigo das pedras ao longo da linha que margeava a costa acidentada.

No verão de 1940, a área ao redor da Boca do Inferno era remota e tranquila, com apenas um aglomerado de casas grandes, afastadas cerca de 100 metros, todas com altos muros e sebes para garantir o máximo de privacidade. A maioria das casas dava direto para o oceano. Seus proprietários viam as ondas do Atlântico quebrando com força e barulho contra as pedras negras e pontiagudas lá embaixo. De tempos em tempos, os respingos e a espuma branca salpicavam a estrada pouco iluminada que corria pelo topo das rochas. Numa direção, a estrada seguia direto para o centro de

Cascais; na outra, para o campo verde aberto e as dunas de areia da Quinta da Marinha, antes de acabar dando a volta no ponto mais a oeste do continente europeu, o cabo do Roca. Era um lugar idílico e, conjugado a um bom clima – suave no inverno, com ventos refrescantes que vinham do oceano no verão –, era um retiro popular para alguns dos mais proeminentes homens de negócios e famílias aristocráticas de Lisboa.

A casa de Espírito Santo ficava bem à margem da cidade. De dois andares, com quartos adicionais no sótão, não era devassada. A piscina ao ar livre e o grande jardim fechado em patamares não eram visíveis da estrada costeira nem da pequena rua lateral que corria ao longo da margem leste do jardim.



A essência do complô alemão, conhecido como Operação Willi, encomendada por Hitler e planejado pelo ministro das Relações Exteriores alemão, Joachim von Ribbentrop, era raptar e convencer o ex-rei a ser útil à sua política e propaganda. O complô veio a público em meados da década de 1950, com a divulgação de documentos alemães capturados, que incluíam telegramas entre a embaixada alemã em Lisboa e o Ministério das Relações Exteriores em Berlim.<sup>232</sup> No centro da cobertura na mídia estava a atitude do duque de Windsor em relação ao governo britânico e seu modo de conduzir a guerra. Surgia a questão de saber se o duque, ainda profundamente magoado e frustrado com a abdicação, poderia ser tentado a ajudar a causa alemã.

Em todas as tentativas alemãs de convencer o duque a mudar de lado na guerra, nunca ficou exatamente claro como os alemães imaginavam que ele pudesse contribuir para sua causa. Vários papéis são mencionados em relatos sobre a Operação Willi, variando



desde o de um suposto intermediário honesto para negociar a paz com a Inglaterra, a fim de evitar sua total destruição, até o retorno do duque ao trono como marionete alemão, no caso de a Inglaterra ser invadida no outono de 1940.

Sejam quais fossem os planos alemães, Ribbentrop acreditava que não havia evidências suficientes para sugerir que o duque, no mínimo, levaria a sério as propostas da Alemanha. Ribbentrop citou o fato de que o duque era amigo da Alemanha e via a guerra como desnecessária. Além do mais, o duque deixara claro que não desejava ver a destruição da Inglaterra. Nas conversas que aconteceram em várias ocasiões sociais em Madri, o duque havia falado de sua antipatia pela política do atual governo britânico, que ele achava que não teria sucesso.

Finalmente, culminando tudo isso, havia o rancor pessoal do duque pela família real britânica, motivado pela severidade com que achava que haviam tratado a ele e à duquesa de Windsor. Nos círculos diplomáticos espanhóis e alemães, era sabido que o duque estava infeliz com seu papel, e queria que a duquesa se tornasse um membro oficial da família real e fosse tratada como "Sua Alteza Real". Todos esses fatores pareciam apontar para um duque profundamente desapontado, preocupado com a direção futura de seu país, e não inteiramente leal à família real ou ao governo da Inglaterra.

A fim de tentar alcançar seu objetivo, Ribbentrop havia pedido às autoridades espanholas para encontrar um meio de deter o duque enquanto ele estivesse em Madri. No dia 2 de julho, exatamente quando Ribbentrop analisava medidas mais drásticas para convencê-lo a entrar no jogo, o duque deixava Madri em direção a Lisboa e, com sua partida, parecia que a melhor oportunidade para o ministro alemão das Relações Exteriores convencê-lo havia passado.<sup>233</sup>

Supunha-se que Churchill e a Inteligência Britânica em Lisboa, que sabiam das óbvias opiniões do duque, o persuadiriam a retornar à Inglaterra ou a aceitar logo um posto em algum lugar do império britânico.

Ribbentrop, entretanto, não estava nem de longe disposto a desistir, e despachou Walter Schellenberg para Lisboa. No relato que fez do período em que esteve em Lisboa, Schellenberg sugere que não estava muito otimista em relação às perspectivas de convencer o duque a retornar de livre vontade com ele para a Espanha, onde seria usado pelos alemães. Quanto mais Schellenberg afirmava pensar no complô, mais ficava aparente que a trama dos alemães baseava-se em grande parte em observações impulsivas do duque sobre o governo britânico durante sua estada em Madri, resultado de um estado mental temporário. Em resumo, ele achava que os alemães tinham dado demasiada importância a essas observações na esperança de que elas refletissem uma mudança mais profunda no duque.<sup>234</sup>

Schellenberg afirmou estar ainda mais confuso com o pedido de Ribbentrop de usar a força, se necessário, para fazer o duque cruzar de volta a fronteira. Schellenberg argumentou não haver dúvida de que o complô dependia de o duque retornar voluntariamente à Espanha – de outra forma ele certamente não cooperaria com os alemães quando chegasse lá.<sup>235</sup> Ribbentrop respondeu que a força, em primeiro lugar, fosse usada contra o serviço secreto britânico em Lisboa. Ela deveria ser usada contra o duque na medida em que ele temesse retornar à Espanha, e uma enérgica ação alemã o ajudasse a superar tal estado. A ideia era que, se ele se sentisse um “homem livre” na Espanha, longe da vigilância do serviço secreto britânico, ficaria grato aos alemães. Para amansar ainda mais o duque, 50 milhões de francos suíços seriam colocados à sua disposição.<sup>236</sup>

Críticas aos motivos e lealdades do duque confirmam, pelo menos em parte, o relato de Schellenberg. A força planejada, que na verdade estava sendo preparada, visava diretamente aqueles que tentariam impedir o retorno do duque à Espanha.<sup>237</sup> Em relatos que criticavam as lealdades do duque, ele não seria problema e estaria disposto a voltar para a Espanha em vez de retornar à Inglaterra. Em outras palavras, o duque estava considerando cometer traição e os alemães seriam meros facilitadores para livrá-lo das garras britânicas.

O embaixador alemão em Lisboa, barão Von Hoyningen-Huene, não era um entusiástico defensor do complô, temendo com toda a razão que qualquer tentativa de deslocar o duque à força prejudicasse as relações entre Berlim e Lisboa. O embaixador estivera numa importante ofensiva de sedução com Salazar, no verão de 1940, esperando traduzir os espetaculares sucessos militares alemães em maior influência em Lisboa. Depois de tomar conhecimento das bases do complô, das evasivas do duque e das críticas do governo britânico, o embaixador ficou ainda menos convencido das chances de sucesso. Não obstante, segundo Schellenberg, Hoyningen-Huene prometeu dar-lhe o apoio logístico que fosse possível.<sup>238</sup>

As tentativas de Schellenberg de intimidar o duque a deixar Portugal limitaram-se a mandar alguns desordeiros jogar pedras na janela da villa de Cascais. E também mandou entregar um buquê de flores na casa com um bilhete alertando o casal para ter cuidado com o serviço secreto britânico, e que um amigo português estava preocupado com seus interesses.<sup>239</sup> Schellenberg, entretanto, tinha boas relações em Lisboa, e usou sua influência para colher uma grande quantidade de evidências sobre o duque e seus humores.

Quanto mais evidências ele colhia, no entanto, mais afirmava acreditar no complô.



Quando o duque chegou a Cascais, seu humor piorou consideravelmente com a chegada de um cabograma ríspido de Winston Churchill. Tanto o rei quanto o primeiro-ministro acreditavam que o duque precisava voltar para casa, antes de tomar qualquer decisão sobre seu futuro. O cabograma de Churchill lembrava ao duque relutante que ele era um soldado e que desobedecer ordens criaria uma situação grave. Churchill concluiu com típico *aplomb*, recomendando que o duque cedesse imediatamente aos desejos do governo de Sua Majestade (HMG).<sup>240</sup> Dizem que o duque, furioso, deu-se ao trabalho de rascunhar uma resposta abdicando de todas as graduações militares, mas, antes de poder enviá-la, chegou uma oferta de emprego, o que significaria não ter que retornar à Inglaterra.

A oferta para governar as Bahamas, feita por Churchill, não foi uma decisão leviana. Foi um jeito de tirar o duque e a duquesa da Europa, dando-lhes um papel oficial, embora menor, a representar no império. David Eccles acrescentou que seria mais fácil ficar de olho no duque nas Bahamas do que na Europa. Há evidências de que, pela interceptação de cabogramas, Churchill estava ciente dos detalhes do complô alemão.<sup>241</sup> Se era assim, se o duque, como parecia ser o caso, não arredasse pé nas negociações para seu possível retorno à Inglaterra, o primeiro-ministro precisava agir rápido.

O duque não respondeu à oferta de emprego, que considerou-lhe ser bem inferior. Em vez disso, decidiu aguardar em Cascais e ver o desenrolar dos acontecimentos com Londres. Em outras palavras,

não era iminente a sua volta à Inglaterra de avião. Era preciso tomar providências para a acomodação do duque e da duquesa, tendo em vista que sua estada em Lisboa agora estava potencialmente em aberto.<sup>242</sup>

O anfitrião do duque, Ricardo Espírito Santo, discutiu a questão com Salazar. Ambos acharam que o local e as providências eram satisfatórios. Com a extensão da estada do duque, Espírito mudou novamente para a casa, que agora estava dividida entre sua família e o duque e a duquesa de Windsor. Essas providências deixaram os funcionários da embaixada britânica alarmados, vendo que o banqueiro agora tinha praticamente livre acesso ao duque, cada vez mais descontente, 24 horas por dia, sete dias na semana.

---

**225** Michael Bloch, *Operation Willi: The Plot to Kidnap the Duke of Windsor, July 1940* (Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1986), p. 70.

**226** Ibid., p. 71.

**227** Charles Higham, *Mrs Simpson: Secret Lives of the Duchess of Windsor* (Londres: Pan Books, 2004), p. 326.

**228** David Eccles, *By Safe Hand: The Letters of Sybil and David Eccles, 1939-1942* (Londres: Bodley Head, 1983), pp. 110-11.

**229** Higham, *Mrs Simpson*, p. 326.

**230** PT/TT/AOS/O diário de Salazar/1º de agosto de 1940 e 6 de agosto de 1940.

**231** PT/TT/AOS/CO/NE-IA/17/Report of the PVDE on the Visit of the Duke of Windsor to Portugal.

**232** "Traps for Duke of Windsor", *Times* (Londres), 1º de agosto de 1957.

**233** Philip Ziegler, *King Edward VIII: The Official Biography* (Londres: Collins, 1990), p. 424.

**234** Walter Schellenberg, *The Memoirs of Hitler's Spymaster* (Londres: Andre Deutsch, 2006), pp. 135-36.

**235** Ibid., p. 130.

**236** Ibid.

**237** Martin Allen, *Hidden Agenda: How the Duke of Windsor Betrayed the Allies* (Londres: Macmillan, 2000), pp. 269-70.

**238** Schellenberg, *The Memoirs of Hitler's Spymaster*.

**239** Ibid., pp. 138-39.

**240** Ziegler, *King Edward VIII*, p. 426.

**241** Allen, *Hidden Agenda*, p. 265.

**242** PT/TT/AOS/O diário de Salazar.

## O banqueiro português

**E**m geral, as teorias em torno da Operação Willi focalizam o papel do banqueiro português e anfitrião dos Windsor, Ricardo Espírito Santo. Um cabograma alemão entre Berlim e Lisboa fala de usar um “confidente” alemão local – termo que o advogado alemão Michael Bloch traduziu como “agente”.<sup>243</sup> Nesse cenário, Espírito Santo era o homem com acesso a informações sigilosas, atuando como mensageiro entre Berlim e o duque, e que estaria ajudando a convencê-lo, ou pressioná-lo, a retornar à Espanha.<sup>244</sup> Um exame mais atento dos antecedentes de Espírito Santo e de seus atos revelam que era um exagero sugerir que ele fosse um agente, ou simpatizante da causa alemã.

Em 1941, o embaixador britânico em Lisboa Ronald Campbell afirmou que comeria seu chapéu se Espírito Santo fosse pró-Alemanha.<sup>245</sup> Na realidade, Espírito Santo era pró-dinheiro e pró-empresendedorismo. Seus antecedentes não se encaixam em nenhuma simpatia pró-nazista. Ele se casou com uma judia, Maria de Morais Sarmiento Cohen (como também um de seus irmãos), e foi responsável por ajudar financeiramente importante família judia, os Rothschild, durante a guerra. Era verdade que ele se dava bem com o embaixador alemão e costumava jantar com ele. Relacionava-se bem também com a maioria dos membros do círculo diplomático, jantando tanto com Selby quanto com seu sucessor na embaixada britânica.

Não há nenhuma evidência de que Espírito Santo preferisse os alemães aos aliados. Ele continuaria a lidar com ambos os lados até receber ordens em contrário de Salazar. Naturalmente, isso não agradava ao Ministério de Economia de Guerra britânico (MEW), que queria suspender todo o comércio entre as potências neutras e a Alemanha. Muitos dos rumores da suposta tendência pró-Alemanha de Espírito Santo tinham origem nesse departamento. Como o comércio entre Portugal e Alemanha desenvolveu-se mais a partir de 1941, Espírito Santo, e o banco que ele dirigia, tornou-se um alvo importante do ministério e, no final da guerra, das autoridades francesas.

O segundo relacionamento mais importante da vida de Espírito Santo depois de sua família era com Salazar. O banqueiro estava sempre ansioso para agradar o líder português, tanto por sua amizade pessoal com Salazar como por questões de negócios. O alcance dos negócios de Espírito Santo ia bem além do mundo financeiro e ele queria ficar bem com Salazar a fim de desenvolver o império comercial, em rápida expansão, de sua família.

Em muitos aspectos, Espírito Santo via o mundo político como uma imensa oportunidade de fazer relacionamentos. Ele se sentiu honrado quando Salazar lhe pediu para ser o guia do duque de Kent durante sua visita à exposição em Lisboa. Ficou igualmente emocionado por receber o duque de Windsor em sua casa, e organizou jantares em sua homenagem com a elite de Cascais e da sociedade do Estoril. Também gostava de jogar golfe com o duque no clube, no Estoril, cuja construção ele havia ajudado a financiar.

O ministro do Exterior alemão poderia muito bem ter considerado Espírito Santo um confidente, mas muitos outros diplomatas de diferentes países teriam feito o mesmo comentário. Com o desenrolar da guerra, o papel de Espírito Santo tornou-se central

para o comércio entre Portugal e Alemanha. O comércio era feito sob as ordens diretas de Salazar, que acreditava que isso era importante para ajudar a manter a neutralidade portuguesa.



Durante sua estada em Cascais, o duque e a duquesa aproveitaram o tempo ao máximo. A PVDE, responsável por sua segurança, apresentava relatórios detalhados ao capitão Lourenço, cujas partes importantes eram transmitidas a Salazar.<sup>246</sup> De início, o duque passava boa parte do seu tempo visitando a embaixada britânica, que retinha seu passaporte. No dia 5 de agosto, depois de uma visita à embaixada, o duque retornou a Cascais e jogou golfe no Estoril. Quando lhe pediram para posar para fotografias e ser filmado, ele recusou, afirmando não querer ser visto jogando golfe quando a Inglaterra estava em guerra.<sup>247</sup> Mas ele combinou posar para as câmeras na residência em Cascais.<sup>248</sup>

No dia seguinte, um duque mais relaxado consentiu em ser fotografado jogando golfe, desde que as fotos não aparecessem nos jornais e fossem apenas para uma campanha de propaganda sobre a costa de Lisboa.<sup>249</sup> O golfe fazia parte da rotina do duque e incluía pelo menos duas partidas com Ricardo Espírito Santo, que, além de ser o principal patrocinador do campo, também tinha sido campeão nacional português. Com sua grande sede e piscina ao ar livre, o clube de golfe era um ímã para a sociedade local e para os estrangeiros. O duque e seu grupo não se misturavam muito com os sócios, preferindo voltar a Cascais para os drinques depois do jogo.<sup>250</sup>

Os jantares eram as ocasiões sociais mais importantes da época para o duque e a duquesa. Espírito Santo era naturalmente bem relacionado, tanto na sociedade portuguesa quanto na internacional,



e providenciava um número de convidados para cada jantar que oferecia ou organizava em homenagem a seus visitantes. Entre os convidados estrangeiros estavam o embaixador americano e o barão e a baronesa de Rothschild.<sup>251</sup> Espírito Santo fazia questão de exibir seus hóspedes à elite da sociedade portuguesa. Levava o duque para almoçar no Turf Club, no centro de Lisboa, o clube masculino mais prestigiado e conservador de Portugal. Ali, as paredes estavam cobertas com fotografias de antigos reis e rainhas de Portugal. A sala de jantar tinha uma atmosfera íntima, com as mesas bem próximas umas das outras. O quadro de associados do clube era formado pela aristocracia portuguesa proprietária de terras e por líderes de grandes negócios. O duque sentia-se muito à vontade e posou satisfeito para uma fotografia com seus companheiros de mesa.

A PVDE relatou que, na noite de 8 de julho, o diplomata espanhol Javier "Tiger" Bermejillo, designado por Franco para vigiar o duque, desceu no aeroporto de Sintra, situado a umas 15 milhas a nordeste de Cascais.<sup>252</sup> Bermejillo chegou no voo previsto, de Madri para Lisboa, e foi recebido pelo motorista a serviço do duque. O duque havia perguntado às autoridades espanholas se podiam intervir para garantir que as duas casas da duquesa de Windsor na França fossem protegidas pelos alemães, e se seria possível despachar alguém para recolher alguns pertences pessoais.<sup>253</sup> O duque ficou muito satisfeito ao ver que o emissário espanhol enviado a Cascais era Tiger Bermejillo, que havia estado com o duque na semana anterior, em Madri.<sup>254</sup>

A polícia secreta percebeu que Bermejillo parecia muito íntimo do duque e que os dois costumavam ter longas conversas. Nos dias subsequentes, ele acompanhou o duque a Lisboa, deixando-o apenas quando o duque foi à embaixada britânica. Na ocasião,

Bermejillo foi até a embaixada alemã em Lisboa tentar ajudar a conseguir os vistos necessários para que um dos assessores da duquesa pudesse recuperar seus bens na França.<sup>255</sup> Usando o motorista do duque, o diplomata espanhol era um visitante frequente da embaixada da Espanha em Lisboa.<sup>256</sup> O motorista do duque foi despachado para a cidade no dia 11 de agosto para pegar um envelope contendo documentos relacionados com os termos das condições do armistício entre França e Alemanha. No envelope havia outros documentos, mas a PVDE não descobriu do que tratavam.<sup>257</sup>

No dia 12 de julho, Bermejillo voltou para casa, em Cascais, depois de visitar ambas as embaixadas, trazendo quatro grandes arquivos do Ministério das Relações Exteriores espanhol.<sup>258</sup> Na manhã seguinte, partiu do aeroporto de Sintra às seis horas da manhã para retornar a Madri e relatar como iam as negociações com o duque.<sup>259</sup> De volta a Madri, Bermejillo relata as opiniões do duque sobre a guerra; a grande preocupação com sua bagagem e suas posses parece ter gerado um novo subcomplô alemão e espanhol para retardar sua partida de Lisboa.<sup>260</sup>

O complô girava em torno de atrasar a chegada da bagagem e dos bens do casal, assim como deter a criada enviada para apanhá-los, na crença de que o duque e a duquesa não deixariam a Europa sem eles.<sup>261</sup> No dia 23 de agosto, o duque tentou telefonar para Bermejillo, mas o diplomata espanhol não estava em casa. Ele deixou uma mensagem para Bermejillo retornar sua ligação assim que voltasse, pois desejava discutir um assunto urgente.<sup>262</sup> O duque mostrava-se nitidamente preocupado com a saga interminável envolvendo sua bagagem e seus bens, assim como as tentativas em recuperá-los.

Durante a estada do duque e da duquesa em Portugal, o embaixador britânico Walford Selby recebeu-os em diversas ocasiões

para almoços e jantares. Nos círculos britânicos, as opiniões sobre o casal eram variadas. David Eccles, do Ministério de Economia de Guerra, antipatizou com o casal de imediato. Depois do almoço com os Windsor no dia 4 de julho, em carta a sua mulher, ele escreveu que não daria 10 tostões por Wallis (duquesa de Windsor), que ela era uma pobre criatura. E considerava o duque um bom quinta-coluna.<sup>263</sup>

No dia 8 de julho, depois de voltar a ver os Windsor, ele escreveu à mulher que realmente não gostava dos Windsor e que eles não tinham nenhum charme. Descreveu a duquesa como um cavalo de batalha maltratado, num chapéu de auréola, que era muito pouco atraente.<sup>264</sup> Eccles tinha de ficar de olho no casal durante sua estada em Portugal e conhecia muito bem o que o duque pensava da guerra. No dia 17 de julho, entretanto, Eccles parecia ter sido conquistado pelo casal. Jantou com eles duas vezes naquela semana e ficou conhecendo-os melhor. Eccles achava que tinha sido seduzido pelos Windsor e que quando eles colocavam seu charme para funcionar era difícil resistir. Ele agora achava que a duquesa era incrível e que o duque tinha um jeito de falar confiante, que era até certo ponto perigoso. Eram, segundo Eccles, arquivagabundos de praia.<sup>265</sup>

Enquanto intrigas e negociações aconteciam nos bastidores, em público o duque fazia questão de se comportar do modo mais normal possível. No dia 29 de julho, depois do jantar, seu grupo visitou o Cassino Estoril, onde ele foi apresentado e jogou bridge até as quatro da manhã.<sup>266</sup> Também conheceu os palácios e o castelo na vizinha Sintra, e fez uma viagem para visitar pacientes no British Hospital, em Lisboa.<sup>267</sup> Todos os seus dias eram cheios e ele dava a impressão de ser bastante ativo. Em Cascais, passava os intervalos

entre compromissos nadando na piscina ao ar livre e sentado no terraço externo.<sup>268</sup>

A 26 de julho, o duque teve um encontro de duas horas com o embaixador espanhol em Lisboa, Nicolas Franco (irmão do general Franco), mas a essa altura parecia que já decidira prosseguir para as Bahamas.<sup>269</sup> Apesar das tentativas de Nicolas Franco em persuadi-lo a continuar em Portugal, o embaixador relatou que seus esforços para convencê-lo a tentar resistir à pressão de Churchill pareciam ter fracassado.<sup>270</sup> O julgamento de Nicolas Franco estava correto.

No dia 31 de julho, o duque escreveu a Winston Churchill, afirmando que via a indicação para as Bahamas como não sendo de grande importância, mas que pelo menos seria um solução temporária para a questão de seu desemprego.<sup>271</sup> Naquela noite, durante um jantar com amigos no hotel Aviz, em Lisboa, ele anunciou publicamente a decisão de aceitar o posto nas Bahamas e confirmou a sua partida no dia seguinte.

O duque e a duquesa de Windsor embarcaram para Lisboa às três da tarde do dia 1º de agosto de 1940, no *SS Excalibur*, sem seus pertences recuperados e sua criada. Pelo menos um homem, o capitão Agostinho Lourenço, chefe da PVDE, ficou satisfeito em ver o duque partir em segurança das praias de Lisboa. Pela segunda vez em sua carreira policial, o capitão havia mantido a promessa de proteger o duque. Naquela ocasião, com o duque ameaçado direta e indiretamente por vários serviços de segurança, a tarefa não foi fácil. O duque e a duquesa estariam longe da guerra, na relativa segurança de seu exílio tropical.

Num espantoso eufemismo, Walford Selby registrou os eventos numa breve passagem em suas memórias. Disse apenas que o duque e a duquesa haviam cumprido uma estada relativamente prolongada no Estoril (Cascais), antes de prosseguirem para as

Bahamas, e que tinham conhecido um grande número de portugueses, que ficaram muito felizes em recepcioná-los. Concluiu afirmando que teve a impressão de que tanto o duque quanto a duquesa haviam apreciado a permanência em Portugal, e que fizeram muitas amizades.<sup>272</sup> Antes do final do ano, o visivelmente envelhecido e cansado Selby foi substituído por Ronald Campbell, uma nomeação que marcou um aumento significativo da atenção que Londres estava prestando a Lisboa.

O complô alemão para assustar, induzir e persuadir o duque a retornar à Espanha foi na realidade uma ideia mirabolante, baseada na crença de que um duque de Windsor descontente estaria disposto a voltar as costas ao governo britânico. Pensando bem, foi também um complô que poucos, até do lado alemão, acreditavam ter qualquer chance real de sucesso. Os participantes alemães, e mesmo alguns espanhóis, pareciam representar seus papéis com certo desânimo, por acreditar que o complô não teria êxito. Cabogramas escritos por alemães na época tinham a intenção de agradar seus superiores em vez de refletir a realidade de que o êxito seria impossível. No final, o complô envolveu-se na política nazista interna que pouco fez para aumentar as chances, já muito limitadas, de sucesso.<sup>273</sup> Quando Schellenberg retornou a Berlim, foi saudado afetuosamente por seu superior, Reinhard Heydrich, que achava que o jovem oficial da inteligência havia lidado com as instruções recebidas de Ribbentrop com a dose correta de aparente entusiasmo e prática incompetência.<sup>274</sup>

Com o apoio do rei, Churchill agiu decisivamente usando a “abordagem da cenoura na vareta” para tirar o duque da Espanha e, subsequentemente, de Portugal, o mais rápido possível. A estada prolongada do duque em Lisboa não alterou o curso ou a direção da

guerra, mas criou dificuldades para Salazar, cada vez mais pressionado pelos alemães a lhes ser mais favorável.

A partida do duque fechou um arquivo problemático na mesa de Salazar, mas muitos outros, possivelmente até mais graves, chegariam para substituí-lo. De todos os desafios que enfrentou, o pior foi a necessidade de preservar a paz no continente ibérico como um todo. A fim de alcançar seu objetivo, Salazar precisava atrair o general Franco para um acordo, que até certo ponto tiraria a Espanha da órbita da Alemanha. Devido ao sentimento pró-germânico de parte do governo espanhol, e pelo fato de que, depois de ocupar a França, o exército alemão acampara na fronteira com a Espanha, isso não seria fácil. A tarefa ficara de repente bem mais difícil: solidária de longa data à Alemanha, a Itália decidira finalmente entrar na guerra do lado dos alemães, dificultando ainda mais a resistência da Espanha e de Portugal.

---

**243** Ver Michael Bloch, *Operation Willi: The Plot to Kidnap the Duke of Windsor, July 1940* (Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1986).

**244** Martin Allen também sugere que Espírito Santo era um homem com simpatias alemãs. Ver Martin Allen, *Hidden Agenda: How the Duke of Windsor Betrayed the Allies* (Londres: Macmillan, 2000), p. 257.

**245** PRO/FO/371/26804/From Campbell to Foreign Office, 9 de junho de 1941.

**246** PT/TT/AOS/CO/NE-IA/17/Report of the PVDE on the Visit of the Duke of Windsor to Portugal, 5 de julho de 1940.

**247** Ibid., 5 e 6 de julho de 1940.

**248** Ibid., 5 de julho de 1940.

**249** Ibid., 6 de julho de 1940.

**250** Ibid.

**251** Ibid., 10 e 24 de julho de 1940.

**252** Ibid., 8 de julho de 1940.

**253** Bloch, *Operation Willi*, p. 112.

**254** Ibid., p. 113.

**255** PT/TT/AOS/CO/NE-IA/17/Report of the PVDE on the Visit of the Duke of Windsor to Portugal, 10 de julho de 1940.

**256** Ibid., 12 de julho de 1940.

**257** Ibid., 11 de julho de 1940.

- 258** Ibid., 12 de julho de 1940.
- 259** Ibid., 13 de julho de 1940.
- 260** Bloch, *Operation Willi*, pp. 114-15.
- 261** Ibid.
- 262** PT/TT/AOS/CO/NE-IA/17/Report of the PVDE on the Visit of the Duke of Windsor to Portugal, 23 de julho de 1940.
- 263** David Eccles, *By Safe Hand: The Letters of Sybil and David Eccles, 1939-1942* (Londres: Bodley Head, 1983), p. 132.
- 264** Ibid., p. 133.
- 265** Ibid., p. 139.
- 266** PT/TT/AOS/CO/NE-IA/17/Report of the PVDE on the Visit of the Duke of Windsor to Portugal, 20 de julho de 1940.
- 267** Ibid., 13 de julho de 1940.
- 268** Ibid., 20 de julho de 1940.
- 269** Ibid., 26 de julho de 1940.
- 270** Bloch, *Operation Willi*, p. 191.
- 271** Ibid.
- 272** Walford Selby, *Diplomatic Twilight, 1930-1940* (Londres: John Murray, 1953), p. 122.
- 273** Richard J. Evans, *The Third Reich at War: How the Nazis Led Germany from Conquest to Disaster* (Londres: Penguin, 2009), p. 137.
- 274** Ibid., pp. 137-38.

## Conexões espanholas

Quando a Itália declarou guerra à Grã-Bretanha e à França, em 10 de junho de 1940, um desapontado Salazar reagiu simplesmente substituindo a antiga foto em preto e branco de Mussolini atrás de sua mesa pela do papa. Como a maioria das guerras, as coisas andavam rápido, e velhas alianças e fidelidades mudavam, de formas antes imprevisíveis. Salazar acreditava que teria sido possível manter a Itália fora da guerra, mas sua prioridade, na segunda metade de 1940 e durante todo o ano de 1941, foi garantir que a Espanha não seguisse o mesmo caminho.

O diário de Salazar revela que alcançar esse objetivo era às vezes um esforço muito solitário, que exigia todas as suas consideráveis habilidades políticas e diplomáticas. Conforme o número de arquivos do governo continuava a crescer na sua bem ordenada escrivaninha, até alguém com a sua conhecida capacidade de trabalhar até altas horas da noite começava a sentir a pressão. Ele ainda acreditava que um pequeno governo autocrático era o meio mais eficaz de governar, mas visivelmente já estava ficando velho.<sup>275</sup> Seus cabelos estavam grisalhos e seu rosto parecia marcado com grandes bolsas escuras sob um olhar cada vez mais distante. Diplomatas estrangeiros percebiam que seu humor estava mais sombrio e seus acessos de mau humor aumentavam. Tinha sido primeiro-ministro por quase 20 anos, ministro das Finanças desde 1928 e, em 1941, não havia um final à vista para a guerra ou para a difícil situação em que Portugal se encontrava. Em 1942, o estado mental e as



explosões de Salazar levariam o embaixador britânico a alertar seus supervisores em Londres de que ele estava se tornando mentalmente desequilibrado.

O humor de Salazar refletia o da cidade de Lisboa. O nível de ansiedade na capital crescera gradualmente desde o verão de 1940, e não eram apenas os refugiados que mostravam sinais evidentes de esgotamento nervoso e estresse. A frequência nos cafés e bares aumentava, conforme os lisboetas discutiam as últimas notícias e a ameaça de serem arrastados para a guerra. Até a população local pouco instruída compreendia que o fator decisivo para a guerra era a atitude dos espanhóis e, em particular, do general Franco.

Como todos os bons vizinhos, os portugueses tinham uma compreensão muito limitada da Espanha e da política espanhola, e vice-versa; havia também, da parte dos espanhóis, falta de compreensão de Portugal, do seu povo e da sua política. David Eccles criticou o embaixador britânico quanto ao tom da Espanha para com os portugueses, que comparou a como os australianos se referiam aos neozelandeses. Entre a maioria dos lisboetas, a crença era de que Espanha e Franco eram pró-nazistas, e usariam qualquer desculpa para acabar com a independência de Portugal. Havia também um consenso de que se a Espanha, ou a Alemanha, atacasse o país, as Forças Armadas portuguesas pouco poderiam fazer para impedir. Os britânicos já haviam deixado claro que, no caso de ataque, o Reino Unido não poderia ser de muita ajuda.<sup>276</sup>

Entre as classes mais educadas, especulava-se muito quanto ao que Salazar e o governo português fariam se o país fosse invadido. As pessoas lembravam que, quando a França invadira o país durante as Guerras Peninsulares, a família real, o governo e as figuras importantes da economia partiram de Lisboa para o Brasil, onde permaneceram em exílio até bem depois de os franceses terem se

retirado.<sup>277</sup> Era ideia corrente de que, na ocasião, Salazar e o governo partiriam de Lisboa para uma das ilhas portuguesas (os Açores, como a escolha se revelou). Dali, continuariam a montar a resistência que fosse possível, com o provável apoio britânico, e governariam no exílio.

Dado o prejuízo a longo prazo que o último êxodo português havia causado ao país, a perspectiva de Salazar tentando governar lá do oceano Atlântico, em meio a um conflito global, era difícil de imaginar. Para piorar as coisas, no plano para uma retirada ordenada de Lisboa estava incluída a sabotagem de instalações-chave ao longo das margens do rio Tejo, assim como de partes do sistema de transporte.<sup>278</sup> Se os espanhóis ou os alemães tivessem entrado em Lisboa, teriam encontrado a cidade parcialmente destruída e suas principais personalidades a bordo de um navio a caminho dos Açores. Para Salazar, era um cenário de pesadelo.

Os interesses de Salazar estavam alinhados com os da Grã-Bretanha, com a qual ele trabalhava discretamente numa abordagem com frequência coordenada para lidar com a Espanha.<sup>279</sup> Manter a neutralidade espanhola era de grande importância para os britânicos a fim de conservar o controle sobre o estreito de Gibraltar e impedir o estabelecimento de bases aéreas e submarinas alemãs no Norte da Espanha, no Marrocos espanhol e nas ilhas Canárias. Além disso, os britânicos queriam garantir minerais essenciais, em particular minério de ferro, dos quais a Espanha era o principal fornecedor.<sup>280</sup>

A preocupação de Salazar sobre uma invasão espanhola ou alemã provou ser justificada pelos dois lados: a Alemanha planejava uma invasão do continente ibérico para 1941, e planos espanhóis detalhados para a invasão de Portugal também vieram à tona.<sup>281</sup> A culminação dos esforços diplomáticos de Salazar para garantir a permanência da neutralidade formal da Espanha foi a assinatura de

um protocolo adicional ao existente Tratado de Amizade e o Pacto de Não Agressão entre Portugal e Espanha, no dia 29 de julho de 1940.<sup>282</sup> O novo protocolo, em essência, vinculava a segurança dos dois países e criava a impressão de uma política relativamente unificada na península Ibérica. Como a maioria desses protocolos, a linguagem exata estava aberta a amplas interpretações dos dois lados. Os elementos falangistas na Espanha o viam como um meio de trazer Lisboa mais para a órbita política de Madri. Em outras palavras, ele se encaixava na sua agenda nacionalista de trazer Portugal de volta para o controle espanhol.

Em Lisboa, entretanto, o protocolo foi visto de modo contrário, como sendo o melhor meio de garantir a neutralidade espanhola e, conseqüentemente, de reduzir a ameaça de invasão a Portugal. Ironicamente, tanto a Grã-Bretanha quanto a Alemanha, pelo menos em parte, receberam bem o protocolo, argumentando que ele indicava que seus respectivos aliados ibéricos davam sinais de se proteger de seus inimigos. Devido à instabilidade política interna em Madri e aos planos de Hitler sempre mudando, o protocolo não garantia o fim da ameaça espanhola, mas, citando Winston Churchill impropriamente, ele marcou o início do fim.

Havia mais crises envolvendo a Espanha, principalmente na esfera econômica, e a atenção de Salazar aos detalhes diplomáticos e a sua habilidade para se dar bem com o general Franco seriam necessárias. O papel de Salazar na forma adequada de lidar com Franco, do ponto de vista aliado, seria muito discutido por políticos, diplomatas e historiadores, mas o consenso foi de que esse papel foi absolutamente vital.<sup>283</sup>

Os britânicos acharam que o papel de Salazar em manter a Espanha fora da guerra, em 1940-1941, foi central. David Eccles argumentou que Salazar e o MFA foram importantíssimos ao

impedirem a Espanha de se unir às potências do Eixo. Como resultado, a fim de incentivar Salazar e refletir a acentuada importância das relações anglo-portuguesas com Londres, os britânicos combinaram três ofertas para a segunda parte de 1940 e início de 1941. A 24 de setembro de 1940, Winston Churchill escreveu a Salazar para lhe agradecer por seus esforços com a Espanha, e encorajá-lo a continuar com eles:

Acompanhei com a maior simpatia e admiração seus esforços para impedir a guerra de se espalhar para a península Ibérica. Como tantas vezes, durante os muitos séculos da aliança anglo-portuguesa, os interesses britânicos e portugueses são idênticos nessa questão vital.<sup>284</sup>

A segunda oferta britânica foi a decisão da Universidade de Oxford de conferir um título honorário a Salazar. Ao escrever a Salazar, a comissão deixou claro que compreendia que ele, devido a compromissos de trabalho, não poderia viajar até Oxford para receber o título. Em vez disso, a comissão iria até a Universidade de Coimbra, onde o título lhe seria conferido.

Seria uma oportunidade maravilhosa para os interesses da propaganda britânica. Salazar compreendeu e hesitou em aceitar o prêmio, temendo ofender os alemães. Seus antecedentes acadêmicos, e o fato de se considerar um erudito, entretanto, indicavam que relutava em recusar o prêmio de uma das mais prestigiadas universidades do mundo.

No final, ele concordou em aceitar e foi até Coimbra receber o título. A cerimônia foi realizada com toda a formalidade característica da cultura profundamente sustentada por ambas universidades (duas das mais antigas do mundo). A cerimônia e os comentários de Salazar a seguir foram filmados pela Pathe News e exibidos na

Inglaterra. Em resumo, o evento representou um excelente exercício da propaganda britânica, ajudando a deixar marcada nos portugueses sua histórica aliança com a Inglaterra.

A parte final do quebra-cabeça britânico foi a indicação de Ronald Campbell para suceder Walford Selby como embaixador em Portugal. Bert Fish, chefe da delegação americana em Lisboa, achou a indicação de Campbell extremamente significativa.<sup>285</sup> Fish argumentou que essa nomeação pretendia enviar a Salazar sinais de que os britânicos estavam apostando em Lisboa e também tencionavam conter a crescente influência dos alemães na cidade.<sup>286</sup> Fish observou ainda o aumento no número e na qualidade de funcionários trabalhando no prédio da nova embaixada, como um sinal de que os britânicos falavam sério a respeito de causar um impacto diplomático mais forte em Lisboa.<sup>287</sup>

O principal problema que Campbell tinha pela frente era o impacto do bloqueio econômico britânico a Portugal. Fish argumentava que, embora tanto Salazar quanto os portugueses fossem a favor dos ingleses, não se podia esperar que eles ficassem sentados, sofrendo o impacto do bloqueio econômico. O sistema prejudicava o comércio português e, segundo os americanos, estava sendo mal administrado pelos ingleses.<sup>288</sup>

Salazar via a questão do comércio sob uma luz bem diferente dos britânicos. Para ele, não havia problema em comercializar com ambas as potências: aliadas e do Eixo. Nesse estágio, não estava claro quem ganharia a guerra, ou mesmo se qualquer um dos lados garantiria a vitória sobre o outro. Mesmo entre os mais fortes anglófilos em Lisboa, havia uma sensação, naquele ponto da guerra, de que as coisas não estavam indo bem para os aliados. Salazar via a neutralidade não como um conceito rígido, mas como um conceito que mudava de direção. Naquela altura, fazia sentido para Portugal

comercializar abertamente com ambos os lados. Salazar também acreditava que, se Portugal não fizesse negócios com a Alemanha, isso faria crescer a ameaça de ações militares contra o país.

Foi só muito mais tarde, quando o resultado da guerra estava garantido para os aliados, que Salazar discretamente deu ordem a alguns de seus confidentes econômicos mais íntimos para parar de comercializar com os alemães. Tudo isso podia ter parecido muito lógico para um país pobre como Portugal, mas para os britânicos, e em particular para a MEW, foi uma importante fonte de aborrecimentos.

Em resposta, a MEW começou a redigir uma lista negra de nomes de indivíduos que diziam ter comercializado com a Alemanha e, depois da guerra, ações seriam tomadas contra eles. O primeiro problema que a MEW encontrou em Portugal foi como recolher essas informações. Boa parte delas exigia conhecimento local, portanto, a MEW contratou empregados recrutados na região para ajudar na tarefa, assim como pessoas que haviam estado diretamente ligadas ao comércio em Portugal.<sup>289</sup>

O problema de fazer isso num país pequeno e centralizado como Portugal era a exposição a abusos, com o risco de algum nome ou empresa rival a alguém que o funcionário local da MEW conhecesse ir parar na lista negra. Houve casos também de pessoas não conseguirem contratos e mais tarde ameaçarem colocar na lista o nome da empresa que negou.<sup>290</sup> Houve quem pensasse que Ricardo Espírito Santo e o banco que ele dirigia tivessem sido atingidos assim.

A vida econômica em Lisboa não era como em Londres, e a MEW parecia não compreender os fatores culturais que levaram o sistema a se tornar sujeito a abuso por parte de indivíduos insatisfeitos ou oportunistas. O uso da lista negra, mesmo que às vezes com

objetivos um pouco injustos, foi considerado pelos britânicos, e depois pelos Estados Unidos, como uma arma eficaz contra a Alemanha e as empresas e indivíduos que com ela comercializaram. Conforme a guerra se arrastava, tornou-se claro que os americanos estavam mais interessados na ideia de uma rígida implementação da lista negra, e ficou evidente que a discriminação dos aliados contra as empresas na lista negra continuaria no período pós-guerra.<sup>291</sup>



O que os britânicos e, num grau menor, os americanos não compreenderam totalmente foi que todos os setores da sociedade portuguesa queriam lucrar alguma coisa com a guerra. Não foi apenas o Estado português, mas também não foram só os donos de grandes bancos, empresas, hotéis e pousadas, e informantes da polícia, indivíduos que viram uma oportunidade de colher algumas recompensas. Novas habilidades foram aprendidas, tais como o comércio com pedras preciosas e câmbio não oficial.

A prostituição, que sempre havia sido um aspecto secreto das áreas portuárias de Lisboa, disseminou-se. Garotas paupérrimas da região, muitas delas menores de idade e vivendo em péssimas condições de habitação, aumentavam a renda com ganhos obtidos com o comércio local, e também com a afluência de estrangeiros a Lisboa entre 1940 e 1943. Refugiados que aparentavam ter dinheiro e que permaneciam na cidade eram, com frequência, seguidos por prostitutas na esperança de algum negócio no final do dia. Os bares de hotel em Lisboa eram famosos por permitir que prostitutas se misturassem aos hóspedes, depois de darem uma gorjeta aos porteiros.

Sabia-se que alguns refugiados também recorriam à prostituição, como um meio para conseguir o dinheiro da passagem para sair de

Lisboa. Havia histórias de refugiados cuja estada em Lisboa se prolongava mais do que o previsto devido à espera de vistos de saída, e que, no desespero, recorriam à prostituição para financiar esse tempo a mais de permanência na cidade. Relatórios e histórias de prostituição de refugiados foram um tanto exagerados nos números. A maior parte dessa atividade acontecia com a participação de garotas locais. O relatório dos registros do principal centro de doenças venéreas e de pele em Lisboa mostrou haver um nível epidêmico de doenças sexualmente transmitidas na cidade durante a Segunda Guerra Mundial.<sup>292</sup> Desnecessário dizer, o relatório não recebeu qualquer cobertura pela imprensa portuguesa, rigidamente controlada.

Em Londres, no MEW, ninguém parecia compreender a atividade econômica em Lisboa. As principais empresas portuguesas faziam comércio com quem Salazar as aconselhava, e isso incluía a Alemanha. A maioria das empresas e bancos mais importantes era controlada por famílias da elite, muitas delas em grande débito com Salazar por lhes haver permitido desenvolver seus impérios comerciais. Elas não teriam negociado com os alemães sem sua bênção direta. Os alemães estavam interessados em fazer comércio com os portugueses por vários motivos, principalmente porque esses vínculos comerciais, em sua visão, aproximavam ainda mais os dois países e, por conseguinte, prejudicavam as relações anglo-portuguesas.

No dia 28 de abril de 1941, houve uma imponente passeata em Lisboa em homenagem a Salazar, à unidade nacional e à sua política de neutralidade. Observadores estrangeiros de início não acreditaram, achando que tinha sido organizada oficialmente e, portanto, não era uma demonstração espontânea de sentimento



nacional.<sup>293</sup> No dia da passeata, o centro de Lisboa estava enfeitado com bandeiras desfraldadas nos prédios do governo.

As celebrações do dia começaram à uma hora da tarde, no Ministério das Finanças, onde um busto de Salazar foi inaugurado em sua presença e na de oficiais de destaque no governo.<sup>294</sup> Todas as repartições públicas fecharam uma hora antes e a passeata começou a se formar logo depois. Veio gente de todos os cantos do país para assistir. Chegavam de ônibus, de trens especiais e alguns até de bicicleta. Ao chegar, eram entretidas na praça principal de Lisboa, conhecida como praça do Cavalo Negro, por 14 bandas militares portuguesas.<sup>295</sup>

Às seis horas da tarde, Salazar apareceu em uma das janelas do Ministério das Finanças que dava para a praça e de onde pendia uma imensa bandeira de Portugal. Depois de uma longa e entusiástica recepção, Salazar discursou para uma multidão impressionantemente silenciosa embaixo.<sup>296</sup> No final, houve prolongados aplausos e gritos de “Viva Portugal” e “Viva Salazar”. Depois de fazer a saudação fascista, Salazar se retirou, deixando a imensa multidão se dispersar tranquilamente.<sup>297</sup>

O comício havia sido um brilhante teatro político e servira ao seu verdadeiro propósito de lembrar a todos que as políticas de Salazar estavam salvando Lisboa dos horrores da guerra. Como em todos os seus discursos, não houve grandes explosões de retórica nem promessas de coisas grandiosas no futuro. Foi, na realidade, uma convocação à unidade nacional e ao apoio à política de neutralidade cuidadosamente pronunciada.<sup>298</sup> Foram palavras vagas, que não disseram nada de novo.

O evento em si foi mais importante do que o discurso de Salazar. O embaixador britânico resumiu bem seu impacto sobre o lado aliado ao observar que evento e discurso haviam mostrado que o

coração de Salazar estava do lado certo, mas que ele gostaria de saber um pouco mais sobre o que se passava pela cabeça de Salazar.<sup>299</sup> Quase toda a imprensa portuguesa cobriu o comício em detalhes, e o discurso de Salazar foi publicado nas páginas internas dos jornais. Enquanto durou a guerra, Lisboa não assistiria a um comício político nessa escala. Salazar preferia sentar-se tranquilamente à sua mesa e resolver seu problema de como manter Portugal fora do conflito, e considerar as oportunidades econômicas que a guerra oferecia ao país.

---

**275** PT/TT/AOS/O diário de Salazar, 3 de setembro de 1940.

**276** PRO/FO/371/36794/Report of Chiefs of Staff on Possible Military Help to Portugal, 29 de abril de 1941.

**277** Para um relato detalhado, ver Patrick Wilcken, *Empire Adrift: The Portuguese Court in Rio de Janeiro, 1808-1821* (Londres: Bloomsbury, 2004).

**278** PRO/HS/6/978/Operation Panicle, 19 de maio de 1941.

**279** David Eccles, *By Safe Hand: The Letters of Sybil and David Eccles, 1939-1942* (Londres, Bodley Head, 1983).

**280** PRO/FO/371/24491/Situation in Portugal and the Iberian Peninsula, 24 de junho de 1940, p. 349.

**281** Sobre planos espanhóis detalhados para invasão, ver Manuel Ros Agudo, *A grande tentação: os planos de Franco para invadir Portugal* (Lisboa: Casa das Letras, 2009).

**282** Filipe Ribeiro de Meneses, *Salazar: A Political Biography* (Nova York: Enigma Books, 2009), p. 254.

**283** Eccles, *By Safe Hand*, pp. 103-04.

**284** PT/TT/AOS/CP-64/Letter from Churchill to Salazar, 24 de setembro de 1940.

**285** NARA/RG84/40/General Correspondence of U.S. Embassy in Lisbon, 1941. From Fish to State Department, 15 de janeiro de 1941, p. 1.

**286** *Ibid.*, p. 3.

**287** *Ibid.*, p. 2.

**288** *Ibid.*

**289** NARA/RG56/23/Classified Correspondence of Embassy in Lisbon, From Wood to U.S. Treasury, 27 de setembro de 1943, p. 4.

**290** *Ibid.*

**291** NARA/RG56/2/General Records of the Embassy in Lisbon, Some Notes on the Situation in Portugal, 31 de julho de 1945, p. 8.

**292** F. Norton Brandão, "Epidemiology of Venereal Disease in Portugal during the Second World War", *British Journal of Venereal Diseases* 36, nº 2 (1960), p. 136.

**293** NARA/RG84/41/General Records of the Embassy in Lisbon, From Fish to State Department, 1º de maio de 1941, p. 1.

**294** Ibid., p. 2.

**295** Ibid., p. 1.

**296** Ibid., p. 3.

**297** Ibid., p. 1.

**298** Ibid., p. 4.

**299** Ibid., p. 5.



Centro de Lisboa, onde as luzes da rua continuaram a brilhar forte de noite durante toda a Segunda Guerra Mundial, mas lançavam sombras profundas.



António de Oliveira Salazar (direita), com dois de seus mais importantes defensores, tirada na inauguração da Exposição do Mundo Português, no verão de 1940. Duarte Pacheco está à esquerda com seu chapéu-coco, com António Ferro olhando da extrema esquerda. Salazar, um ditador, jamais vestiu um uniforme militar.



Oficiais e dignitários de cartola e casaca na cerimônia de inauguração da Exposição do Mundo Português, numa época em que as tropas britânicas estavam sendo evacuadas das praias da França.



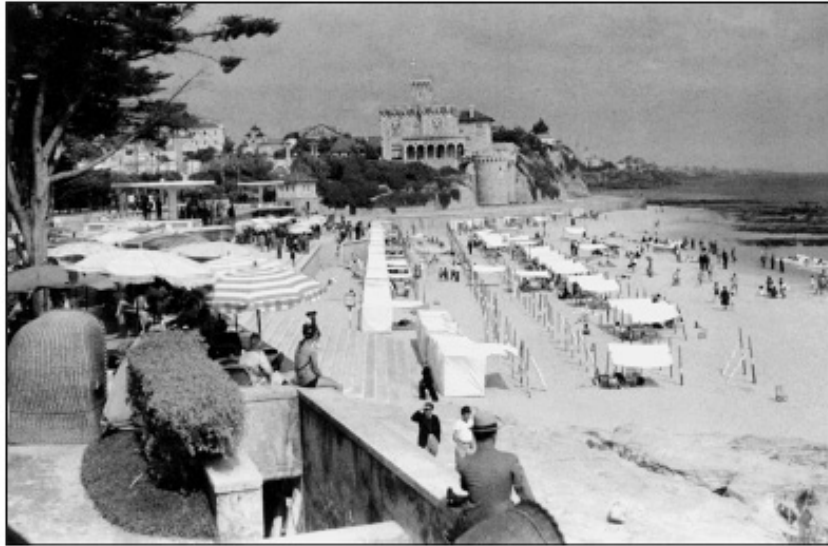
O duque de Palmela (esquerda), que seria nomeado embaixador português na Grã-Bretanha, em 1943, recebe para um chá em homenagem à visita do duque de Kent a Portugal, em 1940.



O embaixador britânico, Sir Walford Selby (segundo à direita, olhando para a câmara), jantando em Lisboa com líderes comerciais locais enquanto era seguido de perto pelo embaixador alemão, barão Oswald von Hoyningen-Huene, (quinto à direita, olhando para a câmara).



O suntuoso interior do hotel Aviz, em Lisboa. O hotel foi um lar temporário para os refugiados mais ricos e celebridades visitando Lisboa durante a guerra.



Vista da praia do Estoril onde refugiados judeus apanhavam sol sob o olhar vigilante de bronzeados agentes da Gestapo.

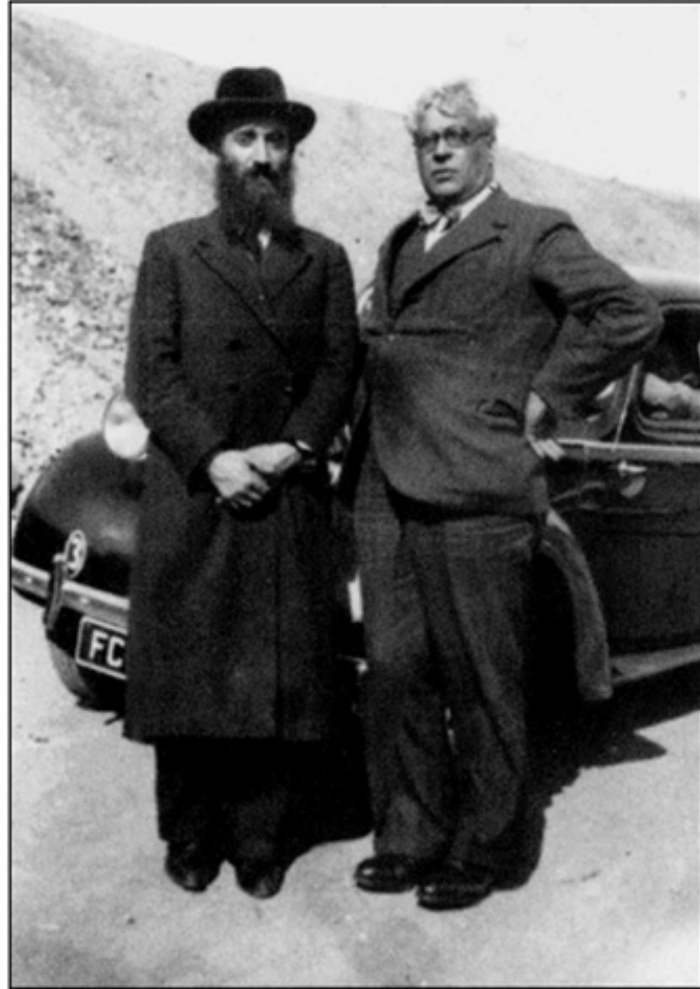


Salazar dirigindo-se a imensa multidão em Lisboa em 1941. O evento foi organizado pelo regime para ressaltar o apoio à unidade nacional e à política de neutralidade de Salazar na guerra. Salazar detestava fazer discursos para grandes multidões.





A praça do Rossio dando para o café Chave d'Ouro, onde refugiados falavam em surdina e eram vigiados de perto por agentes da polícia secreta portuguesa (PVDE).



Aristides de Sousa Mendes, o cônsul português em Bordeaux, e Rabino Kruger, que o ajudou a emitir vistos de saída para judeus, a caminho de Lisboa depois que Salazar, furioso, o chamou de volta.



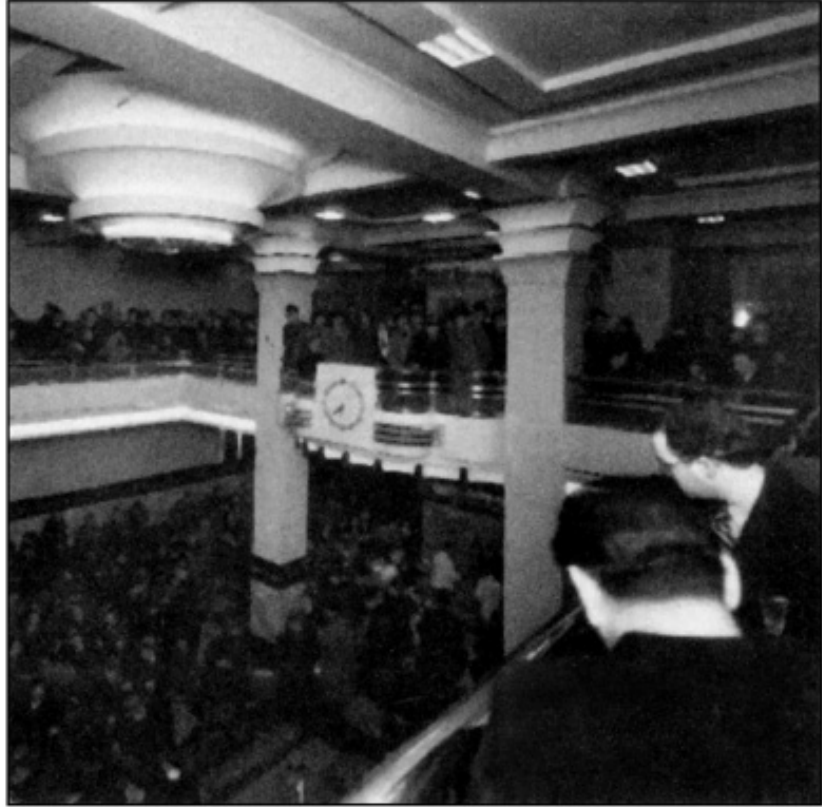
Os que tiveram sorte. Dois ônibus seguindo para Lisboa cheios de crianças judias refugiadas, com ajuda de grupos de resgate de judeus, baseados em Lisboa, para sair da Europa ocupada pelos alemães. Muitas tentativas semelhantes para tirar crianças judias da Europa falharam devido a atrasos burocráticos e confusão com vistos.



Refugiados ricos, bem-vestidos, esperando pacientemente em Lisboa para embarcar num navio de passageiros que partia para os Estados Unidos.



Varian Fry, o jornalista americano, dirigia uma operação de resgate que ajudou milhares de refugiados judeus e antinazistas. Aqui, Fry está olhando para o outro lado da fronteira da França com a Espanha. Muitos dos refugiados não tão ricos que fugiram da França tiveram que subir as montanhas a pé para chegar à Espanha.



Café Chave d'Ouro no Rossio. O maior café da cidade, à noite lotado com pessoas do local e refugiados, em 1941.



Estação do Rossio: o primeiro vislumbre de Lisboa para muitos refugiados que chegavam à noite.



Salazar e o banqueiro português Ricardo Espírito Santo, relaxando juntos. Espírito Santo não fazia nada durante a guerra sem aprovação de Salazar.



Ricardo Espírito Santo e o duque de Windsor discutindo os últimos acontecimentos na casa do banqueiro na Boca do Inferno, em Cascais.



Ricardo e a mulher relaxando, em seu jardim em Cascais, com o duque e a duquesa de Windsor.





Uma agência de propaganda alemã no bairro comercial do Chiado, em Lisboa. Na vitrina, Hitler é retratado como a melhor defesa contra o bolchevismo. Muitos portugueses compartilhavam este sentimento.



Oficiais mais graduados da polícia secreta portuguesa (PVDE), num raro programa noturno, participam de um jantar na Embaixada da Espanha em Lisboa. O embaixador espanhol em Portugal, Nicolas Franco (irmão do general Franco), está sentado no centro da primeira fila. À esquerda do embaixador, está o chefe da PVDE, capitão Agostinho Lourenço. O capitão Paulo Cumano, oficial da PVDE que os aliados consideravam como o mais pró-germânico, está sentado na extrema esquerda da fotografia.



O embaixador alemão em Lisboa, barão Oswald von Hoyningen-Huene, em seu escritório. Inteligente e calculista, o embaixador montou uma formidável rede de conexões sociais em Lisboa.



O diplomata britânico do Ministério de Economia de Guerra, em Lisboa, David Eccles, intelectualmente brilhante, persuasivo e vaidoso. Ele supervisionava as complexas negociações de tungstênio com Salazar.

BOLETIM DE ALOJAMENTO DE ESTRANGEIRO		BOLETIM INDIVIDUAL DE PASSADOS	
<p>Para os efeitos do Art. 6.º do Decreto N.º 15.884 de 26 de Agosto de 1926, declara que fornece alojamento ao estrangeiro cuja identidade consta do verso deste boletim.</p>		<p>Para os efeitos do art. 1.º do Decreto N.º 16.386 de 18 de Janeiro de 1929</p>	
<h1>PALACIO HOTEL</h1> <h2>ESTORIL</h2> <p data-bbox="354 514 625 556">data <u>20 de Maio</u> de 194<u>4</u></p>		<p>Nome completo / Nom et prénom: <u>Ian Lancaster Fleming</u></p> <p>Nacionalidade / Nationalité: <u>Ingleza</u></p> <p>Profissão / Profession: <u>Governante Oficial</u></p> <p>Domicílio habitual / Domicile habituel: <u>England</u></p> <p>Passaporte / Passport: <u>Passaporto 193543</u></p> <p>Expedido em / Délivré à: <u>Toronto Office</u></p> <p>Data / Date: <u>23 de Fevereiro</u> de 1<u>944</u></p>	
<p>Nota: O nome e endereço podem ser substituídos pelo carimbo aposto neste lugar.</p>		<p>Autó. / N.º: _____</p> <p>Data - Date: <u>20 15 / 10 44</u></p> <p>Assinatura - Signature: <u>[Handwritten Signature]</u></p>	

O documento de registro de Ian Fleming no hotel Palácio. Fleming manteve-se ocupado no Estoril, concebendo a "Operação Golden Eye" e jogando vinte e um no maior cassino da Europa.



O hotel Palácio, no Estoril, estava repleto de espões de todas as partes em guerra. O hotel era o lugar mais glamuroso para se ficar, ou para ser visto, ao longo da costa lisboeta.



O filme *Casablanca* gira em torno de quem possui um visto de saída assinado, permitindo seguir viagem para Lisboa. Aqui a carta de trânsito de Arthur Koestler com os selos mostrando sua passagem de Casablanca para Lisboa e depois para Bristol, Inglaterra.



Monte Estoril Hotel onde Peggy Guggenheim e sua comitiva ficaram depois de acharem o centro de Lisboa claustrofóbico demais. As crianças se divertiam brincando no parque ao lado do hotel.

**BOLETIM INDIVIDUAL**

*Para os efeitos do art.º 1.º do Decreto N.º 16.386 de 18 de Janeiro de 1929*

(Aprovado pelo Decreto Lei N.º 26.327)

Nome completo Nom et prénom		<i>Marguerite S. Guggenheim</i>	
Nacionalidade Nationalité		<i>E. U. America</i>	
Nascimento Naissance	local lieu	<i>New York City</i>	
	data date	<i>26 de Agosto</i> de 1 <i>898</i>	
Profissão Profession		<i>Sp</i>	
Domicílio habitual Domicile habituel		<i>Marselha</i>	
Documentos de viagem Documents de voyage	Passaporte Passeport	<i>Passaporte N.º 245</i>	
	Expedido em Delivré à	<i>Marselha</i>	
	Data Date	<i>22 de Março</i> de 1 <i>941</i>	
Auto.		N.º _____	
(a) Data Date		<i>9, 6 / 19 41</i>	
		Assinatura Signature <i>Marguerite Guggenheim</i>	

Indicar se é passaporte, cédula pessoal ou certificado de nacionalidade.  
Indiquer s'il s'agit de passeport, carte d'identité ou autorisation de résidence.

Documento de registro de Peggy Guggenheim no Monte Estoril Hotel. Todos os estrangeiros tinham que preencher o documento.



Peggy Guggenheim e Max Ernst (centro) chegam a Nova York vindo de Lisboa. Ernst, cidadão alemão, foi submetido a um extenso interrogatório pelas autoridades de imigração dos Estados Unidos.



Jack Beevor, um dos recrutas mais brilhantes do SOE. Salazar o expulsou de Lisboa, mas o dossiê que Beevor escreveu sobre atividades de espionagem alemã ajudou a convencer Salazar a encerrar boa parte da operação alemã na cidade.



A área do porto de Lisboa estava sempre movimentada durante a Segunda Guerra Mundial. Se Portugal fosse invadido, os britânicos planejavam explodir os



guindastes para dentro do rio para tentar impedir navios e submarinos do Eixo de usarem o porto.



O navio português *Serpa Pinto*, partindo para os Estados Unidos com sua carga humana de refugiados.



Aeroporto Portela de Lisboa onde, durante a Segunda Guerra Mundial, aviões aliados e alemães ficavam parquoados lado a lado na pista.

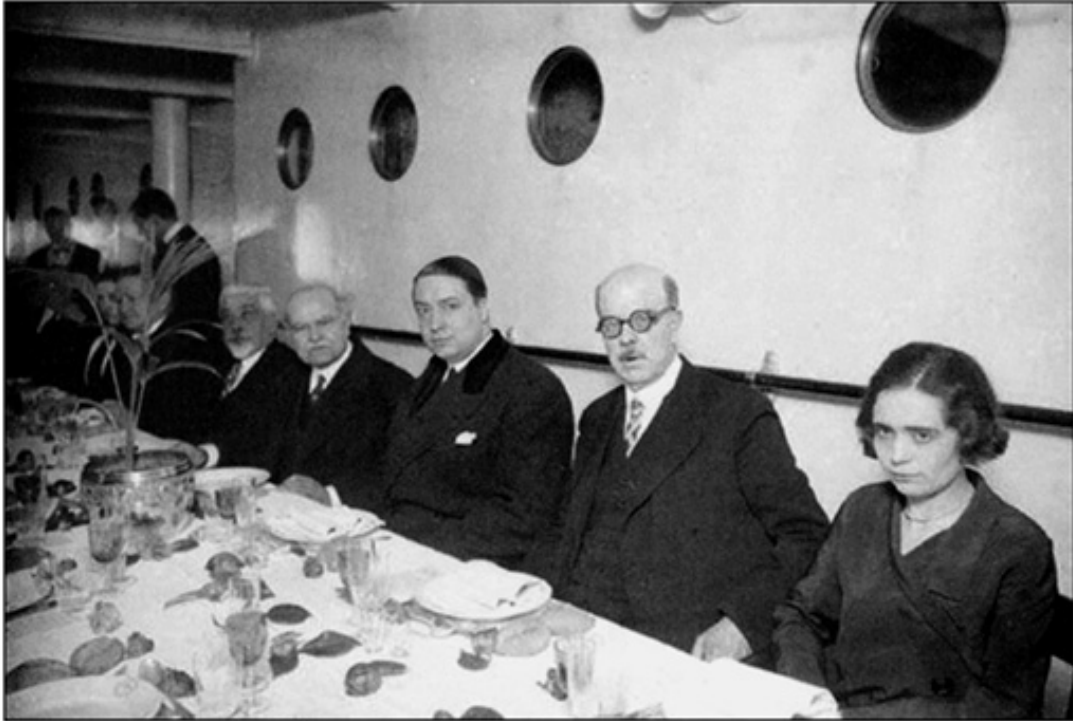


O último jantar em Lisboa do ídolo das matinês de Hollywood, Leslie Howard, antes de seu fatídico voo para a Inglaterra. A semelhança do agente de Howard, Arthur Chenhalls (direita), com Sir Winston Churchill é surpreendente.



O suave embaixador britânico em Portugal, Sir Ronald Campbell (direita), discutindo a situação internacional com o ministro dos Estados Unidos, Bert Fish

(esquerda), na embaixada britânica em Lisboa em 1942.



Armindo Monteiro (terceiro a partir da direita) foi embaixador português na Grã-Bretanha, considerado por muitos como um declarado anglófilo. Seu relacionamento com Salazar azedou em 1943 e ele foi chamado de volta a Lisboa praticamente em desgraça.



O Pan Am Clipper chega em Lisboa, O clipper era usado apenas pelos refugiados mais ricos. Em fevereiro de 1943, ao aterrissar em Lisboa se espatifou no rio Tejo.



Avenida da Liberdade à noite – a Champs-Élysées de Lisboa. O hotel Tivoli localizava-se ao longo de seus amplos bulevares, ladeados de árvores.



Os táxis rangendo pneus sobre os trilhos de bonde. Os motoristas de táxi continuaram fazendo bons negócios durante toda a guerra.



Praça do Rossio à noite. Essa praça ficava repleta de refugiados e espões, com a polícia portuguesa vigiando tudo e todos.



Praça do Rossio à noite. As luzes mostram a silhueta do castelo medieval de São Jorge, que domina Lisboa desde os tempos das Cruzadas.

## Listas secretas de resgate de judeus

**E**nquanto Salazar se dirigia à multidão, a crise dos refugiados em Lisboa ainda estava no auge. A um quilômetro e meio a oeste, da janela de onde Salazar fizera o seu discurso, ficava a parte principal do porto de Lisboa, no trecho entre Santos e Alcântara. Ali, o contraste não poderia ser maior, conforme os navios transportando refugiados embarcavam suas cargas e partiam rio acima em direção ao oceano Atlântico e, com frequência, para os Estados Unidos. Muitos dos refugiados dormiam encostados às bagagens enquanto esperavam horas aparentemente intermináveis para embarcar. Os escritórios das companhias de navegação eram cenários de grande caos e barulho conforme as pessoas tentavam garantir passagem para sair de Portugal. De tempos em tempos, acontecia uma briga, mas a polícia portuguesa, designada para guardar os escritórios das várias companhias, logo acabava com a disputa.

Para os ricos, o serviço de hidroaviões Clipper da Pan Am oferecia uma rota mais rápida e exclusiva para se sair de Lisboa. Esses grandes hotéis voadores podiam alcançar Nova York em um só dia, com uma parada para reabastecer nos Açores. Eles levantavam voo e aterrissavam num porto especialmente projetado ao longo do rio. Os Clippers eram luxuosos, e o preço das passagens refletia isso. No interior, havia uma sala de jantar e um bar. Cada cabine de passageiro parecia um quarto de hotel cinco estrelas, completo, com serviço de cama dobrável. Entretanto, apesar de todo o luxo e

serviços, muitos dos passageiros do Clipper, principalmente as crianças, enjoavam terrivelmente no caminho para Nova York e como resultado bebiam e comiam muito pouco.<sup>300</sup> A maioria dos bilhetes para refugiados que fugiam de Lisboa era reservada em Nova York por parentes, amigos ou doadores ricos.

Durante a guerra, Lisboa abrigou muitos refugiados célebres. Muitos dos judeus deviam sua presença em Lisboa ao trabalho de um americano, Varian Fry, que (como Aristides de Souza Mendes) foi homenageado no Museu do Memorial do Holocausto Yad Vashem como um dos "Justos entre as Nações". Varian Fry viajou para Marselha no verão de 1940 como representante da Comissão de Resgate de Emergência (uma organização privada de assistência humanitária americana). Ali, usando fundos fornecidos por judeus americanos ricos, organizou uma linha de fuga para Lisboa para vários artistas e figuras públicas especialmente selecionados que estavam na lista que ele carregava. Fry estava mais do que um pouco desconfortável com a natureza da lista, que efetivamente selecionava os refugiados que podia tentar ajudar.<sup>301</sup> Seu trabalho era com frequência muito perigoso, agentes da Gestapo o cercavam, mas continuou até que ele mesmo também foi obrigado a fugir da França. Retornando aos Estados Unidos, Fry tentou alertar o governo sobre a difícil situação dos judeus na Europa. Curiosamente, seu trabalho na França o levou a ser investigado pelo FBI, que o colocou em sua lista de observação. Fry morreu em 1967, enquanto reeditava suas memórias. Seu nome aparece com frequência em biografias de gente famosa, muitas das quais devem a vida a ele e à sua pequena e dedicada equipe de ajudantes.

Um dos grupos de refugiados a quem Varian Fry ajudou a sair da França, através da Espanha até Lisboa, foi o da colecionadora de arte Peggy Guggenheim, seu ex-marido, Laurence Vail, e o artista

Max Ernst, junto com sua extensa turma de familiares e amigos. A história deles, como a de muitas outras fugas semelhantes, foi um misto de fatos extraordinários e comuns. Peggy vinha fugindo dos alemães desde Paris, onde estivera ocupada montando uma das coleções de arte moderna mais importantes do mundo. Na corrida, as telas muitas vezes eram simplesmente enroladas e enfiadas em malas.<sup>302</sup> Peggy tinha fama de colecionar peças de arte que não eram particularmente do gosto dos nazistas. Conseqüentemente, os alemães estavam muito interessados em apanhá-la, embora, fazendo uma retrospectiva, a extensão do interesse alemão por ela e por suas obras de arte pareceu um pouco exagerada em seu relato dos acontecimentos. A maior ameaça à sua vida não era a arte, mas o simples fato de ser judia. E os judeus já estavam sendo discriminados na França. Peggy foi aconselhada, no caso de ser questionada pela polícia, a negar ser judia, dizendo simplesmente que era americana.<sup>303</sup>

Fry havia descoberto, em janeiro de 1941, que muitos dos refugiados podiam de repente conseguir vistos de saída da França.<sup>304</sup> Essa mudança dramática na política, acreditava, fora causada pela Gestapo, e outras organizações da polícia secreta, completando sua tarefa de examinar as listas de refugiados políticos e intelectuais na França e decidir quem eles queriam deter e quem deixariam escapar por entre as malhas de sua rede.<sup>305</sup> Decidiu-se que nem todos os judeus tinham que ser eliminados, desde que fossem retirados da França. O grupo Guggenheim-Ernst parecia estar na lista de nomes que teriam permissão para escapar através da rede oficial. Isso não significava que o grupo não estivesse em perigo, mas indicava apenas que a Gestapo não estava ativamente procurando por eles, nem os perseguiria.



Peggy Guggenheim e seu grupo chegaram à estação do Rossio, em Lisboa, na primavera de 1941. Ela ainda estava com os brincos característicos que usava desde o Sul da França – longos crescentes, com minúsculos pingentes de quadros emoldurados de Max Ernst.<sup>306</sup> Ernst, um homem surpreendentemente bonito, com olhos poderosos e cabelos brancos, estava ali para recebê-la na estação. Ele havia chegado dias antes, carregando um grande rolo de suas próprias pinturas, que trouxera consigo da França. Nesse país, ele havia pregado com tachas seus quadros na sala de estar da casa onde estava para mostrá-los a Varian Fry e a outros refugiados que aguardavam para seguir para Lisboa.<sup>307</sup>

Na primavera de 1941, entretanto, Lisboa não era lugar para galerias de arte improvisadas e Ernst segurava firme suas obras. Peggy Guggenheim estava igualmente nervosa. Antes de partir, ela havia feito a Fry uma série de perguntas rápidas sobre providências de viagem e o que dizer se fosse parada pela polícia.<sup>308</sup> Fry havia fornecido ao grupo, como a todos os refugiados a quem ajudava, maços de cigarros para subornar os guardas na fronteira.<sup>309</sup> Peggy contou que, antes de partir, havia tentado pedir emprestado 50 dólares a Marc Chagall, para ajudar Ernst, que chegaria a Lisboa antes dela. Na época, Chagall estava tentando transferir 8 mil dólares para os Estados Unidos. Diante do pedido, ele hesitou, disse que não entendia nada de dinheiro e falou para ela voltar ao hotel de tarde, para conversar com sua filha, que era quem cuidava das finanças. Nem é preciso dizer que, quando Peggy retornou ao hotel, ninguém sabia onde estava a filha de Chagall.<sup>310</sup>

Providos essencialmente de documentos e vistos autênticos, a jornada do grupo de Guggenheim através da Espanha foi em grande parte tranquila. Embora os documentos fossem autênticos na origem, a permissão de viagem de Peggy tinha uma data forjada

para ampliar seu limite de tempo para viajar.<sup>311</sup> Era normal que os refugiados fossem preparados por Fry para tentar subornar os guardas na fronteira, se descobrissem que seus papéis não estavam em ordem. O fato de os selos do visto estarem desatualizados era um problema muito comum entre os refugiados que fugiam através da Espanha na época.<sup>312</sup>

Peggy parece não ter percebido a grave escassez de alimentos na Espanha naqueles dias. Alimentou-se bem, recuperou um pouco do peso que havia perdido na França,<sup>313</sup> e afirmou que os mercados estavam superlotados de comida.<sup>314</sup> Na realidade, a Espanha na época era extremamente cara e esgotava quase todos os recursos dos refugiados que não estavam tão bem de vida como os Guggenheim.<sup>315</sup>

Conforme o trem seguia caminho pelas planícies alaranjadas sob um céu azul profundo em direção à fronteira portuguesa, Peggy começou a relaxar pela primeira vez em meses. A PVDE havia examinado seus documentos na fronteira, e depois de uma certa demora permitiu que o grupo prosseguisse para Lisboa, onde chegou no início de maio de 1941.<sup>316</sup> Peggy havia se atrapalhado com o *script* que Fry lhe dera – e dava a todos os refugiados que enviava para fora da França – para o caso de ser interrogada pela polícia. Por sorte, a polícia portuguesa não pareceu muito interessada em sua presença na fronteira e a deixou seguir caminho.

Quando o grupo Guggenheim desceu na estação central, na margem norte do Rossio, o primeiro prédio que viram logo em frente foi a lateral oeste do belo Teatro Nacional D. Maria I. Era um prédio espetacular, em estilo neoclássico, com seis colunas jônicas na fachada. Iluminado à noite, ele dominava o lado norte do Rossio.

Sua localização, entretanto, tinha uma história sombria. Antes de construírem o teatro, o lado norte do Rossio era dominado pelo

Palácio dos Estaus, que servira como sede à Inquisição em Lisboa. Durante aquele período, era ali que oficiais da Igreja Católica julgavam os judeus. Se o acusado fosse considerado culpado, era entregue ao Estado português para ser punido. Na maioria dos casos, isso significava o desfile de judeus até a praça principal do Rossio, onde primeiro o castigo era lido em voz alta e, logo em seguida, executado. Os castigos variavam de espancamentos à tortura e morte, em geral na fogueira, diante de enormes multidões.

O Palácio dos Estaus sobreviveu ao terremoto de Lisboa de 1755, mas foi destruído mais tarde pelo fogo, em 1836. O lugar ainda era conhecido pelas pessoas da região como o espaço onde se queimavam os judeus. Provavelmente, foi bom que Guggenheim e seus companheiros de viagem não tivessem ideia dessa triste história. Em vez disso, ela se concentrou em encontrar ajuda para levar sua bagagem a um hotel próximo. Os Guggenheim, como todos os refugiados que Varian Fry ajudou, carregavam bagagem demais para um grupo que fugia dos alemães. De sua parte, Peggy simplesmente queria chegar a um hotel e descansar depois da longa viagem de trem.

Uma vez em Lisboa, Peggy Guggenheim reuniu-se com os membros de seu extenso grupo que já haviam chegado.<sup>317</sup> Quase de imediato, a tensão e a ansiedade explodiram em enormes discussões a respeito de seus complexos relacionamentos. Na verdade, o grupo inteiro estava física e emocionalmente esgotado, ou apenas tinham chegado ao limite de suas forças.<sup>318</sup>

Com seu gosto por roupas vistosas e joias coloridas, Peggy se destacava das mulheres locais que frequentavam o café Leão D'Ouro, perto da estação do Rossio. Ela achava a área do Rossio em Lisboa claustrofóbica e se aventurava por longas caminhadas, subindo até o bairro comercial do Chiado e descendo até o Baixa, a

principal área de lojas que o marquês de Pombal reconstruíra depois do devastador terremoto de 1755. Ela e seu grupo de amigos, o amante e o ex-marido estiveram em vários miradouros (mirantes) de Lisboa, de onde admiravam a surpreendente vista noturna, com as luzes de Lisboa brilhando forte, como uma lembrança da vida vagamente normal na cidade.

O grupo Guggenheim-Ernst era, em parte, sustentado financeiramente por um grupo de judeus importantes em Nova York. Solomon Guggenheim havia contribuído para esse fundo e era quem custeava as despesas da sobrinha e seu grupo em Lisboa, pagando algumas das passagens até Nova York. Peggy logo se cansou da intensidade de Lisboa e o grupo se mudou para o Estoril, ao longo da costa lisboeta. Ali, eles se hospedaram num hotel modesto no monte Estoril, com vista para o mar lá abaixo.<sup>319</sup>

Embora o ar mais puro e a sensação de espaço parecessem reduzir algumas das disputas internas do grupo, ainda havia explosões de mau humor e acessos de ciúme enquanto tentavam relaxar. Peggy aventurou-se a voltar a Lisboa para conferir vistos e providências de viagem, pegando o trem elétrico que serpenteava pela costa rochosa até a capital. Embora em Lisboa o grupo corresse pouco perigo imediato, havia encontros constrangedores com espões alemães e agentes da PVDE, que seguiam de perto os estrangeiros na cidade. Onde quer que fosse, Peggy chamava atenção e despertava comentários – nem sempre favoráveis – das mulheres do lugar. Como não falava português, mantinha-se bastante indiferente a quase todas as observações mais obscenas, em geral acompanhadas por um gesto correspondente.

Quando não estavam envolvidos em rixas e problemas de relacionamento, Peggy e seu grupo tentavam ver sua estada no Estoril como uma espécie de férias forçadas. Como todo bom turista,

eles visitaram a cidade de Sintra, com seus belos palácios coloridos e o castelo mourisco situado no topo da montanha.<sup>320</sup> Peggy percebeu a limpidez do ar em Sintra, no alto das montanhas, que, no passado, hospedara o poeta Byron. Muitos membros de famílias reais europeias costumavam passar o verão nos vários palácios, gozando do ar claro e fresco e das paisagens espetaculares. A luz, como notou Max Ernst, era impressionante, e ele admitiu que influenciou algumas de suas obras subsequentes. Sintra provou ser uma pausa serena e sossegada, e o casal a visitou diversas vezes durante os meses que passou em Portugal.

Numa noite de verão, Peggy e Max jogaram para o alto a prudência e foram nadar nus em Cascais, muito perto de Boca do Inferno, onde no verão anterior o duque e a duquesa de Windsor haviam se hospedado na casa de Ricardo Espírito Santo.<sup>321</sup> Na ocasião, não havia espiões ou agentes da PVDE por perto, apenas uns poucos pescadores, estupefatos, remendando redes. Depois, Peggy fez amor com Ernst entre as pedras negras que os Windsor tinham visto um ano antes. O único problema naquela noite é que a área das pedras onde eles ficaram era usada como o banheiro não oficial da região.<sup>322</sup>

Peggy lembrou que haviam sido seguidos por uma estranha moça do lugar, que os acompanhou de volta ao hotel, onde o porteiro tentou mandá-la embora.<sup>323</sup> A menina passou a segui-los sempre que saíam, até que desapareceu de repente. É pouco provável que fosse uma informante paga da PVDE; devia estar praticando outro antigo comércio ou simplesmente ficara fascinada com o estilo e os maneirismos de Peggy e Max.

Finalmente, chegou o dia da partida. Houve um drama de último minuto, quando Peggy tentou, sem sucesso, acrescentar mais nomes a seu grupo de viagem. E logo descobriu que faltava uma cama no

Clipper.<sup>324</sup> Tensão e preocupação com aqueles que não acompanhavam o grupo deram origem a mais lágrimas e eternas repercussões em Nova York. Peggy Guggenheim, Max Ernst e o grupo de 11 pessoas finalmente partiram de Lisboa, no dia 13 de julho de 1941, no Clipper com destino a Nova York. A única lembrança que Peggy guardou do voo foi a de sobrevoar um navio, que ela acreditou transportar seus amigos. Como todos os passageiros do Clipper, agentes britânicos interessados em colher informações sobre a França entrevistaram o grupo na chegada às Bermudas para uma escala na viagem.<sup>325</sup> O grupo todo, percebeu ela, fez relatos completamente divergentes da jornada.



Peggy Guggenheim e Max Ernst estiveram em Lisboa apenas um mês depois da demonstração de apoio a Salazar e seu discurso, mas é de suspeitar que eles nem sequer soubessem do evento nem compreendessem coisa alguma das pressões que Portugal enfrentava na época. Refugiados ligados às artes, como Peggy e Ernst, assim como o pintor Marc Chagall – que ficou em Lisboa pouco menos de um mês, em 1941, depois de chegar no dia 11 de maio –, estavam muito alienados da realidade do cotidiano da Cidade da Luz. Era como se existissem duas Lisboas: uma para os refugiados mais pobres e os habitantes locais, e outra para aqueles que viam a cidade mais ou menos como um acampamento de férias forçado.

Chagall vivia em seu próprio mundo. Quando foi preso, recebeu ajuda de Varian Fry, com Solomon Guggenheim financiando uma grande parte de sua viagem pela França e seu bilhete de Lisboa até a América. Como outros refugiados que haviam sido detidos na França, Chagall ficou assustadíssimo com sua prisão. Ao ouvir soar a

campainha da porta, temia sempre que fosse a polícia local chegando para entregá-lo à Gestapo.<sup>326</sup> Esse medo foi demais para ele e Chagall começou a dar sinais de grave tensão mental.

Em Lisboa, Chagall era uma figura solitária, isolada, irritando-se por ser obrigado a ficar mais tempo numa cidade onde os atrasos eram rotina. Acabou partindo para Nova York, mas fez poucas referências ao tempo que passou em Lisboa.

Para refugiados políticos como Berthold Jacob e sua mulher, a fuga para Lisboa foi bem mais arriscada e terminaria em tragédia. Berthold Jacob era um famoso jornalista judeu-alemão, que havia fundado um grupo pacifista conhecido como "Basta de Guerra". Durante muito tempo, ele criticara os nazistas e gastara muita energia tentando alertar a Alemanha, e o mundo, de que os nazistas estavam se rearmando e se preparando para a guerra. Jacob e sua mulher estavam escondidos na França, mas com a deportação de outros personagens chave de oposição alemães, Varian Fry decidiu mandá-los para Lisboa.<sup>327</sup>

Fry conseguiu vistos para eles, o que, pensando bem, foi estranho, tendo em vista que a Gestapo estava bem mais interessada em Jacob do que em artistas e celebridades judias, como Peggy Guggenheim. Jacob e a mulher foram enviados por Fry, mas, antes de chegarem à fronteira com Portugal, Fry descobrira que seus documentos eram falsificações grosseiras,<sup>328</sup> tão grosseiras que se podiam ver as marcas a lápis onde os falsificadores haviam tentado acompanhar o risco original. Para piorar as coisas, Jacob e a mulher viajavam com seus nomes verdadeiros. Fry temeu o que poderia acontecer e foi logo informado de que eles haviam sido presos na fronteira portuguesa e enviados para a prisão em Madri.

Fry correu para libertar Jacob e usou uma fonte do mundo do crime, que pediu 50 mil francos para soltar os Jacob e lhes fornecer

vistos para entrarem em Portugal. Um Fry cético descobriu logo depois que os Jacob haviam convencido as autoridades espanholas de que seus vistos eram autênticos – um jeito codificado para dizer que a conexão clandestina paga por Fry tivera sucesso.<sup>329</sup> Ele descobriu que os Jacob haviam saído da prisão e estavam num hotel em Madri.

Acabaram entrando em Portugal, sem vistos, na limusine de um influente homem de negócios espanhol.<sup>330</sup> Atravessar fronteiras era um dos aspectos mais enervantes das linhas de fuga que Fry tinha que organizar.<sup>331</sup> Nunca se sabia ao certo o que ia acontecer. Às vezes, as travessias eram coisa de rotina, mas em outras ocasiões eram difíceis, mesmo que o refugiado tivesse obtido a papelada correta. Daquela vez, a travessia para Portugal aconteceu sem que o carro fosse interceptado e vistoriado.

Em Lisboa, os Jacob viveram ilegalmente, aguardando na esperança de que chegassem os vistos de saída. Eles nunca chegaram. Um dia, depois de sair para indagar sobre o visto, Jacob não voltou para seu quarto no hotel. Sua mulher entrou em contato com colegas de Varian Fry e revelou-se a terrível realidade. Jacob fora interceptado por dois oficiais portugueses (supostamente da PVDE) e um terceiro homem, que falava português com sotaque estrangeiro e que identificou Jacob aos policiais. Dias depois, Fry descobriu que Jacob estava preso em Madri e contratou um advogado para tentar libertá-lo. O advogado não chegou a ver Jacob, que desapareceu num campo de concentração e dele nunca mais se teve notícia.<sup>332</sup>

A suspeita caiu sobre a PVDE portuguesa por ajudar a Gestapo no sequestro de Berthold Jacob numa rua de Lisboa. Isso parecia confirmar que as simpatias pró-germânicas de alguns de seus membros os levassem a cooperar com os alemães. Embora



tentativas, tanto por parte dos britânicos quanto dos alemães, de subornar alguns dos oficiais mais graduados na PVDE tivessem fracassado, ou obtido muito pouco êxito, as dos alemães num nível inferior deram mais frutos. Houve pelo menos três casos de agentes de nível inferior na lista de pagamentos dos alemães.<sup>333</sup>

Um desses casos foi o do agente José Correia de Almeida, que trabalhava no gabinete do capitão Lourenço e também estava ligado à seção de contraespionagem. Correia de Almeida estava sendo pago pelos alemães para entregar informações relativas a passaportes e vistos de refugiados, que eram então usadas para identificar judeus e agentes franceses passando por Lisboa, e fazer com que fossem presos pela PVDE.<sup>334</sup> Sujeito meio fanático, Correia de Almeida empregava métodos desumanos para promover sua causa. É crença geral, embora não documentada, que Correia de Almeida foi o agente da PVDE responsável pela prisão de Berthold Jacob.<sup>335</sup>

Em 1940, outro ativista e escritor judeu, Arthur Koestler, havia experimentado uma estada bem mais fácil em Lisboa, onde foi deixado à vontade pela PVDE e agentes alemães operando na cidade. Koestler chegara de navio, no dia 17 de setembro de 1940, e ficara sete semanas na cidade, partindo em 6 de novembro de 1940.<sup>336</sup> Ao contrário de muitos refugiados em Lisboa, Koestler não tinha problemas de dinheiro, graças aos pagamentos de direitos autorais regulares do seu editor nos Estados Unidos. Seu problema foi outro: convencer as autoridades britânicas a permitirem que ele voltasse à Grã-Bretanha. Com dinheiro para custear um estilo de vida simples, porém confortável, pouca coisa lhe restava fazer, senão visitas frequentes ao consulado britânico.<sup>337</sup>

Como Peggy Guggenheim no ano seguinte, Koestler hospedou-se no modesto hotel Frankfort, no Rossio. Mais tarde, conforme a

provável extensão de sua estada em Lisboa se tornava mais evidente, ele mudou para a pensão Leiriense, mais barata.<sup>338</sup> A pensão era um lugar velho e sujo, repleto de refugiados. Mas com o preço dos hotéis de Lisboa terrivelmente inflacionados em 1940, a pensão foi a melhor opção para o orçamento de Koestler.

Apesar do aparente bem-estar financeiro, Koestler preocupava-se com a possibilidade de as autoridades portuguesas o entregarem aos espanhóis, e esse medo pairou sobre ele durante toda sua estada em Lisboa.<sup>339</sup> Num subsequente interrogatório pelas autoridades britânicas, ele falou desse medo, ameaçando cometer suicídio se fosse mandado de volta para Lisboa. Seu evidente temor tinha origem na série de artigos que havia escrito, nos quais se dizia exposto a elementos pró-alemães na administração portuguesa: ele temia que as autoridades portuguesas o extraditassem para a Espanha, onde seria torturado, executado a tiros, ou ambos. Devido ao que acontecera com Berthold Jacob no ano seguinte, em Lisboa, o medo de Koestler – embora fosse reconhecidamente útil a seus interesses – poderia muito bem ter se tornado realidade.

Com o olhar aguçado do escritor observando os acontecimentos e personalidades em Lisboa, ele se pôs a pesquisar para o livro *Arrival and Departure*, que acabou sendo publicado em 1943. Era um romance baseado nas experiências de Koestler em Lisboa, com o personagem central, Peter Slavek, como uma versão fictícia do próprio Koestler.<sup>340</sup> O romance, bem recebido pela crítica, foi o primeiro que Koestler escreveu em inglês.<sup>341</sup> O fictício *Arrival and Departure* contém muitos personagens pitorescos, mas, na realidade, Koestler era uma espécie de lobo solitário em Lisboa. Ele teve um breve caso amoroso com uma americana, Ellen Hill, mas fora isso costumava vagar sozinho pelas ruas no centro de Lisboa e tomar café no Chave d'Ouro no Rossio. Encontrou muitos colegas

intelectuais refugiados na cidade, mas, como muitos dos supostos refugiados políticos, ele era vigiado de perto pela PVDE, caso tentasse encontrar grupos dissidentes locais.



A espionagem de refugiados como Koestler era uma atividade normal da PVDE, muito preocupada para que a chegada desses refugiados, que se supunha ser comunistas, não desestabilizasse a situação política de Lisboa. A PVDE não precisava ter se incomodado com isso. Há poucas evidências sugerindo que refugiados políticos fugindo dos alemães mostrassem qualquer vontade de se encontrar com dissidentes políticos locais. Na verdade, relatórios detalhados da PVDE sobre atividades da oposição em Portugal não contêm grandes informações sobre refugiados incentivando ou semeando intranquilidade na cidade. Em sua maioria, ao chegar a Lisboa, os refugiados políticos estavam exaustos e com frequência muito assustados para criar confusão, mesmo se quisessem. O que aparentemente unia todos eles era o desejo de sair de Lisboa o mais rápido possível para seu destino final.

Quando os britânicos perguntaram a Ricardo Espírito Santo por que a PVDE, no início, parecia tratar os refugiados com tanta severidade, ele argumentou que a polícia secreta pensava que os refugiados, em sua maioria, eram comunistas ou simpatizantes. Também observou que o Consulado dos Estados Unidos em Lisboa também havia tratado muitos deles com rispidez pela mesma razão.<sup>342</sup> Até a chegada dos refugiados, Portugal sob Salazar tinha sido um país muito fechado, devido em grande parte à sua posição geográfica, à falta de um aeroporto internacional e a uma infraestrutura bastante pobre para visitantes de além-mar. A vasta

maioria de estrangeiros em Lisboa antes da guerra era de espanhóis, que vinham para os balneários da costa, como o Estoril.

Uma vez passado o choque inicial da chegada de milhares de refugiados à capital, a PVDE concluiu que, de modo geral, eles representavam pouca ou nenhuma ameaça ao Estado Novo, e estavam simplesmente em trânsito. Em resumo, não podiam permanecer em Portugal, a não ser que Salazar lhes desse sua bênção pessoal, que reservava para vários membros de famílias reais europeias que continuaram em Lisboa, em exílio permanente.

Chegar a seu destino final era a principal preocupação de Koestler durante sua estada na capital portuguesa.<sup>343</sup> Desejava ir para a Grã-Bretanha, mas o M15 e o Ministério dos Negócios Interiores britânico continuavam insistindo que era um imigrante indesejável e que sua entrada no país estava barrada por questões de segurança. Koestler implorou a vários amigos britânicos e americanos influentes. Jornalistas importantes, editores e Harold Nicolson, do Ministério das Informações, também fizeram lobby, mas de nada adiantou.

Cada vez mais desesperado, com sua saúde mental rapidamente se deteriorando em Lisboa, Koestler descobriu que seu nome estava na lista de importantes intelectuais judeus a serem resgatados de Varian Fry.<sup>344</sup> Apesar dos esforços da equipe de Fry para exercer influência a favor de Koestler, não houve chance na política britânica.<sup>345</sup> Finalmente, e com alguma ajuda não oficial de Henry King, cônsul-geral britânico em Lisboa, Koestler embarcou no avião da BOAC em Lisboa, sem a documentação correta, no dia 6 de novembro, em direção a um futuro incerto na Inglaterra.<sup>346</sup>

Koestler chegou ao aeroporto de Whitchurch, perto de Bristol, às 11:40 da manhã do dia 6 de novembro, e, quando questionado, anunciou que estava com medo de que o mandassem prender por não ter visto.<sup>347</sup> Koestler foi interrogado e narrou sua história em

detalhes e com grande dramaticidade.<sup>348</sup> No final da entrevista, o interrogador concluiu que Koestler era um terço gênio, um terço patife e um terço lunático.<sup>349</sup> O relatório foi encerrado com o comentário de que Koestler era quase certamente judeu, mas que não lhe haviam feito essa pergunta pela possibilidade de haver repercussões legais por parte de seus poderosos patrões no *News Chronicle*. Mesmo sem conseguir impressionar as autoridades, no início interessadas em mandá-lo de volta para Lisboa, Koestler acabou se estabelecendo em Londres depois de uma estada na prisão de Sua Majestade, em Pentonville.<sup>350</sup>

Peggy Guggenheim, Berthold Jacob e Arthur Koestler foram apenas três de milhões de pessoas que chegaram a Lisboa a partir de meados de 1940. Para a primeira onda de refugiados, houve pouca coisa no sentido de uma ajuda organizada ou de grupos humanitários para atendê-los. Conforme a guerra prosseguiu, e a importância de Lisboa como o último portão de saída da Europa começou a entrar em foco, a organização de grupos de resgate de emergência ganhou velocidade.

A atitude da PVDE foi menos frenética. Suas táticas baseavam-se bem mais em fazer os refugiados saírem o mais rápido possível da cidade do que em intimidação. Outra grande melhora para os refugiados que chegaram mais tarde foi o aumento do número de funcionários nos consulados britânico e americano, o que no mínimo reduziu bastante o tempo necessário para resolver a questão dos vistos de entrada. Lisboa ainda era uma experiência difícil, muitas vezes assustadora para os refugiados. Mas pelo menos enfraquecera o choque inicial sentido pelos portugueses, que continuaram os tratando com uma estranha mistura de hospitalidade cristã, tingida, sempre que possível, com um certo grau de exploração financeira.

---

- 
- 300** Peggy Guggenheim, *Out of This Century: Confessions of an Art Addict, the Autobiography of Peggy Guggenheim* (Londres: Andre Deutsch, 2005), p. 245.
- 301** Rosemary Bailey, *Love and War in the Pyrenees: A Story of Courage, Fear and Hope, 1939-1944* (Londres: Weidenfeld and Nicolson, 2008), p. 114.
- 302** Guggenheim, *Out of This Century*, p. 236.
- 303** Ibid.
- 304** Varian Fry, *Surrender on Demand* (Boulder, CO: Johnson Books, 1997), p. 186.
- 305** Ibid., p. 185.
- 306** Ibid.
- 307** Ibid., p. 184.
- 308** Ibid., p. 185.
- 309** Isabelle Rohr, *The Spanish Right and the Jews: Antisemitism and Opportunism* (Brighton e Portland: Sussex Academic Press, 2008), p. 108.
- 310** Guggenheim, *Out of This Century*, p. 235.
- 311** Ibid., p. 233.
- 312** Rohr, *The Spanish*, p. 108.
- 313** Guggenheim, *Out of This Century*, pp. 236-37.
- 314** Ibid., p. 236.
- 315** Rohr, *The Spanish*, p. 108.
- 316** Irwin Unger e Debi Linger, *The Guggenheims: A Family History* (Nova York: Harper Perennial, 2005), p. 419.
- 317** Guggenheim, *Out of This Century*, p. 237.
- 318** Mary Dearborn, *Peggy Guggenheim: Mistress of Modernism* (Londres: Virago, 2006), p. 209.
- 319** Unger and Unger, *The Guggenheims*, p. 419.
- 320** Guggenheim, *Out of This Century*, p. 244.
- 321** Ibid., p. 242.
- 322** Ibid., p. 243.
- 323** Ibid.
- 324** Dearborn, *Peggy Guggenheim*, p. 210.
- 325** Unger and Unger, *The Guggenheims*, p. 419.
- 326** Vicki Caron, *Uneasy Asylum: France and the Jewish Refugee Crisis, 1933-1942* (Stanford: Stanford University Press, 1999), p. 262.
- 327** Fry, *Surrender on Demand*, p. 198.
- 328** Ibid., pp. 199-200.
- 329** Ibid., pp. 202-03.
- 330** Ibid., p. 235.
- 331** Bailey, *Love and War in the Pyrenees*, p. 117.
- 332** Fry, *Surrender on Demand*, p. 235.
- 333** Douglas Wheeler, "In the Service of Order: The Portuguese Secret Police and the British, German and Spanish Intelligence, 1932-1945", *Journal of Contemporary History* 18, nº 1 (janeiro de 1983), p. 11.
- 334** Ibid., pp. 11-2.
- 335** Ibid., p. 12.
- 336** PRO/KV/1273/Emergency Certificate: Arthur Koestler, 10 de novembro de 1940.
- 337** David Cesarani, *Arthur Koestler: The Homeless Mind* (Londres: Random House, 1998), p. 168.

- 338** PRO/KV/1273/Form for Interrogation: Arthur Koestler, 7 de novembro de 1940, p. 2.
- 339** Ibid., p. 3.
- 340** Michael Scammell, *Arthur Koestler: The Indispensable Intellectual* (Londres: Faber and Faber, 2009), pp. 223-24.
- 341** Ibid., p. 224.
- 342** NARA/RG56/23/Classified Correspondence of Embassy in Lisbon, From Wood to U.S. Treasury, 27 de setembro de 1943, p. 4.
- 343** Scammell, *Arthur Koestler*, p. 191.
- 344** Ibid.
- 345** PRO/KV/1273/Form for Interrogation: Arthur Koestler, 7 de novembro de 1940, p. 3.
- 346** Cesarani, *Arthur Koestler*, p. 170.
- 347** PRO/KV/1273/Form for Interrogation: Arthur Koestler, 7 de novembro de 1940, p. 1.
- 348** Ibid.
- 349** Ibid., p. 3.
- 350** Scammell, *Arthur Koestler*, pp. 194-95.

## Jogo duplo

O escritório de Salazar, em São Bento, era distante o suficiente das docas para não se escutar toda a comoção dos refugiados ingressando nos navios, os gritos e o choro. Ele podia, entretanto, ouvir os sons das sirenes que alertavam para o movimento dos guindastes no alto, atarefados no embarque e desembarque das cargas mais tradicionais dos navios. O cheiro do mar chegava até o prédio junto com o das sardinhas cozidas em grelhas pela vizinhança.<sup>351</sup> Durante as horas do crepúsculo, quando Salazar ocupava-se passando em revista telegramas diplomáticos, o bairro ficava silencioso, exceto pelos gritos das crianças que tomavam banho nos apartamentos vizinhos. A fim de refrescar a cabeça dos assuntos do dia, Salazar com frequência fazia uma pausa e ia dar um passeio pelo jardim, onde supervisionava pessoalmente a escolha das flores e das plantas nos canteiros.<sup>352</sup>

Conforme as pilhas de arquivos cuidadosamente acumulados continuavam a crescer em sua mesa já abarrotada, um assunto dominava sua atenção mais do que qualquer outro: a guerra econômica. Era nessa área que ele enfrentava seus maiores desafios, precisando representar o duplo papel de potência neutra e de aliado da Grã-Bretanha.<sup>353</sup> Ao conduzir Portugal pelo campo minado de demandas e contrademandas, Salazar tentava maximizar o ganho português com a guerra econômica, sem expor indevidamente o país a um recuo econômico ou militar de um ou de



outro partido em guerra. E se havia um homem qualificado para lidar com esse desafio era Salazar.

O líder português tinha disposição e capacidade para dedicar as extraordinárias horas depois do expediente necessárias para lidar com essas questões e, igualmente importante, era capaz de comandar suas instruções de modo a impressionar e, às vezes, intimidar seus companheiros de negociações. A guerra econômica e seus conjuntos incrivelmente complexos e detalhados de negociações testou os relacionamentos pessoais de Salazar com os principais participantes do conflito até o limite. Mas proporcionou-lhe também os melhores momentos da guerra, e talvez de todos os seus 38 anos no poder.

A frustração e a raiva dos ingleses e dos americanos contra Salazar por sua conduta durante a guerra econômica só desapareceram muito tempo depois de os canhões terem silenciado. Eles tinham certeza de que Salazar havia conduzido as negociações com o propósito de tentar maximizar os ganhos econômicos portugueses e não com o de tentar acabar com a guerra mais cedo.<sup>354</sup> Apesar das ameaças dos aliados em cortar todas as exportações para Portugal, inclusive de petróleo e gás, Salazar provou-se muito difícil de intimidar.<sup>355</sup>

A princípio, os ingleses tentaram empregar duas armas contra Portugal na arena econômica. Com a entrada dos Estados Unidos na guerra, essas armas econômicas expandiram-se rapidamente e foram conduzidas em conjunto entre ingleses e americanos.<sup>356</sup> A primeira delas foi a utilização do bloqueio econômico, visando a impedir países neutros de exportarem para o inimigo.<sup>357</sup> O bloqueio em geral era feito por meio de uma negociação com o país neutro sobre a quantidade de artigos importados necessária, o que

determinava a subsequente promessa de não importar mais do que o essencial.

Na Segunda Guerra Mundial, os ingleses acharam que o método mais eficaz de administrar o bloqueio era montando um sistema chamado *navicert*. Nele, exportadores de além-mar notificariam o MEW, em Londres, sobre seu desejo de exportar uma quantidade de mercadorias para Portugal, e os oficiais do MEW confeririam se ela estava dentro dos limites e emitiriam um *navicert*, autorizando a passagem das mercadorias pelo bloqueio naval.<sup>358</sup>

A segunda arma empregada pelos ingleses era a preempção. Isso envolvia comprar em excesso da potência neutra, a fim de impedir vendas ao inimigo. Esta tática naturalmente exigia a concordância do país neutro em vender todas as suas mercadorias a um só mercado. O ingleses, entretanto, não podiam comprar, em sua totalidade, a mercadoria mais importante que Portugal possuía em termos da guerra sendo travada: o tungstênio. Mesmo que os ingleses tivessem como comprar até o último grama, eles não ousavam correr o risco de deixar os alemães totalmente sem acesso ao mercado português de tungstênio, caso isso os provocasse a simplesmente se apossarem do mineral, invadindo o país, as minas de tungstênio e tudo o mais.

O tungstênio era extraído no centro e no noroeste do país, e entre os seus muitos usos estava a indústria de armamentos, que o utilizava para enrijecer o aço. O ponto de ebulição do tungstênio, um dos mais duros e pesados, é o mais alto de qualquer metal. Ele era usado para blindagens, bombas perfuradoras de blindagens, apoio e manufatura de instrumentos de corte de alta velocidade, entre seus muitos empregos relacionados à indústria de armamentos. As bombas perfuradoras de blindagens tiveram um enorme sucesso na campanha alemã no Norte da África.<sup>359</sup> Em resumo, sem um

fornecimento adequado de tungstênio, sua indústria de armamentos teria que ir parando lentamente, e a guerra estaria perdida para a Alemanha.

Por conseguinte, os interesses em garantir o tungstênio eram enormes, segundo a perspectiva alemã, e durante toda a guerra eles empregaram uma variedade de táticas a fim de garanti-lo. Com o desenrolar do conflito, muitos estoques se esgotaram e as Forças Armadas alemãs tornaram-se extremamente dependentes da exportação portuguesa e, em menor proporção, do tungstênio espanhol. As “guerras do tungstênio” passaram a ser um aspecto central no relacionamento entre Portugal e as potências do Eixo e aliadas.

O boicote econômico britânico nunca foi popular em Portugal. Até a elite comercial lisboeta, basicamente anglófila, estava bastante irritada com o prejuízo causado ao país. Como uma das nações mais pobres da Europa, Portugal não podia absorver os custos de um corte em suas exportações. Sob Salazar, Portugal se envolvia num comércio lucrativo de importação de mercadorias e recursos de suas colônias, inclusive café, milho, açúcar, cacau, sementes oleaginosas e algodão, para em seguida exportá-los para os países do Eixo a taxas que garantiam um lucro saudável.<sup>360</sup>

Como parte das táticas inglesas, foi criada uma lista negra com ameaça de sanções contra indivíduos e empresas, que continuaria depois de terminada a guerra. A lista negra não conquistou muitos amigos em Portugal. Aberta a abusos, com fortes evidências de se tornar poluída por boatos e invejas mesquinhas, a lista negra, como meio de intimidação, foi muito útil para alienar os interesses britânicos durante toda a guerra. Lá pelo final do conflito, quando seu resultado ficou bem mais claro, a lista negra adquiriu maior importância, conforme empresas e indivíduos portugueses faziam o

possível para evitar ser incluídos nela, e aqueles cujos nomes já estavam lá usavam todos os esforços para retirá-los.

As negociações, em Lisboa, nunca eram fáceis e os acordos a que se chegava não eram totalmente implementados por uma das partes. Eccles, que representava a MEW na península Ibérica, liderava o lado inglês. Ele apreciava imensamente a companhia de Salazar e aguardava ansioso a hora de se encontrarem – um encontro de grandes mentes, achava ele. Como para provar, os dois conversavam em francês, a língua da diplomacia no século XIX.<sup>361</sup>

O embaixador britânico costumava acompanhar Eccles aos encontros com Salazar. Ronald Campbell era uma figura impressionante: confiante a ponto de ser egotista, conhecia e entendia as citações dos dois. Para grande prazer de Salazar, tanto Campbell quanto Eccles eram capazes de compreender os detalhes econômicos e a teoria do assunto que iam discutir. Salazar também compreendia que os dois tinham recebido de Londres uma certa liberdade para negociar dentro de normas preestabelecidas.

No dia 24 de julho de 1940, a Grã-Bretanha assinou o Acordo Tripartite com a Espanha e Portugal. Isso ajudou na campanha de preempção dos aliados, e Portugal concordou em tornar sua moeda (o escudo) disponível à Grã-Bretanha contra a libra esterlina durante o período da guerra. Isso foi uma grande ajuda para a Grã-Bretanha, pois outros países neutros permitiam que suas moedas fossem vendidas apenas de acordo com o valor do ouro, que rapidamente se esgotava na Grã-Bretanha. A dívida inglesa com Portugal durante a guerra chegou a cerca de 80 milhões de libras e, quando Portugal sacou dessa conta, gastou tudo na Grã-Bretanha.

Outros aspectos da guerra econômica não foram tão bem combinados. O Conselho de Ministros britânico havia votado, no dia 13 de julho de 1940, a favor do racionamento de mercadorias para

Portugal a fim de impedir principalmente a reexportação de mercadorias dali por terra até a Espanha e para o território controlado pelos alemães. Ao mesmo tempo, a Grã-Bretanha continuava impondo cotas unilaterais às importações portuguesas, principalmente petróleo, o que teve um impacto danoso sobre a economia de Portugal.

Em janeiro de 1941, Ronald Campbell exigiu que fosse introduzido um novo sistema, mais estruturado e claro: um sistema de cotas ajustadas, com proibição total de exportação para as potências do Eixo e nenhuma estocagem de mercadorias por Portugal. Salazar concordou em parte com o acordo, mas recusou-se a dar garantias por escrito sobre a questão da exportação de produtos das colônias. Na realidade, Salazar fez o que pôde para contornar o acordo com Campbell. Embora simpatizante dos objetivos do bloqueio britânico, Salazar não estava nada interessado em vê-lo totalmente implementado. Suas consequências econômicas para Portugal foram sentidas por todo o país, e uma economia fraca aumentava a ameaça ao regime por grupos de oposição internos.

A venda de tungstênio aos alemães tornou-se o aspecto mais importante da guerra econômica envolvendo Portugal. Como as quase constantes referências ao tungstênio no diário de Salazar confirmam, para Portugal esse era o único grande problema da guerra.<sup>362</sup> Ao longo dos anos, Salazar perdeu mais noites de sono por causa do tungstênio do que por qualquer outra coisa.<sup>363</sup> As negociações em torno do tungstênio também dominaram a vida de diplomatas ingleses, alemães e americanos baseados em Lisboa durante a guerra.<sup>364</sup>

Como os ingleses, os alemães usavam a técnica da “cenoura na varinha” para lidar com Portugal sobre a questão do tungstênio. A varinha eram os ataques alemães aos embarques portugueses, como

o afundamento do navio português *Corte Real*, em 1941. A “cenoura” era um acordo com a Alemanha, que incluía uma oferta de fornecer a Portugal armamentos alemães e outros suprimentos vitais a taxas favoráveis.<sup>365</sup>

Conforme crescia rapidamente a demanda pelos limitados estoques de tungstênio, o mesmo acontecia com o preço. Em meados de 1941, o preço estava por volta de 1.250 libras por tonelada, mas, no final do mesmo ano, havia subido para estonteantes 6 mil libras a tonelada. Essas recém-encontradas oportunidades de obter lucros imensos com a extração de tungstênio geraram uma estranha atmosfera, semelhante à da era da corrida do ouro nos Estados Unidos. Houve histórias de gente largando empregos regulares, fazendeiros abandonando suas terras, pescadores deixando os barcos para se juntar ao lucrativo negócio da mineração. Em uma hora, podia-se ganhar o salário de uma semana se fosse encontrado tungstênio.<sup>366</sup>

Consequentemente, em algumas regiões de Portugal, houve um grave dilaceramento da economia local. Pois, como aldeias com minas de tungstênio testemunharam, era como se os seus habitantes tivessem ganho coletivamente na loteria. Como muita gente que já ganhou na loteria, eles não sabiam realmente como gastar, ou investir, sua inesperada sorte. Ouviam-se histórias de aldeões em áreas de mineração acendendo cigarros com notas de escudo.<sup>367</sup> Agentes de ambos os lados na guerra que tentavam comprar tungstênio nas aldeias deparavam-se com fraudes e trapaças, e o termo “wolframista” – significando aqueles que se aproveitavam da guerra – entrou para o vocabulário português.<sup>368</sup>



As repercussões do comércio de tungstênio estenderam-se literalmente pelo mundo inteiro. Eventos na distante Timor, uma ilha a quase 9 mil milhas de distância, levaram a uma espécie de crise no relacionamento de Salazar com os aliados. A crise em Timor começou no início de novembro de 1941, quando o embaixador português em Londres, Armindo Monteiro, informou ao secretário das Relações Exteriores britânico, Anthony Eden, no dia 4 de novembro, que Portugal resistiria a qualquer ataque japonês ao Timor.<sup>369</sup> E acrescentou que, no caso de um ataque, Portugal consideraria pedir ajuda militar aos ingleses.<sup>370</sup>

Com o início da Segunda Guerra Mundial, a Timor portuguesa havia de repente se tornado estrategicamente importante. Com a expansão do Japão no Pacífico, Timor passou a ser uma base potencialmente importante para submarinos e aeronaves japoneses, que podiam ser usados para atacar comunicações no eixo Austrália–Cingapura. A proximidade de Timor da costa australiana também a fazia um ponto importantíssimo de defesa para aquele país.<sup>371</sup>

Líderes militares aliados haviam percebido essa importância para o Japão e, no dia 11 de dezembro, em seguimento a relevantes negociações entre as partes, o governo português foi informado de que, no caso de um ataque a Timor, forças australianas e holandesas iriam em auxílio dos portugueses. Salazar aceitou a oferta no dia 12 de dezembro.<sup>372</sup> Quatro dias depois, Ronald Campbell foi instruído pelo Ministério das Relações Exteriores a solicitar uma reunião urgente com Salazar em seu gabinete, em São Bento. No decorrer do breve encontro, Campbell informou a Salazar de que haviam sido detectados submarinos japoneses próximo a Timor e que os aliados suspeitavam de um ataque. Por conseguinte, os ingleses haviam arranjado com o governo australiano para que oficiais australianos e holandeses em Timor solicitassem um encontro com o governador

português para pedir permissão para que cerca de 350 tropas australianas e holandesas aterrissassem na ilha, umas duas horas depois da requisição.<sup>373</sup>

Salazar não ficou impressionado com a manobra e instruiu o governador português a não aceitar qualquer ajuda, a não ser que Timor fosse realmente atacada.<sup>374</sup> Ele sentia que qualquer movimento antes de um ataque japonês significaria o abandono da neutralidade de Portugal e levaria a uma potencial invasão de Macau pelos japoneses, uma tomada dos Açores pelos alemães e talvez a uma invasão de Portugal continental também.<sup>375</sup> Ele também ficou furioso com os aliados pelo que entendeu como táticas sorrateiras no planejamento de uma operação sem o consentimento prévio dos portugueses.<sup>376</sup>

As potências do Eixo logo entenderam a chegada das tropas aliadas em Timor como evidência de um rompimento da neutralidade portuguesa.<sup>377</sup> A resultante pressão dos alemães sobre o governo português tinha dois objetivos: intimidar Lisboa e garantir mais concessões nas negociações sobre o suprimento de tungstênio.

Apesar da reação de Salazar, o desembarque de tropas em Timor foi em frente, levando-o a protestar que se tratava de uma violação da soberania portuguesa. Anthony Eden afirmou publicamente lamentar que os desembarques tivessem ocorrido e concordou que as tropas seriam retiradas quando os reforços portugueses chegassem em Timor.<sup>378</sup> Antes que isso pudesse acontecer, entretanto, os japoneses atacaram a Timor holandesa e a portuguesa nos dias 19 e 20 fevereiro de 1942.<sup>379</sup> Salazar protestou contra a violação da soberania portuguesa, dessa vez pelos japoneses, mas de novo sem nenhum efeito.<sup>380</sup>

A pequena força aliada em Timor moveu-se para o interior e começou a realizar operações de guerrilha contra os japoneses. Em



junho de 1942, os portugueses sugeriram que, se essa força se rendesse, os japoneses poderiam ser persuadidos a se retirar da Timor portuguesa. Os ingleses pensaram que uma garantia dessas seria simplesmente uma manobra dos japoneses. Aliados e portugueses continuaram negociando planos para recapturar as ilhas, estivessem ou não as Forças Armadas portuguesas envolvidas em qualquer dessas operações. As negociações ainda estavam em andamento no final da guerra.<sup>381</sup>

A crise sobre Timor causara consideráveis prejuízos a curto prazo às relações dos aliados com Portugal. Anthony Eden havia sido rápido em diminuir os danos, tentando reconstruir a confiança, no caso de os aliados precisarem requisitar acesso a recursos nas ilhas portuguesas estrategicamente vitais no Atlântico, conhecidas como Açores.

Em 1942, Portugal se tornara o único grande fornecedor europeu de tungstênio. Desde que a invasão da União Soviética fora deslançada pelos alemães, os suprimentos de tungstênio do Oriente haviam sido quase totalmente cortados. Berlim confiava em Portugal e, em menor grau, na Espanha, para suprir todas as suas exigências. De 1941 em diante, a Alemanha esforçou-se ao máximo para garantir estoques de tungstênio por meios legítimos e ilegítimos. Suas Forças Armadas, serviços diplomáticos e agências de inteligência estavam todos envolvidos no esforço para garantir tungstênio adicional.<sup>382</sup>

Salazar não podia tolerar um setor desregulado. Durante meses, ele havia recebido queixas do setor agrícola sobre perda de mão de obra para o setor de tungstênio.<sup>383</sup> Isso causava um impacto muito negativo sobre a capacidade de Portugal produzir gêneros alimentícios e vinhos. Salazar também queria ter certeza de que

tinha controle sobre o tungstênio e era responsável por sua distribuição aos aliados e às potências do Eixo.

Em fevereiro de 1942, Salazar decidiu montar um novo sistema de restrições ao comércio de tungstênio, que entrou em funcionamento no dia 1º de março de 1942. Lisboa estabeleceu limites rígidos para a quantidade de minério extraído e definiu o preço em 150 escudos o quilo.<sup>384</sup> Naturalmente, o governo cobrava um imposto sobre esse valor, que ficou estabelecido em 70 escudos.<sup>385</sup> Crucialmente, todo o tungstênio, inclusive o das minas de propriedade de empresas britânicas e alemãs (ou frentes portuguesas nesses países), seria comprado pelo governo português a um preço fixo e subsequentemente vendido a nações estrangeiras. O governo introduziu também multas pesadas para quem se envolvesse na extração e exportação ilegal do minério.<sup>386</sup> Essa efetiva nacionalização do setor de tungstênio encerrou a era da corrida do ouro, e permitiu a Salazar entregar tungstênio aos alemães, como parte de um acordo feito com Berlim.

Subsequentemente, a Alemanha pôde utilizar a “abordagem da cenoura” com Portugal aumentando o comércio com Lisboa. A participação de Berlim nas exportações portuguesas aumentou de 19,02%, em 1941, para 24,35%, em 1942. Além disso, as importações portuguesas da Alemanha aumentaram de 8,08%, em 1941, para 12,62%, em 1942.<sup>387</sup> Esse comércio tornou-se extremamente lucrativo para Portugal, que havia prometido não ganhar dinheiro com a guerra. Os ingleses, e os americanos depois de entrarem na guerra, não ficaram nada impressionados com a atitude de Salazar em relação ao comércio de tungstênio. O Ministério de Economia de Guerra, em Whitehall, queria uma ação firme contra Lisboa por esse incompreensível comércio com o inimigo.

A defesa de Salazar foi ao mesmo tempo simples e complicada. Ele argumentou que, devido à demanda alemã por tungstênio português (especialmente depois de 1941), não lhe restavam outras opções, a não ser assinar uma série de acordos para suprir Berlim com o material de que precisava para manter em andamento seu esforço de guerra. Se Portugal se recusasse a vender para os alemães, havia uma forte possibilidade de que eles invadissem Portugal (e Espanha) a fim de garantir suprimentos devido à importância do tungstênio para Berlim.

Como Portugal não possuía um exército na ativa, grande e bem equipado, não poderia fazer muita coisa para impedir uma invasão. A Grã-Bretanha continuava incapaz de ajudar os portugueses, em vez disso concentrando seus esforços em lidar com Portugal ocupado pelos alemães. A neutralidade portuguesa teria sido violada e o país se tornaria um campo de batalha numa grande guerra europeia. Para Salazar, exportar tungstênio para os alemães era um meio de garantir, com segurança, sua neutralidade.<sup>388</sup> Mais sutilmente, Salazar tentava colocar uma das partes em guerra contra a outra, vendendo a ambas as potências beligerantes. Se parasse de vender para uma delas, deixaria de lhe ser útil e estaria exposto a ameaças.

A justificativa portuguesa para a venda de tungstênio foi muito bem resumida por seu embaixador em Londres, o duque de Palmela, numa carta a Salazar em dezembro de 1943. O duque argumentava não ser justo que os ingleses pressionassem Salazar quanto a isso.<sup>389</sup> Se o tungstênio era considerado tão indispensável para a guerra como os britânicos afirmavam em Londres, a Alemanha o teria buscado violentamente se Portugal lhe tivesse negado. A neutralidade da península era considerada de grande importância para a Inglaterra. Portanto, as exportações de tungstênio para a

Alemanha podiam muito bem ser consideradas como o preço a pagar pela conservação dessa neutralidade.

- 
- 351** Christine Garnier, *Férias com Salazar* (Lisboa: A. M. Pereira e Grasset e Fasquelle, 1952), p. 63.
- 352** Ibid., p. 63.
- 353** Hugh Kay, *Salazar and Modern Portugal* (Nova York: Hawthorn Books, 1970), p. 171.
- 354** Para um exemplo dessa frustração britânica, ver PRO/FO/115/4018/From Eden and Halifax to Lisbon, 16 de março de 1944.
- 355** PT/TT/AOS/CO/NE-74/9/Record of Meeting between Salazar and Eccles, 17 de março de 1942.
- 356** NARA/RG84/15/Classified Records of Embassy in Lisbon, War History of the U.S. Embassy in Lisbon, 1º de agosto de 1946, p. 34.
- 357** Ver William Medlicott, *The Economic Blockade* (Londres: HMSO, 1952).
- 358** Kay, *Salazar and Modern Portugal*, p. 172.
- 359** Leonard Caruana e Hugh Rockoff, "A Wolfram in Sheep's Clothing: Economic Warfare in Spain, 1940-1944", *The Journal of Economic History* 63, nº 1 (março de 2003), p. 104.
- 360** Kay, *Salazar and Modern Portugal*, p. 173.
- 361** David Eccles, *By Safe Hand: The Letters of Sybil and David Eccles, 1939-1942* (Londres: Bodley Head, 1983), p. 98.
- 362** PT/TT/AOS/Diário de Salazar/Entries from 1941-end 1944. Ver, por exemplo, anotações no diário em 29 de fevereiro de 1944, 2 de março de 1944, 3 de março de 1944, 6 de março de 1944, 7 de março de 1944, 9 de março de 1944 e 13 de março de 1944.
- 363** Douglas Wheeler, "The Price of Neutrality: Portugal, the Wolfram Question and World War II – Part Two", *Luso-Brazilian Review* 23, nº 2 (inverno de 1986), p. 107.
- 364** Christian Leitz, *Nazi Germany and Neutral Europe during the Second World War* (Manchester: Manchester University Press, 2000), p. 156.
- 365** António Telo, *Portugal Na Segunda Guerra, 1941-1945, vol. 1* (Lisboa: Vega, 1991), pp. 188-89.
- 366** NARA/RG84/15/Classified Records of Embassy in Lisbon, War History of the U.S. Embassy in Lisbon, 1º de agosto de 1946, p. 40.
- 367** Wheeler, "The Price of Neutrality", p. 115.
- 368** NARA/RG84/15/Classified Records of Embassy in Lisbon, War History of the U.S. Embassy in Lisbon, 1º de agosto de 1946, p. 40.
- 369** Nicholas Tarling, "Britain, Portugal and East Timor in 1941", *Journal of South East Asian Studies* 27, nº 1 (março de 1996), p. 135.
- 370** Llewellyn Woodward, *British Foreign Policy in the Second World War* (Londres: H. M. Stationery Office, 1962), p. 376.
- 371** Werner Levi, "Portuguese Timor and the War", *Far Eastern Survey* 15, nº 14 (17 de julho de 1946), p. 221.
- 372** Woodward, *British Foreign Policy*, p. 376.
- 373** Ibid.
- 374** Tarling, "Britain, Portugal and East Timor", p. 137.
- 375** Levi, "Portuguese Timor and the War", p. 222.

- 376** Woodward, *British Foreign Policy*, p. 377.
- 377** Levi, "Portuguese Timor and the War", p. 222.
- 378** Tarling, "Britain, Portugal and East Timor", p. 137.
- 379** Woodward, *British Foreign Policy*, p. 377.
- 380** Tarling, "Britain, Portugal and East Timor in 1941", p. 138.
- 381** Woodward, *British Foreign*, p. 378.
- 382** Wheeler, "The Price of Neutrality", p. 108.
- 383** Leitz, *Nazi Germany and Neutral*, p. 159.
- 384** Telo, *Portugal na Segunda Guerra*, p. 189.
- 385** Leitz, *Nazi Germany and Neutral*, p. 159.
- 386** Ibid.
- 387** Telo, *Portugal na Segunda Guerra*, p. 190.
- 388** Wheeler, "The Price of Neutrality", p. 110.
- 389** PT/TT/AOS/CO/NE-4Cl/5/From Duke of Palmela to Salazar, 18 de dezembro de 1943.

## Sob pressão

**A** entrada dos Estados Unidos na guerra, em dezembro de 1941, reforçou bastante a capacidade financeira dos aliados na arena da guerra econômica. Mas mesmo com a participação americana, ainda não estava claro qual dos lados acabaria vencendo as guerras do tungstênio. Em junho de 1942, ingleses e americanos formaram o Joint Wolfram Committee, em Lisboa, para ter preferência na compra de tungstênio. Essa era uma guerra cara. Estimou-se que os aliados gastaram cerca de 170 milhões de dólares, igualmente divididos entre ingleses e americanos, comprando tungstênio de Portugal.<sup>390</sup>

Os alemães se opuseram às compras preemptivas dos aliados, fazendo demandas constantes por mais tungstênio e passando por cima dos acordos com Lisboa. Às vezes, a pressão tornava-se ameaçadora, mas os portugueses tentavam politicamente respeitar os acordos. Intensificaram-se os esforços alemães em tirar ilegalmente o minério do país para a Espanha, e dali para território controlado pela Alemanha. Muitas das minas portuguesas ficavam próximas da fronteira espanhola e, com as estradas tranquilas nas montanhas, o contrabando era uma tarefa relativamente fácil.

Com o desenrolar da guerra, a questão dos suprimentos de tungstênio tornou-se interligada a outros problemas. Só quando a maré da guerra virou a favor dos aliados é que a guerra do tungstênio pareceu ter sido vencida. À medida que os aliados ganhavam vantagem no campo de batalha, crescia a pressão sobre Salazar tanto de Londres quanto de Washington, para embargar

novas vendas de tungstênio para a Alemanha. Os aliados argumentavam que essa manobra abreviaria a guerra. Mas Salazar discordava, afirmando ser possível reduzir o fornecimento de minério para a Alemanha, mas que um embargo não era do interesse português.<sup>391</sup>

Numa jogada desesperada, os alemães haviam tentado pressionar Salazar com um submarino alemão mantendo refém um navio português, o *Serpa Pinto*, com tripulação e passageiros, em alto-mar, na costa das Bermudas.<sup>392</sup> O navio seguia sua rota regular Lisboa–Nova York, repleto de refugiados que viajavam para a América. Agindo sob ordens diretas de Berlim, o capitão do submarino mandou revistar o navio, argumentando que havia carga ilegal a bordo. Passageiros aterrorizados foram interrogados e evacuados em barcos salva-vidas.

As 385 pessoas a bordo permaneceram nove horas flutuando no oceano Atlântico, enquanto o capitão do submarino aguardava ordens de Berlim para saber se devia afundar o navio. No final, os passageiros tiveram permissão para voltar a bordo e o navio foi autorizado a seguir viagem. Durante o reembarque, entretanto, um passageiro morreu. A apreensão do navio tinha a intenção de enviar uma clara mensagem de Berlim a Salazar. Restam algumas dúvidas quanto à extensão dos contatos entre Berlim e Lisboa durante essas nove horas, mas está claro que Salazar não voltou atrás. Em sequência ao incidente, o governo português queixou-se com Berlim em termos inusitadamente fortes.

Durante a primavera de 1944, seguiram-se intensas negociações, com cada lado cada vez mais irritado com o outro. Salazar defendia sua posição argumentando, de início, que a Alemanha ainda poderia reagir com violência ao embargo. Os britânicos observavam que a Alemanha não estava em situação de atacar Portugal. Salazar

contrapunha que ainda não ocorrera nenhum desembarque na Europa ocidental. Finalmente, Salazar recorreu ao argumento de que tinha um acordo com os alemães e precisava entregar-lhes pelo menos algum tungstênio a fim de honrá-lo.

Os aliados aumentaram a pressão: Churchill e o presidente Roosevelt escreveram pessoalmente a Salazar.<sup>393</sup> O embaixador brasileiro em Lisboa usou o argumento de que o tungstênio português estava matando indiretamente soldados brasileiros que combatiam sangrentas batalhas na Itália. Para Salazar, cada vez mais exausto em seu escritório em São Bento, a questão do tungstênio tornou-se o catalisador para uma série de episódios problemáticos que ameaçavam a neutralidade portuguesa, mas também ofereciam a possibilidade de imensos ganhos financeiros.

Com a infraestrutura do país desmoronando, e com manifestações de descontentamento de grupos de oposição cada vez mais frequentes, conforme observado pela PVDE, Salazar precisava tomar uma atitude difícil para equilibrar a situação. Para alguns políticos e diplomatas britânicos, Salazar havia se tornado demais. Ele era acusado de ignorar pontos de vista morais do que era certo e errado na guerra.

Um ano antes, em um jantar em sua casa na Boca do Inferno, Ricardo Espírito Santo havia relatado a James Wood, o adido financeiro dos Estados Unidos em Lisboa, detalhes de uma conversa que tivera recentemente com Salazar, na qual havia lhe perguntado se seu banco devia interromper todos os negócios com os alemães. Salazar respondera que o resultado da guerra era claro e que os aliados certamente acabariam vencendo. Mas acrescentou que não seria "cavalheiresco" suspender todos os negócios com os alemães.<sup>394</sup>



Pela conversa, Wood concluiu que Salazar parecia interessado em continuar o comércio altamente lucrativo com a Alemanha.<sup>395</sup> Conforme a guerra se encaminhava para uma conclusão, suas razões para manter esse comércio foram eliminadas, uma a uma, até que apenas a maximização dos lucros explicava o motivo para Portugal não ceder imediatamente aos pedidos dos aliados.

Cada vez mais isolado, e correndo o risco de se tornar um pária, Salazar finalmente inclinou-se à intensa pressão dos aliados e fez o que Londres e Washington vinham lhe exigindo havia meses: declarar embargo total à extração de tungstênio. A decisão foi anunciada no dia 4 de junho de 1944, às vésperas da invasão da Europa ocidental pelos aliados.<sup>396</sup> Ela seria efetivada no dia 8 de junho de 1944.<sup>397</sup>

Os americanos perceberam que a ocasião do anúncio de Salazar – no momento em que a invasão da Europa ocidental estava para começar – não era coincidência. A decisão, argumentaram eles, marcava o sucesso de sua política de neutralidade, que permitira aos portugueses explorar os dois lados em guerra enquanto fora possível. Os americanos afirmavam que, apenas pela insistência de Washington, Salazar havia concordado com um total embargo ao tungstênio. Os britânicos, diziam eles, haviam se conformado com as concessões de Salazar.<sup>398</sup> Para os americanos, até os britânicos eram culpados de colocarem seus interesses à frente daqueles dos aliados.<sup>399</sup> Na verdade, desde o início, alguns oficiais americanos não ficaram nada impressionados com o nível de cooperação entre os aliados nas negociações relacionadas com as guerras do tungstênio.

A decisão de introduzir o embargo significava que cerca de 90 mil trabalhadores portugueses, envolvidos direta ou indiretamente na indústria de mineração, ficariam desempregados. Os americanos

observaram que o governo português não havia feito nada para que outros setores absorvessem os mineradores, que vinham principalmente de empregos agrícolas de baixa renda. No início das guerras do tungstênio, Salazar estivera preocupado com o impacto deslocador da mineração sobre o mercado de trabalho nas regiões das minas. A indústria de tungstênio crescera ao longo da guerra, com o aumento da demanda da Alemanha pelo minério e a falta de fontes alternativas de fornecimento para Berlim, que haviam se esgotado.

Na realidade, quando Salazar tomou sua decisão de impor um embargo às exportações de tungstênio, Berlim não tinha muito o que fazer para reagir. Havia poucas ações militares que os alemães pudessem adotar contra Portugal naquele estágio da guerra. O embaixador alemão em Lisboa, barão Von Hoyningen-Huene, afirmou que via a decisão como final e não fez nenhuma tentativa para garantir mais exportações do minério para a Alemanha.<sup>400</sup> Von Hoyningen-Huene, que estivera profundamente envolvido nas negociações com Salazar, refletiu sobre a realidade da situação e compreendeu que a guerra estava perdida para seu país.<sup>401</sup>

A entrada dos Estados Unidos na guerra havia mudado o plano do jogo para Salazar. Com o desenrolar da guerra e a exportação de tungstênio tornando-se interligada a uma série de problemas, a presença americana parecia deixá-lo menos interessado em apoiar abertamente os aliados. Na verdade, durante toda a guerra as relações entre portugueses e americanos nunca foram muito íntimas ou afetuosas. Oficiais americanos com frequência sentiam que os britânicos eram brandos com Salazar e acreditavam demais na antiga aliança histórica entre os dois países.<sup>402</sup> Durante as guerras do tungstênio, os Estados Unidos haviam adotado com Lisboa uma linha mais dura do que os britânicos. Seria simplicidade demais

sugerir que britânicos e americanos coordenaram uma rotina de boa e má cooperação, mas, às vezes, havia um pouco disso na forma como os aliados conduziam as negociações sobre o fornecimento de tungstênio.

A visão de mundo de Salazar refletia-se em seu modo de lidar com as guerras do tungstênio. Seria errado, entretanto, julgar o fornecimento do minério aos alemães e a sua resistência à pressão dos aliados para encerrar o suprimento até o último minuto, como um indício de seu apoio à causa alemã. Sua própria perspectiva a respeito da guerra era em grande parte governada pela percepção instável de como ele previa o pós-guerra europeu e a Nova Ordem Mundial, e podia ser detectada em suas reuniões com diplomatas estrangeiros em Lisboa durante a guerra. No centro de seu conjunto de crenças, havia um profundo temor da ameaça da União Soviética e do comunismo em geral. Para Salazar, o verdadeiro conflito não era a guerra entre potências europeias ocidentais, mas sim o iminente confronto com a União Soviética.

No início, durante a Segunda Guerra Mundial, Salazar parecia temer uma vitória total, fosse dos aliados ou das potências do Eixo. Ele estudou atentamente o que as implicações de uma vitória alemã significariam para uma nova ordem econômica europeia, e interessava-se em saber como Portugal se encaixaria nessa órbita. Quando os Estados Unidos entraram na guerra, considerou que uma espécie de vitória aliada era inevitável, mas preocupava-se com o futuro papel dos Estados Unidos na Europa depois da guerra. Sentia que a América tentaria dominar a Europa econômica e militarmente. Salazar não tinha muito tempo para a América.

Numa reunião com Eccles e Campbell, informou aos diplomatas britânicos que os americanos eram “um povo bárbaro iluminado, não por Deus, mas pela luz elétrica”.<sup>403</sup> As posições americanas com

relação a Portugal, principalmente na arena da guerra econômica, eram menos conciliatórias do que as dos britânicos, e até certo ponto exacerbavam o desconforto de Salazar com a emergência da hegemonia americana na Europa ocidental. Durante as guerras do tungstênio, Salazar governou segundo sua própria noção do que era melhor para Portugal. Quando finalmente escolheu limitar o relacionamento de Portugal com a Alemanha, ele o fez com relutância.

Enquanto negociava com aliados e alemães sobre o fornecimento de tungstênio, Salazar sempre precisava ficar de olho na situação política interna em Portugal. Grupos de oposição, em particular os comunistas, estavam a fim de colher os ganhos de qualquer perturbação política. A introdução do racionamento e o baixo fornecimento de matéria bruta foram vistos como lances perigosos de um regime autoritário, cujo governo escorava-se na natureza relativamente passiva da população portuguesa, cuja grande maioria aceitara o Estado Novo sem realmente acatá-lo com entusiasmo. Em Lisboa, havia um sentimento de que quando a guerra terminasse haveria grandes evoluções políticas e um movimento no sentido de um Estado mais democrático.

Salazar conduziu as negociações sobre o tungstênio como se fosse o contador do vilarejo, tentando equilibrar os livros fiscais e reservar um pouco para futuras necessidades. Seu distanciamento dos horrores da guerra, ou a aparente falta de compreensão de que cooperar com os aliados poderia abreviar a guerra, arriscou levá-los a classificarem-no do mesmo modo como o general Franco, da Espanha. Não se dispondo a assumir qualquer risco, ele chegou bem perto de colocar o futuro de Portugal em perigo a longo prazo. Durante a guerra, o embaixador britânico em Lisboa, Ronald Campbell, especulou que Salazar estava começando a se tornar

mentalmente desequilibrado. Devido à sua agenda de trabalho e aos visíveis sinais de envelhecimento, estava claro que, no mínimo, ele começava a sentir os quatro anos de contínua pressão.

---

**390** Leonard Caruana e Hugh Rockoff, "A Wolfram in Sheep's Clothing: Economic Warfare in Spain, 1940-1944", *The Journal of Economic History* 63, nº 1 (março de 2003), p. 119.

**391** Douglas Wheeler, "The Price of Neutrality: Portugal, the Wolfram Question and World War II – Part Two", *Luso-Brazilian Review* 23, nº 2 (inverno de 1986), p. 101.

**392** J. K. Sweeney, "The Portuguese Wolfram Embargo: A Case Study in Economic Warfare", *Military Affairs* 38, nº 1 (fevereiro de 1974), p. 26.

**393** Ibid.

**394** NARA/RG56/23/Classified Records of the Embassy in Lisbon, From Wood to White, 27 de agosto de 1943, p. 2.

**395** Ibid.

**396** Wheeler, "The Price of Neutrality", p. 102.

**397** NARA/RG56/2/ Some Notes on the Situation in Portugal, 31 de julho de 1944, p. 1.

**398** Ibid.

**399** Ibid., p. 19.

**400** NARA/State Department Special Interrogation Mission, Baron Oswald von Hoyningen-Huene, 2 de outubro de 1944, p. 3.

**401** Ibid., p. 7.

**402** Sweeney, "The Portuguese Wolfram Embargo", p. 24.

**403** PRO/FO/371/26795/From Campbell to Eden, 2 de julho de 1941.

## Chocado ao descobrir que a espionagem continuava

Com tanto comércio crucial, um litoral europeu estratégico e um líder inescrutável, cujas decisões políticas eram difíceis de analisar com antecedência, não era de surpreender que Portugal se tornasse sede de um conclave de espões. Em Lisboa, e ao longo de seu litoral em Estoril, encontravam-se espões quase por toda a parte. Alguns eram verdadeiros, outros nem tanto. Com seu grande salão de danças e cassino nas proximidades, o hotel Palácio, no Estoril, ficava, com frequência, repleto de espões de todos os países em guerra. De smoking e jogando nas mesas de carteados, havia um ar de grandiosidade numa das profissões mais antigas. Pitorescas personalidades locais do alto comércio, homens de negócios estrangeiros lucrando com a neutralidade de Portugal e refugiados ricos contribuía para a eclética mistura de hóspedes no hotel e no cassino.

O barman do hotel era famoso por preparar os melhores coquetéis Manhattan da Europa, e as camareiras estavam na folha de pagamentos de um lado, ou de ambos os lados, da guerra.<sup>404</sup> Um americano que atravessou as portas do hotel disse que o lugar lembrava a Clínica Mayo, porque se podia ver no rosto de todos os hóspedes que alguma coisa os perturbava.<sup>405</sup>

Durante a guerra, o hotel, e especialmente o cassino, hospedou muitas das famílias reais europeias que fugiam dos alemães, seus próprios conterrâneos, ou ambos. Nos finais de semana e durante os

feriados, o lugar transbordava de intrigas e boatos. Muitos deles, plantados por um dos lados em guerra, eram às vezes exageros ou, em muitos casos, mentiras deslavadas. Entre os oficiais dos serviços de inteligência aliada e alemã, ficava a PVDE e sua rede de informantes locais, que registravam cuidadosamente todos os movimentos e conversas dos espões estrangeiros, no caso de fazerem contato com elementos da oposição local.<sup>406</sup> Os relatórios da polícia seguiam diretamente para o capitão Lourenço, que transmitia resumos de acontecimentos importantes a Salazar para condensar o que acontecia entre o círculo de espões e sua interação com figuras da sociedade local.

No dia 20 de maio de 1941, Ian Fleming, o futuro autor dos romances de James Bond, registrou-se no hotel Palácio, no Estoril, descrevendo sua ocupação simplesmente como um oficial do governo.<sup>407</sup> Na realidade, Fleming estava em Lisboa como parte de seu trabalho no planejamento da Operação Golden Eye para a inteligência naval britânica. O plano seria implementado no caso de uma invasão da Espanha pelos alemães, e era um misto de atividades de sabotagem e manutenção das redes de comunicação com Londres. Como o plano envolvia várias agências de inteligência, e diversos lugares, não é de surpreender que sua criação fosse retardada por violentas rivalidades internas.<sup>408</sup> Fleming passava o tempo na capital lidando com a ponta portuguesa da operação e tomando providências com os chefes da estação de Lisboa para sua potencial implementação. E também se encontrava com seu velho amigo, David Eccles, da MEW. Fleming estava em trânsito, da Inglaterra, via Lisboa, para os Estados Unidos.

O serviço do Clipper da Pan Am que saía de Lisboa era popular para os agentes britânicos, que se conectavam com ele pelos voos da BOAC, que partiam de Bristol e de Poole. Fleming chegou ao cais

La Guardia Clipper, em Nova York, na tarde do dia 25 de maio de 1941. Fleming e seu chefe, o almirante John Godfrey, que em parte foi a inspiração para o fictício personagem M nos romances de Bond, estavam nos Estados Unidos para estudar e examinar os níveis de segurança dos portos americanos.<sup>409</sup>

Fleming retornou a Lisboa no final de julho para uma breve inspeção das instalações e equipamentos locais para a Operação Golden Eye.<sup>410</sup> Na ocasião, entretanto, não gozou do esplendor do hotel Palácio, mas ficou no quarto que David Eccles havia deixado vago.<sup>411</sup> Durante a visita a Tânger, Fleming exibiu um pouquinho da personalidade teatral de Bond, contratando um avião particular para voltar a Lisboa o mais rápido possível. Seu relatório de serviço mostra que ele reivindicou 110 libras de despesas pelo uso particular da aeronave.<sup>412</sup>

Cortês, calmo e curtindo suas guerras no serviço secreto, Fleming passou o breve tempo em Lisboa, não se divertindo com a proximidade do inimigo ou com a emoção do jogo, mas tentando conseguir que departamentos da inteligência britânica, com frequência competindo entre si, concordassem em fazer o que fosse necessário para a Operação Golden Eye.<sup>413</sup> Em sua segunda noite no Estoril, Fleming e Godfrey apostaram quantias relativamente modestas no jogo e perderam. Na saída, contam que ele se virou para Godfrey e disse: "E se os homens à mesa fossem agentes alemães e nós tivéssemos tirado todo seu dinheiro?"<sup>414</sup> O fato parece ter inspirado a cena no primeiro romance de Bond que Fleming escreveu, quando Bond faz exatamente isso com o perverso espião comunista, Le Chiffre.<sup>415</sup>

De seu quarto no hotel, Fleming podia ver a esplanada, que ia do ponto mais alto da praia do Estoril até Cascais. Sob a esplanada, a praia estava cheia de agentes inimigos. Belos agentes alemães



bronzeados de sol posavam de suíços neutros na esperança de seduzirem funcionários graduados aliados que se sentiam solitários e muito longe de casa. No geral, Fleming impressionou-se com a estrutura do serviço secreto em Lisboa, comparável favoravelmente com o de muitas outras estações que visitou em sua viagem.<sup>416</sup>

A realidade da espionagem, entretanto, era bem diferente das histórias de James Bond, que Fleming começaria a escrever depois da guerra. Na verdade, grande parte do trabalho em Portugal não era nada glamoroso. Pelo contrário, em sua maioria as missões dos espões na cidade eram engessadas em desânimo, e embora alguns dos ambientes fossem grandiosos, havia um clima de desespero na medida em que tanto britânicos quanto alemães não conseguiam alcançar seus objetivos e arriscavam ofender seus superiores. Além disso, a competição entre as agências era frequente, embora às vezes as rivalidades fossem exageradas e usadas como desculpas convenientes para o fracasso.<sup>417</sup>

A guerra do tungstênio era apenas uma das várias razões para Lisboa se ver inundada de espões tanto das potências aliadas quanto das potências do Eixo durante a Segunda Guerra Mundial. Outros motivos incluíam a centralidade de capital nas guerras navais, o fato de que representava o fim da linha para refugiados que tentavam fugir da Europa continental controlada pelos nazistas e seu papel como portão para a África e a América do Sul.

Além de seus próprios grupos de espionagem, ambos os lados da guerra tentavam recrutar elementos da população local. Isso quase sempre era feito depois de uma pesquisa mínima sobre o candidato em potencial ou de alguma informação sem muita utilidade que houvesse sido fornecida. Como a maioria da população portuguesa era analfabeta ou, na melhor das hipóteses, tinha um nível elementar de leitura, boa parte das informações era transmitida de

boca. Boatos e contraboatos começavam nos cafés de Lisboa e se espalhavam pela cidade como fogo selvagem.

Às vezes, talvez houvesse algum elemento de verdade na informação ou boato original, mas, depois de atravessar a cidade, pouca semelhança restava com qualquer forma de realidade. Para complicar as coisas, cada lado iniciava seus próprios rumores fictícios e deixava a história girar sem controle, na esperança de causar o máximo de danos possível ao outro lado. Às vezes, parecia que quase todo mundo em Lisboa era espião ou fingia ser. Pessoas do local, antes inexpressivas, melhoravam sua posição social sugerindo estar envolvidas nessas atividades. Os cafés e restaurantes no Rossio enchiam-se de espiões, tanto recrutados no local quanto estrangeiros, assim como os bares dos hotéis mais glamorosos da cidade. Por conseguinte, nada permanecia secreto em Lisboa por muito tempo – a não ser que Salazar assim o quisesse.

Pelo aspecto oficial da espionagem, cada lado da guerra tinha um conjunto claro de objetivos.<sup>418</sup> Para os alemães, a prioridade era contrabandear o máximo de tungstênio possível para fora do país até a Espanha e para a França ocupada. Quando Salazar decidiu efetivamente nacionalizar a produção e a exportação de tungstênio, em 1942, isso não interrompeu o mercado negro de tungstênio. Na verdade, conforme as fontes alemãs de fornecimento alternativo se esgotavam, os agentes alemães se tornavam mais ativos no contrabando do minério.

O outro grande objetivo dos alemães era causar o máximo de dano possível ao sentimento pró-britânico em Lisboa. Oficialmente, isso era feito por vários caminhos tortuosos, que, em geral, giravam em torno das tentativas de alimentar a suposta paranoia de Salazar de que os britânicos tramavam derrubá-lo, seja apoiando a oposição interna contra ele e o regime, ou exigindo a volta da monarquia.<sup>419</sup>

De tempos em tempos, os alemães encorajavam a crença de que os britânicos planejavam o desembarque de tropas no Sul do país. Nessa estrutura de maximização das suspeitas anglo-portuguesas, os alemães tramavam para expor as atividades do British Special Operations Executive, em Portugal, no final de 1941 e na primeira metade de 1942. O resultado dessas revelações representou um dos momentos potencialmente mais difíceis da guerra para as relações anglo-portuguesas.



O SOE havia sido fundado em segredo no mês de julho de 1940 como uma pequena e efficientíssima força de combate britânica para ajudar a lidar com o império nazista que, pelo visto, não parava de se expandir.<sup>420</sup> Sua função era trabalhar com as forças de resistência em países ocupados pelos alemães e em Estados europeus neutros, como Portugal. O Parlamento não teria voz no modo como o SOE fosse dirigido ou nas ações que tomasse. O financiamento vinha de voto secreto, baseado numa convenção parlamentar de longa data que não era investigada pela Câmara dos Comuns e na qual a Câmara dos Lordes não estava autorizada a se envolver.<sup>421</sup> Por conseguinte, um ministro controlava nominalmente o SOE. Depois de algumas discussões, o ministro da Defesa foi excluído sob o argumento de que não tinha tempo. O Ministério das Relações Exteriores também foi rejeitado, porque não tinha a confiança de ninguém, e pelo temor de rivalidades interdepartamentais com os serviços de segurança já existentes controlados pelo ministério.<sup>422</sup>

O compromisso subsequente era o de estar submetido ao MEW. O ministério, entretanto, não dirigia o SOE. Os funcionários do SOE costumavam trabalhar para o MEW principalmente como fachada. O SOE tinha o espaço de um pequeno escritório na sede do MEW, em

Berkeley Square House. O ministro responsável por ele era Hugh Dalton, um político imponente que não fazia muita questão de manter amigos de qualquer um dos lados da Câmara dos Comuns. Entre os membros-chave da equipe estava um diplomata em ascensão, Gladwyn Jebb, transferido do Ministério das Relações Exteriores,<sup>423</sup> com quem Dalton trabalhava bem junto.

Os objetivos e intenções dos britânicos na arena da espionagem em Lisboa eram relativamente claros, mas bastante difíceis de alcançar. Ações para impedir o contrabando de tungstênio pelos alemães tornaram-se prioridade na medida em que a embaixada britânica começou a descobrir a extensão dos esforços para fazer passar o minério ilegalmente pela fronteira da Espanha.<sup>424</sup> A descoberta levou à intensificação de todos os tipos de ação, desde medidas preventivas, como planos para tornar o tungstênio quimicamente inútil, até tentativas físicas de desintegrar a rede alemã de rotas de suprimentos.<sup>425</sup>

O SOE acabou encarregado de planejar e executar a versão final dos planos para a destruição de instalações e recursos-chave, caso os alemães invadissem Portugal. Outros agentes observavam a atividade dos navios entrando e saindo de Lisboa, e os materiais que Portugal importava, garantindo que o bloqueio estivesse sendo respeitado. Finalmente, a exposição dos círculos de espiões alemães passou a ser mais do que uma prioridade à medida que essas redes aumentavam de tamanho e sua penetração crescia entre as autoridades portuguesas.

Jack Beevor foi um dos recrutas mais inteligentes do SOE. Desde o momento em que cruzou a porta do modesto quartel-general em Baker Street, no centro de Londres, Beevor, educado em Winchester, uma das melhores escolas públicas da Inglaterra, mostrou um forte apetite por liderança e por improvisação quando as condições se

tornavam difíceis. Ao chegar a Lisboa, Beevor teve primeiro que batalhar com os funcionários da embaixada, a maioria dos quais via o SOE e sua liderança como uma perigosa distração para o relacionamento entre Londres e Lisboa.

Durante o período em que serviu como embaixador britânico em Portugal, Walford Selby proibiu o SOE de empreender qualquer ação. Ao suceder Selby como embaixador, Ronald Campbell também teve reservas quanto a deixar o SOE solto em Portugal. Campbell temia prejuízos à posição da Grã-Bretanha em Lisboa e a seu relacionamento pessoal com Salazar, se os agentes da SOE fossem apanhados pelos portugueses empreendendo alguma operação.<sup>426</sup> Sir Samuel Hoare, o embaixador na Espanha, foi além, proibindo todas as atividades veladas que pudessem prejudicar relações com Franco ou esforços para manter a Espanha fora da guerra.<sup>427</sup> A proibição de Hoare significava que boa parte da atividade velada, como impedir o fornecimento de tungstênio aos alemães, tinha que acontecer em Portugal. Uma vez na Espanha, agentes do SOE estariam severamente limitados ao que se podia fisicamente fazer para impedir que o mineral vital chegasse à Europa ocupada pelos alemães.

Depois de apenas três semanas de treinamento em Baker Street, Beevor chegou a Lisboa em janeiro de 1941, sem nenhuma experiência prévia de atividades veladas e sem conhecimento da língua portuguesa. Seu período de treinamento havia, no mínimo, lhe permitido familiarizar-se com o material do SOE na Europa ocidental e estudar as possibilidades de uma invasão da península Ibérica pelos alemães.<sup>428</sup> Havia também aproveitado a oportunidade para participar de um curso intensivo de três horas sobre técnicas de demolição. Na embaixada em Lisboa, o disfarce de Beevor era a

função de adido militar assistente. E usou esse papel para desenvolver as redes do SOE em Portugal e iniciar seu trabalho.

Um problema imediato, em cuja solução Beevor se envolveu, foi a seção de inteligência naval alemã em Lisboa (Abwehr) que estava rastreando todas as rotas dos comboios britânicos que cruzavam o Atlântico.<sup>429</sup> A Abwehr havia montado alguns bordéis e financiado outros, na região portuária de Lisboa, a fim de atrair marinheiros britânicos que desembarcavam na cidade. As moças haviam sido treinadas para arrancar dos marinheiros detalhes de rotas e datas de comboios e memorizá-los.<sup>430</sup> A tática alemã havia provado ser produtiva no início da guerra, mas os britânicos acabaram desmontando a rede. Marinheiros britânicos que desciam em terra recebiam severos alertas sobre os bordéis em Lisboa e de como os agentes inimigos os controlavam. A maior parte do trabalho de expor esse círculo era feito pelo M15 e o SIS. Apesar disso, Beevor sentia prazer em ficar com um pouco do crédito, num mundo onde a competição entre agências de inteligência do mesmo lado era intensa.

O principal objetivo de Beevor, entretanto, era planejar a demolição das instalações de petróleo do rio Tejo, no caso de uma invasão bem-sucedida de Portugal pelos alemães. Beevor considerava que essa ameaça havia desaparecido em abril de 1941, mas, não obstante, precisava ter planos relevantes em ordem.<sup>431</sup> Para um homem cujo conhecimento de português era o suficiente para pedir um *bica* (café) ou folhear o cardápio dos restaurantes locais, não era uma tarefa fácil.

A Operação Panicle foi concebida, e subsequentemente retificada, para reagir a uma invasão de Portugal em dois estágios: Operação Balão (na hora da invasão) e Operações Pós-balão (atividades pós-invasão). O principal objetivo das recomendações para atividades-

balão era que a resistência seria contraproducente dado o tamanho das forças armadas portuguesas.<sup>432</sup> Estimava-se que no exército português houvesse em torno de 30 mil homens, com uma pequena defesa aérea para ajudar a protegê-los.<sup>433</sup> Os chefes do Estado-Maior britânico produziram um relatório secreto, no dia 29 de abril de 1941, afirmando que, se Portugal fosse invadido, a Grã-Bretanha não poderia fazer muito para ajudar a expulsar os invasores.<sup>434</sup> Na verdade, como o memorando da Operação Panicle argumentava, a resistência generalizada à ocupação resultaria na exposição e eliminação dos elementos mais valiosos do país.<sup>435</sup>

O SOE preferiu concentrar seus planos no estágio pós-balão, que teria início cerca de um mês depois que o “balão” explodisse. O centro dessas atividades em Lisboa seria a área portuária.<sup>436</sup> O plano exigia a total destruição das cinco principais instalações de petróleo e gasolina da Sacor, Atlantic, Shell Banatica, Socony Vaccum e Sonap,<sup>437</sup> fosse por dinamite ou por bombardeio naval. Nas docas, os guindastes móveis, a ponte móvel e outros equipamentos seriam explodidos para ajudar a bloquear a entrada.<sup>438</sup> As gruas seriam explodidas simplesmente alvejando-lhes as pernas dianteiras, de modo que caíssem nas docas.

Saídas por estradas ou linhas férreas para a Espanha seriam explodidas, incluindo a estação Campolide, perto de Lisboa. As linhas de comunicação seriam destruídas.<sup>439</sup> Os agentes britânicos consideraram os aeroportos na área tão primitivos que não havia muito mais o que fazer, exceto bloquear os bueiros no inverno, o que talvez deixasse a pista inundada.<sup>440</sup> O primeiro aeroporto internacional de Lisboa, em Portela, ainda não estava terminado. Pelo país inteiro, estações de eletricidade seriam atacadas, e o SOE havia traçado planos detalhados dos vários tipos de centrais elétricas

e de como melhor destruí-las, economizando, ao mesmo tempo, o máximo de dinamite possível.<sup>441</sup>

O principal objetivo da Operação Panicle era impedir os alemães de usarem os portos portugueses no Atlântico para seus submarinos e navios de guerra.<sup>442</sup> Embora boa parte do planejamento para as atividades balão e pós-balão tivesse sido elaborada depois de conversas com os portugueses, a escala dos planos britânicos teria surpreendido os comandantes militares portugueses e Salazar. Se toda a destruição fosse levada a efeito, não teria sido fácil para alemães ou para espanhóis operarem livremente no país. Trabalhando com voluntários locais, agentes do SOE poderiam ter colocado fora de ação a área portuária de Lisboa por longos períodos de tempo. Embora esses planos estivessem abertos a discussão e negociação com os portugueses, Salazar descobriu, em 1942, evidências de uma trama unilateral bem mais sinistra do SOE para demolir um número muito maior de instalações-chave em Portugal do que lhe haviam dito.

A implementação da Operação Panicle teria representado um cenário de pesadelo para Salazar. Sua política de neutralidade parecia estar funcionando nas duas áreas que mais o preocupavam: manter a soberania portuguesa e impedir que a guerra fosse usada como catalisador por grupos de oposição portuguesa para derrubar o Estado Novo.

Encarregado das demolições, Jack Beevor tinha que recrutar um número de agentes locais confiáveis para executar a tarefa, se necessário fosse. Tinha também que empregar britânicos residentes na região, fluentes na língua e capazes de se comunicar com as equipes locais de demolição. Tudo isso foi feito, segundo Beevor, com a maior discrição, mas devido à natureza dos planos e do número de agentes locais de diversas qualidades envolvidos, sempre



havia a possibilidade de algo dar muito errado. E foi o que aconteceu.

Segundo Beevor, a crise começou, em fevereiro de 1942, com um acontecimento aparentemente inócuo. Um agente do SIS pediu a Beevor um apartamento para usar num encontro secreto com um informante local que não queria levar até a embaixada. Beevor, que tinha o apartamento, usado regularmente com propósitos semelhantes para o SOE, concordou em nome das boas relações. Semanas depois, o homem que o agente do SIS entrevistou no apartamento foi capturado pela PVDE e, ao ser interrogado, afirmou que, embora não se lembrasse do nome do oficial britânico com quem se encontrara, sabia o endereço onde o encontro se dera. Logo depois, a polícia descobriu o nome de Beevor como locatário e somou dois e dois. A descoberta foi parte de um processo mais amplo de investigação empreendido pela PVDE, com base numa indicação, plantada pelos alemães, sobre atividades do SOE em Lisboa.

Na verdade, as coisas foram bem mais complicadas do que um mero azar, e mais sinistras. A pista que levou a PVDE até o apartamento foi parte de uma operação policial mais ampla, que tivera início no inverno de 1941. Os alemães haviam conseguido convencer elementos da PVDE de que membros-chave da comunidade de negociantes britânicos estavam envolvidos na onda de agitações comunistas antigovernamentais que se espalhara por todo Portugal depois do ataque alemão à União Soviética.<sup>443</sup>

A reação da PVDE às agitações continuou à medida que dezenas de pessoas foram presas sob a suposição de estarem tramando contra Salazar. Dos presos, vários faziam parte da rede de agentes portugueses de Beevor, inclusive alguns de seus líderes. O processo de descoberta da existência do SOE, de seus membros e planos foi

logo concluído, e Salazar foi informado das constatações da investigação liderada pela PVDE.

Lendo o arquivo tarde da noite em seu escritório, Salazar viu os acontecimentos com um misto de raiva e interesse oportunista. A raiva era porque os britânicos vinham dirigindo uma rede secreta de agentes, com instruções sobre demolição, para agir contra alvos na área de Lisboa, caso os alemães invadissem Portugal. Havia um acordo com os britânicos sobre colaboração em serviços de demolição, caso isso acontecesse, mas um plano unilateral para alvejar instalações-chave era novo e inaceitável. Até certo ponto, a raiva de Salazar estava baseada no quadro de membros do SOE local, que incluía muitos daqueles que eram considerados inimigos subversivos do Estado Novo.

Mais uma vez, a paranoia de Salazar sobre o objetivo britânico de tentar substituir seu regime aflorou. Mas antes de começar a deliberar sobre o assunto, e depois de se acalmar, Salazar decidiu ter uma visão mais sóbria do que sentia ser uma grande crise e explorar a situação para enviar um alerta claro e direto, tanto a britânicos quanto a alemães, de que não deviam tentar interferir na política interna portuguesa. Tal interferência seria considerada como uma linha vermelha, que em circunstância alguma devia ser cruzada por nenhuma das partes em guerra. Era, com efeito, o preço de Salazar para os negócios no comércio de espionagem. As agências de inteligência britânica e alemã estavam livres para continuar o seu trabalho contra os interesses uns dos outros, mas não contra os interesses dos portugueses.

Naturalmente, Salazar precisava de um bode expiatório para defender seu ponto de vista. A cabeça de Jack Beevor foi oferecida numa bandeja a Salazar por Ronald Campbell, o embaixador britânico. Salazar chamou Campbell a seu gabinete no dia 4 de

março de 1942.<sup>444</sup> Tranquilamente, informou que tinha um assunto muito sério a tratar com o embaixador.<sup>445</sup> Falando devagar, sem paixões, Salazar resumiu o caso. A polícia descobrira uma considerável organização britânica que, segundo evidências fornecidas por cidadãos portugueses presos, estava envolvida em preparações secretas para demolições e gastava grandes quantias em dinheiro para subornos e coisas semelhantes.<sup>446</sup>

Salazar continuou declarando sua forte objeção a tais atividades e expressando dor e surpresa ao saber de sua existência, especialmente porque a própria questão das demolições estava sendo discutida aberta e francamente entre os dois governos. Acrescentando um toque de indignação, Salazar disse pensar que a operação era uma estupidez, visto que Londres havia concordado que qualquer resistência a uma invasão no Portugal metropolitano devia ser apenas simbólica. Em outras palavras, haviam concordado em remover os objetos que seriam úteis ao inimigo, tais como estoques de combustível e estaleiros. Mas a operação unilateral britânica velada era muito mais extensa, incluía pontes e estradas, cuja destruição só faria aumentar o sofrimento da população.<sup>447</sup>

De sua cadeira, antes de dispensar Campbell, Salazar emitiu um claro alerta aos britânicos. Deviam escolher entre trabalhar com Lisboa pelos canais intergovernamentais, ou manter a organização secreta (SOE) diante da oposição policial. E acrescentou friamente não achar que a última hipótese trouxesse bons resultados para os britânicos.<sup>448</sup>

Nos dias que se seguiram ao encontro entre Salazar e Campbell, a polícia mostrou os dentes, aumentando sua campanha contra os interesses britânicos. As novas prisões pela PVDE elevaram o número total de suspeitos interrogados para 300.<sup>449</sup> Um Campbell cada vez mais preocupado comentou com Londres que a campanha

policial contra as atividades britânicas estava chegando ao nível de perseguição.<sup>450</sup> Campbell a atribuía a vários fatores, dos quais a descoberta das atividades do SOE era um catalisador. Mesmo nesse estágio inicial, ele previu que o incidente levaria à expulsão do corpo diplomático britânico de Lisboa.

Londres tentou ganhar tempo, não respondendo diretamente à pergunta de Salazar sobre como queriam investigar a questão do SOE. No dia 14 de março, Campbell teve o que achou ser um encontro bem mais positivo com Sampaio, chefe do Ministério das Relações Exteriores. Campbell acreditou ter acalmado as coisas, atacando as táticas da PVDE. Sampaio simplesmente indicou que Salazar não estava nada impressionado com o fato de os britânicos não terem respondido à sua pergunta sobre o futuro da organização secreta (SOE).<sup>451</sup>

Depois de consultar os membros mais graduados da embaixada, em Lisboa, e o Ministério das Relações Exteriores, em Londres, Campbell decidiu que a ofensa era a melhor forma de defesa. Num tempestuoso encontro com Salazar, no dia 16 de março de 1942, Campbell acusou a polícia de usar táticas da Gestapo, acrescentando que, num país onde a polícia tinha tanto poder, era natural que houvesse em seu meio aqueles que admirassem a Gestapo. Apenas o chefe da PVDE, capitão Lourenço, foi poupado da ira de Campbell.<sup>452</sup>

Aumentando ainda mais a pressão, o embaixador perguntou se Salazar tinha consciência de que, naquele exato momento, patriotas portugueses honestos, fervorosos partidários do regime, estavam sendo espancados em prisões portuguesas na esperança de que revelassem algo que pudesse incriminar a embaixada britânica. Salazar escutou o que considerou ser um discurso bombástico de Campbell e, casualmente, mudou de assunto retornando aos

vínculos entre a oposição interna em Lisboa e os agentes britânicos.<sup>453</sup>

Depois do desabafo verbal, Campbell tentou tranquilizar Salazar, informando que o SOE tinha sido colocado no frigorífico e, de qualquer modo, sua trama não estava em estágio avançado. Nenhum equipamento ou rádio fora distribuído a agentes locais. O último ponto não era a rígida verdade, mas Campbell seguiu rapidamente afirmando que a organização não saíra pelas autoestradas pescando comunistas para serem agentes.<sup>454</sup>

Apesar de sua forte defesa do SOE, Campbell já havia decidido que a presença constante desse pessoal era problemática. Ele compreendeu que a polícia já conhecia a identidade de seus líderes e que sua permanência em Lisboa semearia a dúvida sobre a sinceridade dos britânicos com relação a Portugal.<sup>455</sup> Agitado, Campbell escreveu ao Ministério das Relações Exteriores lembrando que já haviam se passado mais de duas semanas sem uma resposta oficial de Londres, dizendo se colocariam um ponto final em quaisquer outras atividades do SOE.<sup>456</sup>

O que aconteceu nos círculos britânicos foi um esforço para escorar sua posição. O SOE em Londres ficou irritado com Campbell porque, ao se recusar a negar as acusações, ele os havia entregue a Salazar. Também queriam que todos os esforços fossem feitos para dissuadir o embaixador de continuar insistindo na expulsão de Beevor.<sup>457</sup> O subsecretário permanente das Relações Exteriores, Andrew Cadogan, foi consultado e se reuniu com o SOE em Londres. Ficou decidido que, visto Campbell ter confessado, um sacrifício seria necessário e que provavelmente ele teria a forma de um homem lançado ao mar.<sup>458</sup>

Campbell, entretanto, devia ser desencorajado de oferecer a Salazar a expulsão de Beevor.<sup>459</sup> No ponto chave, combinou-se que

o SOE suspenderia suas atividades, como a divulgação de propaganda, e a questão das demolições seria resolvida por negociações diplomáticas entre britânicos e portugueses.<sup>460</sup> Cadogan observou ser importante que Campbell olhasse Salazar nos olhos e lhe desse uma garantia confiável de que o SOE não mais fazia absolutamente nada em Portugal.<sup>461</sup>

Enquanto isso, em Lisboa, a boataria corria solta. A suposta trama britânica era o assunto picante mais recente nas festas da sociedade.<sup>462</sup> Segundo Campbell, até alguns dos melhores amigos da Grã-Bretanha começavam a acreditar. Devido ao trabalho eficaz da inteligência alemã, os detalhes da trama eram constantemente exagerados para causar o máximo de prejuízo aos britânicos. A esperança de Campbell, de que a questão fosse esquecida depois da aparente emergência de Salazar de seu “mau humor”, provou ser falsa.<sup>463</sup> Salazar não estava pronto a intervir, e a PVDE manteve o ritmo de sua operação, aparentemente decidida a limpar toda a organização.<sup>464</sup> Pela perspectiva de Salazar, ele ainda não havia obtido o pagamento da dívida, nem os britânicos – ou mesmo os alemães – haviam absorvido devidamente a lição que ele pretendia lhes ensinar.

Para Campbell, as coisas iam de mal a pior. Numa clássica confusão britânica, Campbell encontrou-se com Salazar na noite do dia 25 de março de 1942.<sup>465</sup> No decorrer do encontro, o embaixador informou que Beevor era o “criador” do SOE em Portugal. Salazar concordou e acrescentou que já sabia. Campbell tentou apaziguá-lo ainda mais, afirmando que seu primeiro instinto havia sido o de mandar Beevor de volta para casa, mas percebeu que não podia porque o adido militar precisava da ajuda dele. Além disso, e o mais importante, isso daria aos alemães uma imensa satisfação. Salazar

interveio sugerindo que seria melhor que os britânicos removessem Beevor antes de serem formalmente solicitados a fazê-lo.<sup>466</sup>

De carro, do gabinete de Salazar, em São Bento, até a embaixada britânica, na Lapa, são apenas uns dois minutos. Foi tempo suficiente para Campbell pensar se havia feito a coisa certa, fornecendo ao líder de outro país o nome do principal agente do SOE operando na área. Enquanto refletia sobre isso, ele também se preparava para uma possível recepção hostil na embaixada. Em reunião na véspera, não dera nenhum indício a Beevor de que ia dar aquele passo extremamente não ortodoxo com Salazar.<sup>467</sup>

Assim que voltou à embaixada, entregaram a Campbell um cabograma urgente do Ministério das Relações Exteriores, recebido menos de uma hora depois que ele partira para seu encontro com Salazar.<sup>468</sup> Ao ler, Campbell respirou fundo e o sangue lhe fugiu do rosto. Nele estava escrito que, embora o Ministério das Relações Exteriores compreendesse suas dificuldades com Salazar, seria um erro mencionar a remoção de Beevor nesse estágio.<sup>469</sup> O ato seria interpretado por Salazar apenas como mais uma evidência de que Beevor era o responsável pela trama. Não só Beevor não devia ser citado, como nenhuma menção à sua partida seria tolerada até que se tomassem as devidas providências para sua substituição. Se Beevor fosse forçado a sair naquele estágio, era bem provável que isso tivesse um sério efeito sobre as atividades do SOE não apenas em Portugal, mas por toda a Europa.

No dia seguinte, Campbell apresentou um longo relato de seu encontro com Salazar ao Ministério das Relações Exteriores, ressaltando que acreditava ter se entendido com Salazar e provado ao líder português a aparente injustiça da investigação e subsequentes ações da PVDE.<sup>470</sup> Na verdade, Salazar havia escutado

o embaixador polidamente e tomado algumas notas ao acaso. Ele já havia obtido o que queria de todo o lamentável caso.

De modo algum esse foi o final da história para Campbell. O SOE ficou furioso com ele por sacrificar Beevor sem consultá-lo.<sup>471</sup> Para piorar as coisas, a seus olhos Beevor fora abandonado sem qualquer benefício tangível para a causa britânica.<sup>472</sup> Eles acusavam Campbell de ter saído de seu encontro com Salazar, concordando que Beevor deixaria o país no momento indicado por Salazar. Na verdade, Salazar fazia uma sugestão em particular, quando sentisse que era hora de Beevor se afastar.<sup>473</sup> Piorando ainda mais as coisas, Salazar não prometera suspender as atividades da polícia, que agora se expandiam, incluindo a prisão de súditos britânicos.<sup>474</sup> O SOE não era o único a questionar o julgamento de Campbell.<sup>475</sup>

O MEW também sentia que a retirada de Beevor seria um erro e pouco faria para diminuir as suspeitas de Salazar quanto às atividades britânicas. O Ministério das Relações Exteriores em Londres logo chegou à mesma conclusão e instruiu Campbell de que não devia concordar com o afastamento de Beevor sem antes consultar Londres.<sup>476</sup> Disseram-lhe também, em termos que não deixavam dúvidas, para continuar na ofensiva contra Salazar e exigir o fim da campanha policial e a libertação de cidadãos britânicos presos em conexão com o caso.

---

**404** "Lisbon: Europe's Bottleneck", *Life Magazine*, 28 de abril de 1941, p. 78.

**405** Ibid.

**406** Ibid.

**407** *Hotel Palácio: Boletins de Alojamento de Estrangeiros* (Cascais: Câmara Municipal de Cascais, 2004), pp. 176-77.

**408** PRO/ADM/223/490/From Hillgarth to DNI, 20 de novembro de 1941.

**409** Andrew Lycett, *Ian Fleming* (Londres: Phoenix, 2008), p. 169.

**410** PRO/ADM/223/490/From Fleming to Godfrey, Admiralty, 11 de agosto de 1941.

**411** David Eccles, *By Safe Hand: The Letters of Sybil and David Eccles, 1939-1942* (Londres: Bodley Head, 1983), p. 303.



- 412** PRO/ADM/223/490/From Fleming to Godfrey, Admiralty, 11 de agosto de 1941.
- 413** Ibid.
- 414** Lycett, *Ian Fleming*, p. 127.
- 415** Ibid., 128.
- 416** PRO/ADM/223/490/From Fleming to Godfrey, Admiralty, 11 de agosto de 1941.
- 417** Neville Wylie, "An Amateur Learns His Job? Special Operations Executive in Portugal, 1940-1942", *Journal of Contemporary History* 36, n° 3 (julho de 2001), pp. 450-52.
- 418** PRO/HS/6/987/German Espionage Activities in Portugal, from Campbell to Salazar, 1º de abril de 1942, pp. 2-3.
- 419** Para um exemplo, ver PRO/HS/6/987/Memorandum, 24 de novembro de 1942, pp. 1-2
- 420** M. R. D. Foot, *SOE: Special Operations Executive, 1940-1946* (Londres: Pimlico, 1999), p. 1.
- 421** Ibid., p. 34.
- 422** Ibid., p. 35.
- 423** Ibid., p. 36.
- 424** PRO/HS/6/981/Memorandum on Wolfram, 5 de fevereiro de 1944, p. 1.
- 425** PRO/HS/6/981/Top Secret Memorandum From OB.004, 25 de abril de 1944, p. 1.
- 426** Wylie, "An Amateur Learns His Job?", p. 444.
- 427** J. G. Beevor, *SOE: Recollections and Reflections, 1940-1945* (Londres: Bodley Head, 1981), p. 31.
- 428** Ibid.
- 429** Ibid., p. 36.
- 430** Ibid., p. 37.
- 431** Ibid., p. 39.
- 432** PRO/HS/6/978/Memorandum on Changes to Operation Panicle, 5 de julho de 1941, p. 1.
- 433** PRO/HS/6/978/Operation Panicle, 19 de maio de 1941, p. 3.
- 434** PRO/FO/371/36794/Report of Chiefs of Staff on Possible Military Help to Portugal, 29 de abril de 1941.
- 435** PRO/HS/6/978/Memorandum on Changes to Operation Panicle, 5 de julho de 1941, p. 1.
- 436** Ibid., p. 2.
- 437** Ibid.
- 438** PRO/HS/6/978/Operation Panicle, 19 de maio de 1941, Apêndice 1.
- 439** PRO/HS/6/978/Memorandum on Changes to Operation Panicle, 5 de julho de 1941, p. 2.
- 440** Ibid.
- 441** PRO/HS/6/978/Operation Panicle, 19 de maio de 1941, Apêndice 1.
- 442** PRO/HS/6/978/Operation Panicle, 19 de maio de 1941.
- 443** Wylie, "An Amateur Learns His Job?", p. 449.
- 444** PRO/HS/6/943/SOE Activities in Portugal, 12 de novembro de 1945, p. 1.
- 445** PRO/HS/6/987/From Campbell to Foreign Office, 5 de março de 1942.
- 446** Ibid.
- 447** Ibid.
- 448** Ibid.
- 449** PRO/HS/6/943/SOE Activities in Portugal, 12 de novembro de 1945, p. 1.
- 450** PRO/HS/6/987/From Campbell to Foreign Office, 11 de março de 1942.
- 451** Ibid., 14 de março de 1942.

- 452** PRO/HS/6/987/From Campbell to Foreign Office (Memo 1), 17 de março de 1942.
- 453** Ibid.
- 454** PRO/HS/6/987/From Campbell to Foreign Office (Memo 2), 17 de março de 1942.
- 455** Ibid.
- 456** PRO/HS/6/987/From Campbell to Foreign Office, 21 de março de 1942.
- 457** PRO/HS/6/987/SOE Memorandum, 21 de março de 1942.
- 458** Ibid.
- 459** PRO/HS/6/987/Foreign Office to Campbell, 25 de março de 1942.
- 460** PRO/HS/6/987/SOE Memorandum, 21 de março de 1942.
- 461** PRO/HS/6/987/From Cadogan to Jebb, MEF, 26 de março de 1942.
- 462** PRO/HS/6/987/From Campbell to Foreign Office, 22 de março de 1942.
- 463** Ibid., 17 de março de 1942.
- 464** Ibid., 22 de março de 1942.
- 465** Ibid., 26 de março de 1942.
- 466** Ibid.
- 467** PRO/HS/6/987/SOE/From AD to CEO, 28 de março de 1942.
- 468** PRO/HS/6/943/SOE Activities in Portugal, 12 de novembro de 1945, p. 2.
- 469** PRO/HS/6/987/Foreign Office to Campbell, 25 de março de 1942.
- 470** PRO/HS/6/987/From Campbell to Foreign Office, 27 de março de 1942.
- 471** PRO/HS/6/943/SOE Activities in Portugal, 12 de novembro de 1945, p. 2.
- 472** PRO/HS/6/987/SOE/From AD to CEO, 28 de março de 1942.
- 473** PRO/HS/6/987/From Lisbon to SOE, 27 de março de 1942.
- 474** PRO/HS/6/987/SOE/From AD to CEO, 28 de março de 1942.
- 475** PRO/HS/6/987/From Jebb to Cadogan, 31 de março de 1942, p. 2.
- 476** PRO/HS/6/987/Foreign Office to Campbell, 31 de março de 1942.

## O dossiê

**B**eevor reagiu a seu iminente afastamento, desempenhando duas tarefas importantes para os britânicos. A primeira foi preparar um relatório para Campbell sobre as atividades que deveriam ser realizadas em Portugal caso o país fosse invadido.<sup>477</sup> O relatório precisava ser escrito de forma que pudesse ser mostrado a Salazar. A segunda foi redigir, com a ajuda da SIS, um dossiê sobre as atividades ilegais alemãs em Portugal que, segundo a opinião de Beevor, estavam num estágio bem mais disseminado e grave do que as dos britânicos. Depois de editado e liberado pelo Ministério das Relações Exteriores em Londres, o último relatório seria entregue pessoalmente por Campbell a Salazar.<sup>478</sup> Beevor considerava vital que o líder português, que dera nos britânicos uma boa surra diplomática no primeiro quartel de 1942, baixasse o tom e que sua polícia investigasse o que os britânicos diziam sobre o jogo sujo dos alemães em Lisboa.<sup>479</sup>

Campbell entregou o dossiê sobre as atividades alemãs em Portugal não diretamente a Salazar, mas ao diretor-geral do Ministério das Relações Exteriores, Sampaio, no dia 1º de abril de 1942. Logo depois, Campbell escreveu ao Ministério das Relações Exteriores, dizendo que o dossiê causara um impacto imediato em Sampaio, mas o verdadeiro teste de seu valor seria a reação de Salazar a seu conteúdo e se ele daria ordens à polícia para investigar suas múltiplas alegações.<sup>480</sup>

A Inteligência britânica não apresentou um relato tão lisonjeiro da reação de Sampaio. Nesse caso, é preciso compreender que o dossiê era uma tentativa de reprisar operação semelhante, usada pelos britânicos com o general Franco e com alguns resultados instantâneos bastante positivos.<sup>481</sup> Ao protestar com o general Franco sobre atividades de espionagem alemãs, Sir Samuel Hoare vestiu os principais membros da embaixada com uniformes militares de gala e eles foram ver o líder espanhol como um corpo. O estilo de Campbell em Lisboa era muito diferente. Campbell preferia uma conversa íntima e tranquila ao pé da lareira com o diretor-geral do Ministério das Relações Exteriores português.

Na verdade, a reação de Sampaio à apresentação do documento foi calma, às vezes, divertida,<sup>482</sup> e sem grande demonstração de interesse. Ele questionou Campbell sobre vários pontos. Mais especificamente, aceitou que se o dossiê falasse a verdade, era errado os alemães se envolverem em tais atividades.<sup>483</sup> Naturalmente, ele indagou se os britânicos tinham certeza de suas fontes. Acrescentou que havia outros países cujas atividades de espionagem não ficavam atrás da Alemanha em Lisboa (uma clara referência à Itália) e que uma ação contra os alemães significaria ter que agir contra todos eles. E encerrou com uma espécie de floreio verbal de lógica diplomática, conjecturando por que potências em guerra precisavam se envolver em espionagem. Se pudessem ao menos concentrar todos os seus recursos de inteligência numa contraespionagem, então não haveria objeções de parte alguma em Lisboa.<sup>484</sup>

Demorou algumas semanas para Salazar responder oficialmente ao relatório. Ficara chocado com algumas das atividades alemãs, particularmente com a extensão com que haviam penetrado nos círculos oficiais portugueses e nos departamentos do governo.

Beevor alegou que, como resultado do dossiê, Salazar havia reconsiderado seriamente o pedido de seu afastamento.<sup>485</sup> No final, entretanto, Salazar havia concluído que era melhor que Beevor partisse, mas deixou a data de sua partida a critério de Campbell. Com planos para sua substituição em estágio avançado, Beevor deixou Lisboa durante a segunda semana de junho para retornar ao SOE em Londres.

Salazar articulou suas linhas vermelhas sobre espionagem numa reunião com Campbell no dia 20 de abril. Reconheceu que nenhuma nação estaria livre de espionagem em tempos de guerra e que um país neutro não precisava se preocupar, desde que os beligerantes se limitassem a espionar uns aos outros. Não deviam, entretanto, envolver cidadãos portugueses ou cometer atos diretamente relacionados com operações militares. Encerrando o assunto, prometeu investigar as alegações britânicas, mas achava que muitas de suas ousadas declarações careciam de evidências para comprová-las.<sup>486</sup> Na realidade, reunir evidências de atividades de espionagem nem sempre era fácil em campanha, especialmente em Lisboa, onde ambas as potências, aliadas e do Eixo, esforçavam-se ao máximo para ocultar seus rastros e não fazer nada que fosse estritamente ilegal e pudesse causar problemas com as autoridades para agentes e informantes locais.

Um exemplo clássico de como os alemães faziam negócios com os portugueses, evitando chamar a atenção da polícia local, foi descrito por Jack Beevor. Ele contou a história de um oficial português teoricamente importante que era visto pelos alemães como solidário aos britânicos, mas que precisava ser desligado, pelo menos temporariamente, para se tornar mais pró-germânico.<sup>487</sup> O processo se daria assim: coloca-se em ação um plano no qual um residente alemão baseado no local chega ao gabinete do oficial e diz que,

infelizmente, foi chamado de volta a Berlim de repente. Ele possui uma Mercedes grande, em excelentes condições, com pneus bons (uma característica importante durante a guerra) e precisa encontrar comprador nos dois dias que ainda tem para sair de Lisboa. Pedir um preço bastante razoável, dizendo que o comprador pode lhe pagar em prestações ao longo do ano seguinte. O oficial conhece algum comprador em potencial para seu carro? Depois de um algum tempo, o oficial retorna e sugere que tem, e o acordo é fechado para vender o carro para o oficial.<sup>488</sup>

Três dias mais tarde, um alemão diferente chega ao gabinete do oficial, apresenta-se como tendo acabado de chegar de Berlim e diz que precisa de uma Mercedes em boas condições, com pneus novos. Como tem urgência, está disposto a pagar um bom preço em dinheiro à vista. Depois de alguns minutos, o oficial informa ao alemão que sabe de um carro assim. O acordo é logo decidido e o oficial embolsa a substancial diferença entre o preço que pagou pelo carro e o valor pelo qual vendeu. Os alemães não pagaram suborno e o oficial não aceitou suborno. Por conseguinte, ele não seria punido pelo que eram duas transações distintas.<sup>489</sup> Mas uma dívida havia se estabelecido.

As táticas de espionagem alemãs em Lisboa eram sofisticadas e iam bem além das linhas vermelhas que Salazar traçara para os britânicos. Lisboa era uma cidade pobre, onde a média dos salários, até dos oficiais mais graduados, não era alta. Por isso, incentivos financeiros com frequência eram o melhor meio de garantir um favor, uma informação ou uma ação. O truque da Mercedes era um dos muitos modos de dar dinheiro a oficiais locais. Em níveis mais baixos, um simples envelope repleto de escudos resolvia o problema com a mesma facilidade.

Segundo os britânicos, em 1942, Albert von Karsthof liderava as atividades de espionagem alemã em Lisboa. Estava baseado na embaixada alemã em Lisboa e seus agentes cruzavam regularmente a fronteira para a Espanha, legal e ilegalmente. Von Karsthof tinha uma ampla rede, que se estendia até as Américas do Sul e do Norte. Seus agentes nas colônias portuguesas estavam sempre em comunicação com Lisboa, e os britânicos alegavam (embora não fornecessem muitas provas disso) que ele havia recrutado vários cidadãos portugueses para espionar tropas e movimentos navais de seus compatriotas.<sup>490</sup>

A acusação mais importante feita pelos britânicos, como um alerta a Salazar, foi da suposta presença de uma organização alemã de sabotagem em Portugal. Os britânicos observavam que o tenente-coronel Hans Joachim Rudolph era o chefe dessa organização na península Ibérica e responsável por dirigir operações contra a Marinha Mercante britânica.<sup>491</sup> O principal objetivo do seu trabalho era tentar colocar bombas em navios aliados, o que havia feito com sucesso, usando agentes recrutados no local. Rudolph estava sempre procurando subornar portugueses para esse tipo de trabalho.<sup>492</sup> Dessa vez, os britânicos ofereceram mais alguns exemplos para sustentar sua acusação, argumentando que a perda de dois barcos podia ser obra de Rudolph e seus agentes, embora ainda não houvesse evidências específicas para comprovar.

Era difícil avaliar o quanto Salazar já sabia sobre a crescente influência alemã na PVDE. Os britânicos tentavam não deixar nenhuma dúvida sobre os indivíduos que achavam especificamente estar na folha de pagamentos dos alemães.<sup>493</sup> Perceberam que provavelmente o mais pró-germânico na liderança da PVDE, o capitão Paulo Cumano, mantinha encontros regulares com Von Karsthof e, segundo as evidências, recrutava informantes para obter

informações requisitadas pelos alemães. Havia alegações também contra outros membros específicos da PVDE, que mantinham em contatos regulares com importantes agentes da inteligência alemã. No M15 era crença geral que, se os alemães invadissem e conquistassem Portugal, Cumano seria o chefe da PVDE.<sup>494</sup>

O motivo lógico do empenho britânico em expor as atividades alemãs em Lisboa, e no restante do país, era naturalmente causar o maior dano possível ao esforço de guerra alemão. O resultado da protelada investigação policial que Salazar havia ordenado foi finalmente transmitido a Ronald Campbell, em seu encontro com o líder português, no dia 29 de maio de 1943.<sup>495</sup> A investigação confirmou a maior parte das acusações feitas pelos britânicos, que ficaram muito satisfeitos porque o relatório expunha algumas das figuras mais graduadas da inteligência alemã, e que um deles era caso de expulsão do país. Salazar confirmou no relatório detalhado que as atividades alemãs eram um grave abuso de confiança, mas indicava que a investigação fora encerrada.<sup>496</sup>

As constatações surpreenderam a inteligência britânica, visto que, no encontro no dia 11 de maio com Campbell, Salazar indicara que a polícia portuguesa havia chegado a conclusões que divergiam das suas.<sup>497</sup> Durante o encontro, Salazar acrescentara que, no dossiê, os britânicos haviam confundido figuras menores com figuras importantes, e vice-versa.<sup>498</sup> Foi um erro que Kim Philby admitiu que os britânicos realmente cometeram em muitas ocasiões.<sup>499</sup>

O Ministério das Relações Exteriores preocupava-se em manter a pressão para que Salazar agisse mais firmemente contra as atividades de espionagem alemã em Lisboa e pediu a Campbell para continuar a contraofensiva. Campbell acabou defendendo Salazar, comunicando a Londres que o líder português trabalhava com ferramentas defeituosas por ter de usar a PVDE para investigar tais



acusações.<sup>500</sup> Como algumas das alegações britânicas haviam sido direcionadas a membros-chave da polícia, ela não tinha muito apetite para uma investigação profunda.

A pobreza econômica dos lisboetas, entretanto, aliada a níveis de educação muito baixos, deixava muita gente suscetível às abordagens para fornecer informações ou agir em troca de dinheiro. Salazar podia fazer muito pouco para impedir que isso acontecesse, especialmente porque tanto alemães quanto britânicos investiam uma quantidade enorme de recursos humanos e financeiros em suas várias operações. No verão de 1942, a guerra de Jack Beevor em Lisboa terminara. Continuou trabalhando para o SOE; na verdade, a organização seguiu operando com uma área de atividades bastante reduzida na cidade. Salazar enviara às partes em guerra um sinal muito bem planejado e executado de que não toleraria qualquer recrutamento de forças de oposição em Portugal para ser usadas como agentes. A extensão das atividades de espionagem na cidade, tanto britânicas quanto alemãs, o surpreenderam, mas ele as havia usado para reprimirem mutuamente suas influências num clássico exemplo de como ser mais esperto do que os beligerantes quando se parte de uma posição de fraqueza.

---

**477** J. G. Beevor, *SOE: Recollections and Reflections, 1940-1945* (Londres: Bodley Head, 1981), p. 41.

**478** PRO/HS/6/987/From Campbell to Foreign Office, 2 de abril de 1942.

**479** Beevor, *SOE*, p. 41.

**480** PRO/HS/6/987/From Campbell to Foreign Office, 2 de abril de 1942.

**481** Kim Philby, *My Silent War: The Autobiography of a Spy* (Nova York: The Modern Library, 2002), pp. 56-7.

**482** Nesse relato dos acontecimentos, Philby engana-se ao descrever Sampaio como o ministro das Relações Exteriores, cargo na verdade ocupado por Salazar.

**483** Philby, *My Silent War*, p. 58.

**484** *Ibid.*, p. 59.

**485** Beevor, *SOE*, p. 41.

**486** PRO/HS/6/987/From Campbell to Foreign Office, 21 de abril de 1942.

**487** Beevor, *SOE*, pp. 42-3.

**488** Ibid.

**489** Ibid.

**490** PRO/HS/6/987/Report on German Espionage Activities in Portugal, 1º de abril de 1942, p. 1.

**491** Ibid., p. 2.

**492** PRO/HS/6/987/Subsection/German Sabotage Organization in Portugal, 1º de abril de 1942, p. 2.

**493** PRO/HS/6/987/Subsection/German Influence in the PVDE, 1º de abril de 1942, p. 3.

**494** PRO/KV/3/171/From White to London, 5 de agosto de 1941.

**495** PRO/KV/3/175/Result of Police Investigation into Axis Espionage in Lisbon, 1º de julho de 1943, p. 1.

**496** PRO/ADM/223/490/Salazar para Campbell, 29 de maio de 1943.

**497** PRO/KV/3/175/Result of Police Investigation into Axis Espionage in Lisbon, 1º de julho de 1943, p. 1.

**498** Ibid., p. 2.

**499** Philby, *My Silent War*, p. 59.

**500** PRO/ADM/223/490/From Campbell to Foreign Office, 21 de junho de 1943.

## Agentes e agentes duplos

**D**os grandes cafés do Rossio até a margem do rio eram apenas 10 minutos a pé. Descendo o rio, a cidade tornava-se muito diferente dos bairros comerciais da Baixa e do Chiado, na Lisboa central. Da área portuária, em Alcântara, subindo o rio até o cais do Sodré, ruas estreitas com prédios altos, muitas vezes mal conservados, corriam por trás da avenida principal que formava o início da estrada Marginal, ligando Lisboa às cidades costeiras do Estoril e Cascais, a oeste. Nessas ruelas densamente povoadas e próximas ao rio, em bordéis discretamente indicados, as prostitutas da cidade faziam um exuberante comércio com marinheiros que chegavam ao porto para estada de alguns dias.<sup>501</sup>

Inicialmente, os alemães controlavam quase todo o sórdido bairro da luz vermelha, mas em 1942 britânicos e americanos haviam exposto o círculo de espionagem alemã que iludia marinheiros para que dessem detalhes dos movimentos de comboios aliados atravessando o Atlântico.<sup>502</sup> Os alemães pagavam às prostitutas para incentivar marinheiros, em geral bêbados, a fornecerem planos e mapas detalhados de movimentos navais em andamento e futuros. O tamanho dos comboios e o conteúdo das cargas também eram extraídos de marinheiros indiscretos, desesperados para se divertir em Lisboa com as prostitutas de pele azeitonada.

A desintegração dessa “organização portuária” foi vista como um dos poucos sucessos iniciais da Inteligência britânica.<sup>503</sup> A Inteligência alemã queixava-se de que boa parte das informações

que recebiam dos marinheiros revelava-se extremamente imprecisa.<sup>504</sup> A Abwehr sentia-se ludibriada. Eles descobriram que muito do material que tinham fora falsificado pelos britânicos.<sup>505</sup> Além disso, conforme o impacto da guerra começou a prejudicar a economia portuguesa, os habitantes instalaram uma lucrativa rede, com o objetivo de inventar informações navais e vendê-las aos alemães a fim de ganhar dinheiro. Houve também tentativas alemãs de tentar cultivar marinheiros que retornavam da Inglaterra com incentivos financeiros para que se tornassem agentes alemães, espionando movimentos de navios fora da Inglaterra.<sup>506</sup>

Salazar estava de olho na atividade das agências que recolhiam informações secretas através do trabalho da PVDE, mas, desde que não ameaçassem os interesses do Estado Novo, tolerava boa parte da espionagem na cidade.

Em Lisboa, colega do SOE, e às vezes rival, era o Serviço de Inteligência Secreto (SIS), mais conhecido como M16. No papel, os dois grupos tinham funções e chefes bem diferentes. O SIS era um captador de informações, enquanto o papel do SOE era mais voltado para sabotagens e, portanto, com mais probabilidade de provocar a ira de Salazar.<sup>507</sup>

O papel do SOE era vigiar os alemães e seus agentes locais, e colher deles o máximo de informações possível. O SIS era diretamente subordinado ao Ministério das Relações Exteriores (ao contrário do SOE, que continuava a se reportar ao Ministério de Economia de Guerra).<sup>508</sup> As relações entre oficiais do SOE e do SIS, em Lisboa, eram em geral boas, mas os relacionamentos de oficiais graduados em Londres eram carregados, e a cooperação entre as duas agências nem sempre era tão boa quanto deveria ter sido.<sup>509</sup>

Antes do início da Segunda Guerra Mundial, o SIS não havia considerado Lisboa como uma importante fonte de informações

secretas. Na verdade, como parte de um exercício de corte de custos, a estação em Lisboa tinha sido fechada durante o início da década de 1920. Só foi reaberta em setembro de 1939, quando se mudou para uma sala pequena no consulado britânico.

Depois da queda da França, em 1940, a estação assumiu uma importância muito maior e isso se refletiu no aumento de funcionários e no aluguel de novas e mais espaçosas acomodações.<sup>510</sup> A estação reportava-se à subseção ibérica na Inglaterra, chefiada por Kim Philby (mais tarde exposto como agente soviético), e incluiu, em vários momentos durante a guerra, os escritores Graham Greene e Malcolm Muggeridge.<sup>511</sup>

No início da guerra, o SIS sofreu com problemas de funcionários e falta de segurança.<sup>512</sup> Seus principais objetivos em Lisboa, semelhantes aos na Espanha, eram monitorar as atividades dos quinta-colunas alemães, ajudar a estabelecer uma força pós-invasão, que ficaria para trás, e desenvolver vínculos de inteligência com a Itália.<sup>513</sup> Em 1942, havia registrado alguns sucessos notáveis, principalmente em sua parte no “Esquema de Observadores de Navios”, em que observadores eram plantados em embarcações neutras a fim de relatar movimentos e qualquer coisa de natureza suspeita a bordo.<sup>514</sup> Quanto à Itália, entretanto, o SIS em Lisboa havia falhado em obter qualquer material secreto importante.

Apesar desses sucessos, e do fato de, em 1942, o SIS estar ciente de quase todas as operações de espionagem do Eixo em Lisboa, Londres nunca ficou totalmente satisfeita com o trabalho na capital portuguesa.<sup>515</sup> Os chefes da estação do SIS em Lisboa receberam ordem de interromper atividades relacionadas ao bloqueio econômico, assim como as de contraespionagem, a fim de se concentrarem em outros assuntos de vital interesse. Um papel cada vez mais importante do SIS em Lisboa e na Espanha era como parte

das rotas de fuga para prisioneiros de guerra, que estavam sendo transportados por caminhos recém-estabelecidos sobre os Pireneus, com Lisboa como a última parada. De Lisboa, os fugitivos que tivessem sucesso eram levados de volta à Inglaterra, em aviões da BOAC, até Bristol e Poole. Oficiais do SIS em Lisboa eram utilizados para controlar o final da rota e a repatriação para a Inglaterra.

Lisboa fornecia ao SIS duas fontes muito úteis de informação. A primeira eram os milhares de refugiados que entravam na cidade. Esta acabou sendo domínio da atuação da M19, sob o disfarce de Escritório de Repatriação. Agentes da M19 entrevistavam os refugiados recém-chegados para colher informações atualizadas sobre a situação na França e para ajudar a expor agentes da Abwehr posando de refugiados.<sup>516</sup> A segunda fonte lucrativa de material secreto era a grande comunidade de expatriados britânicos na cidade. Ali, funcionários graduados do SIS não perdiam tempo em desenvolver vínculos íntimos com membros-chave da comunidade, a quem mobilizavam para o trabalho de inteligência contra os alemães. Uma das vantagens de usar a rede local de expatriados era que em geral eles eram menos vigiados pela PVDE do que os funcionários do SIS.

Kim Philby descreveu a situação política e da inteligência em Lisboa como muito mais imprecisa e complicada do que em Madri.<sup>517</sup> Philby argumentou que o Ministério das Relações Exteriores estava nervoso quanto a tomar uma atitude, temendo perturbar o astucioso equilíbrio da máquina. Havia a preocupação de que, se fosse forçado a descer do muro, Salazar pudesse facilmente cair do lado errado.<sup>518</sup> O SIS era mais cauteloso, Philby observou, porque muitos dos oficiais portugueses mais graduados, que tiravam dinheiro dos alemães, também estavam tirando dos britânicos. A última coisa que o SIS queria era que esses oficiais procurassem os britânicos e lhes

pedissem para ressarcir os ganhos extraoficiais perdidos, caso seus pagadores alemães fossem expulsos. Até a espionagem precisava ter um orçamento planejado.

No final de 1941, o tráfego de sinais entre o SIS em Lisboa e na Inglaterra era maior do que em qualquer outra estação do SIS no mundo.<sup>519</sup> Durante a guerra, o trabalho da estação em Lisboa levou a muitos grandes sucessos, inclusive a exposição de traidores britânicos e de 1.900 agentes inimigos, 350 agentes suspeitos de serem inimigos e 200 alemães com conhecidos vínculos com serviços de inteligência.<sup>520</sup> O trabalho do SIS também levou à exposição de muitos negócios, que eram disfarces comerciais para atividades de espionagem alemã.

Como em outros lugares, havia uma tendência, entre os agentes da Inteligência britânica em Lisboa, de superestimar a eficiência do serviço secreto alemão. Apenas durante entrevistas no pós-guerra é que ficou claro exatamente o quanto a máquina de Inteligência alemã era fragmentada e carente de organização durante a Segunda Guerra Mundial.<sup>521</sup> Descobriu-se também que isso era verdade quanto ao desempenho dos alemães na interceptação de mensagens transmitidas pelo rádio, que não era tão eficiente quanto os aliados haviam acreditado no decorrer da guerra.<sup>522</sup> As precauções dos aliados com relação a operações-chave, por conseguinte, foram quase sempre exageradas ou totalmente desnecessárias.



Vários agentes duplos aliados passaram por Lisboa, ou estiveram baseados na cidade em diferentes estágios da guerra. Talvez o mais famoso tenha sido o espanhol Juan Pujol, cujo codinome britânico era "GARBO". Pujol havia adquirido um ódio profundo tanto do fascismo quanto do comunismo em consequência da Guerra Civil

Espanhola.<sup>523</sup> De início, ele ofereceu seus serviços aos britânicos em Madri, em janeiro de 1941, mas foi recusado.<sup>524</sup> Agindo sozinho, então procurou a Inteligência alemã e ousadamente os informou de que estava viajando para Londres e desejava trabalhar para eles. Pujol tentou convencer os alemães, ostentando aparentes opiniões de extrema direita e oferecendo-se para serviços de espionagem em Lisboa ou na Inglaterra.<sup>525</sup> Foi recusado de novo, mas não desistiu.

Os alemães haviam sugerido que talvez estivessem interessados se ele pudesse arrumar um jeito de entrar na Inglaterra. Pujol então viajou para Lisboa, onde conseguiu um visto diplomático espanhol forjado, fazendo um impressor local ligeiramente obscuro acreditar que ele era membro da delegação espanhola em Lisboa.<sup>526</sup> Em seguida, retornou a Madri, onde mostrou seu passe aos alemães. Depois de um tempo, e de várias conferências de segurança, a Abwehr concordou em aceitá-lo e lhe deu o codinome "ARABEL".<sup>527</sup> Ele recebeu 3 mil dólares, que escondeu num preservativo, e um curso sobre como escrever com tinta invisível.<sup>528</sup>

Em julho de 1941, os alemães o despacharam, mas Pujol só conseguiu chegar até Lisboa. Ali, procurou de novo a embaixada britânica, mas não teve sorte. Ainda baseado em Lisboa, Pujol fingiu estar na Grã-Bretanha, criando um conjunto fictício de personagens e locais, e enviando uma grande quantidade de informações aos seus operadores da Abwehr.<sup>529</sup> Passava boa parte do tempo na Baixa, no Chiado e no Rossio, onde se sentava nos cafés, observando e ouvindo refugiados. Visitava muitas livrarias no Chiado e lia rapidamente livros de viagem sobre a Grã-Bretanha, assim como jornais e revistas.<sup>530</sup> Precisava se familiarizar logo com a Grã-Bretanha, a fim de tornar convincentes as informações falsas que enviava para a Inteligência alemã.



Boa parte dessas informações truncadas girava em torno de relatórios falsos sobre movimentos de tropas aliadas misturados com histórias de orgias sexuais de bêbados nos prostíbulos.<sup>531</sup> Em fevereiro de 1942, a divisão de contrainteligência do SIS o havia identificado como autor desses falsos relatórios, recebidos através da decodificação de comunicações da inteligência alemã. Em março, Pujol foi finalmente recrutado como agente duplo. O SIS havia agido também sob influência de uma informação sobre o trabalho de Pujol recebida de um diplomata americano baseado em Lisboa.<sup>532</sup>

Comandar GARBO causou muitas disputas entre os chefes da inteligência. O M15, que lidava com essas questões em solo britânico, entrara em conflito com o SIS, que tratava das mesmas questões em solo estrangeiro.<sup>533</sup> No final, Pujol foi levado a Londres, no dia 24 de abril de 1942, onde foi chefiado pela M15. As tensões resultantes desse episódio demoraram muito para ser resolvidas entre o pessoal mais graduado de ambas as agências.

Pela perspectiva dos alemães, Pujol aparentemente havia se tornado um de seus agentes mais bem-sucedidos, dirigindo uma rede com 27 subagentes, dos quais nenhum existia.<sup>534</sup> Nos três anos em que foi agente, GARBO enviou 1.399 mensagens e 423 cartas a seus operadores alemães, extremamente satisfeitos em Madri.<sup>535</sup> Sua prosa jamais era monótona: ele escrevia com brio, aparentemente atento para elogiar os alemães e atacar os judeus sempre que possível.

O sucesso da vida dupla de Pujol e seu valor para os aliados é confirmado pelo fato de que ele continua sendo um dos poucos agentes a ser condecorado por ambos os lados da guerra. No dia 29 de julho de 1944, foi informado de que Hitler o premiara com a Cruz de Ferro por sua contribuição para o esforço de guerra alemão. Em dezembro do mesmo ano, recebeu o MBE dos britânicos.

Nem todos os alemães eram apaixonados por Pujol ou pela espionagem em geral: o embaixador alemão em Lisboa, barão Oswald von Hoyningen-Huene, revelou, durante a suposta trama para raptar o duque de Windsor, no verão de 1940, seu desgosto pelo lado sombrio dessas atividades e seu temor de que a conduta dessas operações arriscassem prejudicar seu relacionamento e influência com Salazar.

Conforme a guerra progredia, embora aceitando a necessidade do que via como atividades de espionagem legítimas, Hoyningen-Huene argumentava constantemente a favor de uma redução do número de agentes da Abwehr operando em Lisboa.<sup>536</sup> Isso naturalmente gerou tensões entre ele e agentes graduados da Abwehr em Lisboa e em Berlim. O embaixador também desaprovava agentes que trabalhavam para agências de inteligência secretas e que, portanto, não estavam sob controle direto. O barão Von Hoyningen-Huene valorizava muito seu relacionamento com Salazar e, como Ronald Campbell, via muitos problemas na condução de atividades de espionagem num país neutro, transgredindo os interesses dos anfitriões.

As agências de inteligência de ambos os lados eram, de tempos em tempos, refreadas por seus embaixadores ou por seus respectivos quartéis-generais. Entrevistado depois da guerra, o barão Von Hoyningen-Huene lembrou das lutas constantes para manter elementos da Inteligência alemã sob controle e admitiu não estar totalmente informado quanto a algumas de suas atividades.

---

**501** Ben Macintyre, *Agent Zigzag: The True Wartime Story of Eddie Chapman: Lover, Betrayer, Hero, Spy* (Londres: Bloomsbury, 2007), p. 201.

**502** PRO/KV/3/171/German Intelligence Organization in the Iberian Peninsula, 19 de fevereiro de 1941, p. 9.

- 503** Keith Jeffery, *MI6: The History of the Secret Intelligence Service, 1909-1949* (Londres: Bloomsbury, 2010), p. 409.
- 504** PRO/KV/3/175/Extract from Report on Abwehr Organization on Portugal, 28 de julho de 1945, p. 1.
- 505** Ibid., p. 2.
- 506** PRO/KV/3/171/German Intelligence Organization in the Iberian Peninsula, 19 de fevereiro de 1941, p. 9.
- 507** Nigel West, *MI6: British Secret Intelligence Service Operations, 1909-1945* (Londres: Panther, 1985), p. 311.
- 508** M. R. D. Foot, *SOE: Special Operations Executive, 1940-1946* (Londres: Pimlico, 1999), p. 35.
- 509** West, *MI6*, p. 311.
- 510** Ibid., p. 229.
- 511** Kim Philby, *My Silent War: The Autobiography of a Spy* (Nova York: The Modern Library, 2002), p. 78.
- 512** Jeffery, *MI6: The History*, p. 408.
- 513** Sobre a questão de uma força de retaguarda que nitidamente se sobrepunha às atividades de SOE.
- 514** Jeffery, *MI6: The History*, p. 408.
- 515** Ibid., p. 409.
- 516** West, *MI6*, p. 306.
- 517** Philby, *My Silent War*, p. 57.
- 518** Ibid., p. 58.
- 519** West, *MI6*, p. 306.
- 520** Ibid., p. 307.
- 521** Thomas Holt, *The Deceivers: Allied Military Deception in the Second World War* (Londres: Phoenix, 2005), p. 59.
- 522** Ibid., p. 60.
- 523** Christopher Andrew, *The Defence of the Realm: The Authorised History of MI5* (Londres: Allen Lane, 2009), p. 253.
- 524** Ibid., p. 254.
- 525** Nicholas Rankin, *Churchill's Wizards: The British Genius for Deception, 1914-1945* (Londres: Faber and Faber, 2009), p. 482.
- 526** Ibid.
- 527** Andrew, *The Defence of the Realm*, p. 254.
- 528** Rankin, *Churchill's Wizards*, pp. 482-83.
- 529** Andrew, *The Defence of the Realm*, p. 254.
- 530** Rankin, *Churchill's Wizards*, p. 482.
- 531** Andrew, *The Defence of the Realm*, p. 254.
- 532** Jeffery, *MI6*, p. 570.
- 533** Andrew, *The Defence of the Realm*, p. 254.
- 534** Jeffery, *MI6*, p. 570.
- 535** Ben Macintyre, *Operation Mincemeat: The True Spy Story that Changed the Course of World War II* (Londres: Bloomsbury, 2010), p. 162.
- 536** PRO/KV3/175/Abwehr Report from Lisbon, 1º de março de 1944, p. 1.

## Morte de um astro de Hollywood

**E**xiste uma velha fotografia em tons sépia de um astro de Hollywood nascido na Grã-Bretanha, desfrutando o que seria um dos seus últimos jantares no restaurante do hotel Aviz, em Lisboa. Como quase todas as noites, o bar do hotel e o restaurante eram um misto de lisboetas ricos, prostitutas, espiões e informantes locais. A foto, entretanto, mostra a cena íntima de uma única mesa com seus quatro comensais. A mesa está coberta por uma toalha grande e simples, e o número de copos e garrafas indica que a fotografia foi feita no final de uma noite de conversas animadas.

No centro da foto, olhando enquanto um garçom de gravata-borboleta completa seu copo, está Leslie Howard. Tem uma expressão cansada, ligeiramente melancólica e um pouco reticente. Na realidade, é bem provável que sofresse apenas do exaustivo efeito da viagem e da tensão de se apresentar sozinho para plateias locais ansiosas. Dois companheiros de mesa sorriem, um de cada lado de sua cadeira. É óbvio que curtiam a companhia do ilustre personagem de Hollywood, um pouco mais do que ele se divertia por estar com eles. Atrás, o chefe dos garçons está radiante por saber que tudo parece bem na mesa VIP. Na ponta da mesa, olhando para o outro lado, está o agente de Howard, Alfred Chenhalls, relaxado de pernas cruzadas. Era um homem bem-vestido, careca e corpulento, que parecia estar na casa dos 60 anos. Tinha a expressão satisfeita, fumando seu charuto enquanto ouvia

anedotas e histórias contadas por Howard, que já escutara muitas vezes antes, nessa e em outras viagens.

Leslie Howard visitava Lisboa e Madri numa turnê de propaganda patrocinada pelo British Council. Ele havia cultivado certa reputação como instrumento de propaganda britânica valorizado no mercado, tanto atuando em filmes patrióticos como fazendo turnês em que representava e discursava para incentivar o esforço de guerra. Howard nasceu em Forest Hill, no sudeste de Londres, de família judia. Seu principal papel como Ashley Wilkes no sucesso de bilheteria ... *E o vento levou* ajudou a fazer dele um dos maiores astros do cinema da época. Um cavalheiro elegante, sempre bem-vestido, com ternos tipo jaquetão da Saville Row, com colete, chapéu de feltro e gravata combinando, era uma grande atração no circuito de palestras e performances solo.

Em público, o British Council estava francamente entusiasmado com a viagem, e suas apresentações eram descritas como estrondosos sucessos.<sup>537</sup> Na verdade, a visita de Howard não fora sem dificuldades. Ele criticava o British Council e seu principal representante em Madri na época.<sup>538</sup> Sua leitura dos solilóquios de Hamlet, no entanto, era descrita como extraordinária e profundamente emocionante.<sup>539</sup>

Em parte, o problema com relação às palestras de Howard fora porque o British Council tinha de usar seu próprio espaço, pequeno, para o evento. Seu representante local em Madri observou que, se tivessem usado um teatro ou salão público, teriam enfrentado todo tipo de dificuldades. O conselho teria que fornecer cópias dos *scripts* à censura, em que operavam muitos agentes do Eixo. A polícia local talvez tivesse suspenso o espetáculo com base em que ele não era legal. Palestras públicas nas quais o palestrante não tinha sido convidado pelas autoridades espanholas não eram toleradas. Pior

ainda era a ameaça de elementos falangistas pró-Eixo conseguirem ingressos e fazerem demonstrações, provocando desordem. Na tentativa de contornar o problema, o conselho tivera a ideia de solicitar a Howard, já pressionado, sobrecarregado de trabalho e com a saúde debilitada, que concordasse em repetir suas palestras para plateias menores.

O British Council afirmou não ter ideia de que Howard não viajava sozinho.<sup>540</sup> O que era curioso, visto ter havido, meses antes da sua chegada, uma troca de cartas com o Ministério das Relações Exteriores, que sabia muito bem que Howard em circunstância alguma concordaria em viajar sozinho.<sup>541</sup> O conselho também parecia não ter ideia da natureza da relação de negócios de Alfred Chenhalls com Howard.<sup>542</sup> Mais uma vez, o Ministério das Relações Exteriores teve informações detalhadas sobre os antecedentes de Chenhalls e seus motivos para visitar a Espanha.<sup>543</sup> Chenhalls era diretor de diversas produções cinematográficas e também servia como agente e consultor de Howard. Ao organizar a visita, tendo em vista seus próprios objetivos de propaganda, o Ministério das Relações Exteriores usou o British Council simplesmente como fachada e não comunicou a seus oficiais nada mais do que os detalhes rudimentares da viagem. A visita de Howard era muito importante para os esforços de propaganda aliada na península Ibérica, e o Ministério das Relações Exteriores não queria que o British Council atrapalhasse as coisas.

Quando Howard, cansado, e Chenhalls desceram em Madri depois da longa viagem de trem desde Lisboa, foram recebidos pelo diretor local do British Council.<sup>544</sup> Ao chegar, dizem que Howard teve um acesso de raiva em estilo teatral. Informou ao anfitrião que não desejava visitar Madri e que só tinha concordado em ir a Lisboa. O que se seguiu foi uma discussão infernal, em que, segundo contam,

tanto Howard quanto Chenhalls teriam exigido modificações no programa e que todas as palestras repetidas fossem canceladas. Em seguida, Howard informou ao conselho que queria retornar a Lisboa bem mais rápido do que o esperado, para passar uma semana de férias no Estoril. Com muita relutância, concordou em dar, no máximo, duas palestras para o conselho. Para piorar, Howard não apareceu em várias das grandes recepções e jantares programados em sua homenagem.<sup>545</sup>

De novo em Lisboa, Howard estava interessado em voltar para a Inglaterra e tentou pegar um voo mais cedo. O voo da BOAC de Lisboa para o aeroporto de Whitchurch, nos arredores de Bristol, entretanto, estava lotado, como sempre. Era a principal rota de transporte de funcionários públicos de Lisboa para a Inglaterra. Howard e Chenhalls apareceram no aeroporto na manhã do dia 31 de maio de 1943, na esperança de convencer dois passageiros a desistirem da viagem, mas não tiveram sorte.<sup>546</sup>

A aeronave camuflada decolou e seguiu passando pelo Porto, sobre o noroeste da Espanha e pela baía de Biscaia. Sobrevoando a baía de Biscaia, o avião corria o risco de encontrar patrulhas da Luftwaffe decolando de suas bases na França ocidental. Na ocasião, foi localizado por um avião de caça, mas o piloto da BOAC mergulhou, protegendo-se nas nuvens, e circulou durante vários minutos, antes de escapar em meio a uma tempestade.<sup>547</sup> Já havia acontecido ataques a aeronaves por caças alemães decolando de bases na França. Os pilotos da BOAC que partiam de Lisboa usavam táticas diferentes para não ser detectados. A mais popular era voar o mais baixo possível.

Na manhã do dia 1º de junho de 1943, Howard e Chenhalls subiram os degraus do voo 777A. O avião partiu pontualmente às 9:30 da manhã. Durante a travessia da baía de Biscaia, também foi

localizado por uma patrulha da Luftwaffe. Mas, em vez de mergulhar para se esconder em meio às nuvens, o piloto, um holandês, preferiu permanecer em grande altitude. O avião, desarmado, foi primeiro seguido por um caça alemão e, em seguida, atacado com precisão mortal. O piloto do voo 777A enviou uma mensagem pelo rádio a Whitchurch, seu destino final, dizendo que estava sendo seguido e de novo para avisar que estava sendo atacado.<sup>548</sup> Depois disso, perdeu-se contato com o avião. O piloto do caça alemão confirmou a “morte” ao ver a aeronave cair no mar. Jamais se encontrou qualquer sobrevivente ou destroço.

Muitas teorias foram apresentadas para explicar por que o voo 777A foi atacado. A teoria inicial girava em torno de Howard e Chenhalls, e foi citada por Winston Churchill em sua história da Segunda Guerra Mundial, argumentando que o avião fora abatido num caso de confusão de identidade. Um agente alemão, que trabalhava no aeroporto de Lisboa, confundiu o imponente, calvo e fumante de charutos Alfred Chenhalls com Winston Churchill. O agente radiografou para Berlim, que deu ordem para o avião ser abatido. Na ocasião, o primeiro-ministro britânico estava no Norte da África para uma reunião de cúpula em Casablanca e pensava-se que retornaria à Inglaterra mais ou menos naquela hora. Para acrescentar tempero à história, sugeriu-se também que Leslie Howard parecia com o guarda-costas de Churchill, ajudando o agente em Lisboa a concluir que dois e dois são cinco.

Churchill escreveu que a tragédia o deixou muito desgostoso. Estava pasmo, não apenas com a brutalidade dos alemães mandando um de seus aviões abater a aeronave indefesa, mas com a estupidez dos agentes alemães em Lisboa. O primeiro-ministro se perguntava como puderam pensar que, com todos os recursos que tinha a sua disposição, ele teria reservado passagem num avião



desarmado e sem escolta, partindo de Lisboa, que deveria voar para casa em plena luz do dia. (Na realidade, Churchill pegou o avião de volta, saindo de Casablanca, dando uma volta ampla à noite de Gibraltar até o oceano Atlântico.)<sup>549</sup>

Superficialmente, a explicação de confusão de identidade parecia ter algum mérito. Era verdade que os alemães sabiam que Churchill estava em Casablanca e voaria de volta para a Inglaterra em algum momento após encerrada a reunião. Agentes alemães de um ponto a outro do Norte da África e da península Ibérica receberam ordens de prestar atenção a um avião que pudesse estar transportando o primeiro-ministro britânico. A Inteligência britânica sabia que aviões alemães tinham ordem de abater qualquer aeronave voando entre Lisboa e o interior de Portugal, durante os primeiros dias de junho de 1943, na esperança de matar Churchill.<sup>550</sup>

Nos últimos anos, uma linha adicional de investigações sobre a tragédia concentrou-se no papel da Inteligência ULTRA no desastre. Inteligência ULTRA era o nome dado às informações secretas colhidas a partir de interceptações de mensagens alemãs pelo rádio, produzidas pela máquina decodificadora Enigma. Entre a comunidade da Inteligência da época, sabia-se muito bem que os britânicos interceptaram uma comunicação alemã, afirmando que o avião seria atacado. Chefes do serviço secreto permitiram que o avião decolasse para a destruição, a fim de proteger o segredo da existência da ULTRA. Cancelando o voo, sinalizariam aos alemães que suas comunicações estavam sendo interceptadas. Havia também a sensação de estarem agindo para proteger a vida de Winston Churchill.<sup>551</sup>

Os benefícios das informações colhidas como parte da ULTRA eram imensos.<sup>552</sup> Em Portugal, e em outros países neutros europeus, ela ajudou a SIS a ganhar uma forte vantagem sobre a inteligência do

Eixo e deu grande contribuição às importantes operações de farsa dos aliados,<sup>553</sup> que chegavam a extremos na tentativa de manter sua existência secreta: a SIS jamais dividiu as informações secretas da ULTRA com a União Soviética.<sup>554</sup>

O agente alemão acusado de marcar o avião em Lisboa foi o barão Von Weltzein, cujo nome se tornou de conhecimento público em dezembro de 1943, quando a imprensa britânica o publicou.<sup>555</sup> Kim Philby e a SIS haviam vigiado Weltzein em Lisboa por algum tempo, e dois arquivos foram abertos a seu respeito.<sup>556</sup> Duas grafias para seu nome, "Weltzein" e "Weltzen", haviam levado à criação de dois arquivos separados antes de se fundirem num só, em meio a muito rancor, no escritório, em 1942.<sup>557</sup> Weltzein estava entre os 50 e 60 anos, era careca, tinha o rosto vermelho e a barriga bastante imponente.<sup>558</sup> Vestia-se bem e falava português com forte sotaque alemão. Onde quer que fosse em Lisboa, destacava-se e não era difícil de seguir. Weltzein era o principal recrutador e contato de agentes locais do Eixo em Lisboa. Os britânicos conheciam o seu trabalho e, em 1943, haviam comprometido quase todos em seu círculo de agentes locais.<sup>559</sup>

O momento escolhido para abater o voo 777A causou muitas outras dificuldades para os alemães em Lisboa. Salazar acabara de informar os britânicos sobre o resultado da investigação policial a respeito do dossiê sobre as atividades de espionagem alemã em Portugal. O Ministério das Relações Exteriores britânico havia instruído Campbell para aumentar a pressão sobre Salazar para que ele tomasse atitudes firmes contra as operações alemãs em Lisboa. O ataque ao voo 777A chocou Salazar, que decidiu que Portugal já suportara o suficiente de guerras de espionagem.

No dia 7 de junho de 1943, um novo decreto foi introduzido, afirmando que a atividade, tanto por estrangeiros quanto por

portugueses, se tornara um ato criminoso e que a PVDE estava encarregada de impor a nova lei.<sup>560</sup> Mas dar poder à PVDE para investigar e fazer cumprir a proibição não encerrou a espionagem em Lisboa. Só intensificou as conspirações e permitiu que oficiais da PVDE aumentassem seus salários aceitando extraoficialmente incentivos de ambos os lados da guerra.

---

**537** PRO/BW/I/20/From British Council to Mrs. Howard, 3 de junho de 1943.

**538** PRO/BW/I/20/Foreign Office Memorandum on Leslie Howard, 15 de junho de 1971.

**539** PRO/BW/I/20/From British Institute Madrid to British Council London, 4 de junho de 1943.

**540** Ibid., 28 de maio de 1943, p. 1.

**541** PRO/BW/I/20/Espanha e Portugal: Mr. Leslie Howard, 24 de fevereiro de 1943.

**542** PRO/BW/I/20/From British Institute Madrid to British Council London, 28 de maio de 1943, p. 1.

**543** PRO/BW/I/20/Espanha e Portugal: Mr. Leslie Howard, 24 de fevereiro de 1943.

**544** PRO/BW/I/20/From British Institute Madrid to British Council London, 28 de maio de 1943, p. 2.

**545** Ibid., p. 3.

**546** Naomi Shepherd, *A Refuge from Darkness: Wilfrid Israel and the Rescue of the Jews* (Nova York: Pantheon, 1984), pp. 249-50.

**547** Ibid., p. 250.

**548** Ibid.

**549** Winston Churchill, *The Second World War: vol. 4, The Hinge of Fate* (Londres: Folio Society, 2000), p. 667.

**550** Shepherd, *A Refuge from Darkness*, p. 249.

**551** Douglas Wheeler, "World War II: Leslie Howard May Have Helped Britain Win", *St. Louis Post*, 4 de maio de 2005.

**552** Keith Jeffery, *MI6: The History of the Secret Intelligence Service, 1909-1949* (Londres: Bloomsbury, 2010), p. 747.

**553** Ibid., p. 563.

**554** Ibid., p. 747.

**555** "The Man Who Told Berlin", *The Evening Standard*, 13 de dezembro de 1943.

**556** PRO/KV/2/1930/SIS File on Weltzein, 1941-1943.

**557** PRO/KV/2/1930/SIS Memorandum, 14 de fevereiro de 1942.

**558** PRO/KV/2/1930/SIS File on Axis Agents Operating in Portugal, 1941-1942.

**559** PRO/KV/2/1930/SIS Memorandum, 22 de outubro de 1942.

**560** Douglas Wheeler, "In the Service of Order: The Portuguese Secret Police and the British, German and Spanish Intelligence, 1932-1945", *Journal of Contemporary History* 18, n° 1 (janeiro de 1983), pp. 10-1.

## Adeus aos amigos

**E**mbora fosse natural colocar o foco na morte de Leslie Howard a bordo do voo 777A, havia muitos outros passageiros importantes que poderiam ter sido alvos potenciais para os alemães. Ivan Sharp era o maior especialista britânico em tungstênio, e seu trabalho era vital para os aliados em Portugal. Outro agente britânico a bordo do voo condenado era Tyrrel Shervington, um dos diretores da Shell Oil em Lisboa, assim como o chefe da equipe de inspeções da embaixada britânica, baseada no Ministério das Relações Exteriores, Gordon MacLean.<sup>561</sup> Qualquer um, ou todos esses importantes funcionários britânicos poderiam ter sido alvos. Além do mais, os alemães sabiam muito bem que a rota de Lisboa para Whitchurch era usada por muitas agências de Inteligência britânicas para transportar seu pessoal para dentro e para fora de Portugal. A maioria dos voos levava pessoal aliado e também prisioneiros de guerra, que haviam chegado a Lisboa no final de bem estabelecidas linhas de fuga.

A bordo do voo 777A estava Wilfrid Israel, um importante ativista sionista trabalhando no resgate de judeus, em Lisboa, para auxiliar na fuga de refugiados da Europa e ajudar a organizar sua passagem pela cidade. A chegada de Israel em Lisboa, em 1943, era sinal do crescente frenesi da missão de resgate na cidade devido à piora da situação dos judeus na Europa. Era também reflexo das crescentes divisões organizacionais e dos problemas de procedimentos que prejudicavam os esforços de resgate em Lisboa. A situação

complicou-se pela percepção de que a polícia da Espanha estava tornando mais difícil para os judeus atravessarem suas fronteiras, e pela relutância dos britânicos em abrir a emigração de judeus para a Palestina.

A última fotografia de Wilfrid Israel tem algumas semelhanças com a de Leslie Howard, em uma de suas últimas refeições em Lisboa. A de Israel mostra um homem bonito, ligeiramente calvo, bem-vestido, com um terno azul, camisa e gravata brancas. Ele está sentado num restaurante em Lisboa. Membros da comunidade judaica baseada na cidade ladeiam Israel na longa mesa decorada com vários arranjos de flores.<sup>562</sup> Ele está falando com as mãos cruzadas à frente. Parece calmo e em paz. Seus anfitriões parecem encantados com sua companhia, sorrindo para a câmera.

A realidade era que, na Espanha, a política de Franco não havia mudado – ainda se permitia que os judeus passassem por lá, desde que não tentassem permanecer no país.<sup>563</sup> O que mudava, dependendo do estado da guerra, era a crença de que Franco, sob pressão de alguns grupos, estivesse para alterar a política e proibir o trânsito de judeus.

Wilfrid Israel havia escrito à mulher, em março de 1943, para lhe dizer que a agência judaica queria que ele fosse a Lisboa, sem mais demora, a fim de ajudar a resolver a situação dos refugiados.<sup>564</sup> Acrescentou que não poderia, e não ousaria, recusar o pedido. Durante sua estada em Lisboa, Israel concentrara-se em tentar levar judeus para a Palestina, principalmente crianças. Isso acontecia quase sempre contra o desejo dos britânicos, que tinham uma política de não aceitar mais nenhum refugiado adulto de países da Europa ocupada pelo inimigo, acima de limites rigidamente controlados, a caminho da Palestina. Essa política fazia parte de uma

série de tentativas britânicas de tranquilizar os Estados árabes, limitando a imigração de judeus para a Palestina.

No Ministério das Relações Exteriores, havia tanto a compreensão de que, estrategicamente, os árabes eram mais importantes para os britânicos durante a guerra quanto o temor de que alguns deles pudessem ser tentados a apoiar ou a se juntar às potências do Eixo. Os árabes viam a imigração de judeus para a região não como missões de resgate, mas como uma tentativa de grupos judaicos de alterar o equilíbrio demográfico da Palestina a seu favor.

Wilfred Israel partiu para Lisboa a 26 de março de 1943, para a missão mais difícil de sua carreira. Na véspera de deixar a Inglaterra, fez seu testamento e certificou-se de que seus papéis estavam em ordem.<sup>565</sup> Fez o percurso de Whitchurch para Lisboa num voo da BOAC semelhante ao do fatídico 1º de junho. Seus preparativos não tinham acontecido sem incidentes. As respectivas autoridades em Lisboa e Madri haviam recusado seus dois pedidos de visto para ficar em Lisboa e entrar na Espanha.<sup>566</sup>

Em Lisboa, Ronald Campbell interveio, e as autoridades emitiram o visto para Israel visitar a cidade, no dia 16 de março de 1943.<sup>567</sup> A Espanha demorou mais para aprovar uma breve visita ao país no final de abril de 1943. O objetivo inicial de sua missão era distribuir os 200 certificados de ida para a Palestina que a agência judaica havia conseguido com as autoridades de comando britânicas em Jerusalém.<sup>568</sup> Seu objetivo mais amplo era descobrir como melhorar e acelerar o movimento de refugiados judeus para fora de Portugal e da Espanha.

Wilfred Israel criou certa agitação entre a comunidade judaica portuguesa permanente e as várias agências de assistência que trabalhavam na cidade. No primeiro caso, havia a esperança de que sua vinda levasse a uma redução do número de refugiados que

dependiam de recursos.<sup>569</sup> A realidade foi bem diferente. Os fundos de Israel eram limitados, como era o número de certificados para entrar na Palestina. Durante a maior parte do tempo em que esteve em Lisboa, Israel preferiu trabalhar sozinho. Inveja e rivalidades mesquinhas entre os vários grupos adversários, somados a choques de personalidade, tornavam difícil, embora não impossível, trabalhar eficientemente com esses grupos. Embora compreendessem que Israel estava conseguindo os tão desejados certificados para que os refugiados entrassem na Palestina, vários grupos queixavam-se da escolha dos candidatos que os receberam. O SIS conservava-se a distância, por acreditar que havia agentes alemães infiltrados. O M19 passava boa parte do tempo entrevistando refugiados para descobrir esses agentes.

Quase imediatamente, Israel decidiu emitir o maior número de certificados para judeus que não conseguiam sair da Espanha, porque acreditava que sua situação era perigosa demais.<sup>570</sup> Havia também a questão de a quem dar os certificados, se aos idosos ou aos jovens. As autoridades judaicas na Palestina esperavam que eles fossem concedidos aos mais jovens, que poderiam ser mais úteis diante do iminente conflito com os árabes. O trabalho de Israel não se limitava a Lisboa; ele viajou até Ericeira e Caldas da Rainha, a fim de visitar refugiados judeus abrigados nessas cidades de veraneio.

Israel tinha pouco tempo para burocracia e tentava acelerar os processos em Lisboa. Uma breve visita a Madri, começando no dia 29 de abril, não lhe deixou nenhuma dúvida de que as condições eram bem piores ali, ressaltando a necessidade de fazer com que os refugiados saíssem por Lisboa o mais rápido possível.<sup>571</sup> Na verdade, Israel lutava contra uma situação cada vez pior. A Conferência das Bermudas sobre refugiados, visando desenvolver uma política aliada coordenada, havia produzido poucos resultados tangíveis.<sup>572</sup> As

autoridades britânicas em Jerusalém tornavam-se cada vez mais nervosas quanto a aceitar mesmo uma cota predeterminada de refugiados, procurando limitar ainda mais os futuros certificados de emigração para imigrantes judeus. Não obstante, Israel continuou com seus esforços até o último minuto; ao deixar Lisboa, havia a sensação de que sua presença tinha feito uma diferença positiva. Ele não fizera nenhum relatório formal sobre seu trabalho na capital portuguesa e sua morte no voo 777A deixou um grande vazio nas operações de resgate na cidade.<sup>573</sup> Numa carta ao secretário de Relações Exteriores, Anthony Eden, Sir Samuel Hoare elogiou Israel como uma pessoa sensível e cheia de entusiasmo.<sup>574</sup>

Até que ponto Wilfrid Israel foi um alvo prioritário para os alemães ainda é questionável. Apesar de seu importante trabalho salvando a vida de refugiados judeus, duvida-se que seu assassinato tivesse o mesmo impacto e publicidade do que o de um astro de Hollywood. Israel deixou Lisboa tendo alcançado amplamente seu objetivo de ajudar a garantir passagens para a Palestina de um grupo de crianças judias. Durante o tempo em que esteve em Lisboa, também ajudou a expor as dificuldades e erros que os vários grupos de resgate estavam enfrentando, e também infligindo a si mesmos.



A derrubada do voo 777A não foi o único desastre aéreo que chocou Lisboa em 1943. No dia 22 de fevereiro daquele ano, o Pan Am Yankee Clipper chegou à área de Lisboa 15 minutos antes do programado.<sup>575</sup> A bordo estavam 27 passageiros e 12 tripulantes que haviam deixado os Açores cedo naquele mesmo dia.<sup>576</sup> Tudo parecia normal, com o avião mantendo contato pelo rádio com a estação em Lisboa, que lhe deu instruções para aterrissar de sul para norte, e acendeu as luzes de balizamento do rio Tejo.<sup>577</sup>



O sol se pôs às 18:22, e já estava escuro havia uns 20 minutos quando o avião começou a descer. O céu era iluminado de tempos em tempos por relâmpagos distantes. Às 18:47, enquanto tentava aterrissar no rio, sua asa esquerda bateu na água e o avião se partiu. Apesar da missão de resgate portuguesa montada rapidamente com a participação de barcos e mergulhadores, 19 passageiros e cinco tripulantes pereceram pelo impacto do acidente ou por afogamento.<sup>578</sup> A maioria dos demais passageiros, alguns gravemente feridos, foi levada para o hospital numa frota de 19 ambulâncias.<sup>579</sup> Entre eles, estava a atriz Jane Froman, gravemente ferida, mas salva por um dos pilotos, com quem mais tarde se casou.<sup>580</sup>

Foi difícil recuperar os destroços do avião porque a forte corrente do rio naquele momento os espalhou em todas as direções. Demorou dias para se encontrarem pelo menos as peças principais. Durante semanas, foram encontradas cartas aéreas que estavam sendo transportadas, como sempre, nas asas do avião. A embaixada americana em Lisboa enviou funcionários para peneirar as margens do rio com redes de pesca em busca de documentos secretos que estavam a bordo, com um dos membros da legação.<sup>581</sup> Entre os que se conseguiu recuperar e clandestinamente levar embora, antes que as autoridades portuguesas os encontrassem, estavam mapas de alvos aéreos bastante danificados da Iugoslávia e da Bulgária.

Investigadores especializados em desastres descartaram de imediato intenção criminosa, pela ausência de qualquer tipo de explosão ou incêndio a bordo.<sup>582</sup> E rejeitaram o testemunho do capitão do Clipper, Robert Sullivan, sobrevivente do desastre, quando ele insistiu que o sistema de controle havia falhado e que o avião descera de 600 pés a um ângulo severo de 45 graus antes de bater na água. Outras testemunhas na estação sugeriram que o

ângulo de descida parecia mais ser de 20 graus, o que era normal. Por motivos que não ficaram claros, o piloto havia tentado aterrissar no rio na direção de leste para oeste.

O desastre ilustrou os aparentes perigos de tentar aterrissar no rio, de noite, no inverno. Anos mais tarde, vários passageiros, como Jane Froman, processaram a Pan Am em 2,5 milhões de dólares pelos ferimentos causados pelo acidente.<sup>583</sup> Consequentemente, o serviço de Clipper para Nova York foi suspenso por algum tempo depois do acidente, obrigando refugiados ricos a tentarem conseguir, em vez disso, uma passagem de navio.

Os Açores eram uma ponte vital para o crescente serviço transatlântico entre Lisboa e Nova York, atuando como uma área de reabastecimento para os hidroaviões da Pan Am. Durante a Segunda Grande Guerra, as ilhas se tornaram uma importante ponte para os exércitos aliados e seus esforços em levar equipamento para a Europa e para a campanha contra os submarinos alemães, que causavam pesadas perdas tanto em navios quanto no efetivo dos comboios atlânticos. Winston Churchill e o presidente Roosevelt haviam discutido a importância das ilhas para a causa aliada no encontro em Casablanca, em 1943, junto com estratégias para convencer Salazar a permitir-lhes o acesso a instalações militares nas ilhas.

Tanto Churchill como Roosevelt queriam utilizar as ilhas. Os esforços resultantes para atingir tais objetivos os colocaram contra um relutante Salazar e revelaram profundas divergências entre os aliados quanto ao melhor método para chegarem lá. Antes de empreenderem o difícil processo, os aliados procuraram marcar uma importante vitória militar no Norte da África, lançando a Operação Tocha. Como a operação levava a campanha militar para perto de

Portugal, Salazar precisava ser informado de sua intenção assim que ela fosse lançada.

- 
- 561** PRO/BW/1/20/From Director of British Council to Foreign Office, 4 de junho de 1943.
- 562** A presença de arranjos de flores minuciosos sobre a mesa é uma tradição portuguesa em refeições formais, como comemorações, dias santos e aniversários.
- 563** Isabelle Rohr, *The Spanish Right and the Jews, 1898-1945: Antisemitism and Opportunism* (Brighton e Portland: Sussex Academic Press, 2008), p. 123.
- 564** WL/1514/5/Correspondence from Wilfrid Israel to Diana Israel, março de 1943.
- 565** Naomi Shepherd, *A Refuge from Darkness: Wilfrid Israel and the Rescue of the Jews* (Nova York: Pantheon, 1984), p. 239.
- 566** PRO/FO/371/36635/Foreign Office Minute, 5 de abril de 1943.
- 567** PRO/FO/371/36633/From Campbell to Foreign Office, 16 de março de 1943.
- 568** PRO/FO/371/36633/From Foreign Office to Campbell, 11 de março de 1943.
- 569** Shepherd, *A Refuge from Darkness* (Nova York: Pantheon, 1984), p. 240.
- 570** *Ibid.*, p. 241.
- 571** *Ibid.*, p. 244.
- 572** PRO/FO/371/36639/Results of the Work of Mr. Wilfrid Israel, 7 de junho de 1943.
- 573** PRO/FO/371/36639/From Jewish Agency to Foreign Office, 7 de junho de 1943.
- 574** PRO/FO/371/36639/Hoare to Eden, 7 de junho de 1943.
- 575** NARA/RG84/77/General Records of the Embassy in Lisbon, Report of the Aeronautic Board, 7 de setembro de 1943, p. 3.
- 576** NARA/RG84/77/General Records of the Embassy in Lisbon, From Fish to State Department, 23 de fevereiro de 1943.
- 577** NARA/RG84/77/General Records of the Embassy in Lisbon, Report of the Aeronautic Board, 7 de setembro de 1943, p. 16.
- 578** *Ibid.*, p. 3.
- 579** NARA/RG84/77/General Records of the Embassy in Lisbon, From Embassy to Sampaio, Ministry of Foreign Affairs Lisbon, 31 de maio de 1943.
- 580** "Trials: Ten Years Later", *Time*, 23 de março de 1953.
- 581** NARA/RG84/77/General Records of the Embassy in Lisbon, Internal Memo from Booker, 26 de fevereiro de 1943.
- 582** NARA/RG84/77/General Records of the Embassy in Lisbon, Report of the Aeronautic Board, 7 de setembro de 1943, p. 17.
- 583** "Trials: Ten Years Later."

## Antiga aliança

**D**omingo, 7 de novembro de 1943, tinha começado como um dia tranquilo para Salazar. Ele estava em seu escritório, trabalhando na introdução de um livro que reunia seus discursos mais importantes.<sup>584</sup> De noite, como sempre, ele jantou sozinho, pretendendo ir para a cama cedo. Mas, às 21:30, foi informado de que o embaixador britânico pedia para falar com ele ao telefone. Ronald Campbell queria uma entrevista imediata. A voz do embaixador soava grave, mas Salazar decidiu que seria melhor tentar fazê-lo esperar até de manhã. Campbell, no entanto, insistia em vê-lo naquela noite.<sup>585</sup>

Salazar acabou concordando em encontrá-lo à uma hora da manhã. Momentos depois, o telefone de Salazar tocou novamente e, dessa vez, era o chefe de Estado nominal de Portugal, presidente António Óscar Carmona, que havia recebido um telefonema da embaixada americana em sua residência de fim de semana, em Cascais; o embaixador americano também pedia uma entrevista imediata. Por um terrível minuto, Salazar pensou que os aliados tivessem invadido os Açores.<sup>586</sup> Isso, acreditava, teria acabado com sua política de neutralidade, arrastando Portugal para a guerra. Felizmente para Salazar, os aliados só queriam informá-lo de seu desembarque no Norte da África.

A Operação Tocha – os desembarques bem-sucedidos dos aliados no Norte da África, no final de 1942 – significava que a importância da península Ibérica para a condução geral da guerra começava a

enfraquecer.<sup>587</sup> Churchill estava grato a Franco por não se opor aos desembarques, e descreveu sua dívida para com Salazar numa mensagem pessoal, transmitida ao líder português por Ronald Campbell, no dia 7 de novembro de 1942.<sup>588</sup> Ele prometeu que não haveria mudanças nas relações anglo-portuguesas, apesar das lutas em terra perto da Espanha e de Portugal. Churchill sugeriu, mencionando as estreitas relações entre Portugal e Espanha, e o peso que devia ser atribuído ao conselho de “Sua Excelência” em Madri, que Salazar considerasse a utilidade de informar o governo espanhol sobre aquela mensagem.<sup>589</sup>

Churchill também pediu a Salazar para usar sua influência em tranquilizar os espanhóis quanto às intenções do governo de Sua Majestade e do governo dos Estados Unidos, que ambos desejavam poupar a península Ibérica dos horrores da guerra e garantir que não só os portugueses, mas também os espanhóis assumissem seu lugar na paz e prosperidade do mundo após o conflito.<sup>590</sup> A bajulação de Churchill teve apenas um leve sucesso. Em resposta, Salazar simplesmente expressou suas esperanças de que a campanha fosse breve. Mais tarde, ele se mostraria cada vez mais impaciente pela conclusão da campanha norte-africana.<sup>591</sup>

Para reforçar as táticas aliadas, Salazar recebeu uma mensagem pessoal do presidente Franklin D. Roosevelt no dia seguinte, 8 de novembro de 1942.<sup>592</sup> A carta do presidente Roosevelt era semelhante no tom à de Churchill, observando que ele esperava que Salazar aceitasse sua solene garantia de que Portugal não deveria temer os motivos dos Estados Unidos. Roosevelt prometeu não fazer nenhum movimento contra Portugal ou contra suas possessões insulares.

A última parte da promessa revelou-se quase impossível de manter. Em 12 meses, tanto a Grã-Bretanha quanto os Estados

Unidos estavam prontos para invadir os Açores. A questão dos Açores passou a dominar a agenda de Salazar acima de todas as outras em 1943. Sentado em seu escritório, sem aquecimento, durante os frios meses do inverno de 1942-43, estudando os mapas detalhados das ilhas, Salazar rapidamente aprendeu um ponto importante: embora a Operação Tocha tivesse reduzido o valor da península Ibérica para os aliados, não havia diminuído a importância dos Açores.<sup>593</sup>

As nove ilhas que compunham os Açores localizavam-se num raio de 500 milhas, cerca de uma terça parte do caminho, pelo oceano Atlântico, de Lisboa a Nova York. As ilhas fazem parte de um círculo vulcânico e algumas ainda possuem vulcões ativos. A maior é São Miguel, com sua capital, Ponta Delgada, e uma população de cerca de 20 mil pessoas. Originalmente, Hitler havia desejado invadi-las a fim de expandir as bases para seus submarinos, mas foi convencido a não fazer isso por seus comandantes navais, que queriam, ao contrário, continuar atacando as rotas dos navios aliados.<sup>594</sup>

Para os britânicos e, depois de entrarem na guerra, para os americanos, as ilhas eram vistas como um elo vital na guerra antissubmergíveis dos aliados contra os submarinos alemães<sup>595</sup> e para os esforços em abrir uma rota no sul do Atlântico para os comboios aliados que cruzavam o oceano, trazendo homens e equipamentos extremamente necessários para o teatro de guerra europeu.<sup>596</sup> A luta pelo controle das ilhas, apesar de distantes de Portugal, acontecia em conversas mantidas em Lisboa.

O resultado final de negociações muitas vezes rancorosas e mal-humoradas foi útil para ajudar a abreviar a guerra. A condução das negociações também levaria à demissão do embaixador português em Londres e ex-ministro das Relações Exteriores, Armindo Monteiro – acusado, com efeito, de viver como os britânicos. Ele foi chamado

a Lisboa em virtual desgraça e nunca voltaria a ter um cargo importante no regime de Salazar.

Para um Salazar visivelmente cansado, a questão dos Açores ainda era mais um problema no qual precisava equilibrar os interesses portugueses com as realidades da guerra, que pareciam se voltar lentamente, mas com decisão, a favor dos aliados. Ele estava exausto, facilmente irritável e, o mais problemático para os aliados, extremamente obstinado.

Durante a primeira parte de 1943, a carga de trabalho havia começado a afetar sua saúde. Sofria de infecções crônicas nos olhos, que lhe tiravam o ânimo, e de crises de gripe sazonais.<sup>597</sup> Devido à centralização do poder governamental em suas mãos, era cada vez mais difícil chegar a uma decisão rápida sem ele. Nos tempos de paz, isso talvez não tivesse sido um problema, mas, em 1943, e com os aliados na ofensiva, era preciso que Portugal fosse um pouco mais rápido, dando-lhes o que eles queriam a fim de ajudar a abreviar a guerra.

Com uma carga de trabalho cada vez maior e as enchentes de inverno, ficava difícil para Salazar escapar de Lisboa para um bom período de descanso e recuperação no campo. Apesar do crescente número de documentos oficiais sobre sua mesa, cartas e reuniões, ele ainda mantinha sua correspondência pessoal, na qual especulava sobre o que os vários resultados da guerra significariam para Portugal e a Europa.

No início de 1943, era como se houvesse apenas dois resultados realistas: uma vitória total dos aliados ou uma rendição negociada pela Alemanha. Salazar tinha forte preferência pela última possibilidade, acreditando que uma vitória total dos aliados levaria a uma situação em que americanos e comunistas, na forma da União Soviética, representariam papéis dominantes na Europa. Ronald

Campbell notou que qualquer obrigação que Salazar sentisse com relação à Grã-Bretanha, como defensor das pequenas potências, era deformada por seu temor de que a derrota completa da Alemanha deixasse a anarquia e o caos à solta na Europa.<sup>598</sup>

Diversas vezes, apesar da falta de visão de seu próprio mundo, ou da noção de onde Portugal se encaixava na política global, Salazar acertou ao prever a ordem na Europa do pós-guerra. A vitória aliada sobre a Alemanha levaria a um sistema mundial bipolar, dirigido por duas nações e duas filosofias, nas quais ele não tinha muita fé. Salazar também expressou suas dúvidas sobre a criação de blocos regionais, exigida por Churchill durante um discurso no dia 22 de março de 1943.<sup>599</sup>

O discurso de Churchill recebeu muita cobertura na imprensa portuguesa, e vários artigos sugeriram semelhanças entre as abordagens de Churchill e de Salazar quanto aos problemas dos pequenos Estados.<sup>600</sup> Salazar chamara a atenção de Campbell para as disputas aparentemente crônicas dos Estados balcânicos.<sup>601</sup> O que o preocupava também era como Portugal e Espanha se encaixariam nos blocos regionais de Churchill. Quanto a isso, ele se comportava como o típico português que acreditava que a Espanha teria absorvido Portugal havia muito tempo não fosse sua aliança com a Grã-Bretanha.

Em 1941, a decisão de Salazar em aceitar a sugestão britânica de que, no caso de uma invasão do continente pelos alemães, a única prova de resistência de Portugal seria oferecida com a mudança de seu governo para os Açores, tinha levado os portugueses a começarem a reforçar as ilhas. Os britânicos informaram os americanos sobre o fato em maio de 1941. Nesse estágio, foi acordado entre Londres e Washington que a discussão sobre o uso das ilhas devia ficar principalmente nas mãos dos britânicos.



A política britânica com relação aos Açores já havia antes ilustrado diferenças em Londres entre o Ministério das Relações Exteriores, que era a favor de se tomar as ilhas à força apenas se fosse absolutamente claro que os alemães iam se apoderar delas, e o primeiro-ministro, que preferia se apossar das ilhas à força, a fim de impedir qualquer possibilidade de os alemães se apoderarem delas. O resultado dessas divisões internas foi que nada se fez, exceto deixar uma força militar a postos para um possível desembarque imediato nas ilhas. O presidente Roosevelt havia sido informado sobre esses planos militares em setembro de 1940.<sup>602</sup>

Washington preferia uma abordagem aos Açores ainda mais robusta do que a de Churchill: os americanos estavam dispostos a usar substancial força militar para ocupar as ilhas se necessário fosse. Numa importante transmissão pelo rádio ao povo americano em 27 de maio de 1941, o presidente Roosevelt se referia à importância das ilhas e ao risco que os Estados Unidos corriam, caso elas caíssem em mãos alemãs. A transmissão irritou os portugueses, que temiam que ela pudesse incentivar os alemães a conquistarem as ilhas a fim de frustrar uma potencial ocupação preventiva pelos Estados Unidos ou pela Grã-Bretanha. As linhas vermelhas americanas eram claras: se a Alemanha se movesse contra os Açores, eles se moveriam para tomá-las. Os Estados Unidos também perguntaram aos brasileiros se eles estariam dispostos a participar de uma ocupação temporária nas ilhas.<sup>603</sup>

No dia 12 de fevereiro de 1942, sem consultar os britânicos, o presidente Roosevelt sugeriu ao presidente do Brasil que ele devia assumir a defesa dos Açores. Acreditando que Salazar não aceitaria a oferta, os brasileiros não abordaram os portugueses, e os americanos concordaram em consultar os britânicos antes de tomar qualquer atitude.<sup>604</sup> No dia 10 de maio, Churchill observou que os

chefes de Estado-Maior haviam pedido sua autorização para iniciar discussões com os americanos sobre uma abordagem combinada para falar com Salazar sobre os Açores. Churchill concordou, e estava disposto a informar Lisboa, mesmo naquele estágio, de que, se não concordasse com o pedido dos aliados, as ilhas seriam tomadas à força.

Tanto Ronald Campbell, em Lisboa, quanto Anthony Eden, no Ministério das Relações Exteriores na Inglaterra, concordaram que o melhor caminho era negociar com Salazar.<sup>605</sup> Na avaliação de Campbell, Salazar concordaria com uma presença militar britânica temporária nas ilhas enquanto durasse a guerra. Tornou-se evidente que a discussão sobre uma estratégia militar ou diplomática era um tanto prematura, visto que a Grã-Bretanha não poderia aprontar a força militar adequada antes do final de agosto.<sup>606</sup> Quando a questão foi apresentada a Churchill, ele explodiu, dizendo que uma ocupação economizaria milhões de toneladas de embarques e milhares de vidas de marinheiros aliados. Ele continuou argumentando energicamente que o destino de todas as pequenas nações dependia de uma vitória aliada, e que a Grã-Bretanha não deveria hesitar em dar o passo que abreviaria a guerra e salvaria vidas.

No final, o Ministério da Guerra prevaleceu sobre Churchill, argumentando que nenhuma ação militar devia ser tomada por pelo menos dois meses. O plano militar britânico para ocupar os Açores era conhecido como Operação Salva-Vidas e os chefes de Estado-Maior (CoS) haviam passado todo o final da primavera e início do verão de 1943 aperfeiçoando-o. O plano ficou sujeito à interferência política, quando o governo insistiu que se devia dar a Salazar algumas horas, como um *ultimatum*, antes do início da operação.<sup>607</sup> Os CoS haviam originalmente planejado uma operação tipo cavalo

de Troia com três contratorpedeiros da Marinha Real pedindo permissão para desembarcar normalmente. De dentro deles, emergiriam unidades de assalto que em seguida capturariam pontos-chave em Ponta Delgada.

Considerou-se então um plano alternativo para um amplo ataque frontal, que não foi recomendado pelos chefes. Os CoS queriam que o Ministério da Guerra desistisse do elemento de alerta. O parecer geral era de que os objetivos poderiam ser alcançados por uma perspectiva militar, mas isso não seria fácil se Salazar ordenasse que a guarnição portuguesa, bem entrincheirada em ilhas-chave, resistisse.

Ronald Campbell havia introduzido formalmente o tópico do uso de instalações nos Açores pela primeira vez de forma indireta durante seu encontro com Salazar no dia 31 de maio de 1943.<sup>608</sup> Campbell fizera a Salazar uma análise geral da guerra, ressaltando a força dos aliados em todas as esferas, exceto na da guerra antissubmergíveis, que o embaixador sugeriu continuar sendo o ponto fraco dos aliados. Como sempre, Salazar foi cauteloso na resposta, indicando simplesmente que compreendia o que Campbell estava dizendo. O embaixador pareceu tomar isso como um indício de que, quando chegasse a hora de se fazer o pedido formal, ele seria recebido de forma afirmativa.

---

**584** PT/TT/AOS/Diário de Salazar, 7 de novembro de 1943.

**585** António de Figueiredo, *Portugal: Fifty Years of Dictatorship* (Londres: Penguin, 1975), p. 99.

**586** Ibid.

**587** Hugh Kay, *Salazar and Modern Portugal: A Biography* (Nova York: Hawthorn, 1970), p. 160.

**588** PT/TT/AOS/CO/NE/IC/6/From Churchill to Salazar, 7 de novembro de 1942.

**589** Ibid.

**590** Ibid.

**591** PRO/FO/371/34656/From Campbell to Foreign Office, 1º de abril de 1943.

- 592** PT/TT/AOS/CO/NE/IC/6/From Roosevelt to Salazar, 8 de novembro de 1942.
- 593** Kay, *Salazar and Modern Portugal*, p. 160.
- 594** PRO/FO/371/34657/Foreign Office Aide Memoire, 29 de junho de 1943.
- 595** PRO/FO/371/34656/From Campbell to Foreign Office, 1º de abril de 1943.
- 596** PRO/FO/371/34657/Foreign Office Aide Memoire, 29 de junho de 1943.
- 597** PRO/FO/371/34656/From Campbell to Foreign Office, 1º de abril de 1943.
- 598** PRO/FO/371/34656/From Campbell to Eden, 11 de junho de 1943.
- 599** PRO/FO/371/34656/From Campbell to Foreign Office, 1º de abril de 1943.
- 600** PRO/FO/371/34690/From Campbell to Foreign Office, 24 de março de 1943.
- 601** PRO/FO/371/34656/From Campbell to Foreign Office, 1º de abril de 1943.
- 602** Llewellyn Woodward, *British Foreign Policy in the Second World War* (Londres: H. M. Stationery Office, 1962), p. 375.
- 603** Ibid., p. 378.
- 604** Ibid., p. 379.
- 605** PRO/FO/371/34657/Foreign Office Aide Memoire, 29 de junho de 1943.
- 606** Woodward, *British Foreign Policy*, p. 379.
- 607** PRO/WO/106/2934/Operation Lifebelt: Alternative Plan, Report by Joint Chiefs of Staff, 8 de julho de 1943.
- 608** PRO/FO/371/34656/From Campbell to Foreign Office, 1º de abril 1943.

## Participante relutante

No dia 18 de junho de 1943, o carro oficial de Ronald Campbell deixou a embaixada em direção ao gabinete de Salazar, em São Bento. Campbell achava que havia preparado Salazar cuidadosamente para esse momento. Salazar também sabia que era muito provável que, em algum momento durante a guerra, viria uma requisição oficial dos britânicos para usar os Açores. Ao combinar o encontro, Campbell confessara que tinha algo da maior importância política a comunicar do governo britânico.<sup>609</sup>

Para Salazar, a questão dos Açores não podia estar separada de um dos objetivos fundamentais de sua política de neutralidade, a manutenção da integridade física do império português. Ainda havia ressentimentos e profunda desconfiança dos aliados em Lisboa devido aos acontecimentos em Timor, em dezembro de 1941. Além disso, havia a relutância de Salazar em parecer estar cedendo rápido demais às exigências dos aliados, movimento que poderia levar os alemães a uma reação militar contra Portugal.<sup>610</sup> No decorrer da entrevista do dia 18 de junho, um Campbell ligeiramente nervoso e muito sério comunicou formalmente o desejo da Grã-Bretanha em usar as instalações nos Açores.<sup>611</sup> Salazar não respondeu, mas prometeu fazê-lo no devido tempo.

Seis dias depois, a 23 de junho, chegou a resposta. Salazar chamava Campbell a seu gabinete para um encontro, programado para durar duas horas. Foi marcado para começar às 17 horas, que era quando Salazar costumava receber as pessoas que desejam falar

com ele. Em vista das altas temperaturas em Lisboa, foi um alívio para Campbell que o encontro não fosse no calor do início da tarde. Salazar percebeu que Campbell parecia nervoso.<sup>612</sup> O líder português então leu uma tradução em francês do documento, sem interrupções ou pedidos de esclarecimento. A princípio, Salazar concordava com o pedido, sob os termos da antiga aliança.<sup>613</sup> E também deixava claro que desejava oferecer as instalações sem colocar em risco a neutralidade de Portugal – tropas portuguesas não contribuiriam diretamente para o esforço de guerra aliado.<sup>614</sup> Campbell confirmou a Salazar que Londres não queria que Portugal entrasse na guerra, como resultado das negociações sobre os Açores.<sup>615</sup>

Salazar, então, referiu-se a uma vital exigência portuguesa: se à Grã-Bretanha fosse concedido acesso aos Açores, seria necessário que se tomassem medidas adequadas para garantir que a costa atlântica de Portugal não caísse nas mãos dos alemães.<sup>616</sup> Ele acrescentou que não estava disposto a permitir que outras tropas, além das britânicas, usassem as instalações. No final do encontro, Campbell afirmou estar muito feliz com a resposta do governo português e Salazar notou um leve sorriso de alívio em seu rosto.<sup>617</sup>

Naquele estágio, o secretário das Relações Exteriores britânico, Anthony Eden, aconselhou Campbell, dizendo que achava melhor não discutir o potencial uso dos Açores por tropas americanas.<sup>618</sup> Essa discussão, em separado, ocorreria quando a Grã-Bretanha tivesse assegurado um acordo formal com os portugueses. Salazar avisara aos britânicos que as discussões seriam detalhadas e levariam muito tempo para terminar.<sup>619</sup> Campbell argumentou que as conversas deveriam se dar em Londres, onde o Ministério das Relações Exteriores tinha instalações secretas para esses encontros.<sup>620</sup> Salazar não quis saber disso e insistiu para que elas

ocorressem em Lisboa.<sup>621</sup> Campbell acrescentou que não seria prudente que o secretário das Relações Exteriores Anthony Eden viajasse até Lisboa para as conversas. Ele era uma figura muito conhecida e sua presença na cidade colocaria em risco o sigilo das negociações.

Embora o Ministério das Relações Exteriores britânico continuasse satisfeito com as condições aparentemente lógicas de Salazar, Churchill não estava tão contente. Temendo, com toda a razão, que Salazar pretendesse arrastar as conversas pelo máximo de tempo possível, Churchill queria impor um prazo final para o detalhamento dessas discussões. Anthony Eden, entretanto, argumentou que Salazar compreendia muito bem que a Grã-Bretanha queria uma conclusão bem-sucedida das conversas o mais breve possível e que um prazo final seria visto como um ultimato e seria contraproducente para os interesses britânicos.<sup>622</sup>

A fim de tentar adoçar Salazar, o Ministério das Relações Exteriores procurou lhe fazer concessões mais tangíveis em outras áreas. A mais óbvia era na esfera de economia de guerra. Para isso, o ministério pediu ao MEW algumas ideias para oferecer a Salazar. O MEW não fazia objeções ao aumento do número de cotas de importações para Portugal e a uma extensão do período dos *navicerts* para facilitar o recebimento de mercadorias pelos portugueses. Por outro lado, eles argumentaram que Salazar devia ser informado de que o governo britânico não esperava que Portugal rompesse de todo os vínculos comerciais com as potências do Eixo. Eles insistiram que as exportações para as potências do Eixo estavam relacionadas às mercadorias que os portugueses recebiam em troca.<sup>623</sup>

Quanto ao tungstênio, o MEW argumentava que Salazar devia ter permissão para honrar acordos existentes, mas devia terminar com a

suposta discriminação contra as vendas à Grã-Bretanha. Considerava-se também prudente que Salazar fosse lembrado dos esforços alemães para contrabandear tungstênio e que se mostrassem evidências colhidas pela Inteligência britânica dessas operações. O contrabando de tungstênio pelos alemães tomava diferentes formas. Alguns métodos eram básicos, como literalmente amarrar o tungstênio no lombo de jumentos e atravessar com eles a fronteira entre Portugal e Espanha, bem longe das estradas principais e pontos de cruzamento na fronteira. Outros esforços envolviam disfarçar o tungstênio dentro de outros produtos. Fundamentais na maioria dessas operações eram os “trens fantasma” alemães, que seguiam da fronteira Portugal–Espanha, atravessavam a Espanha e entravam na França ocupada pelos alemães. A Inteligência britânica acreditava que havia um alto grau de envolvimento português nessas operações. Eles afirmavam que sacos de papel pardo recheados de escudos eram oferecidos rotineiramente a contrabandistas portugueses que ajudassem os alemães. Salazar negava qualquer envolvimento oficial português no contrabando.<sup>624</sup>

Quanto aos Açores, o incentivo veio na forma da política americana de arrocho da quantidade, e variedade, de mercadorias que Portugal tinha permissão para importar. Os britânicos prometeram usar sua influência para tentar impedir que isso acontecesse. Salazar só precisava assinar um acordo sobre os Açores, e os aliados responderiam favoravelmente aos pedidos portugueses para afrouxar as restrições impostas ao que poderiam importar.<sup>625</sup>

Campbell pagou uma visita de pré-negociação a Salazar no dia 26 de junho de 1943, na esperança de conseguirem entrar num acordo quanto à hora e ao formato das conversas.<sup>626</sup> Com Churchill



pressionando para uma abordagem mais ativa com relação aos Açores, o Ministério das Relações Exteriores queria ganhar a concordância de Salazar para iniciarem as negociações o mais breve possível. Salazar, entretanto, estava desanimado e não compartilhava com os britânicos a sensação de urgência. Portugal passava por uma onda de calor sem precedentes, com temperaturas diárias chegando aos 40 graus.<sup>627</sup> Isso exauria as energias até dos portugueses mais robustos, incluindo Salazar, que queriam partir para a costa, no Estoril e em Cascais, a fim de gozar dos ventos refrescantes do mar.

Enquanto Campbell insistia na rápida conclusão das negociações, Salazar continuava procurando ganhar tempo.<sup>628</sup> Ele informou a Campbell que ainda não havia escolhido o "grupo de especialistas" que formariam a delegação. Também tentou fazer lobby com os britânicos para garantir que a delegação inglesa fosse pequena.<sup>629</sup> Sempre paciente, Campbell compreendeu que, para Salazar, o conceito de convidar forças estrangeiras para uma parte do império português não era fácil de digerir. O embaixador observou ao Ministério das Relações Exteriores britânico que Salazar ainda não havia se acostumado à ideia, que lhe chegara abruptamente, e ainda estava bastante cauteloso quanto ao processo.

No dia 28 de junho de 1943, um oficial do Ministério das Relações Exteriores britânico levou o embaixador português, Armindo Monteiro, para almoçar em Londres. Em retrospectiva, a conversa durante o almoço naquele dia provou ser bastante extraordinária. Monteiro falava inglês com um sotaque mais próximo de Oxford ou Cambridge do que de Lisboa. Este foi um ponto importante: a língua preferida pela maioria dos diplomatas portugueses era o francês. Em parte como resultado de seu "inglês do rei" perfeito, tanto quanto suas cuidadosamente afiadas habilidades diplomáticas e seus

anteriores moderadamente aristocráticos, Monteiro tinha se mostrado um sucesso em Londres.

O Ministério das Relações Exteriores britânico via Monteiro como um forte anglófilo e um homem que podia influenciar Salazar. O status de Monteiro também era reforçado pela importância que o governo britânico atribuía às relações com Portugal. Parecia haver, entretanto, um forte grau de ignorância entre os oficiais britânicos sobre as crescentes diferenças entre Salazar e Monteiro. Essas diferenças começavam a se tornar profundas demais para ser totalmente disfarçadas e podiam ser percebidas na correspondência cada vez mais detalhada e tensa entre os dois homens.

Em carta datada de 31 de maio de 1943, Monteiro escrevera a Salazar argumentando que, devido à vitória na Tunísia e outros sucessos dos aliados, era chegada a hora de Portugal escolher abertamente apoiá-los.<sup>630</sup> Ele argumentava que havia uma crescente sensação de “clima ruim em Londres” com relação ao regime; o governo em Lisboa começava a ser visto como simpatizante dos alemães, e muitos britânicos o consideravam fascista. Downing Street preparava-se para a ofensiva final contra os alemães e anotava quem estava, ou não, contribuindo para esse esforço. A hora para neutralidades havia passado. Lisboa precisava sair de cima do muro. A paixão e a articulação da carta surpreenderam Salazar, tanto quanto seu real conteúdo.

De uma perspectiva portuguesa, a conduta de Armindo Monteiro durante um almoço de rotina com um oficial do Ministério das Relações Exteriores britânico em junho de 1943 foi extremamente questionável. No decorrer do almoço, Monteiro fora além de seu papel como embaixador e começara a falar como um “cidadão de Portugal amigo da Grã-Bretanha”, cuja opinião aparentemente era contrária à de seu chefe em Lisboa. Ele aconselhou seu anfitrião um

tanto surpreso que, quanto às negociações sobre os Açores, embora fosse melhor não tentar fixar datas desde o início, a Grã-Bretanha devia insistir continuamente na urgência do assunto. Os negociadores britânicos deviam também argumentar que os aliados eram vítimas da pressão dos acontecimentos e não podiam, portanto, se dar o luxo de demorar para estabelecer a presença nas ilhas.<sup>631</sup>

A mulher do embaixador, também presente ao almoço, acrescentou uma informação útil. Contou que seu filho acabara de chegar de Lisboa naquela manhã e confirmara que o país estava passando por uma terrível onda de calor. As plantações estavam secas e, conseqüentemente, as colheitas daquele ano seriam muito ruins.<sup>632</sup> O embaixador falou sobre como as questões econômicas representariam um importante papel nas negociações. O Ministério das Relações Exteriores britânico anotou devidamente a informação e enviou um cabograma para Campbell, em Lisboa, para uso em futuras negociações.

Três dias depois, a 1º de julho de 1943, Monteiro escreveu a Salazar.<sup>633</sup> A carta, com 20 páginas, podia ser considerada como um dos bilhetes políticos suicidas mais longos da história da diplomacia moderna. Num tom de leve condescendência, Monteiro tentava dismantelar grande parte da política exterior de Salazar na Segunda Guerra Mundial. Em termos gerais, argumentava que apenas uma aliança com os aliados poderia garantir a independência de Portugal e de suas colônias.<sup>634</sup> Sobre a questão dos Açores, Monteiro escreveu que elas estavam numa posição da maior importância estratégica. Portugal devia convidar os aliados a usarem as instalações de que necessitassem.<sup>635</sup> Isso criaria um sentimento de gratidão dos aliados, o que seria mais propício a longo prazo.<sup>636</sup> A bandeira portuguesa continuaria hasteada nos Açores, o que

ajudaria a garantir o papel do país a longo prazo como uma potência do Atlântico.

Em seu diário, a 1º de julho de 1943, Salazar escreveu apenas que havia recebido uma carta de Monteiro criticando a política exterior do governo e especialmente sobre a atitude do primeiro-ministro com relação aos aliados.<sup>637</sup> Desnecessário dizer, Salazar ficou furioso tanto com o conteúdo quanto com o tom da correspondência. Depois de ler a longa crítica à sua política externa, Salazar pegou sua caneta-tinteiro favorita e escreveu a resposta à mão, ao lado do texto datilografado de Monteiro.

Salazar iniciou a sua devastadora análise da posição de Monteiro, argumentando simplesmente que o embaixador em Londres escrevia para a História.<sup>638</sup> Salazar acusou Monteiro de tentar criar uma narrativa em que ele deveria ter tentado mover Portugal na direção de uma aliança com a Grã-Bretanha. O que se seguiu foi puro Salazar. Percebendo que a carta seria um documento-chave em futuras pesquisas por historiadores sobre o papel de Portugal na Segunda Guerra Mundial, ele escreveu sua réplica no alto da carta original para certificar-se de que sua exposição de motivos para sua política fosse lida junto com a de Monteiro. Numa rara demonstração de emoção, que ilustrava a raiva e a profunda mágoa que sentia com a insubordinação de Monteiro, Salazar escreveu que a carta do embaixador fora escrita num tom de superioridade. Segundo as palavras de Salazar, “Esta carta expressa o ar de um grande lorde que vive em Londres, relaciona-se com os líderes do mundo e fala de tudo que é superior a um homem pobre de Santa Comba Dão”.<sup>639</sup>

A partir do momento em que Salazar pegou a caneta, a carreira de Monteiro no serviço diplomático estava encerrada – só restava determinar a ocasião de sua partida. Quanto a isso Salazar sabia muito bem que a chamada de Monteiro não seria vista positivamente

em Londres. Na verdade, Salazar sentiu que o Ministério das Relações Exteriores britânico e Winston Churchill fariam lobby para tentar convencê-lo a mudar de ideia e permitir que Monteiro continuasse em seu posto. Certamente era verdade que tanto Churchill quanto o secretário das Relações Exteriores, Anthony Eden, estariam desolados em ver Monteiro chamado de volta.<sup>640</sup> Salazar sabia muito bem que precisava encontrar rapidamente um novo embaixador que os britânicos não fossem capazes de recusar, e que seguiria e implementaria a política exterior de Portugal sem se desviar do *script*.

---

**609** António de Oliveira Salazar, *Pensamento e doutrina política – textos antológicos* (Lisboa: Verbo, 2007), p. 371.

**610** PRO/FO/371/34657/Foreign Office Aide Memoire, 29 de junho de 1943.

**611** Salazar, *Pensamento e doutrina*, p. 371.

**612** *Ibid.*, p. 372.

**613** PT/TT/AOS/Diário de Salazar, 23 de junho de 1943.

**614** PRO/FO/371/34656/From Campbell to Foreign Office, 24 de junho de 1943.

**615** Salazar, *Pensamento e doutrina*, p. 374.

**616** PRO/FO/371/34656/From Campbell to Foreign Office, 24 de junho de 1943.

**617** Salazar, *Pensamento e doutrina*, p. 372.

**618** PRO/FO/371/34657/Foreign Office Aide Memoire, 29 de junho de 1943.

**619** Salazar, *Pensamento e doutrina*, pp. 372-73.

**620** PRO/FO/371/34656/From Campbell to Foreign Office, 24 de junho de 1943.

**621** Salazar, *Pensamento e doutrina*, p. 373.

**622** Llewellyn Woodward, *British Foreign Policy in the Second World War* (Londres: H. M. Stationery Office, 1962), p. 380.

**623** PRO/FO/371/34658/Views of the Ministry of Economic Warfare, 30 de junho de 1943.

**624** *Ibid.*

**625** *Ibid.*

**626** PRO/FO/371/34657/Campbell to Foreign Office, 26 de junho de 1943.

**627** PRO/FO/371/34657/Foreign Office Minute, 29 de junho de 1943.

**628** PRO/FO/371/34657/Campbell to Foreign Office, 26 de junho de 1943.

**629** PRO/FO/371/34657/Campbell to Foreign Office, 27 de junho de 1943.

**630** Fernando Rosas, Julia Leitão, e Pedro de Oliveira, *Armindo Monteiro e Oliveira Salazar: correspondência política, 1926-1955* (Lisboa: Editorial Estampa, 1996), pp. 409-12.

**631** PRO/FO/371/34657/From Foreign Office to Campbell, 28 de junho de 1943.

**632** *Ibid.*

**633** Rosas, Leitão, e Oliveira, *Armindo Monteiro e Oliveira Salazar*, pp. 413-33.

**634** Ibid., p. 414.

**635** Ibid., p. 422.

**636** Ibid., p. 422.

**637** PT/TT/AOS/Diário de Salazar, 1º de julho 1943.

**638** Rosas, Leitão, e Oliveira, *Armindo Monteiro e Oliveira Salazar*, p. 435.

**639** Ibid., p. 438.

**640** Franco Nogueira, *Salazar: volume 3, As grandes crises, 1936-1945* (Porto: Civilização Editora, 2000), p. 452.

## Um conjunto penoso de negociações

**N**o dia 2 de julho de 1943, Salazar deixou Lisboa.<sup>641</sup> Enquanto a maioria dos habitantes da cidade encaminhava-se para as praias em busca de alívio do calor sufocante na capital, Salazar dirigia-se a sua casa em Santa Comba Dão, no interior do país, para o fim de semana. As conversas com a delegação britânica sobre o acesso aos Açores deviam iniciar-se na manhã da próxima segunda-feira e Salazar queria esclarecer suas ideias e cuidar de sua modesta horta.

Em 1943, o percurso de carro de Lisboa até Santa Comba Dão era de quatro horas e meia. O automóvel de Salazar tomou a direção norte, para Santarém, onde a estrada era uma pista única em cada direção, e seguiu até a antiga capital de Coimbra. O país estava em paz e o maior perigo parecia ser o motorista português impaciente, como sempre tentando ultrapassar caminhões lentos e carregados que pareciam andar para trás nos aclives íngremes.

Saindo de Lisboa, as estradas não estavam em boas condições. Buracos fundos aumentavam o desconforto dos motoristas que já lutavam com o calor, que continuava sufocante mesmo à noite. Atravessando os vilarejos do interior, com suas casas caiadas, era possível ver a extensão da pobreza, que destruía as áreas rurais do país. O setor agrícola permanecia baseado em camponeses e jumentos puxando arados, como norma, e tratores, raros e distantes uns dos outros.

Salazar tinha muita coisa na cabeça. Ainda sentia raiva de Monteiro. Na verdade, não confiava em parte do serviço diplomático português, que acreditava não ter sido purgado de suas tendências republicanas pré-Estado Novo. Salazar também queria analisar o que desejava dos britânicos como resultado das negociações sobre os Açores.<sup>642</sup> Ainda acreditava que sua política de neutralidade cuidadosamente arquitetada era correta para Portugal. Salazar acreditava que Monteiro estava errado ao sugerir que, por não compartilhar a sorte com os aliados, Portugal perderia vantagens no pós-guerra e suas possessões coloniais estariam ameaçadas. Com a guerra mudando claramente a favor dos aliados, entretanto, Salazar compreendeu que precisava ter cuidado para não hostilizar os prováveis vitoriosos, que ampliavam o ritmo da ofensiva contra a Alemanha.

Salazar chegou a Coimbra. A antiga universidade fora construída no topo da colina, com sua torre do relógio visível a quilômetros de distância. Foi nessa cidade que Salazar estudou e iniciou sua carreira profissional como acadêmico. De Coimbra, seu carro seguiu na direção norte, para Viseu, por uma estrada que subia serpeando pela floresta de Bussaco, onde as forças do duque de Wellington derrotaram os franceses nas guerras peninsulares. Finalmente, entrou na pequena aldeia de Santa Comba Dão, onde, num povoado chamado Vimieiro, ele tinha uma casa modesta para usar nos fins de semana. Salazar passava seus fins de semana trabalhando na horta, colocando em dia a papelada e escrevendo.<sup>643</sup> O único luxo na casa era um telefone preto, que mantinha o primeiro-ministro em contato com o que acontecia em Lisboa.

As negociações formais entre britânicos e portugueses sobre o uso das instalações nos Açores começaram na segunda-feira, 5 de julho de 1943. Desde o início, Salazar deixou claro que Portugal desejava



concordar com a utilização das instalações, mas queria que isso fosse feito de modo a chamar o mínimo de atenção possível, para poder permanecer longe das hostilidades.<sup>644</sup> Sugeriu que inicialmente os britânicos usassem a menor força possível, e, uma vez nas ilhas, poderiam ampliá-la. Enquanto o exército alemão ainda estivesse nos Pireneus franceses, na fronteira com a Espanha, havia em Lisboa um medo tangível de retaliação, que poderia ter assumido a forma de uma invasão por terra, ou, com maior probabilidade, a de uma campanha de bombardeio contra Lisboa e contra o Porto, a segunda cidade de Portugal, ao norte. Temia-se ainda que os submarinos alemães começassem a atacar as embarcações portuguesas no Atlântico, um movimento que quase certamente levaria Portugal a entrar na guerra.

Os britânicos tentaram abrir caminho por uma série de problemas complexos relacionados aos Açores, no centro dos quais estava o papel de intermediário para os Estados Unidos.<sup>645</sup> Antes do início formal das negociações, Churchill havia tentado, e falhado, conseguir que o presidente Roosevelt informasse aos portugueses que os americanos estavam associados às garantias que os britânicos lhes ofereciam.<sup>646</sup> Churchill também informou ao presidente americano que os portugueses queriam limitar as forças nos Açores aos britânicos, de modo que pudesse legitimamente alegar que isso tinha sido oferecido sob os termos da aliança anglo-portuguesa.<sup>647</sup> Naturalmente, a história não caiu bem em Washington, onde havia crescentes pedidos de uma abordagem mais firme com Lisboa.

Os resultados práticos dessa abordagem americana mais firme com os portugueses foram vistos quando a Pan Am foi encorajada a conseguir direitos de pouso nos Açores para seus aviões comerciais.<sup>648</sup> A verdadeira razão para o pedido, entretanto, era o

interesse da Força Aérea do Exército em usar essas instalações como um ponto de travessia para a transferência das pesadas aeronaves militares dos Estados Unidos para teatros europeus e africanos quando o governo de Lisboa (esperava-se) desse autorização.<sup>649</sup> No dia 20 de junho de 1943, representantes da Pan Am pediram o direito de pouso nos Açores para aviões que iam da América para a Grã-Bretanha. O Conselho Aéreo Nacional português não fez objeções e as negociações com Lisboa começaram sobre o uso das ilhas, no primeiro caso como parada para reabastecimento de aviões transatlânticos comerciais.<sup>650</sup>

O Departamento de Estado pediu apoio britânico para o esquema.<sup>651</sup> O Ministério das Relações Exteriores o concedeu, mas sugeriu com insistência que o momento do pedido fosse adiado até depois da conclusão das negociações entre britânicos e portugueses, que, como argumentou, estavam chegando a um estágio crucial.<sup>652</sup> A leve disputa interna entre britânicos e americanos complicava um já difícil conjunto de negociações. Confidencialmente, suspeitava-se em alguns círculos americanos que a Grã-Bretanha estivesse tentando controlar as negociações com Lisboa a fim de tentar levar vantagem sobre os americanos na aviação civil para as rotas do Atlântico no pós-guerra.<sup>653</sup>

De volta a Lisboa, Salazar estava definindo o andamento das negociações, para frustração dos britânicos. Embora desde o início ele os houvesse informado de que a Grã-Bretanha ia ter o que queria no final das negociações, não dava sinais de que isso aconteceria em breve. Salazar condicionou a concordância à chegada das defesas antiaéreas britânicas, que Ronald Campbell prometera a Portugal.<sup>654</sup> Os britânicos tentaram separar essas duas questões centrais.

Numa reunião com Campbell e Roberts, do Ministério das Relações Exteriores, no dia 7 de agosto, Salazar deixou claro que não aceitaria nenhum acordo sobre as instalações sem outro similar sobre a defesa de Portugal. Na verdade, a reunião com Campbell não foi bem. Enquanto Salazar se concentrava nos detalhes da potencial força de defesa para Portugal, Campbell estava sob enorme pressão para acertar um acordo, que parecia, naquele estágio, uma perspectiva distante.<sup>655</sup>

Nesse ponto, tanto Eden como Churchill uniram-se e decidiram que era preciso impor um prazo final. Um Churchill impaciente traçou a lápis o dia 15 de agosto, mas Eden argumentou que a data era prematura, pois a força militar britânica não poderia chegar, no mínimo, antes de setembro.<sup>656</sup> Por fim, depois de uma intervenção dos chefes do Estado-Maior britânicos, tudo ficou combinado para 15 de setembro. Churchill deixou claro que Salazar precisava ser informado da data por Campbell, e também do impacto sobre a aliança anglo-portuguesa se Portugal não aceitasse o prazo final. Churchill ofereceu uma espécie de isca a Salazar, argumentando que, se fosse possível chegar a um acordo, a América estaria disposta a ajudar nos resultantes benefícios econômicos para Portugal.<sup>657</sup>

Salazar, entretanto, estava focalizando os aspectos de segurança de um acordo e queixou-se de que as defesas militares de Portugal não estariam plenamente operacionais antes de 15 de outubro. Ele acabou sendo convencido a aceitar o dia 8 de outubro, e o acordo final foi assinado por Salazar e Campbell no dia 18 de agosto, com data retroativa de 17 de agosto. Assinado o acordo, Eden enviou uma mensagem de congratulações a Salazar, dizendo que o uso das instalações era de grande importância para os aliados e ajudaria a abreviar a duração da guerra.<sup>658</sup> A força britânica chegou aos Açores

a tempo e começou a usar as instalações, que havia ajudado a construir.<sup>659</sup>



Embora o acordo fosse assinado e implementado entre britânicos e portugueses, o problema das exigências americanas ainda precisava ser resolvido. O Departamento de Estado reportou que recebia com prazer o acordo, mas, em particular, deixara claro que os Estados Unidos teriam preferido um tratado entre Portugal e os aliados e não apenas com a Grã-Bretanha.<sup>660</sup> Mais especificamente, os americanos lembravam aos britânicos que qualquer acordo que limitasse o uso das instalações às aeronaves britânicas era inaceitável para os Estados Unidos.<sup>661</sup> As Forças Armadas americanas ainda exigiam a ocupação dos Açores, quando, no início de setembro, uma força americana de 10 mil homens preparava-se para uma invasão. Mais uma vez, houve cisões entre o Ministério das Relações Exteriores e Churchill. Eden achava que os americanos estavam exigindo demais dos portugueses.

Churchill, entretanto, pensava que as exigências americanas eram razoáveis e estava inclinado a apoiá-las.<sup>662</sup> O primeiro-ministro pediu a Roosevelt, no entanto, para que os americanos tentassem tranquilizar os temores de Salazar de que quisessem ficar nos Açores para sempre.<sup>663</sup> Mais tarde, Churchill acrescentou que estava feliz porque os americanos, eles mesmos, haviam feito o pedido a Lisboa.<sup>664</sup> Ele prometeu apoiar totalmente os americanos e usaria a expressão "amigos", citada no tratado de 1373 entre a Grã-Bretanha e Portugal, tentando pressionar Salazar a ajudar um aliado da Grã-Bretanha. Também sugeriu que uma abordagem conjunta de americanos e britânicos por seus respectivos embaixadores em

Lisboa seria melhor com o embaixador americano tomando a dianteira.

No dia 4 de novembro de 1943, o presidente Roosevelt seguiu o conselho de Churchill e enviou uma carta pessoal a Salazar. O conteúdo da carta tentava tranquilizar o temor de Salazar de que, se lhes fossem concedidas as instalações nos Açores, os americanos permaneceriam ali depois da guerra.<sup>665</sup> Roosevelt citou a ocasião em que, como subsecretário da Marinha, em 1918, ele havia visitado os Açores para inspecionar o reparo, o reabastecimento e as instalações antissubmarinos, que os americanos haviam usado. Em 1919, acrescentou o presidente, todas aquelas forças foram retiradas e desmontadas. Mantendo a pressão, Roosevelt também enviou uma mensagem a Churchill lembrando que as negociações entre portugueses e americanos teriam início em Lisboa.<sup>666</sup> Roosevelt queria impressionar Churchill para conseguir que Ronald Campbell apoiasse o *chargé d'affaires*<sup>667</sup> em Lisboa, George Kennan.

Às 17 horas do dia 23 de novembro de 1943, Salazar recebeu uma delegação conjunta de oficiais britânicos e americanos em seu gabinete em Lisboa. Na ocasião, os americanos tentaram oferecer a Salazar uma série de garantias.<sup>668</sup> Houve também um certo grau de ameaça quando eles argumentaram que Portugal precisava considerar como ficaria a situação da Europa no pós-guerra. Durante algum tempo, os americanos tentaram convencer Salazar, mas ele ainda recusava o acesso direto dos Estados Unidos às instalações nos Açores.

Antes da reunião, os americanos não haviam chegado a nenhum acordo com os britânicos sobre como melhor conduzir as negociações.<sup>669</sup> Na verdade, Kennan recebeu instruções para dar espaço de manobra aos britânicos antes das conversas. Toda essa manobra diplomática, além de refletir profundas tensões entre os

aliados, também revelava a divisão na Grã-Bretanha entre Churchill e Eden quanto à questão do que os americanos exigiam de Portugal.

De sua parte, Eden havia enviado um memorando a Churchill, preparado pelo Ministério das Relações Exteriores, lembrando ao primeiro-ministro que Portugal havia assumido sérios riscos ao permitir funcionários britânicos nos Açores. Seguiu sugerindo que o comportamento de Portugal tinha sido muito melhor do que a maioria dos outros países neutros – uma clara referência à Irlanda e à Turquia. Numa nota ao embaixador americano em Londres, Eden argumentou que a Grã-Bretanha devia ajudar a garantir as mesmas concessões que havia obtido dos portugueses para os americanos.<sup>670</sup> Se Roosevelt queria algo mais do que isso, então os americanos deviam tentar garantir suas concessões adicionais diretamente com os portugueses.<sup>671</sup> Num mordaz ataque verbal, Eden sugeriu que os americanos deviam aprender a simples lição de que não podiam conseguir tudo de Lisboa com intimidações ou subornos.

Salazar deixou claro aos americanos que não podia correr o risco das consequências de lhes permitir acesso às mesmas instalações oferecidas aos britânicos.<sup>672</sup> Ele argumentou apenas, e corretamente, que, se o fizesse, estaria infringindo os termos da neutralidade de Portugal. Ele concordava, entretanto, que estava disposto a oferecer instalações similares aos americanos, mas nos termos do acordo com a Grã-Bretanha.<sup>673</sup> Isso significava, na prática, que todas as unidades americanas envolvidas teriam que ser emprestadas temporariamente dos britânicos.

A disputa envolvendo os Estados Unidos reverberava num misto de falta de compreensão quanto ao que exatamente os americanos desejavam e até que ponto os portugueses estavam dispostos a ser flexíveis, permitindo funcionários americanos nas ilhas sob

supervisão britânica.<sup>674</sup> No final, ficou combinado que o pessoal americano nos Açores usaria duas insígnias. A primeira era a insígnia britânica e a segunda, a americana. A última tinha que ser menor do que a primeira.<sup>675</sup>

---

**641** PT/TT/AOS/Diário de Salazar, 3 de julho de 1943.

**642** António de Oliveira Salazar, *Pensamento e doutrina política – textos antológicos* (Lisboa: Verbo, 2007), p. 378.

**643** António Ferro, *Salazar: Portugal and Her Leader* (Londres: Faber and Faber 1939), p. 328.

**644** PRO/FO/371/34657/Draft Minute from the Prime Minister to Lord Selborne, 28 de junho de 1943.

**645** Ibid.

**646** PRO/FO/371/34657/Foreign Office Minute, United States Guarantee of Portuguese Colonial Integrity, 11 de agosto de 1943.

**647** Llewellyn Woodward, *British Foreign Policy in the Second World War* (Londres: H. M. Stationery Office, 1962), p. 380.

**648** Ibid.

**649** From Admiral D. Leahy, Chief of Staff to the Commander of the Army and Navy to the Secretary of State, 7 de julho de 1943, *Foreign Relations of the United States*, vol. 2, 1943, p. 538.

**650** Ibid.

**651** From the Secretary of State to Winant, Ambassador in Britain, 26 de julho de 1943, *FRUS 2*, p. 539.

**652** From Winant to the Secretary of State, 5 de agosto de 1943, *FRUS 2*, p. 540.

**653** Aide Memoire from the State Department to the British Embassy in Washington, 27 de setembro de 1943, *FRUS 2*, p. 545.

**654** Salazar, *Pensamento e doutrina*, p. 378.

**655** Ibid.

**656** Woodward, *British Foreign Policy*, p. 381.

**657** PRO/ PREM/3/362/3/Minute from Winston Churchill, 19 de julho de 1943.

**658** Salazar, *Pensamento e doutrina*, p. 382.

**659** Woodward, *British Foreign Policy*, p. 381.

**660** From the Secretary of State to Caffery, Ambassador in Britain, 6 de outubro de 1943, *FRUS 2*, p. 548.

**661** From the Secretary of State to Winant, 12 de agosto de 1943, *FRUS 2*, p. 541.

**662** From Churchill to President Roosevelt, 8 de outubro de 1943, *FRUS 2*, p. 550.

**663** Ibid., p. 551.

**664** Ibid., p. 554.

**665** From President Roosevelt to Salazar, 4 de novembro de 1943, *FRUS 2*, p. 564.

**666** From President Roosevelt to Embassy in London, 8 de novembro de 1943, *FRUS 2*, p. 565.

- 667** Encarregado de negócios; correspondente ao diplomata que assume a chefia provisória de uma missão diplomática. (N. do R.T.)
- 668** Salazar, *Pensamento e doutrina*, pp. 385-87.
- 669** From Kennan to Secretary of State, 22 de novembro de 1943, *FRUS 2*, p. 566.
- 670** Aide Memoire from the British Embassy in Washington to the Department of State, 18 de agosto de 1943, *FRUS 2*, p. 543.
- 671** Woodward, *British Foreign Policy*, p. 382.
- 672** PRO/FO/371/34657/Memorandum from Secretary of State to Winant, 29 de junho de 1943.
- 673** From Kennan to Secretary of State, 23 de novembro de 1943, *FRUS 2*, p. 567.
- 674** Woodward, *British Foreign Policy*, p. 382.
- 675** *Ibid.*, p. 383.



## O custo de fazer negócios

A reação dos alemães à efetiva ocupação dos Açores pelos aliados foi mesmo muito silenciosa. Isso refletia o estado da guerra, mas também se devia à cuidadosa diplomacia do embaixador alemão, barão Von Hoyningen-Huene. O embaixador aconselhou Berlim a não se zangar com os portugueses.<sup>676</sup> Ele concordou com o argumento de Salazar de que Portugal não tinha outra escolha senão aceitar um *fait accompli*. O temor de Salazar quanto a uma ação militar alemã não se materializou.

O embaixador português em Berlim foi convocado para uma reunião com o ministro das Relações Exteriores alemão. Durante um diálogo tenso, o embaixador foi informado de que, como os britânicos poderiam usar os Açores, a Alemanha se reservava o direito de agir como achasse conveniente, sem qualquer consideração por águas territoriais portuguesas.<sup>677</sup> O ministro das Relações Exteriores em seguida mudou de tática, abandonando as ameaças, na esperança de que as relações econômicas entre Alemanha e Portugal fossem mantidas e não prejudicadas pelos acontecimentos nos Açores.

Embora nada felizes com Lisboa, os alemães pareciam acreditar que a concessão de Salazar aos aliados por sua vez facilitaria a exportação de uma quantidade maior de tungstênio português para a Alemanha. De sua parte, Salazar tentou minimizar a importância do acordo sobre os Açores, argumentando com as potências do Eixo que ele se referia apenas a um porto e um campo de aviação e que

as restrições à utilização das instalações pelos americanos eram rígidas.<sup>678</sup>

A Joint Intelligence Sub-Committee (JIC), a subcomissão de inteligência conjunta, que fornece pareceres ao gabinete britânico sobre questões de defesa e segurança, apresentou um relatório extremamente perspicaz no dia 11 de setembro de 1943, parecendo confirmar que eram remotas as chances de a Alemanha adotar ações militares contra Portugal.<sup>679</sup> Num prelúdio ao relatório da JIC, no dia 30 de junho, o presidente Roosevelt escrevera a Winston Churchill sobre o mesmo assunto,<sup>680</sup> sugerindo que, como os alemães não haviam invadido a península Ibérica quando as circunstâncias eram favoráveis, era pouco provável que tentassem uma invasão por terra agora que elas eram desfavoráveis. Acrescentou ainda que o que ele mais temia era que, como retaliação e como um aviso a outras nações neutras para não seguirem o mesmo caminho, a Alemanha lançasse ataques concentrados pelo ar e com submarinos contra Portugal.

Cada vez mais impaciente com Salazar, Churchill respondeu três dias depois, discordando de uma parte crítica da análise de Roosevelt.<sup>681</sup> Ele achava que ataques aéreos a Lisboa ou ao Porto não seriam do interesse dos alemães porque fechariam um valioso posto de escuta e permitiriam aos britânicos basear esquadrões aéreos em Portugal. A última hipótese reforçaria a proteção de comboios de navios aliados contra ataques aéreos alemães e também intensificaria as patrulhas britânicas na baía de Biscaia.<sup>682</sup> A conclusão de Churchill era de que os alemães não usariam ataques aéreos simplesmente por despeito.

O relatório da Joint Intelligence Committee apoiava a análise do primeiro-ministro, achando que o risco de um ataque da Espanha era insignificante, como era, dado o comprometimento de forças

terrestres nos vários teatros de guerra, um ataque por terra desde a França, entrando em Portugal através da Espanha.<sup>683</sup> A JIC sugeriu que a Alemanha nem sequer poderia convocar uma ofensiva naval significativa contra Lisboa, e que, combatendo em três teatros de guerra e cada vez mais tendo que defender cidades alemãs, a Força Aérea podia liberar apenas de 100 a 150 aeronaves para operações punitivas contra Portugal.

O relatório secreto revelava que, apesar de todo o compreensível desejo de Salazar de tentar garantir as melhores condições para a Grã-Bretanha em termos de seu compromisso com a defesa de Portugal, havia poucas perspectivas reais de um grande ataque contra sua soberania ou contra suas possessões coloniais. Em outras palavras, Salazar havia arrancado dos britânicos um bom acordo. O tratamento dado aos americanos, entretanto, deixaria um gosto muito amargo na boca em Washington. A partir daí, e até o final da guerra, Washington, por conseguinte, pressionaria Lisboa em todas as questões de forma bem mais firme do que os britânicos.

No dia 14 de setembro de 1943, o Ministério das Relações Exteriores português anunciou que o duque de Palmela sucederia Armindo Monteiro como embaixador de Portugal em Londres. O *Times*, de Londres, descreveu a nomeação do duque como uma garantia da continuidade das relações anglo-portuguesas em seguida ao chamado de Monteiro por Salazar.<sup>684</sup> O Ministério das Relações Exteriores havia feito de tudo para tentar adiar ainda mais o anúncio, com base em que ele poderia ser entendido como refletindo uma mudança na política portuguesa quando se tentava um acordo quanto à utilização de bases para os Açores. Salazar, entretanto, não estava com disposição para aceitar uma demora.<sup>685</sup>

Quando Campbell gentilmente indagou por que Monteiro estava sendo substituído, Salazar simplesmente indicou ao embaixador que

achava que Monteiro tinha perdido o equilíbrio. Na verdade, a nomeação do duque de Palmela por Salazar era um golpe de mestre diplomático. Embora os britânicos, e em particular o Ministério das Relações Exteriores, alimentassem um grande afeto por Monteiro, um aristocrata português educado em Cambridge, o duque de Palmela era uma alternativa aceitável para Londres.

As intrigas levantadas a respeito do chamado de Monteiro e, depois de saber de seu destino, suas continuadas tentativas de influenciar elementos oficiais a fim de obter apoio em Londres deram origem a uma nova rodada de especulações quanto à existência de uma trama maquiavélica em Londres para substituir Salazar. O líder português havia se queixado a Campbell sobre as tentativas de Monteiro para obter apoio em Londres e sugeriu que essa era uma das principais razões pelas quais ele não queria retardar o anúncio da nomeação do duque de Palmela.<sup>686</sup>

Não restou, no entanto, nenhuma evidência documentar publicada, sugerindo que Monteiro gozasse de algo mais do que um forte apoio do governo britânico. Qualquer ideia de uma trama apoiada pelos britânicos para tentar impugnar Salazar, promovendo Monteiro como um líder alternativo viável, pareceria desprezar vários fatores importantes. Apesar de ser extremamente solidário com o sofrimento pessoal de Monteiro, restam poucos indícios de que o Ministério das Relações Exteriores britânico concordasse com seu ponto de vista de que Portugal deveria compartilhar sua sorte com os aliados.

A política formal do governo em Londres continuava sendo a de que a neutralidade portuguesa era a melhor opção. Tendo servido em Londres por tanto tempo, faltava a Monteiro qualquer base de poder real em Lisboa. Sua partida da Inglaterra foi o assunto entre as fofoqueiras de Lisboa durante o verão de 1943. Monteiro se

tornou uma espécie de personagem cultuado para as facções anti-Salazar, mas não passou disso.<sup>687</sup>

Depois de retornar a Lisboa, Monteiro logo deixou a cidade para passar uns tempos no interior, longe das intrigas políticas da capital. Ao discutir o caso, Sampaio, o diretor-geral do Ministério das Relações Exteriores português, indicou apenas que, na sua opinião, políticos nunca deram bons diplomatas e quase sempre chegava uma hora em que o político ficava em primeiro plano. Monteiro lentamente foi sendo esquecido pelo público e logo substituído por outras figuras como herói das forças de oposição em Lisboa. Seu maior legado foi ter ajudado a manter as relações anglo-portuguesas num nível estável durante a primeira parte da guerra, quando elas estavam sob enorme tensão.

A nomeação do duque de Palmela foi muito bem recebida por Londres. (Churchill concedeu-lhe uma longa audiência em seu primeiro encontro e uma lição de história sobre as suas próprias raízes aristocráticas.) Entre importantes figuras portuguesas, a reação foi menos entusiasmada. A nomeação de Palmela foi vista pelos portugueses como boa para a Grã-Bretanha, mas não tão positiva para Lisboa.<sup>688</sup>

Um oficial importante no Ministério das Relações Exteriores português descreveu o duque de Palmela como um homem sem muita capacidade. Acrescentou que seria importante simplificar bem as questões significativas para ele compreender e enfatizar claramente os benefícios de suas negociações para Portugal. Palmela, afirmava o oficial, transmitiria fielmente o que lhe dissessem e compreendia isso. Não era, entretanto, um homem com talento para se expressar por escrito.<sup>689</sup>

Quando a campanha militar dos aliados entrou em seu estágio crucial, a invasão da Europa continental, o duque de Palmela teve

um papel importante como mensageiro entre os britânicos e Salazar com relação a vários assuntos. Havia surgido uma dúvida a respeito da inclusão de soldados portugueses para ajudar os aliados a retomar o Timor; ela ainda não fora resolvida. Havia crescentes tensões entre os aliados e Lisboa sobre as origens do ouro que o Banco de Portugal recebia como pagamento das vendas de tungstênio para a Alemanha. O andamento da guerra acelerava e Salazar compreendeu que tudo ia mudar.

---

**676** NARA/State Department Special Interrogation Mission, Interview with Baron Von Hoyningen-Huene, 11 de outubro de 1945, p. 3.

**677** NARA/RG457/8/Magic Diplomatic Summary, 2 de novembro de 1943.

**678** Ibid.

**679** PRO/WO/106/2935/War Cabinet Joint Intelligence Sub-Committee, Attack on Portugal, 11 de setembro de 1943.

**680** From Roosevelt to Churchill, 30 de junho de 1943, *Foreign Relations of the United States*, vol. 2, 1943, p. 536.

**681** From Churchill to Roosevelt, 3 de julho de 1943, *Foreign Relations of the United States*, vol. 2, 1943, p. 537.

**682** Ibid.

**683** PRO/WO/106/2935/War Cabinet Joint Intelligence Sub-Committee, Attack on Portugal, 11 de setembro de 1943, p. 1.

**684** PRO/FO/371/34706/ "Portugal Ambassador to Britain", *Times*, 15 de setembro de 1943.

**685** PRO/FO/371/34706/From Campbell to Foreign Office, 12 de setembro de 1943.

**686** PRO/FO/371/34706/From Campbell to Foreign Office, 9 de setembro de 1943.

**687** PRO/FO/371/34706/Campbell to Foreign Office, 16 de outubro de 1943.

**688** PRO/FO/371/34706/Campbell to Foreign Office, 21 de outubro de 1943.

**689** Ibid.

## Ouro nazista

**E**nquanto os aliados concentravam-se em planejar a Overlord, a invasão aliada da Europa continental, Salazar analisava cada vez mais atentamente o impacto que o final da guerra teria sobre Lisboa. Os acordos com relação aos Açores e a falta de qualquer reação militar significativa dos alemães haviam removido a ameaça imediata à neutralidade portuguesa. À medida que a guerra se dirigia para sua inevitável conclusão, entretanto, Lisboa se viu mais uma vez em foco. E dessa vez por todas as razões erradas.

Longe do conflito militar, três questões relacionadas dominavam os esforços aliados contra as potências do Eixo: o rastreamento dos pagamentos em ouro da Alemanha aos países neutros, as tentativas para impedir os alemães de contrabandear bens pilhados para fora da Europa, e a adoção e implementação de uma política clara quanto aos criminosos de guerra do Eixo. Salazar compreendia que o acordo sobre os Açores havia posicionado Portugal mais abertamente no campo aliado, embora ele ainda relutasse em comprometer o país totalmente com os aspectos da agenda política aliada.

Salazar ainda se apegava à esperança de uma rendição condicional alemã, que preservaria algo da estrutura de poder europeia continental<sup>690</sup> e impediria o que ele via como uma divisão da Europa entre os comunistas da União Soviética, a leste, e os capitalistas dos Estados Unidos, a oeste. Num discurso no dia 8 de fevereiro de 1944, Salazar argumentou que o estabelecimento de grandes novos

blocos políticos e econômicos internacionais era uma ameaça à independência e à integridade de Portugal e suas colônias.<sup>691</sup> O discurso foi interessante porque continha pouca coisa para tranquilizar os alemães, mas também mostrava pouco entusiasmo por uma vitória aliada.

Sentado sozinho em seu gabinete, tramando a política portuguesa de pós-guerra, Salazar confidenciou a diplomatas britânicos e americanos que via poucas perspectivas de a União Soviética se conduzir como um membro decente da família das nações europeias.<sup>692</sup> Para Salazar, o espectro de parte da Europa dominada pelos comunistas era difícil de aceitar. Ele temia que os comunistas portugueses usassem qualquer ganho da União Soviética como um chamado às armas para desafiá-lo.

Aparentemente para complicar ainda mais as coisas para Salazar, uma onda de greves e intranquilidade social se espalhou pela área de Lisboa durante o mês de maio de 1944. As greves, que aconteceram nos dias 8 e 9 de maio, foram parte de um esforço combinado da oposição para prejudicar seu regime.<sup>693</sup> Mas estavam também intimamente relacionadas a um acontecimento de igual preocupação para Salazar: o início do racionamento de pão no dia 20 de maio de 1944. Com outros artigos alimentares cada vez mais escassos, o pão havia se tornado o principal alimento para muitos dos operários das indústrias baseadas na área da Grande Lisboa.

O governo entendia bem de greves e a polícia fora colocada em alerta, antes que elas explodissem. Fontes da Inteligência norte-americana relataram que mais de mil pessoas foram presas. As greves se espalharam para a parte leste do rio Tejo até cidades como Barreiro, onde os comunistas desfrutavam de apoio geral. A onda de protestos só foi controlada depois do dia 9 de maio.<sup>694</sup>



Embora a imprensa, sob rígido controle do Estado, acusasse os comunistas pelas greves, a Inteligência britânica sugeriu que elas eram na verdade instigadas pelo governo português, como um meio de permitir aos trabalhadores expressarem sua raiva sem causar muitos prejuízos à economia. As evidências a favor da teoria britânica incluíam a limitada natureza das greves e o fato de que os agentes do governo vinham operando em muitas das fábricas e usinas que foram o pivô da agitação.<sup>695</sup> Os americanos adotaram a opinião de que as greves eram autênticas e quase certamente obra do Partido Comunista.<sup>696</sup> Entretanto, dois pontos importantes emergiram das greves. O primeiro foi que o governo parecia ter a situação relativamente sob controle e que a agitação era parte de um crescente sentimento de insatisfação de muita gente contra o governo. Os dias em que os cafés do Rossio exibiam uma diversidade de bolos de aparência exótica tinham desaparecido. A PVDE, cada vez com maior frequência, alertava Salazar sobre a crescente associação entre as privações impostas pela guerra e a escalada da oposição interna ao regime.<sup>697</sup>

Conforme a ameaça alemã recuava, tornava-se claro que a oposição, assim como o governo, fazia planos para a situação de pós-guerra em Lisboa. Enquanto desfrutasse do apoio da grande maioria de oficiais graduados nas Forças Armadas, Salazar estava relativamente seguro no poder. Mas estava claro também que, para manter seu papel a longo prazo, ele teria de oferecer algumas mudanças tanto na composição quanto nas políticas de seu governo.

Assim como tinha se preparado para a guerra, Salazar estava consciente dos desafios que teria pela frente e começou a preparar o regime para as realidades do pós-guerra e para a crescente atenção que os aliados prestavam a Lisboa e a suas negociações de guerra com os alemães. À medida que aumentavam as vitórias dos aliados

no campo de batalha, a necessidade de agradar Salazar diminuía. Estava claro que o principal ponto de disputa seria o grau em que se poderia dizer que Portugal se beneficiara economicamente com a guerra, e em particular se os pagamentos recebidos da Alemanha pelo fornecimento de tungstênio deviam ser considerados como “ganhos indevidos”.



No início de julho de 1943, a BBC (British Broadcasting Corporation) havia transmitido um alerta a Lisboa sobre o ouro alemão.<sup>698</sup> O comunicado avisava que todo ouro com insígnia alemã seria considerado pelos aliados como tendo sido roubado e estava, portanto, contaminado.<sup>699</sup> Era uma declaração severa que pretendia deixar claro a Lisboa que os aliados sabiam muito bem de onde vinha o ouro que os portugueses estavam recebendo. Os comerciantes de ouro em Lisboa quase entraram em pânico, exigindo que o Banco de Portugal trocasse suas barras com marcas alemãs por outras de origem incontestável.

Como o Banco de Portugal não concordou, os comerciantes começaram a arrumar um jeito de derreter o ouro, transformando-o em novas barras para depois vendê-las. Alguns desses donos de barras de ouro seguiram para a segunda cidade mais importante de Portugal, o Porto, onde havia boas oficinas de fundição e que não faziam perguntas.<sup>700</sup> Os comerciantes temiam perder suas fortunas se não disfarçassem a origem do ouro.

Em julho de 1944, a BBC transmitiu outra notícia sobre a chegada a Lisboa de um carregamento de ouro alemão, transportado da Suíça até Portugal.<sup>701</sup> A transmissão era em parte outro claro alerta de que o governo britânico não aceitaria a situação da chegada de ouro em Lisboa, fosse de fontes alemãs oficiais ou não oficiais. A

história dos carregamentos mencionada se baseava na evidência de uma fonte suíça, e não dava muitos detalhes ou análises. A notícia fora discreta, mas, não obstante, dominou a questão do papel das potências neutras durante a Segunda Guerra Mundial e, no caso de Portugal, também no período pós-guerra.

A notícia transmitida pela BBC havia sido detonada por uma carta recebida pelo Ministério das Relações Exteriores britânico, exigindo a proibição de se exportar ouro de Portugal. Oficiais do Ministério das Relações Exteriores, que sabiam havia tempo das transações com ouro envolvendo Portugal, discutiram o assunto e concluíram que o ouro que fora importado para Lisboa durante alguns anos estava em bancos portugueses e não tinha sido exportado. Mais especificamente, o carregamento de ouro da Suíça para o qual a BBC chamara atenção não havia sido entregue a um banco português, mas seguido diretamente para a Legação Alemã, em Lisboa.<sup>702</sup>

Em particular, os serviços de Inteligência tanto britânicos quanto americanos haviam notado a chegada desse ouro em Lisboa. De 26 de junho a 4 de julho, chegaram quatro carregamentos de ouro, pesando 80 quilos cada e totalizando 320 quilos.<sup>703</sup> Um deles viera na mala postal diplomática; os outros em malas sem selo, carregadas por dois guardas. O ouro foi transferido imediatamente para a embaixada alemã em Lisboa. A embaixada havia encomendado a fundição de dois cofres grandes a uma empresa local, do distrito de Benfica.<sup>704</sup> Um cofre era destinado à própria embaixada, o segundo era para o porão de uma concessionária de automóveis.

No final de agosto, a Inteligência reportou que a concessionária, dirigida por um português, Diniz d'Almeida, tinha 3 mil quilos de ouro sob sua guarda.<sup>705</sup> O salão de exposição de D'Almeida ficava na

avenida da Liberdade, na mesma avenida que os melhores hotéis da cidade, onde muitos dos refugiados haviam se hospedado. Os americanos acreditavam que a concessionária, que vendia Buicks, servia como fachada para depósitos de ouro alemão.<sup>706</sup> Agentes da Inteligência aliada pensavam que o ouro acabava sendo distribuído entre várias empresas alemãs em Lisboa.<sup>707</sup> Mais ou menos na mesma época, houve relatórios sobre um imenso aumento na utilização de caixas de depósito em custódia nos cofres de bancos locais, especificamente no banco Montepio Geral.<sup>708</sup>

Quando os americanos pediram ao Banco de Portugal para investigar esse caso específico, o banco simplesmente afirmou que não tinha nenhum conhecimento oficial de importações de ouro pelos alemães.<sup>709</sup> Investigando melhor, descobriu-se que os oficiais da Alfândega no aeroporto local diziam também não ter conhecimento, ou registro, dessa importação. As informações fornecidas por fontes da Inteligência local sobre o caso ressaltavam o movimento, mas os aliados admitiam que em muitos casos era difícil obter prova definitiva.<sup>710</sup> Os importadores portugueses e alemães de ouro faziam de tudo para encobrir suas pistas. O método preferido era a troca do ouro por outro de origem diferente.

A transmissão da BBC foi acompanhada por uma série de artigos em jornais britânicos sobre o mesmo assunto. O embaixador português em Londres, o duque de Palmela, então, escreveu a Salazar alertando-o.<sup>711</sup> A mídia havia revelado a história, cujos fatos não compreendeu muito bem na época, não mais do que compreendia a escala e a importância dos carregamentos de ouro para Lisboa.

As origens da trilha envolvendo Portugal e o ouro alemão podiam ser traçadas desde 1940. A quantidade de ouro envolvido era espantosa. Em 1939, as reservas de ouro de Portugal somavam

apenas 63,4 toneladas, mas no final de outubro de 1945 totalizavam 356,5 toneladas, um aumento de quase 600% sobre os valores de antes da guerra. Mais especificamente, Portugal recebeu durante a guerra 123,8 toneladas de ouro, seja direta ou indiretamente, só do Reichsbank.<sup>712</sup>

O aumento das reservas de ouro foi em grande parte gerado pelo crescimento das exportações de Portugal para a Alemanha. Só em 1940, 1,79% das exportações de Portugal tiveram como destino a Alemanha, mas em 1942 esse número havia aumentado em 24,38%. Desde o início da guerra, a questão de como a Alemanha pagava a Portugal por suas mercadorias era um pomo da discórdia entre os dois países. Salazar não queria fornecer mercadorias para a Alemanha a crédito, e a moeda europeia estava ficando cada vez mais contaminada por notas falsas produzidas por impressoras nos países que a Alemanha havia ocupado.

Para Salazar e para o Banco de Portugal, o modo mais lógico e seguro de pagar pelas mercadorias portuguesas era com ouro. Em comparação com a moeda, o preço do ouro era muito menos volátil na guerra e o crédito era bem mais complexo de se negociar. Em 1940, o ouro era uma perspectiva atraente, mas com o progredir da guerra os aliados cada vez mais questionavam de onde ele vinha. Conforme aumentavam as exigências de países neutros de serem pagos em ouro pela Alemanha, ficou claro que os alemães estavam sacando de reservas em ouro pilhadas de países ocupados.

Desde o início da guerra, a Alemanha havia adquirido reservas de ouro à medida que ocupava os países. Esse ouro era tirado dos bancos nacionais, de negócios privados e da população.<sup>713</sup> O valor total do ouro pilhado pelos alemães, entre 1939 e 1945, foi moderadamente estimado pelo Ministério de Economia de Guerra britânico entre 545 e 550 milhões de dólares. Esse número baseou-

se principalmente no roubo de bancos nacionais ocupados, mas não incluía o roubo de ouro de pessoas. Os alertas dos americanos a Lisboa, resultantes dessa descoberta, levaram a um processo de tentativa de encobrir a origem do metal, em geral derretendo-o. Levou também a uma das maiores operações de lavagem, envolvendo bancos alemães, suíços e portugueses.

---

**690** NARA/RG84/94/General Records of the Embassy in Lisbon/From Norweb to State Department, 25 de maio de 1944.

**691** NARA/RG84/94/General Records of the Embassy in Lisbon/From Crocker to State Department, 15 de fevereiro de 1944.

**692** NARA/RG84/94/General Records of the Embassy in Lisbon/From Norweb to State Department, 24 de agosto de 1944.

**693** NARA/RG84/102/General Records of the Embassy in Lisbon/From Crocker to Secretary of State, 13 de maio de 1944.

**694** Ibid.

**695** Ibid.

**696** NARA/RG226/893/From the Naval Attache to Washington, Brief, 15 de maio de 1944.

**697** PT/TT/AOS/CO/IN-8D-17B/21<sup>ST</sup> Report of the PVDE, 23 de junho de 1943, p. 10.

**698** António Telo, *A neutralidade portuguesa e o ouro nazista* (Lisboa: Quetzal Editores, 2000), p. 215.

**699** NARA/RG84/90/General Records of the Embassy in Lisbon, Gold Imports into Portugal: Two Aspects, 12 de outubro de 1944, p. 2.

**700** NARA/RG56/23/Sale of Contaminated Gold by Bank of Portugal, 27 de julho de 1943.

**701** PRO/FO/371/39642/Foreign Office Minute, BBC Report Gold Shipment to Lisbon, 4 de julho de 1944.

**702** Ibid.

**703** NARA/RG84/90/General Records of the Embassy in Lisbon, From Norweb to Secretary of State, 18 de julho de 1944; também 10 de julho de 1944.

**704** NARA/RG84/90/General Records of the Embassy in Lisbon, Memorandum, Gold from Germany, 10 de julho de 1944.

**705** NARA/RG84/90/General Records of the Embassy in Lisbon, From Ives to Dexter, Memorandum, 26 de agosto de 1944.

**706** Ibid.

**707** NARA/RG84/90/General Records of the Embassy in Lisbon, Memorandum, Gold from Germany, 10 de julho de 1944.

**708** NARA/RG84/90/General Records of the Embassy in Lisbon, Supplementary to Memorandum, Gold from Germany dated July 10, 1944, and July 12, 1944.

**709** NARA/RG84/90/General Records of the Embassy in Lisbon, From Norweb to Secretary of State, 18 de julho de 1944, também 10 de julho de 1944.

**710** NARA/RG84/90/General Records of the Embassy in Lisbon, From Dickerson to State Department, 12 de outubro de 1944.

**711** Filipe Ribeiro de Meneses, *Salazar: A Political Biography* (Nova York: Enigma Books, 2009), p. 331.

**712** António Loufa e Ansgar Schafer, "Portugal and the Nazi Gold: The Lisbon Connection in the Sale of Looted Gold by the Third Reich", *Yad Vashem*, Jerusalém, s/d, p. 2.

**713** History Notes: Nazi Gold Information from the British Archives, nº 11, Foreign and Commonwealth Office, janeiro de 1997, p. 1.

## Triângulo dourado

No início de 1942, o Banco de Portugal foi procurar Salazar em seu gabinete em Lisboa para informá-lo de que, em sua estimativa, boa parte do dinheiro usado pelos alemães para pagar mercadorias portuguesas era falsa. Na verdade, a qualidade das notas falsas, que no início tinha sido excelente, estava em declínio porque os clichês das prensas alemãs estavam ficando velhos. Nas seis reuniões que se seguiram, entre 30 de abril de 1942 e 27 de maio de 1942, houve uma série de negociações em torno da exigência do Banco de Portugal de que o Reichsbank pagasse quase exclusivamente em ouro e não em moeda.<sup>714</sup>

Só na terceira reunião, em 18 de maio de 1942, é que os oficiais portugueses apresentaram formalmente o pedido de pagamento em ouro pela venda de tungstênio à Alemanha.<sup>715</sup> Simplesmente disseram a seus colegas alemães que não era prático receber em moeda. No quarto encontro, dois dias depois, a 20 de maio, os portugueses falaram de dificuldades de transporte para trazer grandes quantidades de moeda corrente da Alemanha para Portugal e formalmente exigiram pagamento em ouro,<sup>716</sup> que seria depositado num esquema complexo no Swiss National Bank, em Berna, e transferido para o Banco de Portugal, em Lisboa.

Seis dias mais tarde, durante uma longa reunião, no dia 26 de maio, foi traçado um modelo minucioso, determinando exatamente como seria feita a transferência do ouro e definindo uma metodologia para calcular o câmbio.<sup>717</sup> No encontro final, no dia 27



de maio, os respectivos presidentes do Banco de Portugal e do Reichsbank acertaram os detalhes sobre como a Alemanha pagaria pelo tungstênio português.<sup>718</sup> No final dos seis encontros, o Banco de Portugal manifestou-se satisfeito com o resultado.

Salazar compreendeu que o sigilo era importantíssimo nessas negociações financeiras com os alemães e quis certificar-se de não haver nenhuma transferência direta da Alemanha para Portugal. Os alemães também cooperavam com a necessidade de despistar.<sup>719</sup> No final de 1942 e início de 1943, os britânicos compreenderam boa parte do que estava acontecendo sobre as negociações com ouro.<sup>720</sup> Usando informações recebidas por cabogramas interceptados, acompanhando o movimento de rendimentos bancários suíços e portugueses, e com dicas secretas de agentes locais, o Ministério de Economia de Guerra e o Banco da Inglaterra começaram a perceber como eram feitas essas negociações sigilosas.

O método empregado para evitar qualquer contato direto era extraordinariamente simples. Importantíssimo para o processo foi o Bank for International Settlements (BIS), em Basileia. Três partes estavam envolvidas no processo: o BIS, o Swiss National Bank (SNB) e os principais bancos comerciais.<sup>721</sup> Uma típica negociação funcionava do seguinte modo: o Banco de Portugal entregava escudos em troca de ouro, que o SNB, atuando como um fiduciário para os portugueses, tinha pronto para o embarque até Lisboa.<sup>722</sup>

Na outra ponta da cadeia, o Reichsbank usava ouro para adquirir uma grande quantidade de escudos por meio de transações com bancos comerciais suíços. Depois de vender o ouro, os bancos comerciais disponibilizavam francos suíços para o Banco de Portugal, que por sua vez os usava para comprar ouro do SNB.<sup>723</sup> Nem todas as transações exigiam o transporte físico do ouro para Lisboa.<sup>724</sup> Transportar ouro durante a guerra era ao mesmo tempo dispendioso

e arriscado. Apenas por causa do grande volume adquirido por Portugal tanto de Basileia quanto de Berna é que o transporte de parte dele se tornou necessário.<sup>725</sup>

Os bancos suíços foram parceiros de extrema complacência nessas transações com Portugal e com outras potências neutras que negociavam com os alemães.<sup>726</sup> Na verdade, os apelos dos aliados aos suíços durante a Segunda Guerra Mundial para interromper, ou pelo menos limitar, seu papel no comércio com os alemães caíram em ouvidos moucos. Quando Salazar finalmente moderou as atividades com os alemães, os suíços não deram nenhum sinal similar de diminuir o ritmo e continuaram a negociar sem qualquer escrúpulo até o final da guerra.

O mais próximo que os Estados Unidos chegaram de conseguir que os suíços bloqueassem todos os bens dos alemães foi em fevereiro de 1945, quando a máquina de guerra alemã estava praticamente derrotada.<sup>727</sup> O Departamento do Tesouro americano conseguiu um acordo para que se fizesse um censo de todos os bens alemães existentes na Suíça, para que a compra de mais ouro fosse interrompida e se impedisse a transferência de bens saqueados. Uma semana mais tarde, entretanto, os suíços violaram o acordo, quando o subdiretor do Reichsbank chegou ao país e conseguiu convencê-los a aceitar mais ouro alemão.<sup>728</sup>

Dois acontecimentos em 1942 complicaram o triângulo do ouro português-suíço-alemão. A crescente dependência alemã do fornecimento de tungstênio português de que precisavam significava que, aumentando o volume desse comércio, o mesmo acontecia com a necessidade de transações em ouro correspondentes. Além do mais, a Inteligência aliada estava ficando cada vez melhor na fiscalização das atividades econômicas em Lisboa.<sup>729</sup> Em parte, a razão para esse sucesso era a habilidade das agências de serviço

secreto aliadas em oferecer incentivos financeiros à população local em troca de informações concernentes às negociações em ouro. Os sucessos dos aliados nessa área podiam também ser atribuídos à crescente importância dada às tentativas de se atingir esse comércio, e à combinação de recursos humanos e financeiros oferecidos para se adequar a essa nova prioridade.<sup>730</sup>

Desde 1942, as agências de Inteligência aliadas, tanto em Portugal quanto na Suíça, forneciam evidências detalhadas do comércio em ouro de Portugal.<sup>731</sup> Antes de 1942, a Inteligência aliada percebeu vários exemplos desse comércio, mas o quadro estava longe de ser completo e as evidências colhidas muitas vezes baseavam-se em apenas uma única fonte de informação. Está claro também que, em Lisboa, os britânicos e americanos dividiam abertamente os frutos de seus esforços para colher evidências do comércio de ouro.<sup>732</sup> O que nem sempre era o caso em outras áreas relacionadas com o serviço secreto.

A embaixada britânica em Lisboa catalogou uma cronologia bastante ampla do comércio.<sup>733</sup> O que ficou evidente desde o início foi o envolvimento dos grandes bancos comerciais de Lisboa na operação e o fato de Salazar encorajá-los. Na verdade, devido à intimidade de Salazar com importantes banqueiros, como Ricardo Espírito Santo, presidente do Banco Espírito Santo (BES), teria sido inconcebível que os bancos comerciais portugueses agissem como fizeram, sem seu formal consentimento. Espírito Santo admitiu isso em seu jantar com James Wood, o adido financeiro dos Estados Unidos em Lisboa, na noite de 18 de setembro de 1943.<sup>734</sup> Salazar era quem definia os parâmetros para todos os aspectos do relacionamento econômico entre Lisboa e Berlim.

Durante o jantar, Espírito Santo lembrou-se de ter perguntado a Salazar se o seu banco devia ou não suspender os negócios com os

alemães. Salazar respondeu que compreendia que o resultado da guerra estava claro e que os aliados venceriam, mas que ele pensava que não seria cortês suspender todos os negócios com os alemães.<sup>735</sup> Como todos os bancos de Lisboa, o BES recebia instruções de Salazar e de ninguém mais. Mesmo quando muitos bancos foram atingidos por uma série de escândalos em 1944, Salazar manteve rígido controle sobre seu *modus operandi*, iniciando uma série de investigações sobre a origem das irregularidades.<sup>736</sup>

No dia 27 de fevereiro de 1942, os britânicos afirmaram que os bancos portugueses, incluindo o BES, o FONSECAS e o SANTOS e VIANA, estavam fazendo grandes esforços para trocar o ouro que haviam recebido recentemente da Suíça por moedas de ouro britânicas e americanas.<sup>737</sup> O relatório citava exemplos específicos da troca de barras por moedas de ouro, ocorrida entre 20 de março e o final de abril de 1942.

No início de 1942, os britânicos perceberam – erradamente, conforme se revelou – que a não entrega a Lisboa de ouro, comprado pelo Banco de Portugal, se devia aos temores da Suíça de que os aliados no futuro a considerassem responsável, uma vez que o ouro viera de países ocupados. Em julho de 1943, a Inteligência britânica descobriu novas evidências de que o Banco de Portugal havia vendido a cambistas lisboetas barras de ouro com a marca do Reichsbank e a suástica.<sup>738</sup>

Os americanos exigiram uma ação contra os bancos portugueses. A embaixada americana queria, especificamente, que o BES fosse alertado por suposta violação de um acordo que havia assinado no dia 15 de agosto de 1944.<sup>739</sup> Os americanos reconheciam que o banco estava se esforçando bastante para reduzir a quantidade de negócios que tinha com os alemães. O banco dera como garantia o fechamento das contas alemãs que mantinha em seus livros. Mas

quando o BES começou a fechar as contas do Reichsbank, os alemães simplesmente atravessaram a rua e transferiram seus depósitos para contas no Banco Lisboa e Açores. Conseqüentemente, houve pedidos dos americanos para que esse banco também fosse alertado sobre suas atividades.<sup>740</sup>



Fazia tempo que o Departamento de Estado americano pedia ações pessoalmente contra Ricardo Espírito Santo.<sup>741</sup> O embaixador britânico, Ronald Campbell, entretanto, impedia qualquer movimento para colocar em uma lista negra o homem que hospedara em sua casa o duque e a duquesa de Windsor. No final, a embaixada americana em Lisboa concordou com a opinião de Campbell, que argumentava que qualquer movimento contra Espírito Santo teria sérias repercussões políticas devido à importância de sua instituição e a crença de Salazar de que, sob sua política de neutralidade, os bancos portugueses deviam oferecer serviços a todos os lados.<sup>742</sup>

No final de maio de 1944, Ricardo Espírito Santo, junto com outros diretores do BES, ofereceu-se espontaneamente para cooperar com os aliados, perguntando que transações bancárias deveriam ser interrompidas.<sup>743</sup> Os americanos ficaram muito satisfeitos com a oferta, acreditando que os aliados é que haviam obrigado o banco a tomar tal atitude.<sup>744</sup> Os aliados responderam ao BES com uma lista de 15 atividades que precisavam ser suspensas, entre elas todas as transações bancárias com os alemães.<sup>745</sup> Nesse caso, o BES liderava a matilha em termos da reação de outros bancos.

Os americanos achavam que assim que o BES entrasse na linha todos os outros bancos fariam o mesmo.<sup>746</sup> Era sabido que o processo de tomada de decisão no BES era muito mais rápido do que em outros bancos. Na maioria dos casos, quem decidia era

Ricardo Espírito Santo,<sup>747</sup> em contraste com outras casas bancárias que tinham que conseguir a aprovação de suas respectivas diretorias.<sup>748</sup> Em junho de 1944, estava claro que Espírito Santo, como Salazar, começava a se preparar para o fim da guerra e a vitória dos aliados.

Durante o verão de 1944, o desconforto dos americanos com o BES continuava a se manifestar num sentimento de frustração com a atitude dos britânicos em relação a Ricardo Espírito Santo. A embaixada americana especulava que, durante algum tempo, ele havia sido de grande utilidade diplomática para o embaixador britânico, Ronald Campbell: já que Espírito Santo era tão íntimo de Salazar, podia lhe retransmitir coisas que os britânicos não podiam ou não lhe diriam diretamente.<sup>749</sup> Em termos de antecedentes, era verdade dizer que Ricardo Espírito Santo continuava mais próximo em cultura e educação dos britânicos do que dos americanos. Ele passara uns tempos em Londres antes da guerra e os britânicos alegavam que entre seus muitos desejos estava a esperança de uma nomeação para a embaixada na capital inglesa.<sup>750</sup>

No dia 9 de setembro de 1944, as agências de Inteligência aliadas revelaram mais detalhes envolvendo o Banco de Portugal. Dessa vez, foi um esquema entre o banco e o governo português, cujo depósito de ouro pelo último em Nova York era transferido para o nome do banco contra a transferência de uma quantidade exata de ouro comprado pelo Reichsbank (com as marcas do banco e da suástica) depositado em Lisboa.<sup>751</sup> A embaixada britânica em Londres alegava que o objetivo do banco era tentar se livrar do ouro comprado por meio de seu esquema com o Reichsbank e com o Banco Nacional Suíço.

Cinco dias mais tarde, em 14 de setembro de 1944, a embaixada britânica em Lisboa recebia informações detalhadas e

aparentemente confiáveis, dizendo que o Banco de Portugal havia vendido, e continuava vendendo, grandes quantidades do ouro depositado em seus cofres de segurança. Figuras graduadas do banco tentavam convencer outros bancos e banqueiros, cambistas e até joalheiros a comprarem o ouro deles para derreter.<sup>752</sup>

Embora boa parte dessas informações secretas colhidas pelos aliados provasse ser exata, as evidências nem sempre eram consideradas abrangentes o bastante para se tomar uma atitude contra os vários indivíduos e instituições envolvidos. Havia mais um problema relacionado com o aspecto humano da coleta de informações secretas, pois parecia haver uma espécie de indústria entre a população local na tentativa de ganhar dinheiro, oferecendo aos aliados “notícias picantes” que na realidade nada mais eram do que fofocas de bar.

Uma vez tendo a maré da guerra virado a favor dos aliados, depois de 1943, havia também a sensação de que certos indivíduos que costumavam ser íntimos em negociações com os alemães estavam interessados em agradar o outro lado. Houve casos de industriais e banqueiros locais que tentavam tirar seus nomes das listas negras aliadas e denunciando outros. A fonte mais confiável de informação para os aliados continuava sendo os cabogramas interceptados, que os ajudavam a montar um quadro bem mais preciso das transações em ouro que Salazar jamais imaginara.<sup>753</sup>

---

**714** PT/TT/AOS/CO/NE-2/16/Record of Meetings on German Payments for Wolfram, 30 de abril–27 de maio de 1942.

**715** Ibid., 18 de maio de 1942.

**716** Ibid., 20 de maio de 1942.

**717** Ibid., 26 de maio de 1942.

**718** Ibid., 27 de maio de 1942.

**719** Tom Bower, *Nazi Gold: The Full Story of the Fifty Year Swiss-Nazi Conspiracy to Steal Billions from Europe's Jews and Holocaust Survivors* (Londres: HarperCollins, 1997), p. 53.

**720** History Notes: Nazi Gold Information from the British Archives, n° 11, Foreign and Commonwealth Office, janeiro de 1997, p. 4.

**721** Christian Leitz, *Nazi Germany and Neutral Europe during the Second World War* (Manchester: Manchester University Press, 2000), p. 161.

**722** History Notes: Nazi Gold Information from the British Archives, n° 11, Foreign and Commonwealth Office, janeiro de 1997, p. 4.

**723** Leitz, *Nazi Germany and Neutral Europe*, p. 161.

**724** António Louga e Ansgar Schafer, "Portugal and the Nazi Gold: The Lisbon Connection in the Sale of Looted Gold by the Third Reich", *Yad Vashem*, Jerusalem, s/d, p. 3.

**725** Ibid., p. 4.

**726** Stuart Eizenstat, *Imperfect Justice: Looted Assets, Slave Labor, and the Unfinished Business of World War II* (Nova York: PublicAffairs, 2003), p. 50.

**727** Ibid., p. 104.

**728** Ibid.

**729** NARA/RG84/90/General Records of the Embassy in Lisbon/Suggestions of Making and Inventory of Enemy Assets in Portugal, 6 de setembro de 1944.

**730** Ibid.

**731** Bower, *Nazi Gold*, p. 53.

**732** NARA/RG84/90/General Records of the Embassy in Lisbon/Flight of Axis Capital, 23 de agosto de 1944.

**733** NARA/RG84/90/General Records of the Embassy in Lisbon, Gold Imports into Portugal: Two Aspects, 12 de outubro de 1944.

**734** NARA/RG56/23/From Wood to White, Assistant Secretary of Treasury, 27 de setembro de 1943.

**735** Ibid.

**736** NARA/RG226/744/From Naval Attache to Washington, Brief, 15 de fevereiro de 1944.

**737** NARA/RG84/90/General Records of the Embassy in Lisbon, Gold Imports into Portugal: Two Aspects, 12 de outubro de 1944, p. 1.

**738** Ibid.

**739** NARA/RG131/346/From Post to Fleischer, Activities of Portuguese Banks, 22 de dezembro de 1944.

**740** Ibid.

**741** NARA/RG131/346/From Embassy in Lisbon to Secretary of State, 3 de março de 1943.

**742** Ibid.

**743** NARA/RG169/9I/From London to Secretary of State, Washington, 1º de junho de 1944.

**744** NARA/RG169/9I/From American Embassy London to Secretary of State, 22 de junho de 1944.

**745** NARA/RG169/9I/From London to Secretary of State, Washington, 1º de junho de 1944.

**746** NARA/RG56/23/Memorandum, Control of Banks in Portugal, 8 de junho de 1944.

**747** NARA/RG56/23/Classified Correspondence of Embassy in Lisbon, From Wood to U.S. Treasury, 27 de setembro de 1943, p. 2.

**748** Ibid., p. 4.

**749** NARA/RG56/2/Some Notes on the Situation in Portugal, 31 de julho de 1944, p. 6.

**750** PRO/FO/371/49534/Leading Personalities in Portugal, 20 de setembro de 1947.

**751** NARA/RG84/90/General Records of the Embassy in Lisbon, Gold Imports into Portugal: Two Aspects, 12 de outubro de 1944, p. 3.



**752** Ibid.

**753** History Notes: Nazi Gold Information from the British Archives, Foreign and Commonwealth Office, nº 11, janeiro de 1997, p. 4.

## *Safehaven* e criminosos de guerra

O pior problema para Salazar era a legitimidade das origens do ouro que os alemães estavam usando para pagar os portugueses. Estava claro que os alemães não roubavam ouro apenas dos bancos centrais dos países que haviam ocupado durante a guerra.<sup>754</sup>

Logo no início de 1943, era evidente que eles também estavam roubando ouro de judeus individualmente, os dentes de ouro, relógios, anéis e outras joias das vítimas do Holocausto, que em seguida era derretido pelo Prussian Mint e pela Degussa Company, em Frankfurt. Depois disso, o ouro era fundido em barras e recebia o selo oficial do Reichsbank para parecer que se originava de fontes oficiais. Essas barras mais tarde eram enviadas ao Banco Nacional Suíço, que as comercializava como qualquer outro ouro.<sup>755</sup>

Lá pelo final da guerra, os alemães aumentaram seus esforços para tirar o ouro da Alemanha e da França. Lisboa era o destino natural, onde poderia ser vendido no seu câmbio ou contrabandeado para a América do Sul. Em setembro de 1944, o serviço de Inteligência aliado relatou o grande aumento de voos noturnos irregulares de Berlim para Barcelona e depois para Lisboa.<sup>756</sup>

Cedo naquele mesmo ano, os alemães haviam acrescentado vários voos à rota Berlim–Lisboa num avião grande. Um diplomata sueco baseado no local afirmou que esses voos tinham sido usados para transportar ouro e outros bens saqueados para fora de Berlim.<sup>757</sup> O diplomata afirmou que quase não havia nenhum passageiro nesses

voos fantasmas, que não eram anunciados ao público. Outras fontes confirmaram que voos da Lufthansa para Lisboa quase invariavelmente transportavam algum ouro, em sacos sem marca, nos porões do grande avião Condor.<sup>758</sup> A embaixada britânica, por conseguinte, escreveu a Salazar protestando contra o serviço da Lufthansa e exigindo que fosse suspenso.<sup>759</sup> Em 1945, os americanos fizeram o mesmo, de novo sem resultado.

O aeroporto Portela, de Lisboa, foi cenário de muito contrabando no final da guerra. Inaugurado durante o conflito, operava o tráfego aéreo tanto das potências aliadas quanto das do Eixo. O aeroporto ficava a apenas sete quilômetros do centro e os traslados para os glamourosos hotéis da cidade levavam só 20 minutos. Apesar de próximo da cidade, Portela ainda parecia isolado. No filme *Casablanca*, Ilsa Lund (Ingrid Bergman) e Victor Laszlo (Paul Henreid) deviam voar para Portela; de fato, o aeroporto de Portela era bem parecido com a versão cenográfica do aeroporto de Casablanca.

Com frequência, à noite, o aeroporto sofria com a cerração que vinha do rio ou das colinas de Sintra. Isso naturalmente contribuía para sua atmosfera cinzenta. Agentes de ambos os lados vigiavam e registravam os detalhes de todos os voos. Era fácil subornar funcionários da Alfândega portuguesa para conseguir uma cópia das listas de carga dos aviões.

O distanciamento de Salazar das emoções da guerra e seus frios e racionais métodos de negociação eram, em alguns aspectos, uma bênção para Lisboa, mantendo Portugal fora do conflito. Esse desligamento, entretanto, às vezes fazia pensar numa falta de compaixão pelo sofrimento associado à guerra. A triste situação dos judeus revelava as complexidades tanto da forma como Salazar abordava a guerra quanto da sua própria personalidade.

Salazar fazia questão de estar bem informado. Em seus papéis conjuntos, de primeiro-ministro e ministro das Relações Exteriores, sua prioridade era estar totalmente atualizado a respeito dos acontecimentos, lendo os vários cabogramas de suas embaixadas. Quanto a isso, é preciso lembrar que Portugal manteve plenas relações diplomáticas com a Alemanha enquanto durou a guerra e tinha embaixada com um bom quadro de funcionários em Berlim. Mesmo antes de explodir a Segunda Guerra Mundial, Salazar foi colocado a par da crescente perseguição nazista aos judeus e, durante o conflito, era rigorosamente informado sobre a tragédia do Holocausto em desenvolvimento.

Já em novembro de 1935, num cabograma a ele endereçado, a embaixada portuguesa observara o crescente ódio aos judeus e o desejo de que os nazistas livrassem a Alemanha de sua influência.<sup>760</sup> Num relatório minucioso sobre a Nova Ordem na Alemanha, apresentado pela legação portuguesa em Berlim em 15 de novembro de 1941, a maior diferença entre Portugal e Alemanha era vista na forma como cada país tratava os judeus.<sup>761</sup>

O relatório falava sobre o programa desumano direcionado aos judeus e da refinada e premeditada crueldade com que eram tratados. O relatório também relatava o início do programa para limpar a Europa dos judeus nos países ocupados pelos alemães. Em seu papel de ministro das Relações Exteriores, Salazar respondeu ao relatório com uma réplica de 10 páginas. A resposta por escrito não mencionava a questão dos judeus ou de seu sofrimento, focalizando, em vez disso, a diferença nas relações Igreja-Estado de cada país.<sup>762</sup>

Representantes diplomáticos graduados, tanto britânicos quanto americanos, em Lisboa, alertaram Salazar de que o ouro que Portugal estava recebendo, seja direta ou indiretamente, era contaminado e, em 1944, era roubado de vítimas do Holocausto.

Ainda assim, Salazar insistia que a perseguição aos judeus era um assunto interno do Terceiro Reich. Ele argumentava que Portugal havia assinado acordos com a Alemanha que exigiam termos de pagamento e que essas eram bases legítimas para continuar a receber pagamento, fosse lá de que forma, dos alemães.

Os aliados não ficaram satisfeitos em seguir a pista das transações com ouro da Alemanha através da Suíça até Lisboa. Em outubro de 1944, eles lançaram o programa *Safehaven*. Os governos britânico e americano apresentaram aos países neutros europeus uma série de passos necessários para implementar a Breton Woods Resolution VI.<sup>763</sup> Em termos específicos, os portugueses foram requisitados a congelar bens saqueados, descobrir e controlar propriedades do Eixo em Portugal e guardar bens alemães para as eventuais autoridades pós-guerra na Alemanha. Desnecessário dizer, Salazar não ficou entusiasmado com o *Safehaven*. Antes da rendição alemã, em maio de 1945, os aliados não receberam nenhuma resposta formal de Portugal.

De certa forma, os aliados facilitaram as coisas para Salazar. O método exato para implementar os objetivos do *Safehaven* em Portugal nunca ficaram totalmente acertados entre britânicos e americanos.<sup>764</sup> Diversas conferências foram realizadas entre diplomatas britânicos e americanos na tentativa de resolver qual seria a melhor maneira de colocar em execução o programa *Safehaven* de modo efetivo. O cenário complicava as coisas. Os britânicos estavam ocupados renegociando o *British-Portuguese Financial Payment Agreement*, um acordo econômico com os portugueses, enquanto os americanos ainda lidavam com as negociações sobre o acesso aos Açores. Somente no dia 7 de maio de 1945, uma semana depois da morte de Hitler, a versão final das

exigências aliadas para o *Safehaven* foi entregue ao Ministério das Relações Exteriores português.<sup>765</sup>

A resposta de Salazar ao programa *Safehaven* foi prometer muito, mas na realidade não cumprir tanto quanto os aliados haviam esperado. Só quando o combate rapidamente se aproximava do final foi que Salazar deu a ordem para serem proativos e sempre que possível cooperarem com os grupos do *Safehaven* aliados que trabalhavam em Portugal. No dia 22 de março de 1945, Portugal publicou uma lei que imobilizava propriedades móveis que tivessem sido saqueadas. A 14 de maio de 1945, foi aprovada uma lei concordando com quase todas as exigências feitas na nota apresentada no dia 7 de maio pelos aliados. O decreto exigia um recenseamento para localizar e catalogar bens alemães em Portugal, o congelamento desses bens e também do câmbio de moedas.<sup>766</sup>

Apesar desse aparente surto de boa vontade quando a guerra estava para terminar, a realidade da Operação *Safehaven* em Lisboa foi muito mais complicada. As autoridades portuguesas deram apenas uma cooperação muito limitada aos grupos do *Safehaven* no país.<sup>767</sup> Era evidente que, não importava o que Salazar tivesse decretado, ainda havia muitas atividades em Lisboa que batiam de frente com os objetivos do *Safehaven*.<sup>768</sup>

Quando o colapso do Exército alemão e sua derrota final pareceram inevitáveis, houve mudanças na legação alemã em Lisboa que ajudaram a permitir que Salazar se distanciasse dos alemães. O embaixador, barão Von Hoyningen-Huene, foi chamado de volta a Berlim para consultas com o Ministério do Exterior naquela cidade e não retornou mais a seu posto. Embaixadores alemães em outros países neutros europeus também foram substituídos mais ou menos na mesma época. A proposta para a substituição de Hoyningen-Huene foi rejeitada por Lisboa e a segunda escolha dos alemães não

assumiu o gabinete antes de terminada a guerra. Como Ronald Campbell admitiu, Hoyningen-Huene tinha sido um adversário digno. Ele conseguira cair nas graças de importantes setores da sociedade lisboeta e gozava de bom relacionamento de trabalho com Salazar.

Conforme se acelerava o andamento da guerra, parecia que Salazar, com sua relutância em adotar mudanças rápidas, ficava para trás. Ele se recusava a endossar a declaração dos aliados sobre criminosos de guerra, o que exigia procedimentos legais contra aqueles que se acreditava terem cometido crimes.<sup>769</sup> Mais uma vez, as missões britânicas e americanas em Lisboa se apressaram na tentativa de convencê-lo a entrar no barco.

O governo português argumentou não haver nenhuma definição clara para o que seria um criminoso de guerra. Numa resposta minuciosa à exigência dos aliados, Salazar tentou sistematicamente desmontar cada um dos pontos aliados com relação a criminosos de guerra. Temia-se, observou ele, que houvesse uma confusão entre criminosos, cujos atos tinham sido repugnantes, e indivíduos cujo único crime fora participar de governos que eram vistos como legítimos na época.<sup>770</sup> Para Salazar, a questão crucial era que ele não desejava tomar parte, como uma potência neutra, na “guerra das represálias” que se seguiu ao término dos combates.<sup>771</sup>



Apesar das crescentes dificuldades causadas pela escassez de alimentos, Salazar não dava sinal de se desviar de seu investimento em programas de obras públicas. Enquanto os soldados aliados ainda escalavam as praias da Normandia como parte da operação Overlord, Salazar inaugurava o novo Estádio Nacional de Futebol, em Oeiras, perto de Lisboa, no dia 10 de junho de 1944. O estádio ficava num belo subúrbio, com muita vegetação, próximo da estrada

costeira Marginal, que ia de Lisboa até Cascais pelo litoral. Ao redor, havia um parque e uma área florestal, que separava o estádio da orla da cidade. O estádio pretendia servir como um símbolo do compromisso do regime com o esporte, especialmente o futebol, e com a juventude de Portugal. Na época, era um projeto ambicioso, com arquibancadas altas de concreto e uma pista de corrida com oito raias, mas que, de forma inusitada, permitia a transeuntes ver o estádio por dentro sem pagar por uma fachada lateral leste aberta.

O estádio recepcionou seu primeiro jogo internacional de futebol no dia 11 de março de 1945, um amistoso contra a Espanha. O resultado, por sorte, foi um empate: 2 a 2. O Estádio Nacional ainda existe hoje, embora com um aspecto meio cansado e precisando de reformas. Todos os anos, em maio, ele ainda recebe a Copa Final da Federação de Futebol Portuguesa.<sup>772</sup> Em seu apogeu, era espetacular: lotado nos jogos internacionais em Portugal, com os fãs curtindo piqueniques antes da partida no parque e nos bosques ao redor, ele se tornou um dos símbolos perenes da era Salazar.

Quando a guerra entrou em sua fase final, a população lisboeta via cada vez com maior incerteza o pós-guerra. A sensação de alívio pelo país ter sobrevivido à ameaça de uma invasão do Eixo era atenuada pela preocupação com o modo como Salazar administraria a transformação para um governo em tempos de paz. Consciente da necessidade de tranquilizar a população, Salazar remodelou o seu governo no final de 1944, e desistiu das funções bem menos significativas de ministro da Defesa. Ainda assim, seu distanciamento da população e o desejo de manter sua neutralidade pareciam bastante fora de sincronia com os novos tempos. Naturalmente, os movimentos de oposição sentiram que aquele era o momento e se mobilizaram de acordo, preparando-se para a luta política que se seguiria ao término da guerra. Em outras palavras, era provável que



o fim da guerra causasse muitos problemas para Salazar e seu regime.

Para piorar as coisas, quando a guerra europeia terminou, a maior virtude de Salazar, seu discernimento político, parecia, pelo menos temporariamente, tê-lo abandonado. Na verdade, seus atos conseguiram distanciar até muitos daqueles que o admiravam. Foi preciso uma intervenção de Winston Churchill para encerrar a resultante “temporada de caça” a Salazar por fontes britânicas, que haviam ficado furiosas com duas ações em particular.

---

**754** Stuart Eizenstat, *Imperfect justice: Looted Assets, Slave Labor, and the Unfinished Business of World War II* (Nova York: PublicAffairs, 2003), p. 50.

**755** Ibid.

**756** NARA/RG256/190/From Naval Attache to Washington, Brief, 1º de setembro de 1944.

**757** Ibid.

**758** Ibid.

**759** PT/TT/AOS/CO/NE-2/26/US Embassy to Ministry of Foreign Affairs Lisbon, 12 de fevereiro de 1945.

**760** PT/TT/AOS/CO/NE-4/2/Economic Situation in Germany, 16 de novembro de 1935.

**761** PT/TT/AOS/CO/NE-4/4/From Embassy in Berlin to Ministry of Foreign Affairs in Lisbon, Report on the New Order in Germany, 15 de novembro de 1941.

**762** Ibid.

**763** NARA/RG131/346/Safehaven – Portugal, 27 de julho de 1946, p. 1.

**764** Ibid.

**765** Ibid., p. 2.

**766** Ibid.

**767** Ibid., p. 6.

**768** Ibid., pp. 6-7.

**769** NARA/RG84/92/General Records of the Embassy in Lisbon/From Norweb to Secretary of State, 30 de setembro de 1944.

**770** Ibid.

**771** NARA/RG84/92/General Records of the Embassy in Lisbon/From Crocker to Secretary of State, 1º de outubro de 1944.

**772** O maior jogo que o estádio sediou foi a final da Copa Europa de 1967, quando o Glasgow Celtic derrotou o Inter de Milão por 2 a 1.

## Pode haver problemas no futuro

Portugal foi um dos únicos três países europeus a enviar condolências à Alemanha ao saber da morte de Hitler no dia 30 de abril de 1945.<sup>773</sup> Os outros foram Irlanda e Espanha. Salazar também mandou içar a meio mastro todas as bandeiras em prédios oficiais para marcar a morte de Hitler.<sup>774</sup> Desnecessário dizer que quando a existência da mensagem de condolências se tornou pública houve fortes manifestações de protesto dos diplomatas estrangeiros em Lisboa. O mais interessante é que muitos portugueses bem relacionados escreveram a Salazar queixando-se de que a mensagem mostrava o país sob uma luz ruim.<sup>775</sup> Os protestos em Lisboa não se limitaram às classes mais altas. Houve demonstrações públicas de raiva, em massa, contra a mensagem de Salazar, que parecia mostrar simpatia pela difícil situação de Hitler.

Em Londres, a mensagem de Salazar irritou seriamente oficiais do Ministério das Relações Exteriores. Muitos oficiais do governo compreenderam os motivos por trás da mensagem do general Franco à Alemanha e, pela perspectiva britânica, a Irlanda, depois de suas travessuras durante a guerra, estava no ostracismo de qualquer maneira. A Irlanda, como Salazar observou em seu diário, tinha ido além e decretado um dia de luto para marcar a morte de Hitler.<sup>776</sup> Havia, entretanto, um profundo sentimento de traição pelo fato de o mais antigo aliado da Grã-Bretanha ter enviado um comunicado desses a Berlim, por ocasião da morte do homem que destruíra boa parte da Europa. Na verdade, a mensagem de Salazar

e a ordem para as bandeiras içadas a meio mastro foram um aspecto central em muitos relatos de sua suposta simpatia pessoal pelas potências do Eixo.

Dias mais tarde, a 8 de maio de 1945, Salazar enviou a Churchill uma mensagem muito diferente – transmitindo os parabéns do governo português pela vitória aliada na Europa.<sup>777</sup> Isso incitou uma série de discussões entre o Ministério das Relações Exteriores, a embaixada britânica em Lisboa e o gabinete do primeiro-ministro. O Ministério das Relações Exteriores havia cada vez mais se desiludido com Salazar nos estágios finais da guerra. A mensagem de condolências foi o insulto final aos olhos de alguns oficiais do ministério. Além disso, havia a relutância de Salazar em adotar a política dos aliados com relação ao questionável ouro alemão, sua cooperação apenas parcial ao *Safehaven* e seu sermão aos aliados sobre como definir criminosos de guerra. O argumento de que a defesa do último tópico tinha seus méritos pouco importava para os oficiais aliados, que achavam que já estava na hora de colocar Lisboa de volta a seu lugar.

Várias estratégias para uma resposta à mensagem de Salazar a Churchill foram discutidas, inclusive a tática diplomática muito pouco ortodoxa de não responder. As versões preferidas incluíam referências à necessidade de Portugal ser visto apoiando mais abertamente a agenda pós-guerra dos aliados. No final, Eden consultou Churchill, que respondeu numa minuta de primeiro-ministro, com típica arrogância misturada a uma pitada de humor britânico:

Penso ser prudente deixá-los à vontade e não pressioná-los demais. Lembrem-se de que eles correram um grande risco ao nos dar os Açores quando não podíamos lhes oferecer a garantia correspondente de que os defenderíamos de um ataque por terra

da Alemanha. Afinal de contas, quando se é um aliado de 400 anos deve-se ter permissão para dar umas voltinhas de vez em quando. Devo tratá-los como filhos muito amados que fazem caretas absurdas.<sup>778</sup>

Finalmente, no dia 17 de maio, a mensagem de Churchill a Salazar foi entregue. Churchill agradecia as congratulações a seu governo pela vitória dos aliados. Em seguida, falava dos Açores e da Aliança de 1373 que havia sido usada para dar aos britânicos o acesso às bases nas ilhas. Churchill descreveu Portugal como “nosso aliado”, que dera assistência aos aliados. Mais importante do que isso, não mencionou qualquer exigência com relação a Lisboa no futuro, ainda que o Ministério das Relações Exteriores tenha feito lobby no gabinete do primeiro-ministro por uma frase ou duas a esse respeito.



No final de abril de 1945, num sinal dos tempos cada vez mais difíceis que Salazar enfrentaria, houve um estranho incidente na fronteira da Espanha com a França erroneamente relatado pelo *Times*, de Londres. Num breve artigo de dois parágrafos, no dia 16 de junho de 1945, o jornal noticiou que o principal banqueiro português, Ricardo Espírito Santo, acabara de ser libertado pelas autoridades francesas e voltara a Lisboa.<sup>779</sup> O jornal continuava afirmando que Espírito Santo havia ido a Paris dois meses antes e comprado, por uma boa quantia em dinheiro, um *chateau*, fazendas e outras propriedades, pagando com títulos de bancos franceses.<sup>780</sup>

Segundo o artigo, as autoridades francesas haviam pedido a Espírito Santo para explicar onde ele obtivera os títulos e como os transportara para a França. No fim do interrogatório, as autoridades

havam informado a Espírito Santo que ele seria detido em custódia e teria que pagar uma (enorme) multa de 250 mil libras. Finalmente, o artigo sugeria que tinha havido impedimento na transferência de fundos do governo português em Lisboa para Paris e que a legação francesa em Lisboa não podia confirmar se a multa, na verdade, havia sido paga.<sup>781</sup>

Revelou-se que o artigo não era exato, e estava baseado em fontes com interesses pessoais contra Espírito Santo e o banco que ele presidia.<sup>782</sup> A questão crucial era a afirmativa do artigo de que Espírito Santo fora multado em 250 mil libras, em vez do verdadeiro resultado, que foi ele ter recebido um pedido de desculpas dos franceses por sua breve detenção.<sup>783</sup> A notícia da suposta multa levou a uma corrida ao banco de Espírito Santo.<sup>784</sup> O banco perdeu muitos de seus principais clientes espanhóis, que leram o artigo no *Times* em Madri. A circulação de jornais portugueses na Espanha era quase nenhuma e assim não houve informações anteriores nem artigos contrários que pudessem analisar o original do *Times*. Com a corrida para sacar fundos do banco e as incertezas políticas da época, Espírito Santo temeu pelo futuro.<sup>785</sup>

Em consequência, Espírito Santo, decidiu processar o *Times* em 250 mil libras. O resultante processo legal em torno de sua atitude trouxe à luz toda a frustração e as tentativas de acerto de contas de autoridades francesas e partes do Ministério das Relações Exteriores britânico com relação aos bancos portugueses e seu papel na guerra. As táticas agressivas dos advogados do *Times* e seu desejo de ver, além da suposta série de eventos na França, o papel de Espírito Santo durante a guerra complicou e estendeu o caso.

Ao voltar para Lisboa, a 26 de maio, Espírito Santo falara diretamente com Ronald Campbell e contara sobre o acontecido na França, sua breve detenção e o subsequente pedido de desculpas

das autoridades.<sup>786</sup> Em seguida, Campbell falou com Sampaio, o diretor-geral do Ministério das Relações Exteriores, que confirmou a versão do banqueiro para o que tinha acontecido. Todos pensaram que a história havia terminado por aí até seis semanas mais tarde, quando foi publicado o relato do *Times* sobre um “banqueiro em dificuldades”.

Espírito Santo foi novamente falar direto com Campbell. O embaixador descreveu o estado mental de Espírito Santo no encontro como beirando a demência. Alegava que o artigo poderia muito bem arruiná-lo e ao banco. E seguiu dizendo que todos acreditavam no artigo porque tinha sido publicado pelo *Times*. Finalmente, ele exigia saber o que Campbell estava planejando fazer para corrigir a mentira. Mais tarde, Espírito Santo declarou ter sido Campbell a lhe sugerir que ele poderia processar o *Times*.<sup>787</sup> Campbell negou ter lhe dado o conselho, mas admitiu ter dito a Espírito Santo que, se o artigo fosse contra ele, provavelmente teria tomado essa atitude.<sup>788</sup>

O que se seguiu foi um processo demorado, e muitas vezes virulento, com tentativas de denegrir o nome de Espírito Santo e pelo menos um esforço fracassado de colocar seu nome retroativamente na lista negra.<sup>789</sup> O caso também expôs os perigos e as políticas internas aliadas da lista negra, que, na realidade, eram três listas separadas: americana, britânica e francesa. Uma comissão conjunta, envolvendo oficiais americanos, britânicos e franceses, reunia-se regularmente em Londres com a perspectiva de produzir uma única lista negra aliada. A comissão, entretanto, não chegou a adotar uma posição única sobre Espírito Santo.

Os franceses pareciam ser os mais hostis ao banqueiro, embora houvesse evidências de que essa hostilidade fosse de natureza pessoal.<sup>790</sup> Houve movimentos em Paris para acrescentar seu nome

às listas negras francesas e pediu-se a orientação do Ministério das Relações Exteriores britânico sobre a reação dos britânicos à manobra.<sup>791</sup> Os americanos foram mais duros com Espírito Santo do que os britânicos, mas, como o processo de difamação era contra um jornal britânico, eles não interferiram diretamente.

A atitude do Ministério das Relações Exteriores britânico com relação ao caso foi um misto de frustração com a má qualidade do artigo no *Times* e falta de simpatia pela difícil situação em que se encontrava Espírito Santo. Oficiais do Ministério das Relações Exteriores achavam que o artigo, com sua falta de evidências verossímeis, teria sido mais adequado a um tabloide sensacionalista.<sup>792</sup> O *Times*, concluiu o ministério, não devia ter publicado um artigo sem conferir melhor os fatos por trás dele. Isso dito, quando o jornal decidiu contestar o caso, o ministério ofereceu-se para fazer o que fosse possível para ajudar.

Quando se tornou claro que o *Times* estava tendo dificuldade em montar uma boa defesa contra a ação de difamação, e os advogados do jornal queriam usar a ficha de Espírito Santo durante a guerra contra ele, o Ministério das Relações Exteriores cooperou com os advogados,<sup>793</sup> que queriam que oficiais britânicos testemunhassem em juízo e apresentassem certos documentos que ilustravam até onde supunha-se que Espírito Santo tivesse ido em suas negociações financeiras com os alemães durante a guerra. Foi combinado a princípio que o Ministério das Relações Exteriores ajudaria.

O Ministério de Economia de Guerra estava menos interessado em apoiar o *Times*, testemunhando no tribunal.<sup>794</sup> O argumento era de que o relacionamento da embaixada britânica com Espírito Santo era complexo. Muita gente acharia difícil compreender como um banqueiro que administrava contas alemãs tivesse um relacionamento tão íntimo com a embaixada. Oficiais do MEW

também preocupavam-se com o fato de que, apesar das negativas, Ronald Campbell tivesse aconselhado Espírito Santo a processar o *Times*. No final, e com certa relutância, o MEW concordou em apresentar alguns documentos ao tribunal e ofereceu um oficial para testemunhar.<sup>795</sup> A preferência claramente declarada do MEW, entretanto, era de que o *Times* se desculpasse com Espírito Santo, com a condição de abandonar o caso.

Finalmente, as coisas se resolveram no tribunal, e no sábado, 5 de outubro de 1946, o *Times* publicou um completo pedido de desculpas.<sup>796</sup> Nele, afirmava que as acusações contra o banqueiro tinham se revelado sem qualquer fundamento.<sup>797</sup> O caso foi encerrado, mas as profundas tensões existentes entre os aliados quanto ao que fazer a respeito dos bancos portugueses permaneceram. Salazar fizera saber que considerava a atitude contra a mais famosa e carismática comunidade financeira de Lisboa uma ação contra ele mesmo e contra o governo português.<sup>798</sup>

A transição da guerra para a paz trouxe não apenas problemas políticos, mas outros de natureza mais pessoal, àquele que era o mais reservado dos líderes. Salazar começava a atrair muita exposição internacional na mídia, na sua maioria não totalmente bem recebida por ele. Muitos artigos, que se refletiram em sua vida pessoal, revelaram-se exagerados, ou apenas em parte corretos. Um exemplo foi publicado no dia 3 de outubro de 1945, no tabloide londrino *Daily Mail*, que noticiou em suas páginas sociais que Salazar havia se casado em Londres, improvavelmente, com uma aristocrática viúva e membro da corte do ex-rei de Portugal.<sup>799</sup>

---

<sup>773</sup> PT/TT/AOS/CO/NE-2/54/Reports on Death of Hitler, 3-5 de maio de 1945.

<sup>774</sup> PT/TT/AOS/O diário de Salazar, 3 de maio de 1945.

<sup>775</sup> PT/TT/AOS/CO/NE-2/54/Reports on Death of Hitler, 3-5 de maio de 1945.



- 776** PT/TT/AOS/O diário de Salazar, 3 de maio de 1945.
- 777** PRO/FO/954/2 I/From Salazar to Churchill, 17 de maio de 1945.
- 778** PRO/FO/954/21/Prime Ministers Minute, 10 de maio de 1945.
- 779** "Real Estate Deals in France: A Banker in Trouble", *Times*, 15 de junho de 1945.
- 780** Ibid.
- 781** Ibid.
- 782** PRO/FO/371/49534/Foreign Office Minute, 18 de outubro de 1945
- 783** PRO/FO/371/49534/From Foreign Office to Campbell, 22 de outubro de 1945.
- 784** PRO/FO/371/49534/From Reynolds in Lisbon to Stoneham and Sons, Londres, 4 de julho de 1945.
- 785** Ibid.
- 786** PRO/FO/371/49534/From Campbell to Foreign Office, novembro de 1945.
- 787** PRO/FO/371/49534/From Foreign Office to Campbell, 22 de outubro de 1945.
- 788** PRO/FO/371/49534/From Campbell to Foreign Office, 4 de novembro de 1945.
- 789** PRO/FO/371/49534/Memorandum, Ricardo Espírito Santo *versus* the *Times*, 19 de outubro de 1945.
- 790** NARA/RG226/110/Report on Ricardo Espírito Santo, 7 de julho de 1945.
- 791** PRO/FO/371/49534/From Millar to Foreign Office, 19 de outubro de 1945.
- 792** PRO/FO/371/49534/Report, Ricardo Espírito Santo *versus* the *Times*, 18 de outubro de 1945.
- 793** Ibid., 4 de fevereiro de 1946.
- 794** PRO/FO/371/60291/From Villiers, MEW to Millar, Foreign Office, 7 de fevereiro de 1946.
- 795** PRO/FO/371/60291I/From MEW to Culross and Trelawny Solicitors, 21 de março de 1946.
- 796** "Senhor Espírito Santo", *Times*, 5 de outubro de 1946.
- 797** Ibid.
- 798** NARA/RG226/110/Report on Ricardo Espírito Santo, 7 de julho de 1945.
- 799** Filipe Ribeiro de Meneses, *Salazar: A Political Biography* (Nova York: Enigma Books, 2009), p. 334.

## Devo ficar ou devo ir?

O artigo do *Daily Mail* refletia os rumores que circulavam na época em Lisboa sobre um sério relacionamento entre Salazar e Carolina Asseca, filha do visconde de Asseca. As origens pareciam ser a embaixada da Espanha.<sup>800</sup> Entre os conversadeiros da sociedade lisboeta, houve uma grande surpresa diante do assim chamado casamento. Durante anos, supunha-se que Salazar era um “eterno solteirão”, cujo passado como aprendiz no sacerdócio e acadêmico, assim como seu estilo de vida e suas longas horas de trabalho pareciam excluir a possibilidade de compartilhar a vida com uma mulher.

O artigo publicado no *Daily Mail* sobre um casamento que já teria acontecido era incorreto, mas o romance era bastante autêntico. Eles vinham se correspondendo regularmente e mantendo longas conversas ao telefone.<sup>801</sup> Ela estava presente a certas cerimônias e recepções oficiais, o que alimentava ainda mais a boataria. No ano seguinte, em seu controvertido artigo sobre Salazar e Portugal, a revista *Time* deu mais detalhes sobre as origens do relacionamento de Salazar com Carolina Asseca.<sup>802</sup> A revista colocou Salazar na sua capa com o título: “Salazar de Portugal, Decano dos Ditadores.”

A matéria tratava Salazar e suas políticas num tom muito duro. Quanto ao seu relacionamento com Carolina Asseca, dizia que foi o amor de Salazar pelas flores que o aproximara dela. Quando Salazar ofereceu uma recepção para a mãe do último rei de Portugal, dom Manuel II, sugeriu-se que Carolina Asseca atuasse como anfitriã

oficial. Os conselheiros de Salazar viam-na como uma aristocrática viúva, adequada para a função. Como qualquer boa anfitriã aristocrática portuguesa, ela assumiu a responsabilidade pelos arranjos de flores da festa. Dizem que Salazar ficou tão impressionado que lhe escreveu um bilhete de agradecimento. Ela respondeu com uma longa carta, a qual Salazar respondeu pedindo permissão para lhe telefonar. Eles se encontraram para o chá e o relacionamento floresceu a partir daí. Os fofoqueiros em Lisboa especularam que, como resultado de seu relacionamento com Carolina Asseca, Salazar estava se interessando mais por suas roupas e comida, e também pelo aspecto cerimonial de suas obrigações. Em outras palavras, Salazar estava se esforçando bastante para ser um pouco menos austero.<sup>803</sup>

Com forte crítica às políticas econômicas e sociais do governo português sob o título "Até que Ponto o Ruim É o Melhor?", o artigo na revista *Time* levou-a a ser temporariamente proibida em Portugal.<sup>804</sup> A referência central do artigo era que o governo de Salazar era só mais uma ditadura europeia fracassada.<sup>805</sup> Para piorar as coisas para Salazar, o artigo foi amplamente citado e republicado na imprensa europeia. Embora fosse possível argumentar que a revista criticava Salazar injustamente, por coisas como escassez de alimentos, consequência das políticas de guerra dos aliados, figuras de oposição em Portugal achavam que ela não fora longe o suficiente.

Apesar de protestos do editor da revista, o jornalista italiano, de 43 anos de idade, que escreveu o artigo, Piero Saporiti, foi expulso do país. Numa situação que lembrava quando Edward Lucas, correspondente do *Times* em 1940, fora expulso de Portugal, Saporiti recebeu um adiamento da expulsão. No final, depois de não conseguir convencer as autoridades a revogarem sua decisão, no dia

3 de outubro de 1946 ele deixou Lisboa num trem para a França. Para piorar ainda mais as coisas, ele foi interceptado pela polícia portuguesa, que entrou no trem na fronteira com a Espanha. Anunciaram que, por não possuir um visto de saída para deixar Portugal, ele não poderia prosseguir viagem e teria que descer imediatamente do trem. O jornalista, então, exibiu seu documento de expulsão e perguntou se seria necessário um visto de saída melhor do que aquele. Ele pôde permanecer no trem e seguir para Paris.<sup>806</sup>

Enquanto os boatos cercando o relacionamento com Carolina Asseca ainda forneciam à alta sociedade lisboeta assunto para comentários, havia um aspecto político importantíssimo na questão de Salazar pretender ou não casar-se com ela. Antes disso, ele já dera a entender que não considerava que esposa e filhos fossem compatíveis com uma vida dedicada ao serviço público do Estado.<sup>807</sup> Em outras palavras, se Salazar se casasse com Asseca, isso poderia ser compreendido como uma indicação de que ele se afastaria do cargo, voltaria para sua casa perto de Santa Comba Dão e passaria o tempo cuidando das flores. Tal atitude teria transformado a paisagem política de Portugal e da península Ibérica. Uma sugestão de casamento era, portanto, outro modo de sutilmente minar sua continuada liderança.

Visto que o respeito dos aliados pela conduta de Salazar durante a guerra havia se provado efêmero, o fim do conflito parecia o momento perfeito para ele aceitar o aplauso e a gratidão do povo português e se retirar com dignidade para casa.<sup>808</sup> Já estava com quase 60 anos, e o esforço de trabalhar até 18 horas por dia, durante períodos aparentemente extensos de crise, começava a prejudicar sua saúde. A presença de uma mulher em sua vida, cuja

companhia ele apreciava e com quem partilhava muitos de seus interesses rurais, era mais uma tentação.

Salazar não era um homem rico, mas sua falta de interesse em obter caros bens materiais e seu desejo de sair de Lisboa e passar a aposentadoria em sua modesta casa perto de Santa Comba Dão significavam que estaria financeiramente confortável. A maioria dos homens teria escolhido esse momento aparentemente definitivo da história para sair de cena. Salazar, entretanto, não era um líder comum. Estava determinado a seguir em frente e tentar preparar o Estado Novo para os desafios da paz. Havia muitos negócios por terminar. Sua crença profundamente enraizada continuava sendo a de ser o único homem capaz de administrar o país, e, portanto, obrigado a continuar no cargo e a se dedicar mais uma vez ao serviço público. Haveria apenas um tempo limitado para as flores, não importa o que a revista *Time* sugerisse.



Assim, Salazar ficou. Ronald Campbell, entretanto, deixou Lisboa quase imediatamente no final da guerra. Salazar participou de seu jantar de despedida, no dia 29 de junho de 1945, quando de ambos os lados foram proferidas palavras cordiais sobre os esforços mútuos para manter Portugal fora da guerra.<sup>809</sup> No dia seguinte, enquanto o carro oficial de Campbell fazia o percurso da embaixada britânica até o gabinete de Salazar em São Bento para um encontro formal de despedida, o embaixador tinha a sensação de um trabalho bem-feito.<sup>810</sup>

Quando o carro atravessou Lisboa, Campbell viu os velhos prédios de apartamentos da área da Lapa. Ainda precisavam de reformas, mas nenhum havia sido vítima das bombas da Luftwaffe. Do alto da Lapa, o embaixador pôde ver algumas das mudanças ocorridas na

cidade durante a guerra. A oeste, ao longe, ficava Belém, onde, em 1940, enquanto a França caía nas mãos dos alemães, Lisboa havia sediado sua imensa feira internacional. A exposição e os recintos da feira haviam sido desde então transformados em museus e parques permanentes para os lisboetas apreciarem passeios de fim de semana à luz radiante refletida pelo Tejo.

Campbell também pôde ver as docas, cujos guindastes barulhentos seguiam ativos, carregando e descarregando navios – os mesmos guindastes que, no caso de uma invasão a Lisboa, o SOE planejara destruir. O que faltava nas docas era a carga humana. Em 1945, os refugiados haviam partido e o cenário retornara a uma certa normalidade. Não havia mais pessoas emocionadas acenando em despedida enquanto os navios lentamente deixavam o porto e desciam o rio até o oceano Atlântico, com seus passageiros enfrentando uma jornada incerta até um futuro desconhecido nos Estados Unidos ou na Palestina. Do outro lado do rio, ao longe, Campbell podia ver as cidades-dormitório de Lisboa, como Barreiro, viveiros da contínua oposição comunista e lembrança dos urgentes problemas políticos internos que Salazar teria que enfrentar.

O Palácio São Bento era um magnífico prédio branco, lindamente iluminado à noite. Sede da Assembleia Nacional, havia sobrevivido ao terremoto de Lisboa de 1755. Durante a Segunda Guerra Mundial, fora reformado por dentro e havia sido acrescentada uma impressionante escadaria ao longo de toda a fachada principal. O gabinete de Salazar ficava numa mansão logo atrás do prédio principal.

Comparada com o esplendor da sede da Assembleia Nacional, a casa de Salazar era modesta, combinando com sua personalidade. Os jardins murados, com um antigo lago perto da saída, ofereciam ao mesmo tempo privacidade e espaço para pensar; e Salazar

gostava de caminhar por ali imerso em pensamentos. Às vezes, durante a tarde, ele saía de casa para um passeio e subia em direção à área do Bairro Alto da cidade, ou subia a colina do outro lado da estrada até a Lapa e o parque do Jardim da Estrela, com frequência sem guarda-costas.<sup>811</sup>

Campbell perdera a conta do número de vezes que estivera na casa ou no gabinete. Dessa vez, seu encontro com Salazar fora breve; tudo já havia sido dito em reuniões anteriores, quando discutiram providências para o sucessor do embaixador e, em público, no jantar da véspera. Em novembro passado, quando a notícia da substituição do embaixador alemão, barão Von Hoyningen-Huene, chegara a Lisboa, Campbell escrevera ao Ministério das Relações Exteriores britânico, incluindo um amável tributo a Salazar que veio a representar seu ponto de vista pessoal sobre o líder e sobre o país.<sup>812</sup> Campbell sugerira que, tivesse Portugal tido um estadista menos corajoso do que Salazar no leme, durante 1940 e 1941, teria sido arrastado para órbita alemã, influenciando o curso e a duração da guerra.

Quanto a Portugal propriamente dito, acrescentou ele, por menor e insignificante que parecesse no mapa da Europa, sua posição geográfica lhe conferia uma importância desproporcional em qualquer guerra em que o império britânico se envolvesse. Terminou lembrando a seus chefes em Londres que a Grã-Bretanha provavelmente precisaria de seu antigo aliado em futuros conflitos.<sup>813</sup>

A guerra de Campbell tinha sido acidentada. No início, ele fora embaixador em Paris e, quando os alemães invadiram a França, escapara para Bordeaux junto com o governo. Ironicamente, Campbell estava em Bordeaux na mesma época em que o cônsul português, Aristides de Souza Mendes, emitia vistos de trânsito para

judeus contra os desejos de Salazar. Na verdade, seus gabinetes ficavam apenas uns poucos quarteirões distantes um do outro. Mas a carreira de Souza Mendes durante a guerra efetivamente se encerrara no momento em que a de Campbell tivera início.

Segundo os registros da PVDE, Campbell estivera encarregado de 281 funcionários da embaixada trabalhando em tempo integral no auge da guerra, o que era 120 a mais do que o embaixador alemão tinha sob seu comando.<sup>814</sup> Em 1943, a PVDE calculou em 1.158 o número total de diplomatas estrangeiros servindo em Lisboa, com a Itália (103) e os Estados Unidos (101) atrás da Grã-Bretanha e da Alemanha, que eram em maior número. A Espanha, com 46 diplomatas, completava a lista dos cinco primeiros.

Campbell compreendeu muito cedo que um dia teria de procurar Salazar para pedir acesso aos Açores. Sua estratégia diplomática em Lisboa baseava-se em garantir a concordância de Salazar a esse acesso e limitar (não interromper) o suprimento de tungstênio português à Alemanha. Para Campbell, esses tinham sido os dois pontos em que Portugal podia fazer uma enorme diferença no encaminhamento e duração da guerra. Os planos secretos do serviço de inteligência e contrainteligência eram uma espécie de espetáculo secundário para o embaixador, que compreendia que seus chefes diplomáticos em Londres precisavam de Salazar.

---

**800** Filipe Ribeiro de Meneses, *Salazar: A Political Biography* (Nova York: Enigma Books, 2009), p. 334.

**801** Franco Nogueira, *Salazar: volume 4, O ataque, 1945-1958* (Porto: Civilização Editora, 2000), p. 11.

**802** "Portugal: How Bad Is Best", *Time*, 22 de julho de 1946, pp. 28-33.

**803** Ibid.

**804** Meneses, *Salazar*, p. 334.

**805** "A Letter from the Publisher", *Time*, 4 de novembro de 1946.

**806** Ibid.

**807** Nogueira, *Salazar: volume 4*, p. 11.



**808** Ibid., p. 10.

**809** PT/TT/AOS/PT/TT/AOS/O diário de Salazar, 29 de junho de 1945.

**810** Ibid., 30 de junho de 1945.

**811** "Portugal: How Bad Is Best", pp. 28-33.

**812** PRO/FO/371/39596/From Campbell to Foreign Office, 23 de novembro de 1944.

**813** Ibid.

**814** PT/TT/AOS/CO/IN-8C/17/PVDE Figures on Diplomatic and Consular Corps 1943.

## Vinho velho em garrafas novas

Salazar havia anotado cuidadosamente o resultado das eleições gerais britânicas, que ocorreram no dia 5 de julho de 1945. A vitória esmagadora do Partido Trabalhista sobre o Partido Conservador, liderado por Winston Churchill, enviou ondas de choque por toda Lisboa.<sup>815</sup> Para Salazar, foi a confirmação da evidência de que o eleitorado não devolveria necessariamente ao poder os indivíduos mais associados à vitória na guerra. Em Lisboa, entre muitos dos fiéis defensores de Salazar, havia o temor de que, embora o público português estivesse satisfeito com a forma como ele lidara com a guerra e por ter impedido que seu horror chegasse ao país, o fim do conflito levaria a maiores aspirações por um novo início. Em outras palavras, as conquistas da guerra pertenceriam ao passado.

Salazar sabia que teria que aparentar algum tipo de reforma liberal, política e eleitoral. Mudar ou morrer poderia ter sido uma análise por demais dramática dos acontecimentos em Lisboa, mas havia claramente uma necessidade de ser visto como tendo tentado fazer alguma coisa. Era mais um caso de “vinho velho em garrafas novas”. O diário de Salazar revela que, ao longo dos meses do verão de 1945, ele continuou trabalhando em Lisboa numa série de acordos e questões relacionados à guerra.<sup>816</sup> Não conseguia passar nenhum feriado prolongado em Santa Comba Dão. Em geral, nos meses de verão, ele costumava se demorar mais tempo em casa, o que via como vital para recarregar as baterias para o ano seguinte.

No verão de 1945, o máximo que conseguiu foi passar lá quatro dias no final de agosto.

No dia 30 de agosto, sob ordens de Salazar, o embaixador português em Londres, o duque de Palmela, transmitiu a Winston Churchill um convite para visitar Portugal.<sup>817</sup> Churchill respondeu que estava muito interessado em visitar o seu “encantador país”. Apesar das tensões diplomáticas por causa da venda de tungstênio à Alemanha e pelo lento andamento das negociações sobre os Açores, Churchill era visto em Lisboa, como em outras partes do mundo, como o homem que havia feito muito para garantir a vitória dos aliados. Uma visita do herói de guerra seria muito positiva para enfatizar que Portugal estava de volta ao rebanho aliado.

Outra questão que preocupava Salazar a respeito da morte política de Churchill era se haveria um grau de continuidade na política exterior britânica sob o novo governo trabalhista liderado por Clement Attlee. No íntimo, Salazar temia que, com sua agenda voltada para o social e o bem-estar socialista, o governo poderia mudar a direção da política exterior britânica também nessa direção. A presença de um governo reformista tão radical em Londres, com toda a probabilidade, atizaria o fogo para mudanças sociais e econômicas em Lisboa.

Em termos de decisões quanto à política externa, Salazar ficou extremamente tranquilizado com o discurso do secretário das Relações Exteriores britânico, Ernest Bevin, no dia 20 de agosto.<sup>818</sup> O discurso, forte e favoravelmente noticiado na imprensa portuguesa, serviu para lhe trazer a garantia necessária de que o novo governo britânico daria continuidade à política exterior britânica existentes.

Durante o verão, Salazar entrara num processo de fazer reajustes nas manipulações políticas em Lisboa, a fim de refletir as mudanças

que aconteciam no mundo à época.<sup>819</sup> Um aspecto central desse processo de reforma era permitir a existência de um tipo de oposição moderada. Os diplomatas em Lisboa argumentaram com o Ministério das Relações Exteriores britânico que ele tentava educar parcialmente o povo português na arte da democracia parlamentar, um sistema que Salazar pensava funcionar maravilhosamente bem na Grã-Bretanha, mas que achava inadequado aos portugueses devido a seu temperamento e imaturidade política. Salazar falou sobre essas mudanças num discurso que fez na reunião da comissão diretora do National Union, no dia 8 de setembro.

O propósito central era sua tentativa de recolocar Portugal totalmente na órbita da Grã-Bretanha e dos aliados.<sup>820</sup> Salazar disse que os duros comentários contra a Espanha, feitos pelos aliados, eram para ele de menor importância do que aquilo que não fora dito sobre a conduta de Portugal na guerra. Tentou falar da sensação ainda existente, em alguns círculos aliados, daquilo que era conhecido como “portugueses germanófilos”, lembrando à plateia que durante semanas a fio, tanto em 1940 quanto em 1942, o governo português vivera de malas prontas (para montar um governo em exílio nos Açores). Por isso, ele disse: “Foram necessárias algumas pequenas concessões aos amigos da Alemanha em Lisboa.” De vez em quando, finalmente, prometeu mais liberdade de imprensa em casa e alguma espécie de anistia política.

Em Lisboa, no dia 6 de outubro de 1945, Salazar dissolveu a Assembleia Nacional portuguesa e marcou eleições para o dia 18 de novembro.<sup>821</sup> Em seu diário, anotou que essa foi a única vez durante o Estado Novo que a Assembleia Nacional tinha sido dissolvida.<sup>822</sup> No dia seguinte, fez um longo discurso aos membros da assembleia, no qual resumiu sua filosofia e visão.<sup>823</sup> O discurso era bastante detalhado, mas deixava claro que Salazar pretendia avançar mais no

caminho da democracia do que o general Franco e a Espanha, embora não tanto a ponto de transformar Portugal numa democracia ao estilo britânico.<sup>824</sup> A reação do governo britânico ao discurso coincidiu com a reação internacional: que ele não levava grande fé no futuro da democracia, e ainda restava ver se as promessas seriam cumpridas.<sup>825</sup>

A posição de Salazar recebeu enorme ajuda da má qualidade da oposição interna que ele enfrentava.<sup>826</sup> Embora houvesse alguma “efervescência” entre os grupos hostis ao regime, faltava-lhes coesão e líderes nacionais viáveis. No todo, a oposição era desunida e fraca em liderança para explorar qualquer uma das oportunidades que Salazar lhe apresentava.<sup>827</sup> Na realidade, nem era preciso levá-la a sério naquele estágio. Desde que as Forças Armadas permanecessem apoiando Salazar, pouca chance havia de tirá-lo do poder.<sup>828</sup>

A fraqueza da oposição foi confirmada durante os acontecimentos que cercaram a crise política causada pelas eleições.<sup>829</sup> A oposição era ridicularizada pelo Ministério das Relações Exteriores britânico como sendo uma colcha de retalhos, todos com diferentes motivos.<sup>830</sup> Nenhum deles, acrescentavam os britânicos, havia apresentado qualquer ideia construtiva, exceto cantar louvores à democracia e conquistar alguns aplausos por isso.<sup>831</sup> Os americanos acrescentaram que o único motivo da oposição era sua própria ambição política.<sup>832</sup>

A outra grande fraqueza da oposição era sua falta de fundos. Os ricos em Portugal estavam quase unidos em seu apoio a Salazar. Externamente, a União Soviética e portugueses anti-Salazar no Brasil e nos Estados Unidos eram fontes possíveis de ajuda financeira para a oposição, mas juntos não podiam entregar as substanciais quantias necessárias a montar um desafio digno de crédito.<sup>833</sup>

O Ministério das Relações Exteriores britânico aconselhou que o governo britânico não devia ser muito duro com Salazar, que pelo menos estava indo na direção certa.<sup>834</sup> Compreensivelmente, a oposição era extremamente crítica com relação à Grã-Bretanha por seu apoio a Salazar na época.<sup>835</sup> Era igualmente hostil aos Estados Unidos, pois ficara claro que os americanos não estavam interessados em ajudá-los a mudar o regime em Lisboa.

A atitude dos aliados resumia-se melhor na frase “melhor o diabo, que se conhece”. Nem a Grã-Bretanha, nem os Estados Unidos tinham qualquer real desejo de excitar agitações internas contra Salazar. Ambos os países compreendiam que um dia seus embaixadores iriam a seu gabinete pedir a continuação do acesso às bases nos Açores. Com o início da Guerra Fria, os Açores, Portugal e Salazar continuavam sendo extremamente relevantes para as necessidades militares da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos.

Quando as eleições aconteceram, conforme o previsto, no dia 18 de novembro de 1945, os únicos candidatos que aceitaram concorrer foram os da União Nacional, de Salazar. Nunca houve, por conseguinte, qualquer dúvida sobre a composição da nova Assembleia.<sup>836</sup> A oposição havia se retirado do processo no dia 10 de novembro, depois de uma campanha acirrada caracterizada por argumentações e contra-argumentações sobre erros cometidos de ambos os lados. O que ficou claro foi que, durante a campanha, Salazar decidiu recorrer a seu velho estilo autoritário. Houve ampla utilização da polícia secreta.

No dia 27 de outubro, o governo havia suspenso todas as reuniões públicas de grupos de oposição, alegando que, na realidade, estavam preparando um golpe para derrubar Salazar.<sup>837</sup> Logo depois, Salazar abandonou a experiência de eleições parcialmente democráticas.<sup>838</sup> Por sua perspectiva, entretanto, seus

esforços não tinham sido em vão. Ele havia exposto as falhas da oposição, que boicotou a eleição, e mostrou ao mundo lá fora que ainda era ele que estava no comando.

Dois dias antes da eleição, Lisboa foi atingida por um furacão, que causou grandes danos aos subúrbios afastados. O tempo inclemente continuou no dia da eleição, com chuvas torrenciais inundando partes da cidade desde a madrugada. As mesas externas dos cafés no Rossio foram todas retiradas e empilhadas com capricho ao lado da calçada. Dentro dos cafés, a população, principalmente masculina, comentava a última partida de futebol entre o Benfica e o Sporting.

Os sotaques estrangeiros dos refugiados haviam desaparecido fazia tempo, quase sem deixar traços de terem um dia passado pela cidade a caminho de novas vidas. Embora ainda houvesse escassez de alimentos, pelo menos café não faltava e os frequentadores ainda podiam apreciar suas *bicas*. Lá fora, sob a chuva torrencial, os engraxates haviam guardado rápido seus equipamentos e ofereciam outro serviço aos lisboetas: guarda-chuvas baratos.

Naquele dia de eleições, não havia nenhuma empolgação comparável à da Grã-Bretanha ou dos Estados Unidos, apenas uma tranquila e passiva compreensão de que o astuto doutor de Santa Comba Dão estava trabalhando em seu gabinete em São Bento, ocupado em direcionar o país para o que imaginava ser o seu lugar no mundo. A cidade de Lisboa, encharcada, entrava na nova era do pós-guerra com a autoridade de Salazar intacta. Ele guiaria Portugal, bem ou mal, por mais 23 anos.

---

**815** The Labour Party won an overall majority of 145 seats in the House of Commons.

**816** PT/TT/AOS/PT/TT/AOS/O diário de Salazar, julho-agosto de 1945.

**817** PT/TT/AOS/PT/TT/AOS/O diário de Salazar, 30 de agosto de 1945.

- 818** PRO/FO/371/49475/From O'Malley to Secretary of State, 22 de agosto de 1945.
- 819** PRO/FO/371/49475/From O'Malley to Bevin, 14 de setembro de 1945.
- 820** PRO/FO/371/49475/From O'Malley to Bevin, 8 de setembro de 1945.
- 821** Franco Nogueira, *Salazar: volume 4, O ataque, 1945-1958* (Porto: Civilização Editora, 2000), p. 12.
- 822** PT/TT/AOS/PT/TT/AOS/O diário de Salazar, 6 de outubro de 1945.
- 823** Nogueira, *Salazar: volume 4*, p. 12.
- 824** PRO/FO/371/49475/From Lisbon to Bevin, Speech by Salazar on October 7, 1945.
- 825** PRO/FO/371/49475/Foreign Office Minute, 19 de outubro de 1945.
- 826** PRO/FO/371/49475/From Lisbon to Foreign Office, 2 de agosto de 1945.
- 827** PRO/FO/371/49475/From Clarke in Lisbon to Bevin, 13 de outubro de 1945.
- 828** PRO/FO/371/49475/From Lisbon to Foreign Office, 2 de agosto de 1945.
- 829** PRO/FO/371/49475/From O'Malley to Foreign Office, 22 de outubro de 1945.
- 830** PRO/FO/371/49475/Foreign Office Minute, 6 de novembro de 1945.
- 831** PRO/FO/371/49475/From Embassy in Lisbon to Bevin, 29 de outubro de 1945.
- 832** NARA/RG84/14/General Records of the Embassy in Lisbon, From Lisbon to Secretary of State, Portuguese Opposition Movement, 31 de dezembro de 1946.
- 833** Ibid.
- 834** PRO/FO/371/49475/Foreign Office Minute, 7 de novembro de 1945.
- 835** NARA/RG84/14/General Records of the Embassy in Lisbon, From Lisbon to Secretary of State, Portuguese Opposition Movement, 31 de dezembro de 1946.
- 836** PRO/FO/371/49475/From Embassy in Lisbon to Foreign Office, 24 de outubro de 1945.
- 837** Filipe Ribeiro de Meneses, *Salazar: A Political Biography* (Nova York: Enigma Books, 2009), p. 379.
- 838** PRO/FO/371/49475/From O'Malley to Bevin, 19 de dezembro de 1945.



## Epílogo

Umas poucas estatísticas básicas confirmam a história de sucesso da economia portuguesa durante a Segunda Guerra Mundial. Antes da guerra, de 1937 a 1939, havia um déficit comercial por volta de 40 milhões de dólares (50 milhões em exportações e quase 90 milhões em importações).<sup>839</sup> No final de 1942, o déficit se transformara num excedente comercial de 68 milhões (240 milhões em exportações e quase 172 milhões em importações). Durante o período de cinco anos que durou o conflito, do final de 1939 até o final de 1944, Portugal teve um saldo comercial positivo total de quase 45 milhões.<sup>840</sup>

Em termos dos bancos portugueses, durante os anos de guerra, o nível de bens guardados em bancos privados dobrou, enquanto os mantidos no Banco de Portugal mais do que triplicaram.<sup>841</sup> Em 1943, a receita recolhida pelo governo, em Lisboa, principalmente impostos de exportação, havia aumentado 44% acima de seu patamar no início da guerra.<sup>842</sup> Simplificando, o país havia lucrado muito com a guerra econômica entre os aliados e as potências do Eixo.

Entretanto, muitos negócios ficaram por terminar em Lisboa depois da guerra, todos exigindo tempo e negociações demoradas para se chegar a alguma forma de solução. Três questões importantes estavam extremamente interrelacionadas: negociações sobre o retorno do ouro alemão saqueado que Portugal recebera em pagamento pelo tungstênio e outras mercadorias, a questão dos bens alemães apreendidos em Portugal e os direitos de acesso às

bases militares nos Açores a longo prazo para os Estados Unidos. Naturalmente, de seu gabinete em Lisboa Salazar controlava a atitude e a posição de Portugal quanto a essas negociações de pós-guerra.

A atitude portuguesa podia ser mais bem caracterizada como uma tentativa de prorrogá-las o máximo possível, não admitindo ter recebido da Alemanha qualquer ouro de origem questionável.<sup>843</sup> Antes do início das conversações, o governo português e o Banco de Portugal falharam totalmente em responder aos pedidos de informações dos americanos sobre o ouro. De sua parte, o Banco de Portugal mantinha-se firme na história de que nenhum ouro em moeda havia sido embarcado da Alemanha para Portugal (querendo dizer diretamente da Alemanha). Enquanto preparavam material para as negociações, os americanos apresentaram um relatório minucioso, com base no testemunho de banqueiros suíços e em material do serviço secreto aliado. O relatório concluía, de forma um tanto conservadora, que Portugal havia adquirido quase 124 toneladas de ouro, valendo aproximadamente 139 milhões, no decorrer da Segunda Guerra Mundial.<sup>844</sup>

Usando evidências de um banqueiro suíço de identidade não revelada, o Departamento de Estado americano calculou que 20 toneladas dessa fortuna vieram diretamente do ouro saqueado da Bélgica pelos alemães. Além disso, 104 toneladas haviam sido adquiridas do Banco Nacional suíço. Segundo fontes do serviço secreto aliado, cerca de 72% (75 toneladas) do ouro que viera da Suíça haviam sido pilhados pelos alemães de países ocupados. O relatório do Departamento de Estado concluiu, por conseguinte, que os aliados deviam exigir que Portugal devolvesse exatamente 94.787 toneladas de ouro (106,6 milhões).<sup>845</sup>

Como o autor do relatório admitiu, a quantidade de ouro que se julgava que o Banco de Portugal havia recebido era provavelmente bastante subestimada. Relatórios da Inteligência aliada colocam o número de entregas por caminhão ao banco acima de 400 toneladas vindas da Suíça. O problema desses relatórios do serviço secreto era que muitos deles não forneciam provas conclusivas desses carregamentos.

As negociações entre aliados e Portugal começaram em Lisboa no dia 3 de setembro de 1946. Não houve nenhuma evolução rápida nas conversas, que se prolongaram por anos. Visto que muitas informações dos aliados baseavam-se em fontes confidenciais, achava-se que podiam pedir a Portugal para devolver apenas 44.864 toneladas de ouro (50,5 milhões).<sup>846</sup> Esse número representava as quantidades que os aliados *sabiam* que Portugal havia recebido depois de 1942, quando já era de conhecimento geral que o ouro alemão era saqueado. Portugal, no entanto, ofereceu-se para devolver apenas 3 toneladas e fincou pé nesse número. O Banco de Portugal argumentou que os aliados não podiam provar de forma conclusiva que o ouro recebido era roubado.

Os aliados tentaram associar as negociações com a questão dos bens comerciais alemães apreendidos em Portugal, que se dizia valerem por volta de 10,3 milhões de dólares.<sup>847</sup> Negociadores aliados, entretanto, cometeram o erro de concordar com a proposta dos portugueses de que a liquidação dos bens em ouro devia ser adiada até depois de encontrada uma solução para o problema do ouro. O valor dos bens comerciais alemães apreendidos caiu regularmente na medida em que não podiam ser comercializados, uma das principais razões pelas quais os aliados reduziram suas exigências quanto à devolução do ouro.

No final, depois de anos regateando, no dia 24 de junho de 1953 chegou-se a um acordo, segundo o qual Portugal devolvia apenas quatro toneladas de ouro (3.998 toneladas, para ser exato).<sup>848</sup> O acordo representava uma enorme vitória para os portugueses, que podiam ficar com o restante e jamais ter de revelar de quanto era "esse restante". Visto que o relatório apresentado pelo Departamento de Estado, em 1946, concluiu conservadoramente que Portugal havia recebido 124 toneladas de ouro durante a guerra, isso significava que o lucro líquido de Portugal com as negociações era de, no mínimo, 120 toneladas, ou de 400 toneladas, se a estimativa do serviço secreto aliado estivesse correta.

Uma conclusão tão unilateral para um conjunto complexo, e extenso, de negociações era um fenômeno raro. Na verdade, os negociadores americanos foram dificultados nas conversações pelo desejo do governo de seu país de renovar e ampliar o acesso de suas Forças Armadas às bases nos Açores.<sup>849</sup> O Exército americano identificava os Açores como uma ponte vital para ajudar na reconstrução da Europa e, na era da Guerra Fria, para manter forte presença militar americana na Europa e em outros teatros do conflito.

Portanto, os Estados Unidos colocaram o desenvolvimento de sua estratégia na Guerra Fria acima da busca por justiça para os países ocupados, que tiveram seu ouro roubado pelos alemães dos Bancos Centrais e dos cidadãos. As prioridades americanas também abandonaram a busca por justiça para as vítimas do Holocausto, cujo ouro fora igualmente roubado pelos alemães.

Como sempre, Salazar fizera os americanos pagarem um alto preço pelo acesso aos Açores. Ele compreendeu a ordem de prioridades americanas muitíssimo bem e usou as negociações sobre os Açores como barreira para o ouro. Os americanos entenderam

que, se não ficasse contente com as negociações sobre o ouro, Salazar se mostraria menos flexível sobre os Açores. Questões sobre o aspecto moral do ouro de Portugal permaneceram, em grande parte, ignoradas em Lisboa, pois à mídia, controlada pelo Estado, não era permitido fazer referências substanciais ao assunto. A atitude de Salazar no que se referia ao Holocausto nunca mudou: era uma questão interna do Terceiro Reich. Nada tinha a ver com Portugal, cujo ouro fora ganho em troca do fornecimento de tungstênio e outras mercadorias para a Alemanha.

Enquanto isso, o Banco de Portugal tentava se livrar de parte do ouro, dispersando-o pelo país e ao redor do mundo. Ironicamente, pensava-se que parte dele havia voltado para a Suíça.<sup>850</sup> Há evidências de que outras partes foram secretamente embarcadas para o Extremo Oriente, até Macau (na época uma colônia portuguesa), e outras ainda apareceram em lugares bem estranhos. Existem histórias de que o Banco de Portugal ainda tem, em seus cofres, barras de ouro com o selo do Reichsbank. Como a maioria dessas histórias tiveram origem em ex-funcionários do banco, é difícil confirmar plenamente se foi isso mesmo que aconteceu ou não.

Um noticiário transmitido pela BBC no dia 3 de maio de 2000 descreveu como o santuário católico de Fátima admitiu ter guardado ouro alemão até os meados da década de 1980.<sup>851</sup> Os líderes religiosos contaram que haviam pedido a um banco português, em 1970, para derreter parte de seu ouro. Segundo a Igreja, ao receber de volta do banco o equivalente em barras de ouro, descobriu que muitas estavam marcadas com a insígnia nazista. Subsequentemente, essas barras foram vendidas entre 1982 e 1986, a fim de ajudar a financiar obras de construção em Fátima. A Igreja queria melhorar as instalações do santuário.

Mesmo pelas estimativas mais conservadoras dos aliados, ao final da Segunda Guerra Mundial Portugal tinha reservas de ouro suficientes para ajudar a transformar sua economia e as condições de vida de seu povo. Mas Salazar parecia relutante em usar a mínima parte delas. Em vez disso, o ouro permanecia nos cofres do Banco de Portugal e de outros bancos ao redor do mundo. Durante décadas depois da guerra, Portugal continuou a ter uma economia pobre, com sua principal fonte de renda vindo do comércio com as colônias. Em Lisboa, Salazar mantinha seu programa de obras públicas, garantindo graduais melhorias na infraestrutura da cidade. Houve debates internos e disputas dentro do regime sobre o andamento do processo de mudança e da direção da economia. O velho e astuto doutor ainda era dominado pela ideia de não gastar o que acreditava que o país não podia pagar. O ouro ficou nos cofres.

O ouro e o comércio de tungstênio com a Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial continuam sendo uma questão profundamente divisória no Portugal democrático, pós-autoritário. Por intermédio do trabalho de Stuart Eizenstat e sua equipe, investigando-a a fim de obter justiça para as vítimas do Holocausto, tornou-se um tema proeminente no âmbito internacional.<sup>852</sup> A publicidade internacional que cercou a investigação não apresentou Portugal sob uma luz muito favorável: as manchetes incluíam coberturas jornalísticas, como "O Maior Roubo da História", da BBC, e "Os Não Tão Neutros da Segunda Guerra Mundial", do *New York Times*.<sup>853</sup>

As conotações desse debate sobre o ouro e o papel de Portugal na Segunda Guerra Mundial foram as relações historicamente difíceis com os judeus e acusações de que o antissemitismo continuava frequente no país. Essas acusações naturalmente levaram a uma resposta de Lisboa, que se encaixava muito bem no contexto da

política antiautoritária do país, dominante na narrativa política da época. Apesar de uma comissão de investigação nacional sobre a questão do ouro, de pesquisas confiáveis por historiadores sobre os bancos e, em particular, sobre o Banco de Portugal, a história da legalidade e moralidade desse ouro permanece em grande parte inacabada. O que está claro é que continua sendo muito fácil para políticos democráticos de Portugal simplesmente descartarem a história como a ressaca de um passado autoritário, e agirem como se o país não tivesse mais nada a ver com isso.

Salazar acreditava profundamente que Portugal merecia ser pago pelas mercadorias e serviços que oferecera, e que podia ficar com os lucros desse comércio após a guerra. Seria um sinal do amadurecimento da democracia portuguesa se as questões em torno do seu comércio na Segunda Guerra Mundial recebessem uma avaliação crítica menos politizada e mais aberta e justa. Só então a história de Lisboa durante a Segunda Guerra Mundial terá uma real conclusão.

---

**839** NARA/RG165/2845/Records of Military Intelligence Division/Portuguese Foreign Trade during the War, 13 de março de 1944.

**840** NARA/RG84/2/General Records of the Embassy in Lisbon, German External Assets in Portugal, 1947-1956, 20 de abril de 1945.

**841** "Allied Relations and Negotiations with Portugal", *U. S. State Department Report*, s/d, p. 1.

**842** NARA/RG84/2/General Records of the Embassy in Lisbon, German External Assets in Portugal, 1947-1956, 20 de abril de 1945.

**843** "Allied Relations and Negotiations with Portugal", p. 16.

**844** NARA/RG131/346/Foreign Funds Control, Memorandum on Gold Acquisitions by Portugal during World War II, 2 de julho de 1946.

**845** *Ibid.*

**846** "Allied Relations and Negotiations with Portugal", p. 16.

**847** António Louca e Ansgar Schafer, "Portugal and the Nazi Gold: The Lisbon Connection in the Sale of Looted Gold by the Third Reich", *Yad Vashem*, Jerusalém, p. 9.

**848** "Allied Relations and Negotiations with Portugal", p. 25.

**849** *Ibid.*, p. 18.

**850** Louça e Schafer, "Portugal and the Nazi Gold", p. 11.

**851** "Catholic Shrine Had Nazi Gold Haul", *BBC News*, 3 de maio de 2000.

**852** Sobre isso, ver Stuart Eizenstat, *Imperfect Justice: Looted Assets, Slave Labor, and the Unfinished Business of World War II* (Nova York: Public Affairs, 2003).

**853** "The Not So Neutrals of World War II", *New York Times*, 26 de janeiro de 1997;

"Neutral Countries Prolonged War", *CBC News*, 13 de novembro de 1998; "Neutral Nations Kept Nazi Forces Going", *Los Angeles Times*, 3 de junho de 1998.



## Agradecimentos

Como sempre, sou muito grato a David Lewis por continuar a apoiar minha posição na University College London. Tive uma sorte enorme de poder passar um bom tempo em Lisboa, realizando a pesquisa para este livro. Desejo agradecer à Academia Britânica pela concessão de um subsídio que me permitiu empreender pesquisas locais em Lisboa, assim como em Londres, Washington D.C., Nova York, Madri e Rio de Janeiro.

O livro não existiria na sua presente forma sem a bondosa ajuda que muitas pessoas e arquivos me deram durante o processo de pesquisa e redação, que ocorreu durante um período de três anos.

Faço menção especial a Miguel Champalimaud por sua amizade, profundo conhecimento da história portuguesa e grande entusiasmo pelo projeto. O livro beneficiou-se imensamente de sua ajuda. Também a Duncan e Elizabeth Barker, que foram anfitriões fantásticos para mim no Rio de Janeiro e tanto fizeram para tornar minha viagem ao Brasil um sucesso para o livro e para futuros projetos.

Em Lisboa, gostaria de agradecer à equipe de funcionários da Torre do Tombo (o arquivo nacional português) por sua assistência lidando com minhas frequentes requisições de documentos e por constantemente perdoarem a minha incapacidade em lembrar o que significava a cor de cada pedido. O longo processo de descobrir as maravilhas e possibilidades da Torre do Tombo revelou-se um dos grandes prazeres em escrever este livro. O arquivo é um ótimo

testamento do processo de revelar informações em Portugal. Os documentos do arquivo de António de Oliveira Salazar, assim como os da polícia secreta da PIDE, foram uma fonte de valiosíssimas informações.

Gostaria também de agradecer aos funcionários dos Arquivos da Municipalidade de Cascais, que foram gentis o bastante para me suprir com algumas fotografias raramente vistas da área durante a Segunda Guerra Mundial. O arquivo contém importantes informações e registros de hotéis do período.

Existe muita gente a quem devo imensa gratidão pela ajuda durante a minha pesquisa em Lisboa. A Francisco Souza da Câmara, por originalmente me sugerir que os americanos e os britânicos continuam extremamente interessados na história da neutralidade portuguesa durante a Segunda Guerra Mundial. Também a Luís de Almeida, por me encorajar a escrever um livro sobre a história portuguesa. A José Mateus, por seu ilimitado entusiasmo e amplo conhecimento da história do sistema financeiro português. A Jaime Nogueira Pinto, que teve paciência para me explicar a filosofia de Salazar, assim como a importância de suas políticas coloniais, ao avaliar o seu legado. A Paula Serra, que me ajudou a compreender como Portugal funciona (não funciona). A uma das melhores fotógrafas de Lisboa, Ana Baião, pelas fotografias. A Nick Racich, que me ajudou com seu conhecimento da história recente dos bancos em Lisboa.

Uma nota especial de agradecimento deve ser endereçada a Carlos Alberto Damas, diretor do Arquivo Histórico do Banco Espírito Santo. O fato de o arquivo ser um dos mais bem dirigidos deve-se a seus muitos anos de esforço e habilidades organizacionais. Ele me proporcionou muito material relativo a documentos para o livro e seu conhecimento da história do banco é enciclopédico. Muito obrigado

também ao atual vice-presidente do banco, José Manuel Espírito Santo, por conversar comigo longamente sobre as questões relacionadas com o banco na Segunda Guerra Mundial e por me abrir o arquivo. Em Londres, os funcionários do Public Records Office (Arquivo Nacional), em Kew, foram, como sempre, muito prestativos e entusiasmados, me ajudando com o imenso volume de material documental que Portugal e seu papel na Segunda Guerra Mundial havia criado. Sou particularmente agradecido pela orientação nos vários locais para os arquivos de segurança do M15 e M16, que eram novas áreas de pesquisa para mim. Igualmente, o quadro de funcionários da Wiener Library, em Londres, foi muito útil, indicando-me material sobre Wilfrid Israel e refugiados judeus em Lisboa.

Em Portugal, quero agradecer a Frederico e a seu pai, Francisco Champalimaud por me ajudarem a encontrar meu “quarto com vista”, de onde escrevi boa parte deste livro. A Udo e Marion Kruse, por toda sua bondade e apoio. Igualmente, a Mafalda Champalimaud, por sua ajuda com as árvores genealógicas portuguesas. Muito obrigado também a meu advogado, Francisco Costa Reis, por me mostrar o caminho para a próxima etapa. A Claire Chung, por sua energia e apoio ao projeto. Sou extremamente grato a Ricardo Arrenega, da Quinta da Marinha Health & Racket Club, cujo experiente treinamento garantiu que eu me mantivesse em boas condições físicas e saudável enquanto escrevia o livro.

Gostaria de agradecer aos meus amigos em Oitavos Dunes pelo apoio e por compreenderem por que eu desaparecia por longos períodos durante a fase de redação do livro: Axel Bernstoff, Davis Baderm Ian Whittle (que comprou um exemplar do livro antes que eu o terminasse), John e Roxanna Lawson, J. P. Salzman, João Marin, Luís Cameira, Mike Callahan, Norman e Arona Brenn, Pierre e

Marie-France Gaudreault, e William Branth. Obrigado também a Jack e Craig.

No Brasil, várias pessoas muito gentis ajudaram a me orientar pelos arquivos. Sou especialmente grato a Jaime Antunes da Silva, diretor-geral do Arquivo Nacional no Rio de Janeiro, por me dedicar tanto do seu tempo e explicar exatamente em que arquivos eu precisava procurar material. A Sátiro Nunes, por me ajudar especificamente com as fotografias e documentação nos Arquivos Nacionais. Ao tenente-coronel José Luiz Cruz Andrade, diretor dos Arquivos Militares, que me deu enorme ajuda com este livro e com um futuro projeto.

Nos Estados Unidos, a equipe do United States Holocaust Memorial Museum (USHMM) foi muito boa em me ajudar a localizar material sobre refugiados judeus em Lisboa durante a Segunda Guerra Mundial. Judith Cohen, diretora da coleção fotográfica do USHMM, me ajudou a identificar algumas das maravilhosas imagens de refugiados judeus em Lisboa. Agradeço também a Michael Merkowitz por originalmente encontrar esses arquivos fotográficos. No U.S. National Archives, em Maryland, sou extremamente grato à equipe que me auxiliou a localizar os arquivos de que precisava a fim de escrever este livro. A falta de um bom sistema centralizado de computadores ali tornou a ajuda oferecida pela equipe de valor inestimável.

Na PublicAffairs foi um grande prazer trabalhar com meu editor, Clive Priddle, cujas opiniões foram de imensa ajuda para que este projeto chegasse à sua forma final. Sou grato também a Melissa Raymond, minha editora de produção. Também a Niki Papadopoulos, que, embora não mais na PublicAffairs, foi de grande ajuda no início do projeto. Foi um prazer lidar com uma editora tão profissional. Meu muito obrigado ao meu agente, David Patterson, da Foundry

Literary and Media Agency, em Nova York. Tenho grandes esperanças de trabalhar em novos projetos com ele e com a equipe da Foundry. Matt Freeman e Helena Shaw fizeram um trabalho maravilhoso, criando e mantendo meu website.

Finalmente, e mais importante de tudo, tenho uma grande dívida de gratidão para com a minha família por seu contínuo amor e apoio: à minha mãe e aos meus sogros, Pat e Gillian Castle Stewart, à minha mulher, Emma, e a meus filhos, Benjamin e Hélène. O livro é dedicado à minha mulher e meus filhos, com um pedido de desculpas pelas longas ausências em minha escrivania.

## Créditos das fotografias

- 1: Fundação Calouste Gulbenkian, CFT003003770
- 2: Fundação Calouste Gulbenkian, CFT16401159
- 3: Fundação Calouste Gulbenkian, CFT16401154
- 4: Cortesia do Arquivo Municipal de Lisboa, BEK003619
- 5: Cortesia do ANTT/Arquivo Nacional da Torre do Tombo
- 6: Fundação Calouste Gulbenkian, CFT003101549
- 7: Arquivo Municipal de Cascais, PAS408
- 8: Fundação Calouste Gulbenkian, CFT16400794
- 9: Fundação Calouste Gulbenkian, CFT003071106
- 10: Fundação Aristides de Sousa Mendes
- 11: United States Holocaust Memorial Museum, 16197
- 12: United States Holocaust Memorial Museum, 59615
- 13: United States Holocaust Memorial Museum, 34483
- 14: Cortesia do Arquivo Municipal de Lisboa, A22194, Kurt Pinto
- 15: Fundação Calouste Gulbenkian, CFT16401128
- 16: Centro de Estudos da História do BES
- 17: Centro de Estudos da História do BES
- 18: Centro de Estudos da História do BES
- 19: Fundação Calouste Gulbenkian, CFT003016090
- 20: National Archives and Records Administration (NARA, Estados Unidos)
- 21: German Federal Archives (Bundersarchiv), Foto 183–2011–0509–501
- 22: Com a gentil permissão do visconde John Eccles
- 23: Arquivo Municipal de Cascais
- 24: Arquivo Municipal de Cascais, PAS295
- 25: The National Archives, KV2/1273 (Reino Unido)
- 26: Arquivo Municipal de Cascais, CAP275
- 27: Arquivo Municipal de Cascais
- 28: © Bettmann/Corbis

- 29: Com a gentil permissão da família de Jack Beevor
- 30: Cortesia de CriticalPast
- 31: Cortesia de CriticalPast
- 32: Fundação Calouste Gulbenkian, CFT164054946
- 33: Hotel Aviz
- 34: Cortesia de CriticalPast
- 35: Cortesia do Arquivo Municipal de Lisboa, B093861
- 36: Cortesia de CriticalPast
- 37: Fundação Calouste Gulbenkian, CFT003005184
- 38: Fundação Calouste Gulbenkian, CFT003110610
- 39: Fundação Calouste Gulbenkian, CFT16401124
- 40: Fundação Calouste Gulbenkian, CFT003003756

## Uma nota sobre as fontes

A grande maioria dos documentos usados neste livro origina-se de arquivos encontrados em Lisboa (Cascais), Londres, Rio de Janeiro e Washington, D.C. (College Park, Maryland). Em Lisboa, usei os Arquivos Nacionais da Torre do Tombo, que abrigam, entre suas muitas coleções, os documentos relativos a António de Oliveira Salazar. O líder português manteve um registro quase diário durante seu período no cargo. Mais do que um registro dos seus compromissos diários, foi entremeado com algumas observações e comentários. Manuscrito, continua sendo extremamente difícil de decifrar determinadas passagens. Isso dito, é um excelente registro das ocasiões e datas de encontros que compõem uma parte central deste livro.

Outros documentos úteis do arquivo incluem a correspondência oficial de Salazar nos papéis que representou durante a Segunda Guerra Mundial. Às vezes, essa correspondência está incompleta, visto que o arquivo contém relatórios e cartas do emissor, mas não as respostas de Salazar. É necessária uma leitura nas entrelinhas quando isso ocorre. Até certo ponto, os Arquivos Diplomáticos, localizados em outra parte de Lisboa, ajudaram a preencher algumas das lacunas. Os arquivos da PIDE (Polícia Secreta) também estão localizados na Torre do Tombo. Eles estão relacionados aos relatórios da PVDE durante a guerra e foram muito úteis para examinar tanto as ameaças internas como as externas ao regime.

Em Londres, a variedade de documentos usados do National Archive ilustra a centralidade de Lisboa em vários aspectos diferentes da guerra. Os documentos do Ministério das Relações Exteriores ofereceram detalhes de reuniões e eventos importantes. Os documentos de Anthony Eden foram bastante úteis, ajudando a identificar áreas críticas em que Lisboa se tornou importante para os aliados, como aconteceu com papéis do ministério, hoje disponíveis. Documentos relativos às várias agências de inteligência operando em Lisboa mostraram-se úteis em montar as peças de operações complexas realizadas na cidade. Interceptações britânicas



de telegramas alemães e portugueses foram inestimáveis para eu compreender a extensão do comércio entre os dois países.

Nos Estados Unidos, toda uma variedade de documentos foi examinada, inclusive os registros gerais e sigilosos da embaixada americana em Lisboa. Registros relacionados com o ouro nazista e o *Safehaven* também foram usados em conjunto com os documentos britânicos e portugueses. Curiosamente, foi nessa área que as fontes documentais dos aliados começaram a divergir na percepção sobre Salazar. Registros do Departamento de Estado forneceram importantes antecedentes, em particular sobre o tungstênio e as negociações a respeito dos Açores.

Ao todo, quase 50 mil páginas de documentos foram fotografadas, baixadas da internet ou fotocopiadas de vários arquivos e em seguida examinadas para este livro. Material secundário de livros e artigos, tanto de fontes inglesas quanto portuguesas, forneceu inestimáveis informações e detalhes para o livro, como também as autobiografias e memórias dos participantes. O material de vários jornais acrescentou um certo tempero à trama. Consequentemente, todo este material, todos os principais assuntos deste livro poderiam ter merecido um tratamento próprio por extenso. Escolhas difíceis e cuidadosas tiveram que ser feitas quanto ao que incluir e o que deixar de fora para tornar digerível o tamanho deste livro.

# Bibliografia

## FOTOGRAFIAS E DOCUMENTOS NÃO PUBLICADOS

### ***National Archives (Public Records Office) Kew, Londres***

- ADM – Registros do Admiralty, Naval Forces, Royal Marines, Coastguard e organismos relacionados, 1939-1945.
- AIR – Registros criados ou herdados pelo Air Ministry, pela Royal Air Force e organismos relacionados, 1939-1945.
- BT – Registros do British Board of Trade e organismos sucessores e relacionados.
- BW – Registros do British Council, 1943.
- CAB – Registros do British Cabinet Office, 1939-1945.
- CO – Registros do Colonial Office, Commonwealth and Foreign and Commonwealth Offices, Empire Marketing Board e organismos relacionados.
- DEFE – Registros do ministro da Defesa.
- DO – Registros criados ou herdados pelo Dominions Office e da Commonwealth Relations and Foreign and Commonwealth Offices, 1939-1945.
- FO – Registros criados e herdados pelo Foreign Office, 1938-1946.
- GFM – Cópias de registros capturados de governos da Alemanha, Itália e Japão.
- HO – Registros criados ou herdados pelo Home Office, Ministry of Home Security e organismos relacionados, 1939-1945.
- HS – Records Special Operations Executive, 1939-1945.
- HW – Registros criados e herdados pelo British Government Communications Headquarters (GCHQ), 1939-1945.
- KV – Registros do Security Service, 1939-1945.
- PREM – Registros do British Prime Minister's Office, 1939-1945.
- T – Registros criados e herdados pelo HM Treasury, 1939-1945.

WO – Registros criados ou herdados pelo War Office, Armed Forces, Judge Advocate General e organismos relacionados, 1939-1945.

***Arquivo Nacional, Torre do Tombo, Lisboa, Portugal***

**AOS-Arquivo Salazar**

Diários, 1936-1946

Comissão do Livro Branco do Ministério dos Negócios Estrangeiros

Correspondência Diplomática, 1935-1946

Correspondência Oficial, 1928-1946

Correspondência Oficial Especial, 1934-1946

Correspondência Particular, 1928-1946

Papéis Pessoais, 1936-1946

**PIDE (Polícia Secreta)**

Arquivo Geral

Direção dos Serviços de Estrangeiro

Gabinete do Diretor

Propaganda Apreendida, 1936-1946

SPD Subdelegação de Ponta Delgada, 1942-1945

***Arquivo Municipal de Lisboa, Portugal***

Fotografias de Lisboa, 1939-1945

***Arquivo Histórico Municipal de Cascais, Portugal***

AFTG – Arquivos Fotográficos

CAM – Coleção Antiga do Município

CAP – Coleção António Passaporte

CCGC – Coleção César Guilherme Cardoso

CFCB – Coleção Família Castelo Branco

CSAG – Coleção Sérgio Álvares da Guerra

***The Wiener Library, Londres***

Mf Doc 2 – International Committee of the Red Cross: G59 Israélites, 1939-1961.

Mf Doc 56 – World Jewish Congress: Central Files, 1919-1976.

548 – Wilfred Israel Papers, 1940s.

585 – Documents Re Nazis in Spain, 1933-1936.

660 – Thomas Cook & Son Ltd: Storage Record Book, 1914-1969.

683 – Jewish Refugees In Portugal: Various Papers, 1930s.

1072 – Reports and Correspondence Re Gurs and Other French Concentration Camps, 1940s.

1100 – Nsdap Auswaertigesamt: Papers on Jews in Spain and Portugal, 1930s.

1206 – Hepner and Cahn: Family Papers, 1874-1950s.

1514 – Wilfrid Israel: Correspondence, 1937-1943.

1579 – Frank Family: Copy Red Cross Telegrams.

### ***U.S. Holocaust Memorial Museum (USHMM), Washington, D.C.***

General Correspondence between Jewish Refugees in Lisbon and Officials and Relatives.

Series RG-60: Video footage of Jewish refugees in Lisbon and Caldas da Rainha, the port of Lisbon, the Pan Am Clipper arriving and António de Oliveira Salazar holding political meetings.

Steven Spielberg Film and Video Archive at USHMM.

U.S. Holocaust Memorial Museum Photograph Archive, Washington, D.C. W/S/59581-86458: Photographs of Jewish Refugees in [and departing] Lisbon during World War II.

### ***U.S. National Archives, College Park, Maryland***

Foreign Relations of the United States – Relevant Parts of volumes on Portugal, 1939-1948. Também disponível online em <http://digicoll.library.wisc.edu>.

RG 84 Entry 3126 – General Records of the U.S. Embassy in Lisbon Portugal, 1936-1945.

RG 84 Entry 3127 – Classified General Records of the U.S. Embassy in Lisbon Portugal, 1941-1949.

RG 84 Entry 3128 – Top Secret General Records of the U.S. Embassy in Lisbon, 1945-1949.

RG 84 Entry 3129A – Top Secret Subject Files related to Operation Safehaven, 1947-1948, and German external Assets, 1950-1952.

RG 84 Entry 3130 – General Records Relating to War Refugees, 1942.

RG 84 Entry 3131 – Files Relating to War Refugees, 1944-1945.

RG 84 Entry 3138 – Records Relating to German External Assets in Portugal, 1947-1956.

RG 84 Entry 3139 – Files of the Financial Attaches, James E. Wood, 1942-1945.

RG 84 – Classified Records of the U.S. Embassy in Madrid, 1940-1963.

RG 84 – Classified Records of the U.S. Embassy in Paris, 1944-1963.

RG 226 – Records of the Office of Strategic Services, Relevant files to Portugal and Operation Safehaven.

***Centro de História BES, Banco Espírito Santo, Lisboa, Portugal***

Documentação sobre a Segunda Guerra Mundial.

Arquivo fotográfico da família.

Transcrições de trechos do diário de Salazar, 1933-1946.

DOCUMENTOS PUBLICADOS

*Correspondência de Pedro Teotónio Pereira para Oliveira Salazar, volume 1, 1931-1939.* Mira e Sintra: Presidência do Conselho de Ministros, Comissão do Livro Negro sobre o Regime Fascista, 1987.

*Correspondência de Pedro Teotónio Pereira para Oliveira Salazar, volume 2, 1940-1941.* Mira e Sintra: Presidência do Conselho de Ministros, Comissão do Livro Negro sobre o Regime Fascista, 1989.

*Grande Hotel e Hotel Atlântico: Boletins de Alojamento de Estrangeiros.* Cascais: Câmara Municipal de Cascais, 2005.

*Hotel Palácio: Boletins de Alojamento de Estrangeiros.* Cascais: Câmara Municipal de Cascais, 2004.

REVISTAS, AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS, JORNAIS E TELENOTÍCIAS

<i>Associated Press</i>	<i>BBC News</i>
<i>British Pathe News</i>	<i>Daily Express</i>
<i>Daily Mail</i>	<i>Daily Telegraph</i>
<i>Diário da Manhã</i>	<i>Diário de Lisboa</i>
<i>Diário de Notícias</i>	<i>Diário Popular</i>
<i>El País</i>	<i>Expresso</i>
<i>Financial Times</i>	<i>Grande Reportagem</i>
<i>Harper's</i>	<i>Jornal do Commercio</i>
<i>Life Magazine</i>	<i>New York Times</i>
<i>Novidades</i>	<i>O Sábado</i>
<i>O Século</i>	<i>A Voz</i>
<i>Primeiro de Janeiro</i>	<i>República</i>
<i>Reuters</i>	<i>RTF News</i>

*San Francisco Chronicle The Atlantic*  
*The Economist*                      *The Guardian*  
*The Tablet*                              *The Times* (Londres)  
*Time*                                        *Visão*  
*United Press*                              *Washington Post*

#### FICÇÃO E LIVROS DE VERSOS

Beauvoir, Simone de. *The Mandarins*. Londres: Flamingo, 1982.  
Fleming, Ian. *Casino Royale*. Londres: Penguin, 2006.  
Gabbay, Tom. *The Lisbon Crossing: A Novel*. Nova York: William Morrow, 2007.  
Koestler, Arthur. *Arrival and Departure*. Londres: Penguin, 1971.  
Mercier, Pascal. *Night Train to Lisbon*. Londres: Atlantic, 2008.  
Pessoa, Fernando. *Poesia inglesa 1*: Lisboa: Assírio e Alvim, 2000.  
\_\_\_\_\_. *Poesia inglesa 2*: Lisboa: Assírio e Alvim, 2000.  
Saramago, José. *Blindness*. Austin, Nova York, San Diego e Londres: Harcourt, 2004.  
\_\_\_\_\_. *The Stone Raft: A Novel*. Nova York, San Diego e Londres: Harcourt Brace, 1995.  
\_\_\_\_\_. *The Year of the Death of Ricardo Reis*. Londres: Harvell, 1992.  
Wilson, Robert. *A Small Death in Lisbon*. Nova York: Berkley Books, 2002.  
\_\_\_\_\_. *The Company of Strangers*. Londres: HarperCollins, 2002.

#### LIVROS DE NÃO FICÇÃO E ARTIGOS

Afonso, Rui. *Um homem bom: Aristides de Sousa Mendes*. Alfragide: Texto, 2009.  
Agudo, Manuel Rós. *A grande tentação: os planos de Franco para invadir Portugal*. Alfragide: Casa das Letras, 2009.  
Allen, Martin. *Hidden Agenda: How the Duke of Windsor Betrayed the Allies*. Londres: Macmillan, 2000.  
\_\_\_\_\_. *The Hitler/Hess Deception: British Intelligence's Best-Kept Secret of the Second World War*. Londres: HarperCollins, 2003.  
Allen, Peter. *The Crown and the Swastika: Hitler, Hess and the Duke of Windsor*. Londres: Robert Hale, 1983.  
Anderson, James M. *The History of Portugal*. Westport, CT, e Londres: 2000.  
Andrew, Christopher. *The Defence of the Realm: The Authorized History of MI5*. Londres: Allen Lane, 2009.

- Araújo, Rui. *O diário secreto que Salazar não leu*. Cruz Quebrada: Oficina do Livro, 2008.
- Asprey, Robert. *The Rise and Fall of Napoleon Bonaparte: Volume One – the Rise*. Londres: Little, Brown, 2000.
- \_\_\_\_\_. *The Rise and Fall of Napoleon Bonaparte: Volume Two – the Fall*. Londres: Little, Brown, 2001.
- Assor, Miriam. *Aristides de Sousa Mendes: um justo contra a corrente*. Lisboa: Guerra e Paz, 2009.
- Baigent, Michael e Richard Leigh. *The Inquisition*. Londres: Penguin, 2000.
- Bailey, Rosemary. *Love and War in the Pyrenees: A Story of Courage, Fear, and Hope, 1939-1944*. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 2008.
- Beauvoir, Simone de, ed. *Quiet Moments in a War: The Letters of Jean-Paul Sartre to Simone de Beauvoir, 1940-1963*. Londres: Penguin, 1995.
- Beevor, Antony. *Stalingrad*. Londres: Penguin, 1999.
- \_\_\_\_\_. *The Battle for Spain: The Spanish Civil War, 1936-1939*. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 2006.
- \_\_\_\_\_. *D-Day: The Battle for Normandy*. Londres: Viking, 2009.
- Beevor, Anthony e Artemis Cooper. *Paris: After the Liberation, 1944-1949*. Londres: Penguin, 2007.
- Beevor, J. G. *SOE: Recollections and Reflections, 1940-1945*. Londres: Bodley Head, 1981.
- Benoliel, Joshua. *1873-1932: Repórter fotográfico*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 2005.
- Bercuson, David J., e Holder H. Herwig. *One Christmas in Washington: Churchill and Roosevelt Forge the Grand Alliance*. Londres: Phoenix, 2006.
- Bermeo, Nancy Gina. *The Revolution within the Revolution: Workers Control in Rural Portugal*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1986.
- Bethencourt, Francisco, e Diogo Ramada Curto, eds. *Portuguese Oceanic Expansion, 1440-1800*. Nova York: Cambridge University Press, 2007.
- Birmingham, David. *A Concise History of Portugal*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Portugal and Africa*. Athens, OH: Ohio University Press, 1999.
- Bloch, Michael. *Operation Willi: The Plot to Kidnap the Duke of Windsor, July 1940*. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1986.
- \_\_\_\_\_. *The Duchess of Windsor*. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1996.
- \_\_\_\_\_. *The Duke of Windsor's War*. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1982.

- \_\_\_\_\_. *The Secret File of the Duke of Windsor*. Londres: Corgi Books, 1989.
- Bower, Tom. *The Full Story of the Fifty-Year Swiss-Nazi Conspiracy to Steal Billions from Europe's Jews and Holocaust Survivors*. Nova York: HarperCollins, 1997.
- Brandão, Fernando de Castro. *António de Oliveira Salazar: uma cronologia*. Lisboa: Prefácio, 2011.
- Brandão, F. Norton. "Epidemiology of Venereal Disease in Portugal during the Second World War." *British Journal of Venereal Diseases* 36, nº 2 (1960): 136-38.
- Breitman, Richard. "A Deal with the Nazi Dictatorship?: Himmler's Alleged Peace Emissaries in Autumn 1943." *Journal of Contemporary History* 30 (1995): 411-30.
- Briggs, Asa. *History of England: England in the Age of Improvement*. Londres: Folio Society, 2000.
- Buck, Paul. *Lisbon: A Cultural and Literary Companion*. Oxford: Signal Books, 2002.
- Burleigh, Michael. *Sacred Causes: Religion and Politics from the European Dictators to Al Qaeda*. Londres: HarperPerennial, 2006.
- \_\_\_\_\_. *The Third Reich: A New History*. Londres: Pan, 2001.
- Burman, Edward. *The Inquisition: The Hammer of Heresy*. Stroud: Sutton, 2004.
- Burns, Jimmy. *Papa Spy: Love, Faith, and Betrayal in Wartime Spain*. Londres: Bloomsbury, 2009.
- Caldwell, Robert. "The Anglo-Portuguese Alliance Today." *Foreign Affairs* 21, nº 1 (outubro de 1942): 149, 157.
- Cannadine, David. *In Churchill's Shadow: Confronting the Past in Modern Britain*. Londres: Penguin, 2003.
- Cantwell, John. *The Second World War: A Guide to Documents in the Public Record Office*. Londres: The National Archives, 1998.
- Caron, Vicki. *Uneasy Asylum: France and the Jewish Refugee Crisis, 1933-1942*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1999.
- Carpozi, George J. R. *Nazi Gold: The Real Story of How the World Plundered Jewish Treasures*. Far Hills: New Horizon Press, 1999.
- Carr, Raymond. *Modern Spain, 1875-1980*. Oxford, Oxford University Press, 1986.
- Carrilho, M., et al., eds. *Portugal na Segunda Guerra Mundial*. Lisboa: Dom Quixote, 1989.
- Carter, Miranda. *Anthony Blunt: His Lives*. Londres: Pan Books, 2002.
- Caruana, Leonard, e Hugh Rockoff. "A Wolfram in Sheep's Clothing: Economic Warfare in Spain, 1940-1944", *The Journal of Economic History* 63, nº 1 (março de 2003): 100-26.



- Carvalho, Manuel de Abreu Ferreira. *Relatório dos acontecimentos de Timor, 1942-45*. Lisboa: Instituto da Defesa Nacional, 2003.
- Castro, Pedro Jorge. *Salazar e os milionários*. Lisboa: Quetzal, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Salazar e os milionários*. Lisboa: Quetzal Editores, 2009.
- Chandler, David G. *The Campaigns of Napoleon: Volume Two: the Zenith, September 1805-September 1812*. Londres: Folio Society, 2002.
- Chaves, Miguel de Mattos. *Portugal e a construção europeia: mitos e realidades*. Lisboa: Sete Caminhos, 2005.
- Churchill, Winston. *The Second World War (Abridged Version)*. Londres: Pimlico, 2002.
- \_\_\_\_\_. *The Second World War: Volume Five, Closing the Ring*. Londres: Folio Society, 2000.
- \_\_\_\_\_. *The Second World War: Volume Four, the Hinge of Fate*. Londres: Folio Society, 2000.
- \_\_\_\_\_. *The Second World War: Volume One, the Gathering Storm*. Londres: Folio Society, 2000.
- \_\_\_\_\_. *The Second World War: Volume Six, Triumph and Tragedy*. Londres: Folio Society, 2000.
- \_\_\_\_\_. *The Second World War: Volume Three, the Grand Alliance*. Londres: Folio Society, 2000.
- \_\_\_\_\_. *The Second World War: Volume Two, the Finest Hour*. Londres: Folio Society, 2000.
- Churchill, Winston S., ed. *Never Give In: The Best of Winston Churchill's Speeches*. Londres: Pimlico, 2003.
- Clausewitz, Carl von. *On War*. Londres: Everyman's Library, 1993.
- Corkill, David, e José Carlos Pina Almeida. "Commemoration and Propaganda in Salazar's Portugal: the Mundo Portuguese Exposition of 1940." *Journal of Contemporary History* 44, n° 3 (2009): 381-99.
- Costa, Fernando. *Portugal e a guerra anglo-boer*. Lisboa: Edições Cosmos, 1998.
- Dacosta, Fernando. *Máscaras de Salazar*. Cruz Quebrada: Casa das Letras, 2007.
- Damas, Carlos Alberto. "Ricardo Espírito Santo e o duque de Windsor": *História*, n° 62 (dezembro de 2003): 46-51.
- \_\_\_\_\_. "Espírito Santo e Os Windsor em 1940." *Grande Reportagem*, pp. 96-101.
- \_\_\_\_\_. *Hotel Tivoli Lisboa, 1933-2008*. Lisboa: Centro de História do Grupo Banco Espírito Santo, 2008.

- \_\_\_\_\_. *Manuel Ribeiro Espírito Santo Silva: Fotobiografia, 1908-1973*. Lisboa: Centro de História do Grupo Banco Espírito Santo, 2008.
- Damas, Carlos Alberto e Augusto de Ataíde. *O Banco Espírito Santo: uma dinastia financeira portuguesa, 1886-1973*. Lisboa: Banco Espírito Santo, 2004.
- De Sousa, Maria Leonor Machado, ed. *A guerra peninsular em Portugal: relatos britânicos*. Casal de Cambra: Calei dos Copio, 2008.
- Deakin, F. W. *The Brutal Friendship: Mussolini, Hitler, and the Fall of Italian Fascism*. Londres: Penguin, 1962.
- Dearborn, Mary. *Peggy Guggenheim: Mistress of Modernism*. Londres: Virago Press, 2008.
- Delgado, Humberto. *The Memoirs of General Delgado*. Londres: Cassell, 1964.
- Diamond, Hanna. *Fleeing Hitler: France 1940*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- Dias, Marina Tavares. *Lisboa nos anos 40: longe da guerra*. Lisboa: Quimera Editores, 2005.
- Disney, A. R. *A History of Portugal and the Portuguese Empire, Volume One*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- \_\_\_\_\_. *A History of Portugal and the Portuguese Empire, Volume Two*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- Doerries, Reinhard. *Hitler's Last Chief of Foreign Intelligence: Allied Interrogations of Walter Schellenberg*. Londres e Portland: Frank Cass, 2003.
- Duggan, Christopher. *A Concise History of Italy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- Eccles, David. *By Safe Hand: The Letters of Sybil and David Eccles, 1939-42*. Londres: The Bodley Head, 1983.
- Eden, Anthony. *Full Circle: The Memoirs of Sir Anthony Eden*. Londres: Cassell, 1960.
- Edmondson, John. *France: A Traveller's Literary Companion*. Londres: In Print, 1993.
- Eisenhower, Dwight D. *Crusade in Europe*. Londres: Heinemann, 1948.
- Eizenstat, Stuart E. *Imperfect Justice: Looted Assets, Slave Labour and the Unfinished Business of World War II*. Nova York: PublicAffairs, 2003.
- Esdale, Charles. *Napoleon's Wars: An International History, 1803-1815*. Londres: Allen Lane, 2007.
- Evans, Richard E. *The Third Reich at War: How the Nazis Led Germany from Conquest to Disaster*. Londres: Penguin, 2009.

- Faria, Miguel Figueira de. *Alfredo da Silva e Salazar*. Lisboa: Bertrand Editora, 2009.
- Ferguson, Niall. *Empire: How Britain Made the Modern World*. Londres: Penguin, 2004.
- \_\_\_\_\_. *The Ascent of Money: A Financial History of the World*. Londres: Penguin, 2007.
- \_\_\_\_\_. *The House of Rothschild: Money's Prophets, 1798-1848*. Nova York: Penguin, 1998.
- \_\_\_\_\_. *The House of Rothschild: The World's Banker, 1849-1999*. Nova York: Penguin, 1998.
- \_\_\_\_\_. *The Pity of War*. Londres: Penguin, 1999.
- \_\_\_\_\_. *The War of the World*. Londres: Penguin, 2007.
- Ferro, António. *Salazar: Portugal and Her Leader*. Londres: Faber and Faber, 1939.
- Figueiredo, António de. *Portugal: Fifty Years of Dictatorship*. Londres: Penguin, 1975.
- Foot, M. R. D. *SOE: The Special Operations Executive, 1940-1946*. Londres: Pimlico, 1999.
- Fralon, José-Alain. *A Good Man in Evil Times: The Story of Aristides de Sousa Mendes, the Man Who Saved the Lives of Countless Refugees in World War II*. Nova York: Carroll and Graf, 2001.
- Fry, Varian. *Surrender on Demand*. Boulder: Johnson Books, 1997.
- Garcia, Maria Madalena. *Arquivo Salazar: inventário e índices*. Lisboa: Editorial Estampa, 1992.
- Garnier, Christine. *Férias com Salazar*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira e Grasset e Fasquelle, 1952.
- \_\_\_\_\_. *Salazar in Portugal: An Intimate Portrait*. Nova York: Farrar, Straus, and Young, 1954.
- Gilbert, Martin. *A History of the Twentieth Century Volume One: 1900-1933*. Londres: HarperCollins, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Churchill and America*. Nova York: Free Press, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Churchill: A Life: Volume Two*. Londres: Folio Society, 2004.
- \_\_\_\_\_. *D-Day*. Hoboken, NJ: Wiley, 2004.
- Ginsburg, Paul. *A History of Contemporary Italy: Society and Politics, 1943-1988*. Londres: Penguin, 1990.
- Glancey, Jonathan. *Spitfire: The Biography*. Londres: Atlantic Books, 2007.

- Glass, Charles. *Americans in Paris: Life and Death under German Occupation, 1940-1944*. Londres: Harpers Press, 2009.
- Greene, Richard, ed. *Graham Greene: A Life in Letters*. Londres: Little, Brown, 2007.
- Guggenheim, Peggy. *Out of This Century: Confessions of an Art Addict*. Londres: Andre Deutsch, 2005.
- Gurriarán, José António. *Um rei no Estoril: Dom Juan Carlos e a família real espanhola no exílio português*. Lisboa: Dom Quixote, 2001.
- Hayward, James. *Mitos e lendas da Segunda Guerra Mundial*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2007.
- Henriques, João, Miguel e Olga Bettencourt, e Teresa Ramirez, eds. *The History of Sailing in Cascais: From the First Regatta to the Internationalisation of Sailing*. Lisboa: Edições Inapa, 2007.
- Henriques, Mendo Castro e Gonçalo de Sampaio e Mello, eds. *Salazar, António, de Oliveira: Pensamento e doutrina política*. Lisboa: Verbo, 2010.
- Herz, Norman. *Operation Alacrity: The Azores and the War in the Atlantic*. Annapolis, MD: Naval Institute Press, 2004.
- Higham, Charles. *Mrs Simpson: Secret Lives of the Duchess of Windsor*. Londres: Pan Books, 2004.
- Hildebrand, Klaus. *The Foreign Policy of the Third Reich*. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1973.
- \_\_\_\_\_. *The Third Reich*. Londres: George Allen and Unwin, 1985.
- Hinsley, F. H. *British Intelligence in the Second World War (Abridged Version)*. Londres: Her Majesty's Stationery Office, 1993.
- Hoare, Samuel. *Ambassador on Special Mission*. Londres: Collins, 1946.
- \_\_\_\_\_. *Nine Troubled Years*. Londres: Collins, 1954.
- Holland, James. *Fortress Malta: An Island under Siege, 1940-1943*. Londres: Phoenix, 2004.
- Holt, Thaddeus. *The Deceivers: Allied Military Deception in the Second World War*. Londres: Phoenix, 2005.
- Hyland, Paul. *Backwards Out of the Big World*. Londres: HarperCollins, 1996.
- Hynes, Samuel, Anne Matthews, Nancy Caldwell Sorel e Roger J. Spiller, eds. *Reporting World War II: Part One: American Journalism, 1938-1940*. Nova York: Library of America, 1995.
- Ingrains, Richard. *Muggeridge: The Biography*. Londres: HarperCollins, 1995.
- Jack, Malcolm. *Lisbon: City of the Sea, a History*. Nova York: I. B. Tauris, 2007.

- Janeiro, Helena Pinto. *Salazar e Pétain: relações luso-francesas durante a II Guerra Mundial, 1940-1944*. Lisboa: Edições Cosmos, 1998.
- Jardim, Rita. "Memória do duque de Windsor: Operação Willi." *Grande Reportagem*, pp. 116-21.
- Jeffery, Keith. *MI6: The History of the Secret Intelligence Service, 1909-1949*. Londres: Bloomsbury, 2010.
- Johnson, Paul. *Napoleon*. Londres: Phoenix, 2002.
- Justino, Ana Clara, ed. *O Século XX em Revista*. Lisboa: Câmara Municipal de Cascais, 2002.
- Kaplan, Marion. *The Portuguese: The Land and Its People*. Manchester: Carcanet, 2006.
- Kassow, Samuel D. *Who Will Write Our History? Rediscovering a Hidden Archive from the Warsaw Ghetto*. Londres: Allen Lane, 2009.
- Kay, Hugh. *Salazar and Modern Portugal*. Nova York: Hawthorn Books, 1970.
- Koestler, Arthur. *Scum of the Earth*. Londres: Eland Publishing, 2006.
- Laqueur, Walter. *Generation Exodus: The Fate of the Young Jewish Refugees from Nazi Germany*. Hanover e Londres: Brandeis University Press, 2001.
- Leal, Ernesto Castro. *António Ferro: Espaço político e imaginário social, 1918-32*. Lisboa: Edições Cosmos, 1994.
- Lee, Laurie. *Red Sky at Sunrise: An Autobiographical Trilogy*. Londres: Penguin, 1993.
- Leitz, Christian. "Nazi Germany and the Luso-Hispanic World." *Contemporary European History* 12, nº 2 (maio de 2003): 183-96.
- \_\_\_\_\_. *Nazi Germany and Neutral Europe during the Second World War*. Manchester: Manchester University Press, 2000.
- Lewis, Paul H. "Salazar's Ministerial Elite, 1932-1968", *Journal of Politics* 40, nº 3 (agosto de 1978): 622-47.
- Lima, Mário João e José Soares Neves. *Cascais e a memória dos exílios*. Lisboa, Câmara Municipal de Cascais, 2005.
- Livermore, H. V. *A New History of Portugal*. Cambridge: Cambridge University Press, 1966.
- Lob, Ladislaus. *Dealing with Satan: Rezso Kasztners Daring Rescue Mission*. Londres: Jonathan Cape, 2008.
- Louça, António e Ansgar Schafer. "Portugal and the Nazi Gold: The Lisbon Connection in the Sales of Looted Gold by the Third Reich." *Yad Vashem*, Jerusalém, sem data de publicação.

- Louça, António e Isabelle Paccaud. *O segredo da rua d'O século – ligações perigosas de um dirigente judeu com a Alemanha nazi, 1935-1939*. Lisboa, Fim de Século, 2007.
- Louça, António. *Hitler e Salazar: comércio em tempos de guerra, 1940-1944*. Lisboa: Terramar, 2000.
- Louro, Sónia. *O cônsul desobediente*. Parede: Saída de Emergência, 2009.
- Lycett, Andrew. *Ian Fleming*. Londres: Phoenix, 1996.
- MacDonagh, S. J. "A Professor in Politics: Salazar and the Regeneration of Portugal." *Irish Monthly*, 1940, pp. 417-27.
- Macintyre, Ben. *Agent Zigzag: The True Wartime Story of Eddie Chapman: Lover, Betrayer, Hero, Spy*. Londres: Bloomsbury, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Operation Mincemeat: The True Spy Story that Changed the Course of World War II*. Londres: Bloomsbury, 2010.
- Macmillan, Margaret. *Peacemakers: Six Months That Changed the World*. Londres: John Murray, 2002.
- Makovsky, Michael. *Churchill's Promised Land: Zionism and Statecraft*. New Haven e Londres: Yale University Press, 2007.
- Manchester, William. *The Last Lion: Winston Spenser Churchill, Alone 1932-1940*. Boston, Nova York e Londres: Little, Brown, 1988.
- Matos, Helena. *Salazar: A construção do mito, 1928-1933*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Salazar: A propaganda, 1934-1938*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2010.
- Mattoso José e Fernando Rosas. *História de Portugal, sétimo volume: o Estado Novo, 1926-1974*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.
- Maxwell, Kenneth. *The Making of Portuguese Democracy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- Mayson, Richard. *Port and the Douro*. Londres: Octopus, 2004.
- Meneses, Filipe Ribeiro de. *Salazar: A Political Biography*. Nova York: Enigma Books, 2009.
- \_\_\_\_\_. *União Sagrada e Sidonismo: Portugal em guerra, 1916-18*. Lisboa: Edições Cosmos, 2000.
- Milgram, Avraham. "Portugal: the Consuls, and the Jewish Refugees, 1938-1941." *Yad Vashem Studies* 27 (Jerusalém, 1999): 123-56.
- \_\_\_\_\_. *Portugal, Salazar e os judeus*. Lisboa: Gradiva, 2010.
- Mocatta, Frederic David. *The Jews of Spain and Portugal and the Inquisition*. General Books, 2009.

- Monteiro, Armindo. "Portugal in Africa", *Journal of the Royal African Society* 38, n° 151 (abril de 1939): 259-72.
- Moran, Lorde. *Churchill at War, 1940-45*. Londres: Robinson, 2002.
- Muggeridge, Malcolm, ed. *Ciano's Diary, 1939-1943*. Londres: Heinemann, 1947.
- \_\_\_\_\_. *Chronicles of Wasted Time: An Autobiography*. Vancouver: Regent College Publishing, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Like It Was: A Selection from the Diaries of Malcolm Muggeridge*. Londres: Collins, 1981.
- Neillands, Robin. *Wellington and Napoleon: Clash of Armies, 1807-1815*. Barnsley: Pen and Sword, 2003.
- Nicholas Lynn. *Europa saqueada: o destino dos tesouros artísticos europeus no Terceiro Reich e na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- Nogueira, Franco. *Salazar: volume 1, a mocidade e os princípios, 1889-1928*. Porto: Civilização Editora, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Salazar: volume 2, os tempos áureos, 1928-1936*. Porto: Civilização Editora, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Salazar: volume 3, as grandes crises, 1936-1945*. Porto: Civilização Editora, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Salazar: volume 4, o ataque, 1945-1958*. Porto: Civilização Editora, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Salazar: volume 5, a resistência, 1958-1964*. Porto: Civilização Editora, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Salazar: volume 6, o último combate, 1964-1970*. Porto: Civilização Editora, 2000.
- Norwich, John Julius. *The Middle Sea: A History of the Mediterranean*. Londres: Vintage, 2007.
- Nunes, João Paulo Avelãs. *O Estado Novo e o Volfrâmio, 1933-1947*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010.
- Oliveira, Pedro Aires. *Armindo Monteiro: uma biografia política*. Lisboa: Bertrand Editora, 2000.
- Overy, Richard. *The Dictators: Hitler's Germany, Stalin's Russia*. Londres: Penguin, 2005.
- Page, Martin. *The First Global Village: How Portugal Changed the World*. Cruz Quebrada: Casa das Letras, 2002.
- Paice, Edward. *Wrath of God: The Great Lisbon Earthquake of 1755*. Londres: Quercus, 2008.

- Paxton, Robert O. *The Anatomy of Fascism*. Londres: Penguin, 2005.
- Payne, Stanley G. *A History of Spain and Portugal, Volume One*. Madison e Londres: University of Wisconsin Press, 1973.
- \_\_\_\_\_. *A History of Spain and Portugal, Volume Two*. Madison e Londres: University of Wisconsin Press, 1973.
- \_\_\_\_\_. *A History of Fascism, 1914-45*. Londres: Routledge, 2001.
- Petropoulos, Jonathan. *Royals and the Reich: The Princes von Hessen in Nazi Germany*. Nova York: Oxford University Press, 2006.
- Philby, Kim. *My Silent War: The Autobiography of a Spy*. Nova York: The Modern Library, 2002.
- Picaper, Jean-Paul. *No rasto dos tesouros nazis*. Lisboa: Edições 70, 1998.
- Pignatelli, Marina. *Interioridades e exterioridades dos judeus de Lisboa*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2008.
- Pimentel, Irene Flunser. *Cardeal Cerejeira: o príncipe da Igreja*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Judeus em Portugal durante a II Guerra Mundial: em fuga de Hitler e do Holocausto*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2006.
- Pinto, Jaime Nogueira. *António de Oliveira Salazar: o outro retrato*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2008.
- \_\_\_\_\_. *O fim do Estado Novo e as origens do 25 de Abril*. Algés, Lisboa: Difel, 1995.
- Preston, Paul. *Comrades: Portraits from the Spanish Civil War*. Londres: HarperPerennial, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Franco*. Londres: Basic Books, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Juan Carlos: Steering Spain from Dictatorship to Democracy*. Londres: HarperPerennial, 2005.
- \_\_\_\_\_. *The Spanish Civil War, 1936-39*. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1986.
- \_\_\_\_\_. *The Spanish Civil War: Reaction, Revolution and Revenge*. Londres: HarperPerennial, 2006.
- Raby, Dawn Linda. "The Portuguese Presidential Election of 1949: A Successful Governmental Maneuver?" *Luso-Brazilian Review* 27, nº 1 (verão de 1990): 63-77.
- Ramalho, Miguel Nunes. *Sidónia Pais: diplomata e conspirador, 1912-1917*. Lisboa: Cosmos, 2001.
- Rankin, Nicholas. *Churchill's Wizards: The British Genius for Deception, 1914-1945*. Londres: Faber and Faber, 2008.



- Redondo, Juan Carlos Jiménez. *Franco e Salazar: as relações luso-espanholas durante a Guerra Fria*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1996.
- Reynolds, David. *In Command of History: Churchill Fighting and Writing the Second World War*. Londres: Allen Lane, 2004.
- Rezola, Maria Inácia. *25 de Abril: mitos de uma Revolução*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2008.
- Roberts, Andrew. *A History of the English-Speaking Peoples Since 1900*. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Churchill and Hitler: Secrets of Leadership*. Londres: Phoenix, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Masters and Commanders: The Military Geniuses Who Led the West to Victory in World War II*. Londres: Penguin, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Napoleon and Wellington*. Londres: Phoenix, 2001.
- \_\_\_\_\_. *The Holy Fox: The Life of Lord Halifax*. Londres: Phoenix, 1991.
- \_\_\_\_\_. *The Storm of War: A New History of the Second World War*. Londres: Penguin, 2010.
- Rodrigues, Luís Nuno. *Salazar e Kennedy: a crise de uma aliança*. Lisboa: Casa das Letras, 2002.
- \_\_\_\_\_. ed. *Franklin Roosevelt and the Azores during the Two World Wars*. Lisboa: Fundação Luso-Americana, 2008.
- Rohr, Isabelle. *The Spanish Right and the Jews, 1898-1945*. Brighton and Portland: Sussex Academic Press, 2008.
- Rosas, Fernando. "Portuguese Neutrality in the Second World War". In Neville Wylie, ed. *European Neutrals and Non-Belligerents during the Second World War*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, 268-82.
- \_\_\_\_\_. *Lisboa revolucionária: roteiro dos confrontos armados no século XX*. Lisboa: Tinta-da-China, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Portugal entre a paz e a guerra, 1939-1945*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.
- Rosas, Fernando e Júlia Leitão de Barros e Pedro de Oliveira. *Armindo Monteiro e Oliveira Salazar: correspondência política, 1926-1955*. Lisboa: Editorial Estampa, 1996.
- Russell-Wood, A. J. R. *The Portuguese Empire, 1415-1808: A World on the Move*. Baltimore e Londres: John Hopkins University Press, 1998.
- Ryan, John. "Election in Portugal." *Irish Monthly*, 1946, pp. 52-8.
- Saraiva, António José. *Política à portuguesa: ideias, pessoas e fatos*. Cruz Quebrada: Oficina do Livro, 2007.

- Saraiva, José Hermano. *Portugal: A Companion History*. Manchester: Carcanet, 1997.
- Saramago José. *Small Memories: A Memoir*. Londres: Harvill Seeker, 2009.
- \_\_\_\_\_. *The Notebook*. Londres e Nova York: Verso, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Journey to Portugal: In Pursuit of Portugal's History and Culture*. San Diego, Nova York e Londres: Harvest, 2000.
- Scammell, Michael. *Koestler: The Indispensable Intellectual*. Londres: Faber and Faber, 2009.
- Schellenberg, Walter. *The Memoirs of Hitler's Spymaster*. Londres: Andre Deutsch, 2006.
- Schwarz, Reinhard. *Os alemães em Portugal, 1933-1945: a colônia alemã através das suas instituições*. Porto: Antilia Editora, 2006.
- Sedgwick, Ellery. "Something New in Dictators: Salazar of Portugal." *The Atlantic Monthly* (janeiro de 1954): 40-5.
- Selby Walford. *Diplomatic Twilight: 1930-1940*. Londres: John Murray, 1953.
- Shepherd, Naomi. *A Refuge from Darkness: Wilfrid Israel and the Rescue of the Jews*. Nova York: Pantheon Books, 1984.
- Shirer, William L. *The Rise and Fall of the Third Reich: A History of Nazi Germany, Volume Three*. Londres: Folio Society, 1995.
- Shrady, Nicholas. *The Last Day: Wrath, Ruin and Reason in the Great Lisbon Earthquake of 1755*. Nova York: Penguin, 2008.
- Smith, Alfred. *Rudolf Hess: And Germany's Reluctant War, 1939-41*. Lewes: The Book Guild Limited, 2001.
- Soutar, Ian, ed. "History Notes: Nazi Gold: Information from the British Archives." Historians LRD, Foreign and Commonwealth Office, rev. ed., janeiro de 1997.
- \_\_\_\_\_. "History Notes: Nazi Gold: Information from the British Archives: Part II, Monetary Gold, Non Monetary Gold and the Tripartite Gold Commission." Historians LRD, nº 12, Foreign and Commonwealth Office, May 1997.
- Steury, Donald. "CSI: The OSS and Project Safehaven." [www.cia.gov/library](http://www.cia.gov/library).
- Stevens, Edmund. "Portugal Under Salazar." *Harper's Magazine* 205, nº 1.227 (agosto de 1952): 62-8.
- Stone, Glyn A. *Spain, Portugal and the Great Powers, 1931-1941*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2005.
- \_\_\_\_\_. "The Official British Attitude to the Anglo-Portuguese Alliance, 1910-1945", *Journal of Contemporary History* 10, nº 4 (outubro de 1975): 729-46.

- \_\_\_\_\_. *The Oldest Ally: Britain and the Portuguese Connection, 1936-1941*. Woodbridge, Suffolk: Boydell Press, 1994.
- Strachan, Hew, ed. *The Oxford Illustrated History of the First World War*. Oxford: Oxford University Press, 1998.
- Streeter, Michael. *Franco*. Londres: Haus Publishing, 2005.
- Sweeney, J. K. "The Portuguese Wolfram Embargo: A Case Study in Economic Warfare", *Military Affairs* 38, nº 1 (fevereiro de 1974): 23-6.
- Tarling, Nicholas. "Britain, Portugal and East Timor in 1941", *Journal of Southeast Asian Studies* 27, nº 1 (março de 1996): 132-38.
- Taylor, A. J. P. *The Origins of the Second World War*. Londres: Penguin, 1991.
- \_\_\_\_\_. *A History of England, 1914-1945*. Londres: Folio Society, 2000.
- Teixeira, Nuno Severiano. "From Neutrality to Alignment: Portugal in the Foundation of the Atlantic Pact." *Luso-Brazilian Review* 29, nº 2 (inverno de 1992): 113-26.
- \_\_\_\_\_. *O poder e a guerra, 1914-1918: objetivos nacionais e estratégias na grande guerra*. Lisboa, Editorial Estampa, 1996.
- Telo, António José. *A neutralidade portuguesa e o ouro nazista*. Lisboa: Quetzal Editores, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Portugal na Segunda Guerra, 1941-1945*. 2 vols. Lisboa: Vega, 1991.
- Thomas, Hugh. *The Spanish Civil War*. Londres: Penguin, 1990.
- Trabulo, António. *O diário de Salazar*. Lisboa: Parceira e A. M. Pereira, 2008.
- Tremlett, Giles. *Ghosts of Spain: Travels through a Country's Hidden Past*. Londres: Faber and Faber, 2006.
- Trevor-Roper, Hugh. *The Last Days of Hitler*. Londres: Macmillan, 1995.
- Unger, Irwin, e Debi Unger. *The Guggenheims: A Family History*. Nova York: HarperPerennial, 2006.
- Vail, Karole, ed. *The Museum of Non-Objective Painting: Hila Rebay and the Origins of the Solomon R. Guggenheim Museum*. Nova York: Guggenheim Museum Publications, 2009.
- Vicente, Ana. *Portugal visto pela Espanha: correspondência diplomática, 1939-1960*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1992.
- Walters, Guy. *Hunting Evil*. Londres: Bantam Books, 2010.
- West, Nigel. *MI6: British Secret Intelligence Service, 1909-45*. Londres: Panther, 1985.
- Wheeler, Douglas L. "And Who Is My Neighbour? A World War II Hero of Conscience for Portugal." *Luso-Brazilian Review* 26, nº 1 (verão de 1989): 119-

39.

- \_\_\_\_\_. "In the Service of Order: The Portuguese Secret Police and the British, German and Spanish Intelligence, 1932-1945." *Journal of Contemporary History* 18, nº 1 (janeiro de 1983): 107-27.
- \_\_\_\_\_. "The Price of Neutrality: Portugal and the Wolfram Question and World War II." *Luso-Brazilian Review* 23, nº 1 (verão de 1986): 107-27.
- \_\_\_\_\_. *Historical Dictionary of Portugal*. Metuchen, NJ e Londres: Scarecrow Press, 1993.
- \_\_\_\_\_. "Fifty Years of Dictatorship by António Figueiredo." (Review Article) *The International Journal of African Historical Studies* 10, nº 3 (1997): 486-92.
- \_\_\_\_\_. *Republican Portugal: A Political History, 1910-1926*. Madison, WI: University of Wisconsin Press, 1978.
- Wiarda, Howard J. e Margaret MacLeish Mott. *Catholic Roots and Democratic Flowers: Political Systems in Spain and Portugal*. Westport e Londres: Praeger, 2001.
- Wigg, Richard. *Churchill and Spain: The Survival of the Franco Regime, 1940-1945*. Brighton and Portland: Sussex Academic Press, 2008.
- Wilcken, Patrick. *Empire Adrift: The Portuguese Court in Rio de Janeiro, 1808-1821*. Londres: Bloomsbury, 2004.
- Wills, Clair. *That Neutral Island: A Cultural History of Ireland during the Second World War*. Londres: Faber and Faber, 2007.
- Woodward, Llewellyn. *British Foreign Policy in the Second World War*. Londres: Her Majesty's Stationery Office, 1962.
- Wullschlager, Jackie. *Chagall: Love and Exile*. Londres: Penguin, 2010.
- Wylie, Neville. "An Amateur Learns His Job? Special Operations Executive in Portugal, 1940-1942." *Journal of Contemporary History* 36, nº 3 (julho de 2001): 441-57.
- Ziegler, Philip. *King Edward VIII: The Official Biography*. Londres: Collins, 1990.

Título original

LISBON

War in the Shadows of the City of Light, 1939-1945

*Copyright* © 2011 by Neill Lochery

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Direitos desta edição reservados à  
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

Revisão técnica: Bruno Garcia

Preparação de originais: Vilma Homero

Conversão para E-book

Freitas Bastos

Design de capa: Pete Garceau

Fotos: © Calouste Gulbenkian Foundation

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE.

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

L79L

Lochery, Neill

Lisboa [recurso eletrônico]: 1938-1945: guerra nas sombras / Neill Lochery;

tradução de Talita M. Rodrigues. – Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2012.

recurso digital

Tradução de: Lisbon: War in the Shadows of the City of Light, 1939-1945

Formato: e-Pub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8122-124-3 (recurso eletrônico)

1. Guerra Mundial, 1939-1945 – Portugal. 2. Guerra Mundial, 1939-1945 – Serviço secreto. 3. Espionagem – Portugal – História – Séc. XX. 4. Guerra

Mundial, 1939-1945 – Aspectos econômicos – Alemanha. 5. Livros eletrônicos. I.  
Título.

12-6451 CDD-946.94209044 CDU-94(469)“1938-1945”



NEILL LOCHERY, PhD, é uma fonte mundialmente famosa sobre a história de Israel, do Oriente Médio e do Mediterrâneo. Autor de cinco livros e de numerosos artigos de jornais e revistas, apresenta-se regularmente na televisão do Reino Unido, dos EUA e do Oriente Médio. Atualmente, está baseado na University College London e divide seu tempo entre Londres, Lisboa e o Oriente Médio. Para mais informações, acesse: [www.neill-lochery.com](http://www.neill-lochery.com)